



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Estudos Sociais e Políticos

Jana Martins Leal

Classes médias brasileiras: equidade, “des-ordem” e conflito no Brasil contemporâneo

Rio de Janeiro

2020

Jana Martins Leal

Classes médias brasileiras: equidade, “des-ordem” e conflito no Brasil contemporâneo



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Adalberto Moreira Cardoso

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/D - IESP

L435 Leal, Jana Martins.
Classes médias brasileiras: equidade, “des-ordem” e conflito no Brasil contemporâneo / Jana Martins Leal. – 2020.
320 f. : il.

Orientador: Adalberto Moreira Cardoso.
Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Políticos.

1. Classe média – Brasil – Teses. 2. Conflito social – Brasil – Teses. 3. Consumo(Economia) – Brasil – Teses. 4. Impedimentos – Brasil – Teses. 5. Rousseff, Dilma, 1947- I. Cardoso, Adalberto Moreira. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Estudos Sociais e Políticos. III. Título.

CDU 316.343.654(81)

Rosalina Barros CRB-7 / 4204 - Bibliotecária responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Jana Martins Leal

Classes médias brasileiras: equidade, “des-ordem” e conflito no Brasil contemporâneo

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 22 de setembro de 2020.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Adalberto Moreira Cardoso (Orientador)
Instituto de Estudos Sociais e Políticos- UERJ

Prof. Dr. Edmond Préteceille
Sciences Po Paris/CNRS

Prof. Dr. Andre Ricardo Salata
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. José Maurício Domingues
Instituto de Estudos Sociais e Políticos- UERJ

Prof. Dr. Carlos Antonio Costa Ribeiro
Instituto de Estudos Sociais e Políticos- UERJ

Rio de Janeiro

2020

DEDICATÓRIA

Para Carlos e em memória de Lucia.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos professores, funcionários e colegas do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Aos excelentes professores, pela formação acadêmica em Sociologia e indiretamente em Ciência Política que, ao longo desses anos no instituto, possibilitaram o aprimoramento da minha formação enquanto pesquisadora. Agradeço também aos funcionários que trabalharam na casa ao longo do período em que lá estive. Nesses sete anos de convivência, entre Mestrado e Doutorado, não foram poucos os dias em que passei estudando nas salas dos alunos. Cristiana, Florita, Paulinha, Louise, Rosângela, Gisele, Alessandra, Maricleide, Márcio, Renato, Arquimedes, João, Leonardo, Romário e todos com os quais eu convivi, vocês fizeram eu me sentir em casa e, por isso, deixo aqui o meu muito obrigada. O mesmo digo em relação aos colegas do Iesp. Muitas foram as conversas acadêmicas que, por vezes, se prolongavam nas idas “ao escritório” ou ainda nos eventos de confraternização do instituto, nos quais pudemos dividir bons momentos da vida.

Gostaria de agradecer ao Prof. Adalberto Cardoso pelo seu trabalho de orientação que foi fundamental para o aprimoramento desta tese; ao Prof. Edmond Préteceille, cujas intervenções, críticas e direcionamentos foram cruciais para o encaminhamento deste trabalho; aos Profs. Marco Oberti, Yannick Savina e Bernard Corminboeuf que me concederam suporte na construção da parte empírica desta pesquisa ao longo da minha estadia na Sciences Po Paris, e aos Profs. Nelson do Valle e Silva e Carlos Antônio da Costa Ribeiro que fizeram críticas e sugestões valiosas para o trabalho aqui apresentado.

Dentre os professores, gostaria de agradecer, em especial, ao Prof. Wanderley Guilherme dos Santos que participou da banca de qualificação do projeto de tese, com críticas e sugestões, chegando, em etapa posterior, a realizar trabalho de coorientação, atuando como grande apoiador da tese, ainda que em meio aos altos e baixos dos seus últimos anos de vida. E, que, apesar disso, foi ainda capaz de me ensinar a beleza e a inquietação que devem existir no processo de pesquisa. Como um meteoro, sua participação na tese foi veloz, mas intensa. Sua mente irrequieta não deixava a tese nem a autora caminharem tranquilas e acomodadas. Sua aparição acabou poucos meses antes da tese terminar. No entanto, ela não parou por aí. Permaneci “dialogando” com suas críticas e sugestões ao longo de todo o processo da escrita. Sua presença permanece, assim, mais viva do que nunca nas entrelinhas do trabalho. Fica então aqui, em sua memória, o meu profundo agradecimento por esses aprendizados duradouros.

Agracio também às amigas e amigos do Núcleo de Pesquisas e Estudos do Trabalho (NUPET): Cecília Soares, Míriam Starosky, Julian Gingin, Tomás Garcia, Thiago Brandão, Pedro Cazes, Jefferson Belarmino, Daniel Rodrigues, Alexander Englander, André Carvalho. Muitas foram as reuniões nas quais líamos os textos uns dos outros, oferecendo nossas opiniões ou mesmo ajuda nos momentos difíceis do trabalho acadêmico.

Gostaria de agradecer especialmente aos amigos que encontrei no instituto: Carlos Pinho, Raquel Gomes, Thiago Brandão, Weverthon Machado. Carlos, cuja amizade e apoio é de grande estima; Raquel Gomes, com quem compartilhei alegrias diversas ao longo do doutorado-sanduíche em Paris e também, com quem pude contar, em função de sua grande generosidade, nos momentos mais difíceis da vida no exterior. Thiago e Weverthon, amigos que encontrei na turma do Mestrado, parceiros de conversas acadêmicas e de vida.

Gostaria de agradecer ainda aos familiares e amigos: Carlos, Therezina, Raoni, Auxiliadora, por todo amor e apoio sem os quais eu não conseguiria ter terminado este trabalho; Rose, Helena, Míriam e Renata, pela amizade e pelo carinho de vocês de toda uma vida; Lucas, cuja parceria foi fundamental para o desenvolvimento desta tese.

Por fim, não poderia deixar de agradecer à CAPES pela concessão da bolsa de doutorado e da bolsa CAPES-COFECUB durante o sanduíche na Sciences Po Paris que possibilitaram oportunidades únicas para a realização desta pesquisa.

RESUMO

LEAL, Jana. M. *Classes médias brasileiras: equidade, “des-ordem” e conflito no Brasil contemporâneo*. 2020. 320f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Esta tese teve como objetivo central investigar em que medida as mobilizações a favor e contra a presidente Dilma Rousseff, que possuíam parcelas significativas das classes médias, estiveram relacionadas a mudanças estruturais que essas classes sofreram ao longo dos anos 2000 no Brasil. Esta pesquisa, baseada na teoria bourdieusiana, partiu da premissa de que o consumo é um componente importante para a distinção social entre classes. Com base nisso, foram realizadas análises comparativas entre os bancos de dados da POF de 2002 e 2008 que apresentam informações sobre o perfil de consumo da população brasileira. As análises dos dados, por meio da metodologia de Análise de Correspondência Múltipla, mostraram que os padrões de consumo das classes baixas e da classe média baixa melhoraram. O que representou, ao mesmo tempo, a popularização dos *estilos de vida* das classes superiores e média alta e uma diminuição relativa de seu capital econômico e simbólico. Os resultados obtidos permitiram, então, uma explicação teórica sinóptica, baseada nos sentimentos antagônicos de privação relativa das classes, gestados em meio a essas mudanças. Esses sentimentos formaram o argumento central da explicação da raiva expressa nos protestos a favor e contra o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff e parcialmente também da ascensão da extrema direita no Brasil.

Palavras-chave: Classes médias. Consumo. Estilos de vida. Privação relativa. Manifestações. Impeachment..

ABSTRACT

LEAL, Jana M. *Brazilian middle classes: equity, “dis-order” and conflict in contemporary Brazil*. 2020. 320f. Tese de doutorado (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

The main goal of this thesis was to investigate in what extent the mobilizations for and against President Dilma Rousseff, which had significant portions of the middle classes, were related to structural changes these classes underwent throughout the 2000s in Brazil. This research, based on the Bourdieusian theory, assumed that consumption is an important component for the social distinction between classes. Based on this, it carried out comparative analyzes between the POF databases of 2002 and 2008 that have consumption profile of the Brazilian population. The analysis, using the Multiple Correspondence Analysis methodology, showed that consumption patterns of the lower class and lower middle class has improved. It has represented, at the same time, the popularization of higher class and higher middle class lifestyles and a relative decrease of its economic and symbolic capital. The results obtained allowed a synoptic theoretical explanation, based in the antagonistic feelings of relative deprivation of the classes, generated as a result of theses changes . These feelings formed the core argument in the explanation of the anger expressed in the protests for and against the President Dilma Rousseff impeachment process and partially also of the rise of the extreme right-wing in Brazil.

Keywords: Middle classes. Consumption. Lifestyles. Relative deprivation. Protests Impeachment.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.1 – Distribuição das variáveis ativas e ilustrativas na ACM3 de 2002.....	129
Gráfico 1.2 – Distribuição das variáveis ativas e ilustrativas na ACM3 de 2008.....	129
Gráfico 2.1 - Distribuição das variáveis ativas e ilustrativas na ACM5 de 2002.....	130
Gráfico 2.2 - Distribuição das variáveis ativas e ilustrativas na ACM5 de 2008.....	130
Gráfico 3.1 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2002 no quadrante 1.....	144
Gráfico 3.2 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2002 no quadrante 2.....	144
Gráfico 3.3 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2002 no quadrante 4.....	144
Gráfico 3.4 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2002 no quadrante 3.....	144
Gráfico 4.1 - Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2002 no quadrante 1.....	145
Gráfico 4.2 - Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2002 no quadrante 2.....	145
Gráfico 4.3 - Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2002 no quadrante 4.....	145
Gráfico 4.4 - Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2002 no quadrante 3.....	145
Gráfico 5.1 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2008 no quadrante 1.....	149
Gráfico 5.2 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2008 no quadrante 2.....	149
Gráfico 5.3 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2008 no quadrante 4.....	149

Gráfico 5.4 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2008 no quadrante 3.....	149
Gráfico 6.1 - Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2008 no quadrante 1.....	150
Gráfico 6.2 - Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2008 no quadrante 2.....	150
Gráfico 6.3 - Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2008 no quadrante 4.....	150
Gráfico 6.4 - Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2008 no quadrante 3.....	150
Gráfico 7.1 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2002 no quadrante 1.....	158
Gráfico 7.2 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2002 no quadrante 2.....	158
Gráfico 7.3 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2002 no quadrante 4.....	158
Gráfico 7.4 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2002 no quadrante 3.....	158
Gráfico 8.1 – Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2002 no quadrante 1.....	159
Gráfico 8.2 - Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2002 no quadrante 2.....	159
Gráfico 8.3 - Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2002 no quadrante 4.....	159
Gráfico 8.4 - Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2002 no quadrante 3.....	159
Gráfico 9.1 – Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2008 no quadrante 1.....	165
Gráfico 9.2 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2008 no quadrante 2.....	165
Gráfico 9.3 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2008 no quadrante 4.....	165

Gráfico 9.4 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2008 no quadrante 3.....	165
Gráfico 10.1 – Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2008 no quadrante 1.....	166
Gráfico 10.2 – Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2008 no quadrante 2.....	166
Gráfico 10.3 – Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2008 no quadrante 4.....	166
Gráfico 10.4 – Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2008 no quadrante 3.....	166
Gráfico 11.1 - Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 3 de 2002.....	169
Gráfico 11.2 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 3 de 2008.....	169
Gráfico 12.1 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 5 de 2002.....	169
Gráfico 12.2 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 5 de 2008.....	169
Gráfico 13.1– Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 3 de 2002 por classes.....	172
Gráfico 13.2 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 3 de 2008 por classes.....	172
Gráfico 13.3 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 5 de 2002 por classes.....	174
Gráfico 13.4 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 5 de 2008 por classes.....	174
Gráfico 14.1 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 3 de 2002 por percentis dos rendimentos domiciliares per capita.....	172
Gráfico 14.2 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 3 de 2008 por percentis dos rendimentos domiciliares per capita.....	172

Gráfico 14.3 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 5 de 2002 por percentis dos rendimentos domiciliares per capita.....	174
Gráfico 14.4 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 5 de 2008 por percentis dos rendimentos domiciliares per capita.....	174
Gráfico 15.1 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 3 de 2002 por nível educacional.....	173
Gráfico 15.2 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 3 de 2008 por nível educacional.....	173
Gráfico 15.3 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 5 de 2002 por nível educacional.....	175
Gráfico 15.4 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 5 de 2008 por nível educacional.....	175
Gráfico 16.1 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 3 de 2002 por cor e/ou raça.....	173
Gráfico 16.2 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 3 de 2008 por cor e/ou raça.....	173
Gráfico 16.3 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 5 de 2002 por cor e/ou raça.....	175
Gráfico 16.4 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 5 de 2008 por cor e/ou raça.....	175
Gráfico 17.1 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 3 de 2002 por sexo.....	173
Gráfico 17.2 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 3 de 2008 por sexo.....	173
Gráfico 17.3 – Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 5 de 2002 por sexo.....	175
Gráfico 17.4 - Distribuição dos indivíduos na Análise de Correspondência Múltipla 5 de 2008 por sexo.....	175
Gráfico 18 – Diferenças no percentual de consumo das classes entre 2002 e 2008.....	183

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACM	Análise de Correspondência Múltipla
QD	Quadrante
RDPC	Renda domiciliar per capita

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1 - Comparação dos valores próprios da ACM3 de 2002 e da ACM3 de 2008.....	177
Tabela 2.1 - Comparação dos valores próprios da ACM5 de 2002 e da ACM5 de 2008.....	178
Tabela 2 – Renda total domiciliar média por classe e percentual de crescimento/decrescimento real entre 2002-2003 e 2008-2009.....	179
Tabela 3 – Diferenças no percentual de consumo de itens por classes (2002 e 2008)	182

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	17
1.	A CENTRALIDADE DA CLASSE.....	24
1.1.	Introdução.....	24
1.2.	A vertente marxista e a proposta de Eric Olin Wright	25
1.3.	A perspectiva weberiana e a contribuição de John Goldthorpe.....	32
1.4.	A perspectiva neo-durkheimiana de David Grusky.....	38
1.5.	O multidimensionalismo de Pierre Bourdieu.....	41
1.6.	Análises.....	46
1.7.	Considerações finais.....	56
	CLASSES MÉDIAS BRASILEIRAS E O PESO DA ORDEM	
2.	DESIGUAL.....	59
2.1.	Introdução.....	59
2.2.	O conceito de classe média.....	61
	Classes médias brasileiras: uma caracterização a partir da	
2.3.	literatura.....	63
2.3.1	<u>A força da ordem desigual sobre a sociabilidade.....</u>	64
2.3.2	<u>Trabalho profissional e a estrutura produtiva no país.....</u>	66
2.3.3.	<u>Ensino de qualidade e universidades: estratégias de vida.....</u>	69
2.3.4	<u>Profissionalização, barreiras sociais e relações de compadrio.....</u>	71
2.3.5	<u>Trabalho doméstico.....</u>	74
2.3.6	<u>Rendimentos elevados e gastos familiares.....</u>	78
2.3.7	<u>Consumo, estilos de vida, prestígio e/ou distinção social.....</u>	80
2.3.8	<u>Mobilidade descendente e o medo da queda.....</u>	82
2.4.	Considerações finais.....	83
3.	DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	87
3.1.	Introdução.....	87
	A Análise de Correspondência Múltipla (ACM): considerações	
3.2.	metodológicas.....	89
3.3.	A Análise de Correspondência Múltipla e a teoria de Bourdieu.....	96
3.4.	A tipologia de classes: “classes como condições de existência”.....	101

3.5.	Os dados da POF: considerações operacionais e metodológicas.....	102
3.5.1	<u>A escolha dos dados e dos anos.....</u>	102
3.5.2	<u>A estrutura e organização dos dados da POF 2002 e 2008: desafios da operacionalização.....</u>	103
3.5.3	<u>A construção dos bancos de dados.....</u>	105
3.5.4	<u>As unidades de análises: as unidades de consumo e as pessoas de referência.....</u>	108
3.5.5	<u>A sintaxe das classes: a adaptação para os dados da POF.....</u>	109
3.5.6	<u>As variáveis de consumo com proxies dos capitais bourdieusianos: a contribuição do trabalho de Uchôa.....</u>	109
3.6.	Considerações finais.....	109
4. A	“DES-ORDEM” SOCIAL.....	112
4.1.	Introdução.....	112
4.2.	Transformações nas desigualdades socioeconômicas na década de 2000: melhorias sociais? Uma nova classe média? Discussões da literatura.....	119
4.3.	Os resultados das Análises de Correspondência Múltipla.....	125
4.3.1	<u>As nuvens das variáveis: as representações multidimensionais do mundo social brasileiro na década de 2000.....</u>	125
4.3.2	<u>As nuvens dos indivíduos nas ACM3 e ACM5.....</u>	167
4.3.3	<u>As dimensões ou fatores.....</u>	176
4.4.	Análises complementares: rendimentos domiciliares e itens de consumo por classes.....	178
4.5.	Considerações finais.....	184
5.	IMPACTOS AFETIVOS DA “DES-ORDEM”.....	191
5.1.	Introdução.....	191
5.2.	O problema da desigualdade e a percepção de justiça.....	195
5.3.	O sentimento de privação relativa no Brasil.....	196
5.4.	Subjetividades coletivas e a raiva social.....	200
5.5.	O Estado, as políticas redistributivas e as classes sociais.....	204
5.6.	Classes médias e democracia.....	210
5.7.	Considerações finais.....	215

CONSIDERAÇÕES FINAIS	226
REFERÊNCIAS	234
ANEXO - Resumo dos resultados das Análises de Correspondência	
Múltipla	247

INTRODUÇÃO

Pesquisas realizadas pelo Instituto Datafolha revelaram que dentre os manifestantes que foram às ruas na Avenida Paulista em 15 de março de 2015 protestar contra a corrupção e/ou a favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff, 37% eram assalariados registrados, 14% eram empresários, 11% eram autônomos regulares, 7% profissionais liberais, 4% eram funcionários públicos, outros 4% trabalhavam como free-lance ou fazendo bicos, 3% assalariados sem registro e 1% eram estagiários. 85% faziam parte da PEA (População Economicamente Ativa). A segmentação por renda mostra que 44% tinham renda acima de 10 salários mínimos, 27%, entre 5 e 10 salários, 15%, entre 3 e 5 salários e 14%, até 3 salários. Em relação ao nível educacional, 76% tinham ensino superior, 21%, ensino médio e apenas 2%, fundamental. Dentre os entrevistados, 69% declararam ser de cor branca, 20% de cor parda, apenas 5%, de cor preta e 5% de outra cor. 96% avaliavam o governo da presidenta Dilma Rousseff ruim ou péssimo, 77% julgavam a atuação do Congresso Nacional ruim ou péssima¹. As manifestações de abril e de agosto de 2015 e a de março de 2016 que ocorreram nesse mesmo local apresentavam um caráter espantosamente semelhante no que diz respeito ao perfil socioeconômico dos manifestantes².

Em Belo Horizonte, uma investigação no mesmo sentido, produzida pelo Grupo Opinião Pública, sediado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e com o apoio do Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas, revelou um perfil semelhante dos manifestantes que foram protestar contra a corrupção e/ou a favor do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, também no dia 16 de agosto de 2015, na Praça da Liberdade. 56,6% disseram ter renda familiar mensal superior a cinco salários mínimos, 64,5% tinham pós-graduação, ensino superior completo ou em curso, e 58,8% se declararam brancos. Para a pesquisadora Helcimara Telles, da UFMG, esses manifestantes “do mesmo modo que são contra corrupção, são contra políticas de promoção de igualdade social”. Quanto aos sentimentos em relação ao Partido dos Trabalhadores, 75,6% disseram ter raiva e 72,1% sentiam aversão. Os sentimentos

¹ Fonte: http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/03/14/manifestacao_13_03_2016.pdf, consultado em 26/02/2020

² Fonte: http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/03/14/manifestacao_13_03_2016.pdf, consultada em 26/02/2020.

em relação à presidenta Dilma Rousseff eram parecidos: 75,6% sentiam raiva e 70,7%, aversão³.

Em 2016, uma pesquisa semelhante realizada pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ (IESP-UERJ) revelou que os manifestantes que foram à Praia de Copacabana no dia 13 de março, mais de 67% tinham ensino superior completo, 6% tinham o ensino médio completo e 2% não tinham o ensino fundamental completado. Além disso, dentre os manifestantes, 78% se declararam brancos, 14% pardos e 7% pretos. A pesquisa demonstrou também que o principal motivo dos manifestantes estarem nesse evento era, para 42%, a corrupção e, para 35%, o impeachment de Dilma. Em termos de opinião, 66% concordavam que o “Bolsa Família sustenta vagabundo”⁴.

Essas manifestações contra a corrupção e/ou a favor do impeachment da Presidenta Dilma Rousseff foram realizadas, entre 2014 e 2016, em diversas capitais e cidades do país e mesmo em cidades do exterior, como foi amplamente registrado e divulgado pelos meios de comunicação⁵. São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Fortaleza, Recife, Salvador, São Luís do Maranhão, Brasília, São Bernardo do Campo, Belo Horizonte e cidades do exterior como Boston, Miami, Nova York, Washington e Paris foram algumas nas quais manifestações desse tipo se realizaram nesse período.

As investigações realizadas entre os manifestantes apontam, então, para certa regularidade no seu perfil socioeconômico. Embora nem todas as análises possuam informações em relação à ocupação dos participantes, os dados do Datafolha revelaram que, em São Paulo, os manifestantes faziam parte majoritariamente da população economicamente ativa, compostos, em sua maioria, por assalariados registrados, empresários, autônomos regulares e profissionais liberais. Estavam, nesse sentido, inseridos em uma realidade formal de trabalho, o que, em geral, expressa também uma posição social privilegiada, quando comparada à dos trabalhadores informais. Aliás, os trabalhadores informais, como atestam as pesquisas, eram minoria nessas manifestações.

Em termos de rendimentos familiares, mais de 50% dos manifestantes ganhavam acima de 5 salários mínimos mensais, como apontaram as pesquisas em diferentes cidades. Em São Paulo, as pesquisas do Datafolha revelaram que era bastante expressivo também o percentual

³ Fonte <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-08/pesquisas-revelam-retrato-social-e-racial-de-manifestantes>, consultada em 18/09/2016.

⁴ A pesquisa ainda não foi publicada, mas pude participar da coleta dos dados e ter acesso direto aos resultados.

⁵ Ver, por exemplo, https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/13/politica/1457906776_440577.html e <http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2016/03/confira-manifestacoes-de-13-de-marco-pelo-brasil>. Consultados em 26/02/2020.

de pessoas que ganhavam acima de 10 salários mínimos nessas manifestações, variando entre 37% e 45% dos entrevistados. Esses dados sugerem que o recorte da pirâmide de renda dos manifestantes tendia a se situar, dentro da estrutura hierárquica de renda da sociedade brasileira, predominantemente na sua parte superior.

Em relação ao nível educacional, todas as pesquisas realizadas nas diferentes cidades mostram que os manifestantes eram majoritariamente formados por pessoas com nível superior. As porcentagens variaram entre 64,5% e 77% dos manifestantes. Havia, no entanto, como algumas pesquisas apontaram, uma parcela com ensino médio que flutuava entre 6% e 21% dos manifestantes. Os indivíduos com apenas ensino fundamental eram minoria, com uma taxa variando entre 2% e 4% dos entrevistados. De maneira similar à pirâmide da renda, o nível educacional dos que protestavam expressa que, em sua maioria, estavam inseridos entre os mais privilegiados educacionalmente.

Os dados sobre a cor ou raça indicam que, em todas as pesquisas, a maioria dos indivíduos presentes nas manifestações se declarou de cor branca. A taxa, nas manifestações apresentadas, variou entre 58% e 78%. Em São Paulo, os dados revelam que entre 15% a 20% se declarava de cor parda. A minoria se declarou de cor preta. A porcentagem de pessoas auto declaradas negras variou apenas entre 3% e 5%. Isso sugere a presença de uma maioria branca, muito acima da participação dos brancos na população brasileira.

Já nas manifestações contra o impeachment, - embora os dados sobre elas sejam mais escassos - as pesquisas do Datafolha revelaram que, daquelas que ocorreram em São Paulo entre 2015 e 2016, compunham a sua maior parte assalariados registrados (variando entre 32% e 38% entre as manifestações), em segundo lugar, funcionários públicos (flutuando entre 13% e 15%), em terceiro, autônomos regulares (8% a 11%) e em quarto, free-lancers e/ou pessoas que “vivem de bico” (5% a 6%). Entre 80% e 84% desses manifestantes faziam parte da PEA.

Em termos de renda, os indivíduos que ganhavam até 3 salários mínimos compunham entre 21% e 40% dos indivíduos desse grupo; os que ganhavam entre 3 e 5 salários, variaram entre 16% e 23%; os que auferiam entre 5 e 10 salários, entre 21% a 28% e acima de 10, entre 20% e 24%. Em relação ao nível educacional, 5% a 18% tinham apenas o ensino fundamental, 18% a 30% tinham até o ensino médio e entre 52% e 78% tinham ensino superior. Em termos de cor e/ou raça, entre 46% e 62% se declararam brancos, 20% a 32%, pardos e 14% a 18%, pretos.

Esses dados sugerem que, no que diz respeito às características socioeconômicas dos manifestantes, as manifestações contra o impeachment foram mais heterogêneas do que às favoráveis, embora tenham havido semelhanças entre elas. Ainda que o percentual de brancos

tenha sido ligeiramente mais elevado e o percentual de pessoas com nível educacional superior tenha variado menos entre os manifestantes pró impeachment, as duas manifestações tiveram forte presença de trabalhadores assalariados, assim como, de pessoas com nível superior e auto-declaradas brancas.

As diferenças entre elas se revelam, de forma mais contundente, então, em relação a alguns aspectos. Em termos ocupacionais, houve maior presença de funcionários públicos nas manifestações contrárias, enquanto, nas favoráveis, maior proporção de empresários e profissionais liberais. Em relação aos níveis de renda, as manifestações contra também tenderam a ter, em maior proporção, indivíduos que possuíam rendas até 5 salários mínimos, enquanto as manifestações a favor, maior presença de pessoas cuja renda se encontrava acima dos 10 salários mínimos. No que diz respeito aos níveis educacionais, os protestos contra e a favor se diferenciaram pela presença ou não de pessoas com níveis educacionais inferiores. As manifestações contrárias tiveram maior presença de pessoas com apenas nível fundamental de ensino. O mesmo se verificou em relação à cor e/ou raça. A diferenciação entre os protestos se deveu, em grande medida, pela maior presença de pessoas autodeclaradas pretas nas manifestações contrárias ao impeachment.

Esses resultados indicam que, embora haja pontos em comum, o perfil socioeconômico desses manifestantes tendeu a se opor: enquanto, nas manifestações favoráveis ao impeachment, a base da pirâmide relativa ao perfil dos indivíduos esteve centrada na parte superior da hierarquia social, nas manifestações contrárias, essa base esteve localizada na parte inferior da estrutura hierárquica. Então, as diferenças entre os perfis dos manifestantes estiveram relacionadas, sobretudo, à presença de outras classes localizadas mais acima ou mais abaixo dentro da hierarquia social. Mas, ainda que essas pirâmides relativas aos perfis dos manifestantes tendessem a ser opostas, elas realizavam uma interseção num ponto comum da hierarquia social: as classes médias. O que, em outros termos, significa que enquanto uma parte das classes médias desejava a saída da presidenta Dilma Rousseff e tinha aversão ao Partido dos Trabalhadores, outra estava disposta a defendê-los.

Visto isso, com base nos perfis socioeconômicos tendencialmente opostos da maioria dos indivíduos presentes nessas manifestações e tendo em vista a amplitude da raiva social que expressaram nesses eventos, é pertinente se perguntar, até que ponto os sentimentos pró e anti-Dilma Rousseff, a favor e contra os Partido dos Trabalhadores e/ou às políticas de igualdade estariam também associados a insatisfações sociais relativas às mudanças estruturais que esses grupos sofreram ao longo dos governos do PT no Brasil, ou seja, sobretudo na década de 2000. Teriam ocorrido, no país, mudanças nos elementos estruturais

que sustentam a condição de vida dessas pessoas ao longo desses governos que auxiliaram no surgimento desse tipo de indignação? Que mudanças teriam sido essas? E como as classes médias estiveram inseridas nessas transformações? Essas são as perguntas que mobilizam esta tese.

No livro *O Antigo Regime e a Revolução* (1997), Alexis de Tocqueville, por meio de uma sociologia política, estabelece uma análise acerca das mudanças sociológicas que ocorreram no Antigo Regime francês com o intuito de compreender o desenrolar da Revolução Francesa. No livro, Tocqueville se debruça sobre “a França que não existe mais”, para compreender a França em que vive. Ele olha para o passado com a intenção de compreender o presente. Apesar de a Revolução Francesa ser o centro do interesse de Tocqueville, o que se destacam, em sua obra, são os aspectos sócio-políticos passados que permitiram o seu desenrolar. Tocqueville, portanto, discorre sobre a Revolução, mas não com o intuito de narrar os seus acontecimentos, mas de usá-los para fundamentar sua hipótese explicativa para o fenômeno.

Segundo Aron (1999), ele se utiliza da metodologia dos retratos sociológicos para falar sobre a Revolução Francesa, na medida em que põe em relevo determinados fatos sociológicos distintos do passado para compreendê-la. Ele destaca, por exemplo, a condição social do camponês francês na época pré-revolucionária como um componente relevante para o surgimento da revolução. Nesse sentido, Tocqueville, lança luz, sobre aspectos sociológicos para analisar fenômenos políticos e estabelece relações entre dimensões aparentemente sem coesão dentro da realidade social para demonstrar e desenvolver sua hipótese explicativa ou as causas dos acontecimentos políticos na França.

Essas observações sobre a obra *O Antigo Regime e a Revolução* de Tocqueville aparentemente desconexas com o início da introdução desta tese, na realidade, são o que permite dar sentido ao seu desenrolar, na medida em que este trabalho se constitui como uma tentativa inicial de compreensão de fenômenos sociológicos históricos que tiveram consequências para o cenário político posterior do Brasil. Nesse sentido, esta pesquisa busca se aproximar, ainda que de forma rudimentar, à estratégia traçada por Tocqueville no que diz respeito à forma de abordar e compreender um determinado fenômeno político e social. Por isso, o livro de Tocqueville funciona como fonte de inspiração para as análises aqui empreendidas.

Procurou, então, “olhar” e “interpretar” certos retratos sociológicos do passado, buscando conectar coisas aparentemente desconexas, - fugindo, por vezes, dos limites disciplinares – no intuito de elucidar elementos que possivelmente contribuíram para a formação das insatisfações dos manifestantes contra a corrupção e pró-impeachment e, nesse sentido, de colaborar, ainda

que de forma embrionária, para o desenvolvimento de hipóteses explicativas para esse fenômeno. O foco do trabalho recai sobre certas mudanças sociológicas que ocorreram no Brasil na década de 2000, mas seu cenário de fundo são as manifestações políticas que ocorreram entre 2014 e 2016 e que abriram brechas para a configuração do contexto político atual.

A tentativa de buscar elos entre fenômenos aparentemente desconexos - que esta tese, ainda que de forma elementar, procura seguir - não parece caber em certos limites disciplinares. Por isso, ela apresenta um caráter heterogêneo. Ela fala sobre movimentos sociais, mas não é um trabalho específico sobre os movimentos sociais. Ela discorre sobre consumo, mas não é uma tese sobre consumo. Ela utiliza dados estatísticos, mas não cabe estritamente nos modelos típicos da estratificação social. Ela fala sobre raiva social, mas não é uma tese de psicologia social. Ela é, portanto, uma tese “indisciplinada”, nos múltiplos sentidos da palavra.

Embora “indisciplinada”, esta tese tem um objetivo. Ela pretende discorrer sobre algumas dessas mudanças estruturais que dizem respeito à estratificação social e às desigualdades, no intuito de contribuir, ainda que como um passo de formiga, para fundamentar a hipótese de que as indignações dos manifestantes pró e contra o impeachment estão também assentadas sobre questões de ordem estrutural relativas à classe. Ela procura, assim, argumentar que as mudanças relativas ao consumo – um meio para alcançar certos elementos estruturais das classes – podem ter contribuído para o aumento das insatisfações dos indivíduos inseridos nas classes privilegiadas e isso provavelmente foi canalizado nas manifestações.

Contudo, a ideia de que o consumo das classes populares teria impactado as classes médias tradicionais já vinha sendo discutida desde os debates acerca da “nova classe média”. Então, pode-se dizer que essa hipótese já circulava “nas ideias dos amantes” e era cantada “pelos poetas mais delirantes”. Muitos, inclusive, já “falavam alto pelos botecos”. Então, a novidade dessa tese reside na forma de processar e repensar teoricamente essa hipótese, bem como na tentativa de averiguar em que medida essa ideia de “poetas delirantes” está fundamentada por lastros empíricos. O que significa que sua “inovação” resida em averiguar a plausibilidade empírica dessa hipótese.

Uma parte da tese está voltada, então, para a análise de dados e a verificação empírica das mudanças do consumo. E outra, para elaborar uma compreensão sinóptica, ainda que parcial, dos fenômenos políticos. Nem tudo, provavelmente, resistirá à crítica de uma investigação pormenorizada - esse é o risco que tanto eu como qualquer um que elabore uma reflexão desse tipo acerca dos acontecimentos em curso corremos. No entanto, corro esse risco conscientemente com a esperança de que, quem sabe, entre meus erros, possamos dar um passo além na construção de uma compreensão melhor do Brasil contemporâneo.

A tese está, assim, dividida em cinco capítulos. O primeiro traz uma discussão teórica sobre o conceito de classe social. Nele, o objetivo é estabelecer um balanço teórico acerca de algumas das contribuições mais recentes em torno do conceito de classe social, verificando em que medida seus arcabouços teóricos ajudam a iluminar o problema de pesquisa inicial. O capítulo dois apresenta uma discussão acerca do conceito de classe média e ressalta as contribuições da literatura sobre o tema para sua caracterização. Ele se constitui como um exercício inicial de aproximação das características das classes médias brasileiras. O terceiro capítulo apresenta o trabalho operacional e metodológico utilizado na análise dos dados. O quarto capítulo exhibe os resultados das análises de correspondência múltipla realizados nos dados da POF da década de 2000. Ele tem, portanto, como objetivo central, demonstrar as mudanças de consumo que ocorreram entre as classes sociais e os reflexos disso para o estilo e a condição de vida das pessoas das classes médias no período em questão. Por último, o quinto capítulo apresenta os mecanismos hipotéticos que buscam explicar o surgimento da raiva social expressa pelos manifestantes das classes médias. Nele, busco amarrar as análises empíricas com as hipóteses de trabalho.

1. A CENTRALIDADE DA CLASSE

1.1. Introdução

A queda do muro de Berlim não significou apenas a queda de um muro e de um regime, mas também o enfraquecimento de um conceito. A derrubada do inimigo metafórico do capitalismo abriu brechas para a deslegitimação mais intensa do conceito de classe social, uma vez que este esteve primordialmente associado à tradição marxista (DAHRENDORF, 1959; BRESSER-PEREIRA, 1981; CARDOSO, 1997). Por outro lado, a modernidade tardia impunha processos de individualização crescentes, capazes de pensar o sujeito de um ponto de vista cada vez mais “desencaixado” de laços mais firmes e estáveis (DOMINGUES, 1999). Pelo menos desde a década de 1970, mas, sobretudo, após a queda do muro, houve o declínio mais acentuado das ideias marxistas e a expansão mais intensa das ideias neoliberais e pós-modernas. Nesse terreno de contestação, o conceito de classe passou a ser considerado, por muitos sociólogos, apenas como um “jargão ideológico”, uma categoria “velha”, associada a teorias “ultrapassadas” e incapaz de explicar a realidade social (BECK, 2010; BAUMAN, 1982).

Apesar dessa tendência de deslegitimação do conceito nos últimos anos e que culminou metaforicamente com a queda do muro de Berlim, alguns sociólogos vêm buscando defender, desde pelo menos a década de 1980, a pertinência do conceito de classe para compreensão da realidade social. Eric Olin Wright, Jonh Golthorpe, David Grusky e Pierre Bourdieu foram alguns dos pesquisadores que, por diferentes vertentes, buscaram contemporaneamente – assim como anteriormente Wright Mills, por exemplo - defender a centralidade do conceito para a compreensão da realidade social. Como o arcabouço teórico desenvolvido pelos autores mais recentes contribui para as discussões acerca do conceito de classe e sua legitimação? Quais as semelhanças e diferenças entre eles? Em que tipo de limites teóricos elas esbarram? Como suas teorias contribuem para o problema central da tese? Essas são as questões que mobilizam este capítulo.

Assim, o objetivo principal deste capítulo inicial é o de analisar as teorias desenvolvidas por esses autores, entendendo-os como expoentes de uma determinada vertente, a fim de realizar um balanço teórico de suas contribuições para os debates acerca do conceito de classe social, atentando para as contribuições e avanços que seus arcabouços teóricos representam, mas também pontuando certos limites e contradições de suas teorias. Este capítulo não tem

como objetivo, entretanto, esgotar os debates teóricos no interior de cada uma das vertentes, nem acerca de um conceito tão fundamental e antigo dentro da sociologia, como é o conceito de classe. Ele tem, ao contrário, apenas o intuito de discorrer sobre algumas teorias de autores mais contemporâneos e, dessa forma, considerar em que medida elas podem ajudar a iluminar problemas concretos da realidade social brasileira contemporânea, como o dos movimentos sociais apontados na introdução desta tese, a fim de justificar o posicionamento teórico sobre classe mobilizado neste trabalho.

1.2. A vertente marxista e a proposta de Eric Olin Wright

A emblemática frase “A história de toda sociedade até hoje é a história da luta de classes” de Marx e Engels (1996, p. 66) sintetiza a centralidade do conceito de classe na teoria marxista. Apesar dessa centralidade, a parte do livro *O Capital* dedicada ao desenvolvimento sistemático do conceito ficou inacabada. Marx não conseguiu desenvolvê-la. Em função disso, a utilização do termo “classe” suscitou, como sugere Dahrendorf (1959), muitas disputas entre os intelectuais, acerca da interpretação do seu sentido. Na perspectiva de Giddens (1975) e de Wright (1985), por não haver uma teoria sistematizada, os conceitos de classe mobilizados pelo filósofo e revolucionário alemão ao longo de seus escritos apresentam sentidos ambíguos em diversos momentos.

Segundo Giddens, o problema fundamental do conceito está relacionado às ambiguidades relativas às duas construções conceituais subjacentes à categoria. Para ambos os autores, Marx desenvolveu um modelo “abstrato” e um modelo “concreto” de classe. O primeiro modelo expressaria a noção mais “abstrata”, na qual a classe é compreendida como uma lei geral aplicável a todos os tipos de sistemas sociais. Nesse esquema de pensamento, a luta de classes seria comum a diferentes sociedades, em contextos históricos diversos, responsável por movimentar o desenvolvimento histórico. Ela funcionaria, então, como o “motor da história” das sociedades. Já o segundo modelo, denominado modelo “concreto”, abrangeria a noção mais histórica e conjuntural de Marx acerca das classes sociais. Logo, seriam justamente as ambiguidades entre o modelo “abstrato” e o modelo “concreto” apresentados pelo autor que tornariam, segundo Giddens e Wright, a noção de classes em Marx problemática.

No modelo “abstrato” se encontram as principais características do conceito de classe da tradição marxista. A primeira característica a se destacar é a estreita relação das classes com

a propriedade. A relação privada da propriedade estaria na origem das diferenças entre as classes, já que, seria a partir dela que se construiria a legitimidade da apropriação dos meios de produção por alguns. Logo, essa distribuição desigual de apropriação dos meios produtivos levaria ao estabelecimento das relações de exploração entre aqueles que possuiriam os meios produtivos e os que não possuiriam. Assim, a posse ou não da propriedade privada criaria “situações comuns”, “condições de vida” ou situações de classe semelhantes entre os que não deteriam os meios de produção e entre os que deteriam. A propriedade privada constituiria, portanto, a condição estrutural para a formação das classes. Isso significa que a dimensão material da vida social estaria na origem da produção dessas diferenças sociais. As classes seriam, portanto, expressões das desigualdades materiais, forjadas no âmbito do modo de produção. Essa seria outra característica importante das classes sociais.

As desigualdades de apropriação em relação aos meios produtivos gerariam situações de classe distintas e, logo, interesses distintos entre os detentores e os não detentores dos meios produtivos. Os interesses antagônicos reias se produziriam então apenas a partir das relações de exploração estabelecidas no âmbito do modo de produção. E, nesse sentido constituiriam outra característica das classes em Marx. No caso do sistema capitalista, a apropriação da mais-valia estaria na origem da relação de exploração entre a burguesia e o proletariado. Não haveria, portanto, como conciliar o interesse entre os grupos, já que estes seriam fundamentalmente antagônicos. Logo, o antagonismo seria outra característica do conceito de classes marxista e os interesses, um componente fundamental na formação das diferenças entre as classes⁶.

Em função desses interesses antagônicos, as classes estariam em permanente conflito e luta. E toda luta estabelecida entre elas se constituiria como uma luta política. As classes seriam assim, na perspectiva de Marx, grupos políticos unidos por um interesse comum. Logo, os conflitos deliberados e articulados entre elas expressariam os interesses opostos, respectivamente, de preservar e revolucionar as instituições e as relações de poder existentes. Assim, todo movimento no qual a classe trabalhadora buscasse se opor à classe dominante e procurasse destruir seu poder pela pressão externa, a fim de realizar seus interesses, seria um movimento político. Os conflitos estabelecidos entre as classes se constituiriam, dessa forma, como o motor central das mudanças históricas das sociedades. Nesse sentido, o conflito entre classes constituiria as leis gerais que determinam a tendência do desenvolvimento social. As classes não se constituiriam como tais até que participassem de conflitos políticos como grupos organizados. Nesse sentido, só seria possível falar de classes no domínio do conflito político.

⁶ Para uma crítica acerca do centramento subjacente à teoria de classes de Marx, ver, por exemplo, Domingues (1996b) “Sistemas sociais e subjetividades coletivas”.

Dado o antagonismo e o conflito entre as classes elas também apresentariam um caráter dicotômico no modelo “abstrato” de Marx. Ao longo da história, elas se apresentariam centradas em dois grupos centrais. Na Antiguidade, existiam patrícios e plebeus, Idade Média, senhores e servos, na Modernidade, a burguesia e o proletariado. No capitalismo, as relações de exploração e de maximização de lucros por parte da burguesia gerariam uma tendência de pauperização dos trabalhadores e, nesse sentido de intensificação da dicotomia entre as classes.

Por fim, as classes, também se caracterizariam, na perspectiva marxista, por sua propriedade relacional e de interdependência. As classes não poderiam ser definidas fora das relações que se estabelecem entre elas. Além disso, as classes oprimidas dependeriam das opressoras, na medida de que não possuiriam os meios de produção para sobreviver e, nesse sentido, dependeriam da venda de sua força de trabalho para aquelas como forma de sobreviver. Por outro lado, a classe dominante também dependeria da dominada, na medida em que dependeria da exploração da força de trabalho das oprimidas para manter seu elevado capital econômico e uma condição de vida superior. Assim, a própria formação de suas identidades estaria baseada nessa relação de dependência e alteridade. Nenhuma delas poderia se livrar da relação, sem com isso perder sua própria identidade de classe. O proletariado dependeria não só do salário pago pelo burguês para se entender como classe trabalhadora, mas da existência da burguesia para se identificar como proletariado.

O modelo “concreto” de classes em Marx seria resultante de suas análises históricas e políticas acerca da realidade social, como exemplificado no livro *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* (2011). Nessa obra, Marx está preocupado em analisar os conflitos entre esses atores e a sua relação com o Estado e, em meio às contingências da realidade social, deixa transparecer mais uma descrição de uma série de atores e frações de categorias sociais do que um esforço de sistematização teórica das estruturas sociais concretas. Nesse modelo emerge, portanto, uma imagem complexa de classes, frações de classe, categorias sociais, estratos sociais e outros atores no cenário político.

Assim, o que constituiria o problema de ambiguidade entre os modelos “abstrato” e “concreto” seria, segundo Wright, a contradição existente entre uma categoria de classe “vazia”, resultante do modelo “abstrato”, e um mapa descritivo de classes e frações de classe que não dispunha de sistematização teórica. Esse embate entre uma perspectiva “abstrata” e “concreta” de classe levaria, portanto, a problemas teóricos, tais como o da aplicabilidade do conceito de classes em contextos históricos diversos e o das “classes em transição” dentro do modelo “abstrato” dicotômico.

Para Ralph Dahrendorf (1959), o problema da teoria de classes em Marx está relacionado, não a uma diferença entre um modelo “abstrato” e outro “concreto”, mas, à relação contraditória entre a análise sociológica e a especulação filosófica realizada por ele ao longo de sua obra. Algumas das características das classes elencadas aqui e que estão presentes no modelo “abstrato” de Marx, com sugerem Giddens e Wright, na perspectiva de Dahrendorf se apresentam porque Marx tem uma perspectiva sociológica acerca de sua realidade contemporânea. No entanto, outras acabam se construindo a partir de suas especulações filosóficas. Então, na perspectiva de Dahrendorf, são justamente as propriedades das classes derivadas da noção sociológica de Marx que devem ser mantidas para a aplicabilidade do conceito de classe em realidades concretas. Ao passo que as especulações filosóficas de Marx, do seu ponto de vista, deveriam ser desconsideradas, uma vez que não só se sobrepõem à sua noção sociológica, como limitam esse tipo de análise em outras realidades sociais.

Ele realiza, assim, um balanço teórico de características da teoria de classes em Marx. O autor critica a noção da sociedade sem classes, pois julga ser essa uma noção filosófica, impossível de realização empírica. Além disso, põe em dúvida a noção da universalidade do conflito de classes, já que – como outro postulado filosófico de Marx – estabelece um sentido único à compreensão de realidades sociais diversas. Também questiona a aplicação da dialética como a lei inerente ao desenvolvimento histórico, a tese de que a mudança é necessariamente de caráter revolucionário, a compreensão de que a sociedade capitalista é a última sociedade de classes da história, a ideia da crescente intensificação do conflito de classes nessa sociedade e o papel messiânico do proletariado. Para Dahrendorf, essas premissas, por serem resultantes das premissas filosóficas de Marx, limitam os conhecimentos empíricos e o desenvolvimento de pesquisas sociológicas abertas e sem preconceito.

Por outro lado, o autor defende que existe um propósito heurístico subjacente à noção de classe em Marx. Isso porque, na sua visão, o filósofo alemão, ao utilizar o conceito em um sentido sociológico, estava mais preocupado em analisar certas leis do desenvolvimento social e as forças envolvidas nesse desenvolvimento do que propriamente em descrever um estado existente da sociedade. Assim, o objetivo heurístico atrelado ao conceito de classe em Marx não seria estático, mas dinâmico. A classe, nesse sentido, deveria ser compreendida a partir das condições reais que uma determinada realidade social apresenta e não a partir de um sentido único e imutável. Então a teoria de classes em Marx não seria uma teoria da sociedade presa no tempo ou uma teoria da estratificação social, mas uma ferramenta analítica para a compreensão das mudanças nas sociedades como um todo. Nesse sentido, esse propósito heurístico serviria,

na opinião de Dahrendorf, para justificar o modelo dicotômico de classes subjacente à teoria dinâmica de Marx e que fora muitas vezes criticado.

Cabe ainda considerar que Dahrendorf questiona, dentro da teoria das classes marxista, em que medida a relação de apropriação determina a relação de autoridade entre os detentores e os não detentores dos meios produtivos ou o contrário. Ele questiona, assim, a primazia absoluta e universal da produção sobre a estrutura política e as outras estruturas da sociedade. Assim, contrariando o materialismo histórico de Marx, defende a autonomia a dimensão da autoridade e do poder, em relação à dimensão econômica. Ele se coloca, nesse sentido, como um crítico radical da teoria de Marx.

Apesar disso, o autor não deslegitima como um todo a teoria de classes de Marx. Ele defende, para além da pertinência do propósito heurístico do conceito de classe, que a ideia de conflito desenvolvida por Marx é extremamente útil para a compreensão das sociedades e que não se deve ignorá-la. Para ele, a realidade da sociedade é conflito e fluxo. Não é à toa, que a noção de grupos de interesse, a qual defende como forma de compreender as disputas entre os grupos sociais, tenha origem, em grande parte, nas propriedades do conceito de classe desenvolvido por Marx. A classe seria, inclusive, do seu ponto de vista, uma forma de grupo de interesse. Dessa maneira, o autor, apesar de criticar o conceito de classe em suas análises, não se desvincula por inteiro dele e não sugere sua impertinência analítica.

O trabalho de Dahrendorf atesta como a teoria de classes em Marx passou por diversas considerações teóricas. Muitas críticas foram, por exemplo, dirigidas à noção de “classes em transição” e à tese da “crescente polarização entre as classes”. Isso porque essas premissas inviabilizavam a noção de classe média dentro da teoria marxista.

A premissa das “classes em transição” sugere que determinadas classes e frações de classes, como a pequena burguesia, estão fadadas a desaparecer dentro do sistema capitalista. A lógica de funcionamento do sistema, baseada na extração de mais valia, levaria ao aumento crescente da exploração do capital sobre o trabalho. Haveria, assim, uma disparidade crescente entre a riqueza do capital e a pobreza do trabalho (tese da “emiseração”) e uma tendência crescente de polarização entre as classes (tese da polarização das classes). Assim, a pequena burguesia se constituiria apenas como uma “classe em transição” dentro do sistema capitalista. Ela tenderia, a longo prazo, a se dividir entre proletariado e burguesia, e, logo, a desaparecer. Desse modo, a pequena burguesia e/ou classe média, na teoria de Marx, seria uma categoria pouco significativa, não se enquadrando de forma estrutural no seu modelo dicotômico e antagônico de classes.

Segundo Giddens e Wright, esse é um problema também resultante das contradições entre o modelo “concreto” e o modelo “abstrato” de classes. Como os autores sugerem, há uma incompatibilidade analítica entre o modelo “abstrato” e o modelo “concreto” de Marx, já que, no primeiro, existem duas classes antagônicas fundamentais, e no segundo uma diversidade de classes e frações de classes. Segundo Giddens, a atribuição desse caráter transicional à pequena burguesia seria uma forma de não sacrificar o modelo dicotômico de classe, presente no modelo “abstrato”. Seu caráter transicional, ou seja, sua tendência a desaparecer sugere que ela não possui um lugar estrutural no modelo dicotômico e antagônico das classes de Marx.

Ao longo do século XX, como destacam Giddens e Wright, se assistiu à expansão das ocupações profissionais e técnicas e o crescimento dos quadros administrativos e gerenciais ou das classes médias, e ao declínio estável dos trabalhadores que atuam por conta própria e/ou da pequena burguesia. Estabeleceu-se, dessa forma, uma assimetria entre o plano teórico de Marx e a realidade empírica. Muitos marxistas foram, assim, convencidos da não plausibilidade dessa teoria.

Na década de 1980, Erik Olin Wright (1985) desenvolveu uma teoria que buscava estabelecer um lugar estrutural para a classe média dentro do esquema de classes marxista⁷. Ao contrário de outros teóricos da mesma vertente que dissolveram a classe média entre a pequena burguesia e o proletariado, a fim de manter uma imagem dual da sociedade, Wright sugere que a classe média ocupa uma posição contraditória dentro da hierarquia social, a qual a distingue das outras classes. Contudo, ainda que distinta das demais, essa posição contraditória permitiria inseri-la dentro do esquema antagônico de classes desenvolvido por Marx.

Wright mantém alguns princípios da teoria de classes marxista. Como premissas da estruturação das classes, o autor destaca o princípio relacional das classes, o antagonismo de interesses imanente a elas, a ideia de exploração como base objetiva dos interesses antagônicos e a centralidade das relações de produção na construção das classes. No entanto, Wright desconstrói a relação isomórfica existente na teoria de Marx entre a posição ocupada por um indivíduo no processo produtivo e sua classe. É partir disso que ele desenvolve o seu modelo de classes.

Em modelo teórico anterior ao do livro aqui analisado, Wright não atribuíra centralidade à noção de exploração e ao materialismo, típicos do marxismo. Ao contrário, concedera maior

⁷ Dentro da tradição marxista, autores como Nicos Poulantzas (1975) e Barbara e John Ehrenreich (1979) se debruçaram sobre a polêmica da classe média, desenvolvendo diferentes arcabouços teóricos para explicar o lugar desses novos trabalhadores e/ou dessa classe na estrutura de classes marxista.

relevância às relações de poder para a estruturação das classes. Contudo, sua autocrítica o levou a considerar essa inversão de papéis que contrariava um dos princípios fundamentais do marxismo. Então, com base nas ideias de John Roemer refez sua teoria, introduzindo as relações de exploração ao centro de sua argumentação.

No livro *Classes*, ou seja, nessa segunda fase de desenvolvimento de sua teoria, ele parte da ideia de que as desigualdades na distribuição dos ativos produtivos entre os indivíduos determinam as relações de exploração material entre eles. No âmbito da produção, a desigualdade de ativos entre as pessoas permitiria a transferência de trabalho excedente, isto é, forjaria as relações de exploração de umas sobre as outras. Nesse sentido, a relação de exploração teria sua raiz no controle dos diversos tipos de ativos utilizados nesse ambiente. Esses ativos seriam, portanto, fundamentais, na medida em que expressariam não só as desigualdades de controle sobre determinados recursos, como também as relações de exploração e dominação entre os indivíduos. Essas últimas, além de estarem mutuamente atreladas, seriam, então, centrais para as relações de classe.

Na construção de seu modelo de classes, Wright pôs em relevo as relações de dominação e subordinação relativas a três dimensões do interior do ambiente produtivo: o capital monetário, ou seja, o fluxo dos investimentos e a direção da acumulação no processo produtivo; o capital físico, isto é, os meios de produção de fato dentro do processo de produção; o trabalho propriamente, ou seja, aquilo que envolve as atividades transformadoras no processo de produção. As assimetrias entre as posições exercidas simultaneamente pelos indivíduos nessas três dimensões, no que diz respeito ao papel de dominação ou subordinação, os levam a ocupar “localizações contraditórias” dentro da estrutura de classes. Aqueles que se encontram numa relação de dominação em uma das dimensões, mas se veem subordinados numa outra, estão inseridos em “localizações contraditórias” de classe. Isso porque sua posição na estrutura de classes apresenta, dentro dessa perspectiva, características tanto da classe dominante quanto da subordinada, ou seja, das duas classes antagônicas presentes no modelo teórico marxista. Esse seria, portanto, o lugar primordialmente ocupado pelas pessoas de classe média.

A partir disso, o autor desenvolveu uma tipologia de classes que divide os grupos ocupacionais em termos de relações de apropriação/exploração de ativos, ou seja, com base na posse de capital, nas relações de autoridade no trabalho e no acesso a qualificações escassas. Essa tipologia reagrupa, então, os indivíduos em termos de posição dominante, contraditória e subordinada no que diz respeito a esses ativos, formando um modelo analítico com doze localizações de classe. Esse modelo corresponde à rede de relações sociais determinadas pelo

acesso desigual dos indivíduos aos recursos produtivos e, dessa forma, pelas relações de exploração e autoridade que estabelecem entre si no âmbito da produção.

Nessa tipologia, é possível perceber que existem três classes: as classes superiores, formadas pela burguesia, os pequenos empregadores e a pequena burguesia (pessoas auto empregadas, sem empregados); a classe média seria composta por todos os tipos de gerentes, especialistas e os supervisores qualificados, ou seja, pelas ocupações inseridas nas posições contraditórias e nas localizações privilegiadas de apropriação de qualificação do grupo dos empregados; já a classe trabalhadora seria constituída pelos empregados subordinados em relação às dimensões de autoridade e de qualificação, isto é, não-gerentes e não-qualificados.

1.3. A perspectiva weberiana e a contribuição de John Goldthorpe

No pequeno texto “Classe, “status”, partido” (1977) Max Weber desenvolve sua teoria sobre classe. Segundo Weber, a classe é definida “como um componente causal específico de suas oportunidades de vida” que é representada “exclusivamente por interesses econômicos na posse de bens e oportunidades de rendimentos” e “é representado sob as condições do mercado de produtos ou do mercado de trabalho” (WEBER, 1977, p. 63). É possível perceber que, para Weber, as classes, semelhantemente à Marx, estão relacionadas a condições e a interesses econômicos. Elas são, nesse sentido, para ambos os autores, fenômenos fundamentalmente atrelados à dimensão econômica da vida. Além disso, a noção de “posse de bens” como um componente causal de oportunidades de vida das classes sugere que, assim como em Marx, a noção de propriedade privada tem um papel importante na definição das classes em Weber.

No entanto, diferentemente de Marx, o conceito de classe, em Weber, está, sobretudo, atrelado ao mercado de trabalho. Em Marx, está relacionado ao modo de produção e à extração de mais valia, a partir dos quais emergem interesses antagônicos e, conseqüentemente politicamente conflitantes entre as classes. Assim, embora o conceito em Weber esteja também vinculado à dimensão econômica, ele não apresenta a mesma complexidade do que em Marx.

Para Weber, “o termo ‘classe’ refere-se a qualquer grupo de pessoas que se encontra na mesma situação de classe” e pode ser definida como “a oportunidade típica de um suprimento de bens, condições exteriores de vida, e experiências pessoais” e que “é determinada pelo volume e tipo de poder, ou por sua ausência, de dispor de bens ou habilidades em benefício de rendimentos em uma dada ordem econômica” (WEBER, 1977, p. 63). Isso sugere que, na sua

perspectiva, a classe econômica é sinônima de ‘situação de classe’. O que indica que ela é compreendida como algo fluido e dinâmico e, portanto, suscetível a mudanças.

Em Marx, a dualidade entre proletários e burgueses pode sugerir, num primeiro instante, que o seu conceito de classe é estático, no sentido de que teria um conteúdo associado a um tipo específico de realidade social. Mas, na realidade, seu conceito é bastante dinâmico, uma vez que as classes resultam do capitalismo, um sistema altamente dinâmico, no qual “tudo que é sólido se desmancha no ar”. Logo, o conteúdo das classes, assim como em Weber, também pode ser variável em Marx.

A definição de *situação de classe*, na obra de Weber, sugere também que seu conceito de classe é definido pela qualidade de múltiplos fatores econômicos. Isso porque não é somente a apropriação de um bem ou de uma habilidade o que o define, mas, o tipo de bem, de propriedade, de habilidade ou de serviço exercidos e/ou possuídos pelos indivíduos no âmbito do mercado. A partir disso, Weber produz uma tipologia diversa de classes, abrindo margem, como sugere Giddens, para o desenvolvimento de um modelo pluralista de classes econômicas. Nesse sentido, o modelo weberiano se distancia do modelo “abstrato” marxista que sugere uma dualidade fundamental entre as classes.

No entanto, Giddens observa que Weber diferencia classe econômica de classe social. Ele constata que a variabilidade de situações de classe pode levar a uma infinidade de classes, mas só existiria classe social quando essas situações de classe se agrupassem de tal forma a estabelecer um nexo comum de intercâmbio social entre os indivíduos. A noção de classe social estaria, nesse sentido, mais próxima da de grupos de status do que de classe econômica propriamente. Com base nisso, Weber distingue quatro grupos principais de classes sociais: a classe operária manual, a pequena burguesia, os trabalhadores white-collar não proprietários e os privilegiados através da propriedade e da educação.

Vale lembrar que Weber diferencia a dimensão da classe das dimensões dos grupos de status e dos partidos. Os grupos de status estariam atrelados às diferenças de prestígio social, os partidos às distribuições de poder e as classes à distribuição de bens e serviços. Logo, as classes seriam um fenômeno relativo à ordem econômica, os grupos de status, à ordem social e os partidos, à ordem política. A separação dessas três dimensões indica que a dimensão das classes, em Weber, não está necessariamente atrelada à dimensão política, como ocorre na perspectiva de Marx. O que, em outros termos, significa dizer que a dimensão política não está subsumida na dimensão econômica, ela possui autonomia em relação a essa última, como aponta Giddens. Essa separação sugere ainda que existem três dimensões distintas de realidade

social. Nesse sentido, Weber abre espaço para múltiplas formas de estratificação das sociedades.

Segundo Giddens, a separação entre a dimensão econômica e a dimensão social é também uma forma de delimitar aspectos objetivos e subjetivos do mundo social. As classes estariam relacionadas a fatores econômicos objetivos, e os grupos de status, a aspectos subjetivos de prestígio social. Isso sugere, segundo Giddens, que as relações de classe estariam mais fortemente atreladas às relações de produção, enquanto os grupos de status, aos estilos de vida e aos bens de consumo.

Apesar da diferenciação entre as três dimensões, Weber indica que haveria interligações entre elas e, portanto, possíveis sobreposições e influências mútuas. O prestígio social poderia funcionar como um mecanismo para a obtenção de distinção econômica, assim como a superioridade econômica, um meio para obter prestígio social. A propriedade privada, segundo Giddens, funcionaria como umnexo causal na sobreposição entre essas duas dimensões. Ela forneceria base para formar, não apenas uma situação econômica de classe, mas um *estilo de vida* e, logo, um determinado status social. Em função disso, no mundo moderno, esses dois fatores estariam intimamente relacionados. Não à toa, os grupos economicamente dominantes tenderiam a ser aqueles também com grande prestígio social.

A teoria de classes de Weber abre margem para o desenvolvimento de tipologias pluralistas de classes. Nesse modelo, são os tipos de propriedades e/ou serviços e não as relações entre os indivíduos no mercado que provocam as diferenças das situações de classe. Em função disso, não é a relação de exploração o que primordialmente produz as diferenças entre as classes. Assim, ainda que Weber tenha definido as classes econômicas como consequências de interesses distintos, a noção de oposição, antagonismo e de conflito entre essas últimas não apresenta o mesmo peso e centralidade que apresenta em Marx. Além disso, em função da possibilidade de estruturação de modelos pluralistas de classes, a noção de classe média na teoria weberiana, diferentemente da marxista, não esbarra em limites da própria teoria para sua legitimidade teórica. Isso torna a teoria weberiana mais flexível analiticamente do que a teoria marxista para a compreensão das classes.

Nos passos de Weber, Charles Wright Mills (1969), realiza, na década de 1950, uma análise sociológica para compreender a chamada “nova classe média” norte-americana. No livro *White Collar*, Mills realiza uma análise das mudanças econômicas e sociais que ocorreram nos Estados Unidos entre os séculos XIX e XX. Para ele, o estabelecimento de uma nova sociedade industrial americana provocou mudanças na economia, na cultura e, sobretudo, na organização dessa sociedade nesse período. Uma das principais transformações organizacionais

pelas quais a sociedade estadunidense teria passado teria sido o declínio da “antiga classe média” e o surgimento de uma “nova classe média”.

Segundo Mills, o novo capitalismo industrial estabeleceu instituições burocráticas nas cidades que passaram a ofertar novos tipos de trabalho. Trabalhos voltados para o gerenciamento, para a organização da produção, para os serviços de apoio à indústria e o comércio. Essa nova realidade de trabalho permitiu formar um novo grupo ocupacional nas cidades: os trabalhadores assalariados de colarinho branco, que foram denominados, por Mills, de “nova classe média”.

Segundo Mills, a posição da “nova classe média” - diferentemente da “antiga classe média” que era formada pelos pequenos proprietários e empreendedores rurais e, portanto, dependia da propriedade privada para retirar seu sustento - dependia do trabalho que realizava no âmbito do mercado. A “nova classe média” norte-americana se definia, basicamente, pela ocupação de cargos não manuais. Alguns funcionários de colarinho branco exerciam cargos de autoridade, como os gerentes. Outros eram assistentes de outras autoridades e, portanto, derivavam sua autoridade desses últimos. Mesmo fora do trabalho, alguns profissionais exerciam posições de poder, dado, em grande parte, pelas relações institucionais ou pela renda superior que auferiam, como no caso dos advogados.

Em termos de status, os “white collar” reivindicavam um prestígio maior do que os outros trabalhadores assalariados. Seu prestígio estava vinculado aos lugares e os tipos de trabalho realizados, bem como à renda relativamente superior que auferiam, quando comparada aos outros trabalhadores manuais. As habilidades e a qualificação requeridas para o exercício de seus cargos, ou mesmo a autonomia que possuíam para decidir os procedimentos dos seus trabalhos eram fatores que contribuía para o prestígio dessa camada social. A partir disso, Mills sugere que, em termos ocupacionais e de prestígio, a “nova classe média” exercia ocupações profissionais e/ou de autoridade, ou seja, compunha uma classe de serviços.

Mills se utiliza do arcabouço teórico de Weber para desenvolver sua teoria. Na perspectiva weberiana, as diferentes situações de classe se forjam a partir dos diferentes tipos de propriedades e/ou serviços exercidos pelos indivíduos. Com base nisso, Mills utiliza os tipos de ocupação e de propriedade para delimitar as “situações de classe” e acredita que toda ocupação está associada a uma posição de classe, a certo prestígio social e a certo poder. E é justamente com base nessas diferenciações entre “situações de classe” distintas que Mills separa a “antiga classe média” da “nova classe média”.

O livro *White Collar* é um clássico da década de 1950 que influencia até hoje diversas pesquisas sobre classes. Nos passos de Wright Mills, John Golthorpe (2000), desenvolveu um

modelo teórico de classes baseado no arcabouço teórico weberiano. No entanto, Goldthorpe diferentemente de Mills não partiu de um problema histórico para desenvolver sua teoria, mas de problema operacional relativo ao conceito de classe. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, Goldthorpe buscou demonstrar que o conceito de classes ainda servia para explicar a realidade social. Ele estava dialogando com os críticos e pós-modernos que, a partir da década de 1970 e, sobretudo após a queda do muro de Berlim, desconsideravam o poder explicativo e a legitimidade do conceito sobre a realidade social.

Em função disso, Goldthorpe, junto a outros pesquisadores, procurou seguir, não um caminho de discussão conceitual, mas desenvolver um programa amplo de pesquisas empíricas em torno da noção de classe a fim de demonstrar a pertinência do conceito para a compreensão da realidade contemporânea. Para realizar essas pesquisas, utilizou um conceito definido a partir das relações de emprego. Seu esquema de classes, portanto, teve como referência essas relações.

Goldthorpe parte inicialmente das diferenças dos indivíduos no mercado em relação à compra e/ou venda de trabalho. Ele sugere que os empregadores, os trabalhadores por conta própria e os empregados ocupam situações de classe distintas. Isso porque os primeiros compram o trabalho de outros, os segundos não compram nem vendem o trabalho de outros e os últimos vendem sua força de trabalho. Essas são, portanto, as oposições básicas a partir das quais ele estabelece as situações de classes.

A partir daí, ele busca destacar os mecanismos causais que provocam as distinções entre empregados. Ele sugere que a forma de regulação dos empregos ou a natureza de seus contratos é o que promove, em grande medida, essas diferenciações. Para ele existe uma diferença fundamental entre o “contrato de trabalho” estabelecido para os trabalhadores manuais e não-manuais de nível inferior, e as “relações de serviço”, expressas pelo tipo de contrato de profissionais, administradores e gerentes de organizações burocráticas públicas e privadas.

O autor reconhece ainda que essas duas formas básicas de relações de emprego, “contrato de trabalho” e “relações de serviço” podem apresentar certos graus de diferenciação e, por isso, formar categorias “mistas”. Essas formas “mistas” estão associadas a posições intermediárias situadas entre a estrutura burocrática e a força de trabalho comum. Estão, portanto, inseridos nessa categoria, empregados de escritório ou de vendas ou técnicos de nível inferior e supervisores de baixo escalão.

Goldthorpe lembra que os arranjos e procedimentos envolvidos na implementação efetiva do contrato devem ser rentáveis para os empregadores em comparação com as alternativas disponíveis. É justamente isso o que faz com que os contratos de trabalho necessitem assumir formas diferentes em relação aos diferentes tipos de tarefas e funções de

trabalho que os funcionários estão empenhados em desempenhar. Em função disso, os tipos de tarefas e de funções desempenhados pelos funcionários acabam também tendo um papel importante nas diferenciações das situações de classe.

O grau de dificuldade envolvido no monitoramento do trabalho realizado pelos funcionários, ou seja, o grau de dificuldade envolvido tanto na mensuração do trabalho realizado quanto na observação e controle de sua qualidade, bem como o grau de especificidade dos ativos humanos ou capital humano - habilidades, especialização, conhecimento - usados pelos funcionários na execução de seu trabalho são o que, segundo o sociólogo, levam os empregadores a estabelecer contratos de trabalhos diferenciados entre os empregados. Dessa forma, Goldthorpe sugere que há uma associação entre os diferentes tipos de ocupação e o tipo de contrato estabelecido para eles.

A especificidade de ativos entre os “empregados de serviços” e os “de trabalho” exerce um papel importante para as diferenciações de suas situações de classe. No entanto, no caso das “relações de serviço”, Goldthorpe sugere que apesar da especificidade de ativos entre os funcionários profissionais, administrativos e gerenciais, não há uma clara diferença de situação de classe entre eles. Os profissionais de serviços são contratados para colocar em prática o conhecimento e a experiência especializados que obtiveram ao longo de sua formação. Já os administradores e gerentes estão empenhados em exercer a autoridade delegada do empregador sobre empregados. Apesar das diferenças entre esses ativos, Goldthorpe defende que esses empregados se encontram numa mesma situação de classe, já que em ambos os casos a natureza das tarefas e funções desempenhadas implica em alguma assimetria de informações entre empregador e empregado.

Goldthorpe, assim como Mills, define uma classe de serviços. A classe média, dentro do seu esquema de classes, pode ser definida, sobretudo, a partir desses trabalhadores dos serviços. Ela é constituída por funcionários profissionais, administrativos e gerenciais que exercem cargos normalmente de maior status e que exigem especificidades em termos de qualificações, habilidades e/ou autoridade para o seu exercício. No entanto, Goldthorpe, diferentemente de Mills, sugere que os empregadores compartilham da mesma situação de classe que os trabalhadores de serviços, ou seja, que a classe média. Em Mills, a classe média é definida, em termos situação de classe, em oposição aos empregadores.

Goldthorpe defende que haveria certa vantagem, assim como Mills, dos empregados de serviços em relação aos trabalhadores manuais. Quanto maior a qualidade de trabalho exigida, maior seria a probabilidade do contrato de serviço desses funcionários possuir um caráter de longo prazo. Um contrato desse tipo, no caso dos empregados de serviços, geraria benefício

para a própria empresa. Por meio de um vínculo duradouro, o funcionário é incentivado a aumentar seus conhecimentos em relação ao próprio trabalho desenvolvido na organização, aumentando seus ativos à medida que o tempo passa, o que beneficia, ao fim, a própria empresa. A saída do funcionário da empresa significaria a perda desses ativos. Logo, a empresa teria um interesse maior em mantê-lo dentro dela. Isso não aconteceria no caso dos empregados de “contrato de trabalho”. Dada a qualificação menor exigida para a realização de suas funções, eles estariam expostos a contratos de trabalho mais curtos, logo, a uma rotatividade maior de trabalho.

Essas diferenças de relações de emprego, assim como as relativas à venda ou à compra de trabalho permitem, segundo Goldthorpe, situar indivíduos ativos no mercado de trabalho em situações de classes distintas. Então, a partir dessas situações de classes Goldthorpe, Erikson e Portocarrero desenvolveram uma tipologia de classes com nove classes e que ficou conhecida como esquema EGP. Ela está dividida da seguinte maneira: I) Profissionais, administradores e gerentes, alto nível; II) Profissionais, administradores e gerentes, baixo nível e técnicos, alto nível; IIIa) Empregados não manuais de rotina, alto nível; IIIb) Empregados não manuais de rotina, baixo nível; IVabc) Pequenos empresários e proprietários e trabalhadores por conta própria; V) Técnicos, baixo nível e supervisores de trabalhadores manuais; VI) Trabalhadores manuais qualificados; VIIa) Trabalhadores manuais não qualificados (exceto na agricultura) ; VIIb) Trabalhadores agrícolas. Nesse esquema, as relações de serviço estão situadas nas classes I e II e as relações de trabalho, nas classes IIIb, VI, VIIa e VIIb. As classes IIIa e V dizem respeito às relações de emprego mistas.

Esse esquema de classes foi amplamente utilizado, sobretudo, em pesquisas realizadas no interior de países europeus ou que tinham o intuito comparativo. Segundo Goldthorpe, essa ampla utilização permitiu validá-lo enquanto critério legítimo para a compreensão de diferentes fenômenos sociais, tais como apoio partidário e escolha educacional e para a compreensão de realidades sociais diversas.

1.4. A perspectiva neo-durkheimiana de David Grusky

Ao longo das décadas de 1990 e 2000, o sociólogo norte-americano David Grusky (2001) se debruçou sobre o problema do enfraquecimento do poder explicativo do conceito de classe sobre a realidade social. Para Grusky, os críticos da análise de classe da década de 1990

rapidamente descartaram o poder do conceito sobre a realidade empírica. Assim, junto com outros pesquisadores, Grusky procurou defender o poder da linguagem do conceito de classe. Com base na perspectiva neo-durkheimiana, desenvolveu um modelo de classes que teoricamente é compreendido como resultante das especializações da divisão do trabalho social na modernidade e cuja função é importante para a estruturação da sociedade como um todo. Ele defende, então, a classe enquanto sinônimo de categorias profissionais, ou seja, como microclasses e não como um conjunto de categorias ocupacionais agregadas.

Segundo Grusky, os defensores dos modelos de classe ao longo da década de 1990 e 2000, tais como Golthorpe e Wright, reafirmaram o poder analítico do conceito de classes apesar de, em certos momentos, considerarem que as formulações baseadas no modelo apresentavam um poder explicativo enfraquecido. Nas teorias de Golthorpe e de Wright, as classes são compreendidas como sinônimo de macroclasses, ou seja, como um agregado de segmentos ocupacionais. Isso provoca, segundo o autor, a perda do poder explicativo do conceito quando operacionalizado nas análises de dados. Em função disso, Grusky sugere que é necessário desagregar as classes para torná-las mais eficazes para a compreensão da realidade.

O autor defende que essa desagregação do modelo não leva a uma perda do seu poder empírico estrutural. Isso porque suas categorias analíticas seriam entidades significativas que expressariam as forças reais das linhas institucionais, ou seja, elas não só são capazes de ampliar o poder analítico do conceito de classes nas análises de dados, como expressariam as linhas de estruturação da realidade empírica que fazem sentido socialmente.

Grusky argumenta que os trabalhadores representam suas aspirações de carreira em termos ocupacionais, as escolas profissionais e vocacionais treinam os futuros trabalhadores para habilidades definidas profissionalmente e os empregadores constroem e anunciam empregos em termos de designações ocupacionais. Assim, as designações profissionais, segundo Grusky, fariam mais sentido para a identificação coletiva dos trabalhadores do que a das classes agregadas. Ele sugere, nesse sentido, que esse modelo é mais profundamente institucionalizado do que o modelo das macro classes. Logo, o modelo das macro classes corresponderia a uma falácia analítica, assim como os ideólogos que sugerem que o modelo de produção não é mais o lócus principal de formação de identidade.

Além disso, segundo Grusky, as teorias do fechamento social geraram contribuições para a compreensão dos interesses de classe que não são capturadas ao nível agregado de classes. Ele sugere que os acordos jurisdicionais locais estabelecidos pelas associações profissionais, a fim de impedir a oferta de ocupações para outros segmentos ocupacionais, ocorrem ao nível ocupacional mais detalhado. Esses dispositivos de fechamento (por exemplo,

licenciamento, credenciamento, aprendizagem) não regem a entrada para classes agregadas, apenas para o nível profissional mais detalhado. Desse ponto de vista, as classes agregadas ocultariam os interesses de renda formados, sobretudo, no nível desagregado das associações profissionais.

Além da formação de interesses de renda e da identificação dos trabalhadores, as microclasses são, segundo Grusky, o lócus no qual as ações coletivas tendem a ocorrer mais frequentemente. Os três principais tipos de ação coletiva nesse nível desagregado seriam as estratégias de fechamento de mercado, produzidas no intuito de restringir o acesso a determinadas posições ocupacionais; as lutas competitivas entre associações profissionais por nichos de mercado; e a ação coletiva de sindicatos e associações para garantir benefícios específicos para determinados segmentos ocupacionais, como no caso da proteção do monopólio do Estado e dos empregadores. Ele defende que houve historicamente mais ações nesse nível desagregado do que no nível agregado e, logo, que a análise desagregada de classes é mais realista do que a última.

O sociólogo defende que, se as teorias de fechamento de mercado atuam, sobretudo, no nível desagregado das classes, então as macroclasses ocultam as culturas locais que estágios, academias policiais e militares e escolas profissionais e de pós-graduação fornecem para a socialização secundária dos futuros profissionais. Logo, os códigos explícitos de comportamento desses profissionais, e nesse sentido, os bolsões de cultura locais que se desenvolvem ao nível das ocupações só podem ser compreendidos ao nível desagregado das classes. As microclasses seriam, desse ponto de vista, mais realistas do que as macroclasses. Estas, segundo Grusky, não teriam influência ou autoridade comparável sobre padrões secundários de socialização.

Nessa linha de argumentação, Grusky defende ainda que as microclasses são um lócus fundamental a partir do qual se estabelecem táticas para o fechamento em torno do controle de bens valorizados a partir do qual se produzem atitudes, estilos de vida e práticas de consumo comuns entre os membros da classe. Elas seriam assim, dentro de uma perspectiva durkheimiana, um “fato social”.

Em relação à mobilidade de classes, Grusky tece algumas considerações. Ele defende que a mobilidade de classe, costuma ser entendida a partir das “classes” ou “estratos” agregados definidos de um ponto de vista nominal e que isso gerou uma compreensão dos regimes de mobilidade, por vezes, problemática e enganosa. Segundo Grusky, quando aplicados os modelos das microclasses, por exemplo, o nível de rigidez apresentado pelas classes médias, assim como pelos extremos da estrutura social, são maiores. A maior fluidez obtida nas análises

que utilizam os modelos das macroclasses seria consequência da agregação das ocupações presumidas por esses modelos.

Além disso, Grusky sugere que os modelos das macroclasses, justamente pelo grau de agregação que estabelecem, não permitem elucidar os mecanismos causais das classes, tais como os mecanismos de fechamento de mercado, que atuam no nível micro e que possibilitam ou restringem a mobilidade de classes. Eles acabam por silenciar os artefatos de retenção de poder das classes. Ademais, quando esses modelos são utilizados para a comparação entre os países, acabam, segundo o sociólogo, ocultando suas diferenças institucionais fundamentais expressas no nível local. Esses seriam, nesse sentido, efeitos da heterogeneidade inerente aos modelos de classes agregadas.

Visto isso, Grusky sugere que os sociólogos das macro classes buscam compreender a estruturação num nível errado de análise. Eles buscam uma solução realista onde apenas era viável uma solução nominal, enquanto os pesquisadores que utilizam as categorias socioprofissionais podem apresentar uma compreensão mais realista da realidade. Ele sugere, portanto, que a pesquisa sociológica das classes deve se beneficiar ao considerar essas fronteiras locais de maneira mais explícita.

Por outro lado, Grusky admite que advogar pelas microclasses é um projeto intelectualmente modesto, um vez que os conflitos no nível ocupacional da unidade não conduzem o curso da história humana. Pelo contrário, segundo ele observa, as associações profissionais geralmente buscam objetivos puramente seccionais. No entanto, ele ressalta que, os analistas de classe agregados também reduziram suas ambições e efetivamente descartaram teorias da história abrangentes baseadas em classe.

1.5. O multidimensionalismo de Pierre Bourdieu

Pierre Bourdieu, no livro *A distinção* (2007), desenvolve uma noção de classe *sui generis*. Ele pontua que é preciso, antes de tudo, distinguir a classe enquanto “construção do pesquisador” da noção de classe enquanto “conjunto de práticas”. Bourdieu defende que as noções de classes baseadas numa única variável – como no caso da ocupação ou da renda, por exemplo, – e que costumam ser utilizadas em modelos estatísticos para verificar possíveis correlações com uma segunda variável ou propriedade - são, na realidade, constructos teóricos produzidos pelos pesquisadores. E, justamente por serem construções teóricas e estarem

baseadas numa única variável, não conseguem apreender as propriedades secundárias constitutivas das “classes reais” e, dessa forma, dissimulam “o sistema completo das relações que constituem o verdadeiro princípio da força e da forma específicas dos efeitos registrados” (BOURDIEU, 2007, p. 98-99) desse fenômeno.

O sociólogo tece, assim, críticas em relação a essa noção de “classe enquanto constructo teórico” e aos pressupostos metodológicos e teóricos que orientam os trabalhos estatísticos que se utilizam desses modelos. Bourdieu critica o princípio da independência entre as variáveis. Para ele, a independência entre, por exemplo, diploma e ocupação é um falso pressuposto. Como, na realidade, diversas ocupações exigem a obtenção do diploma para o seu exercício, o que existiria entre essas duas dimensões da vida, transformadas em variáveis nos modelos estatísticos, seria uma relação de dependência. E, assim como essas duas variáveis, a suposta relação de independência entre outras variáveis esconderia, na realidade, relações de dependência entre elas e em relação a outras que não necessariamente apareceriam no modelo.

As relações singulares entre uma variável dependente (por exemplo, a opinião política) e variáveis chamadas independentes - tais como sexo, idade e religião ou, até mesmo, nível de instrução, remunerações e profissão - tendem a dissimular o sistema completo das relações que constituem o verdadeiro princípio da força e da forma específicas dos efeitos registrados em determinada correlação particular. A mais independente das variáveis "independentes" esconde uma verdadeira rede de relações estatísticas que estão presentes, subterraneamente, na relação que ela mantém com determinada opinião ou prática. Ainda neste aspecto, em vez de solicitar a tecnologia estatística que encontre a solução para um problema - afinal, ela limitar-se-á a deslocá-lo -, convém, por uma análise das divisões e das variações introduzidas pelas diferentes variáveis secundárias (sexo, idade, etc.) no seio da classe dividida segundo a variável principal, interrogar-se a respeito de tudo o que, presente na definição real da classe, não é levado em consideração de modo consciente na definição nominal, cujo resumo se encontra no nome utilizado para designá-la e, por conseguinte, na interpretação das relações em que é introduzida. (Bourdieu, 2007, p. 98-99).

Bourdieu defende, então, uma noção de classe que vai de encontro àquela construída pelos pesquisadores discutidos anteriormente. A classe, do seu ponto de vista, não pode ser reduzida apenas a uma variável. Ela é, antes de tudo, um fenômeno multidimensional. Bourdieu sugere que existe uma inteligibilidade entre variados aspectos materiais e simbólicos referentes a múltiplas dimensões da vida, cotidianamente “escolhidos” e consumidos pelos indivíduos - tais como as preferências em matéria de música ou cardápio, de esporte ou política, de literatura ou de penteado - porque a “escolha” de apropriação desses bens de consumo é fruto de um processo de identificação/desidentificação dos indivíduos em relação a esses objetos. E essa identificação - que tem raízes nas condições econômicas e sociais de suas vidas -, por sua vez, permite aos indivíduos se agregar ou se fracionar em grupos semelhantes ou díspares e, nesse sentido, expressam as divisões da sociedade em classes ou frações de classe. Logo, Bourdieu

busca justamente defender como as classes expressam e são expressas pelas correlações entre produtos aparentemente desconexos e incomensuráveis e que, portanto, podem ser compreendidas e capturadas a partir de uma multiplicidade de dimensões.

Nesse sentido, a classe se define, tendo em vista a multiplicidade de dimensões que ela expressa, como um “conjunto de práticas” para Bourdieu – e é justamente esse conceito peculiar que defende ao longo de sua obra. É, por meio das práticas dos indivíduos, que a variedade de propriedades da classe se manifesta. Assim, as práticas sociais dos atores, ou de um grupo de atores, apesar de sua aparente diversidade, são capazes de expressar relativa homogeneidade entre si e, nesse sentido, de serem compreendidas e classificadas como expressões de classe⁸.

(...) todas as práticas e as obras do mesmo agente são, por um lado, objetivamente harmonizadas entre si, fora de qualquer busca intencional da coerência, e, por outro, objetivamente orquestradas, fora de qualquer concertação consciente, com as de todos os membros da mesma classe (...) (Bourdieu, 2007, p. 164).

E o que concede relativa homogeneidade entre as práticas, apesar de sua aparente diversidade é o *habitus*. As práticas são entendidas, na perspectiva bourdieusiana, como “produtos estruturados (*opus operatum*)”, resultantes da mesma “estrutura estruturante (*modus operandi*)” (BOURDIEU, 2007, p. 164). O *habitus* é então essa “estrutura estruturada”, “disposição geral e transponível”, “necessidade incorporada, convertida em disposição geradora de práticas sensatas e de percepções capazes de fornecer sentido às práticas”; “o princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*principium divisionis*) de tais práticas”.

Isso porque ele se constitui como a forma incorporada da condição de classe e dos condicionamentos que ela impõe e que estão inconscientes no indivíduo. Como Bourdieu define: o *habitus* é “o princípio de divisão em classes sociais que organiza a percepção do mundo social e, por sua vez, o produto da incorporação da divisão em classes sociais” ou:

(...) o que faz com que o conjunto das práticas de um agente - ou do conjunto dos agentes que são o produto de condições semelhantes - sejam sistemáticas por serem o produto da aplicação de esquemas idênticos ou mutuamente convertíveis - e, ao mesmo tempo, sistematicamente distintas das práticas constitutivas de um outro estilo de vida. (BOURDIEU, 2007, p. 162-164).

⁸ Cabe lembrar que esse conceito de “classe enquanto prática”, embasada na multidimensionalidade do fenômeno, faz com que o autor rompa com o pensamento linear presumido pelos “modelos de classe teóricos” utilizados, em geral, nos modelos estatísticos. Contrariamente ao que se presume num modelo de regressão, na acepção bourdieusiana, não há um pensamento determinista, simplista, ou uma relação de causa e efeito. Como indica o autor, é justamente na acumulação, no conjunto que se estabelece entre os diferentes fatores ou propriedades que compõem a classe que reside a eficácia dessa acepção. É através de cada um dos fatores ou práticas considerados de uma determinada classe ou fração de classe que se revela a eficácia de todos os outros. Logo, não há um efeito de indeterminação, mas de sobredeterminação.

O *habitus* está, nesse sentido, intimamente atrelado à noção de *estilos de vida*. Estes podem ser compreendidos como um “conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos - mobiliário, vestuário, linguagem ou hexis corporal - a mesma intenção expressiva” (Bourdieu, 2007, p. 165). E o conjunto dos *estilos de vida* forma assim um sistema de diferenças, de sinais socialmente qualificados pelos agentes sociais, capazes, de conceder legitimidade às diferenças de posições dos agentes no espaço social. “Cada dimensão do estilo de vida “simboliza com” os outros, como dizia Leibniz, e os simboliza (...)” (Bourdieu, 2007, p. 165)

No artigo “*Gostos de classe e estilos de vida*” (1976), Bourdieu discorre mais sobre os *estilos de vida*. Ele sugere que há uma correspondência entre a posição dos indivíduos no espaço social e um determinado *estilo de vida*, já que resultam de *habitus* e condições de vida semelhantes. E que, em função disso, o conjunto dos *estilos de vida* se distribui pelos espaços sociais, se opondo uns aos outros, na mesma medida da distribuição das posições e dos condicionamentos sociais dos indivíduos.

Às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (aquilo que chamamos estilo de vida) porque são o produto do mesmo operador prático, o *habitus*, sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é o produto: a correspondência que se observa entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida resulta do fato de que condições semelhantes produzem *habitus* substituíveis que engendram, por sua vez, segundo sua lógica específica, práticas infinitamente diversas e imprevisíveis em seu detalhe singular, mas sempre encerradas nos limites inerentes às condições objetivas das quais elas são o produto e às quais elas estão objetivamente adaptadas. Constituído num tipo determinado de condições materiais de existência, esse sistema de esquemas geradores, inseparavelmente éticos ou estéticos, exprime segundo sua lógica própria a necessidade dessas condições em sistemas de preferências cujas oposições reproduzem, sob uma forma transfigurada e muitas vezes irreconhecível, as diferenças ligadas à posição na estrutura da distribuição dos instrumentos de apropriação, transmutadas, assim, em distinções simbólicas (BOURDIEU, P. e SAINT-MARTIN, M, 1976 p.18).

Para Bourdieu, o que está na origem dos diversos *estilos de vida* é o gosto. Este pode ser compreendido como uma “propensão e aptidão para a apropriação - material e/ou simbólica - de determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificantes” (Bourdieu, 2007, p. 165) ou como “sistema de esquemas de classificação” (Bourdieu, 2007, p. 166) ou ainda como o “operador prático da transmutação das coisas em sinais distintos e distintivos, das distribuições contínuas em oposições descontínuas” (Bourdieu, 2007, p. 165) que transforma diferenças de ordem física em distinções de ordem simbólica.

[O gosto] transforma práticas objetivamente classificadas em que uma condição significa-se a si mesma - por seu intermédio - em práticas classificadoras, ou seja, em

expressão simbólica da posição de classe, pelo fato de percebê-las em suas relações mútuas e em função de esquemas sociais de classificação. Ele encontra-se, assim, na origem do sistema dos traços distintivos que é levado a ser percebido como uma expressão sistemática de uma classe particular de condições de existência, ou seja, como um estilo distintivo de vida, por quem possui o conhecimento prático das relações entre os sinais distintivos e as posições nas distribuições, entre o espaço das propriedades objetivas, revelado pela construção científica, e o espaço não menos objetivo dos estilos de vida que existe como tal para a - e pela - experiência comum (Bourdieu, 2007, p. 166).

É ele, então, – e não as diferenças ocupacionais ou de renda - o que está na origem das diferenças entre as classes. Isso porque o gosto é, em si mesmo, a incorporação do espaço social, tal como ele se impõe e é experimentado pelos indivíduos. Eles, portanto, tendem a reproduzir sua lógica, operando “continuamente a transfiguração das necessidades em estratégias, das obrigações em preferências” e, dessa forma, influenciando “o conjunto das "escolhas" constitutivas de estilos de vida classificados e classificantes que adquirem seu sentido - ou seja, seu valor - a partir de sua posição em um sistema de oposições e de correlações” (Bourdieu, 2007, p. 166). Em função disso, há uma correspondência entre os gostos e as condições e posições dos indivíduos no espaço social. É o gosto o “que faz, (...), com que um indivíduo seja detentor do que gosta porque gosta do que tem” (Bourdieu, 2007, p. 166).

Por sua vez, a posição de distinção que os indivíduos recebem dentro desses campos, em conjunto com suas propriedades, está relacionada a um determinado nível de capital que é exigido pela lógica própria do campo. Os capitais são definidos como “uma relação social, ou seja, uma energia social que existe e produz seus efeitos apenas no campo em que ela se produz e se reproduz” (BOURDIEU, 2007, p. 107) e podem ser separados em três tipos: o capital econômico, o capital cultural e o capital *social*. Bourdieu explica, então, que as propriedades relativas às classes dos indivíduos, como é o caso, por exemplo, dos bens culturais, exigem um determinado capital para que eles possam ser consumidos. E, ao consumi-los, esses bens podem funcionar, eles mesmos, como capitais *objetivados* ou *incorporados* dos indivíduos.

(...) na prática, ou seja, em um campo particular, nem sempre todas as propriedades incorporadas (disposições) ou objetivadas (bens econômicos ou culturais), associadas aos agentes, são eficientes simultaneamente; a lógica específica de cada campo determina aquelas que têm cotação neste mercado, sendo pertinentes e eficientes no jogo considerado, além de funcionarem, na relação com este campo, como capital específico e, por conseguinte, como fator explicativo das práticas (Bourdieu, 2007, p. 107).

Pelo fato de que sua apropriação supõe disposições e competências que não são universalmente distribuídas - apesar de seu aparente inatismo -, as obras culturais são o objeto de uma apropriação exclusiva, material ou simbólica, além de garantirem, ao funcionarem como capital cultural (objetivado ou incorporado), um ganho tanto de distinção, proporcionado à raridade dos instrumentos necessários a sua apropriação, quanto de legitimidade, ganho por excelência, que consiste no fato de se sentir justificado para existir (tal como existe) e de ser como deve (ser) (Bourdieu, 2007, p. 214).

O lugar que um indivíduo ocupa dentro de um determinado campo não é necessariamente o mesmo que ele ocupa em outro. Os campos possuem a mesma estrutura homóloga, no entanto, algumas vezes, a posição de distinção conferida a uma propriedade de um indivíduo dentro de um campo pode ser diferente ou até mesmo oposta à de outra em outro campo. Por outro lado, em outros casos, a posição social específica atribuída aos agentes em um campo particular pode ser a mesma que ocupa. Isso acontece porque um campo pode exercer um efeito de contaminação sobre outros campos, uma vez que, em cada um deles, pode haver uma forma transformada de todos os outros. Segundo Bourdieu, o que ocorre, na prática, é que cada campo funciona como a expressão, ainda que de uma forma transfigurada, da própria posição da classe.

A configuração singular do sistema dos fatores explicativos que deve ser construída para justificar o estado da distribuição de uma classe particular de bens ou práticas - ou seja, um balanço, elaborado em determinado momento, da luta das classes, cujo pretexto é precisamente esta classe particular de bens ou práticas (caviar ou pintura de vanguarda, Premio Nobel ou mercado de Estado, opinião avançada ou esporte chique, etc.) - é a forma assumida, *neste* campo, pelo capital objetivado (propriedades) e incorporado (*habitus*) que define propriamente falando a classe social e constitui o princípio de produção de práticas distintivas, ou seja, classificadas e classificantes; ele representa o estado do sistema das propriedades que transformam a classe em um princípio de explicação e de classificação universal, definido a posição ocupada em todos os campos possíveis. (Bourdieu, 2007, p. 107).

As classes funcionam então como o princípio universal que expressa a posição dos indivíduos em cada um dos campos. Semelhantemente à posição num campo que expressa o volume de determinado capital de um indivíduo, as diferenças entre os agentes, em termos de classes, representam as diferenças entre as estruturas patrimoniais que possuem, ou seja, o conjunto dos diferentes capitais nas suas diversas proporções. As distinções entre as classes representam, por sua vez, as diferenças de volume global do capital - capital econômico, capital cultural e, também, capital *social* - e, portanto, do conjunto de recursos e poderes efetivamente utilizáveis pelos indivíduos. Elas se distribuem assim, desde as mais bem providas em capital econômico e cultural até as mais desprovidas destes dois aspectos.

1.6. Análises

Eric Olin Wright realizou avanços em relação à teoria das classes marxista. Diferentemente da tese de Poulantzas (1975) - e este é um dos autores com os quais ele dialoga - Wright desenvolve uma teoria na qual os trabalhadores de colarinho branco se constituem

como uma força contraditória ou uma terceira força na estrutura das classes. É justamente esse caráter contraditório o que permite ao autor inseri-los estruturalmente na divisão do trabalho capitalista e na organização das classes sociais marxista. Apesar de aparentemente esse mecanismo permitir a Wright desconstruir a concepção antagônica e dual de classes, presente no “modelo abstrato” de classes de Marx, na realidade ele a reconstrói de um ponto de vista mais complexo⁹. Isso porque as “localizações contraditórias de classe” só se constituem como tal, na medida em que se assemelham ou se diferenciam das classes superiores e inferiores, ou seja, das classes estritamente antagônicas. A teoria de Wright, nesse sentido, soluciona as premissas das “classes em transição” da “polarização das classes” em Marx, estabelecendo um lugar estrutural para as classes médias na teoria marxista. O que representa um avanço teórico em relação às teorias de classes marxistas até então produzidas.

Além disso, sua obra busca responder sistematicamente às lacunas e inconsistências de sua própria teoria. Por meio da teoria de John Roemer, Wright procura recolocar a questão da exploração ao centro de sua teoria e, ao mesmo tempo, manter a proximidade entre a noção de apropriação de ativos e de exploração. Ao realizar esse movimento teórico, Wright busca se desassociar das críticas que julgam sua primeira teoria mais próxima do arcabouço teórico de Weber do que de Marx. No entanto, mesmo com esse movimento teórico, Wright não parece se dissociar totalmente das premissas weberianas. A utilização da ideia de “aquisição de ativos” como sinônimo de exploração se configura como um avanço teórico, mas Wright não explicita como a “obtenção de qualificações escassas” leva necessariamente a uma relação de exploração de uma classe sobre a outra, tal como Savage observa (1992).

É preciso também destacar certas limitações da teoria de classes de Wright. Ao final de sua tipologia, com 12 “localizações de classe”, a pequena burguesia é compreendida como aqueles “donos dos meios de produção que possuem suficiente capital para trabalhar para si mesmos, mas não para empregar”; “aqueles que não exploram e nem são explorados”. Ela é também nomeada como a “antiga classe média”, típica de sistemas anteriores. No entanto, em determinadas passagens do livro - como na página 87 -, Wright deixa claro que a classe média no sistema produtivo capitalista atual, ou seja, a “nova classe média”, é formada por aqueles que se inserem nas “localizações contraditórias de classe”. O que em outros termos corresponde aos trabalhadores que dominam algum tipo de ativo: os gerentes, especialistas e os supervisores qualificados e não a pequena burguesia. Nesse sentido, parece que a pequena burguesia não encontra um lugar estrutural dentro da teoria do autor e não pertence às classes médias.

⁹ No livro *Estrutura de Posições de Classe no Brasil* (2002), José Alcides Santos observa este aspecto.

Além disso, a teoria de Wright acaba revelando um problema relativo à realidade de trabalho de países latino-americanos. No Brasil, assim como em diversos países latino-americanos, a informalidade é uma realidade para parcelas imensas de trabalhadores (CACCIAMALI, 1982, 2001, 2007, CARDOSO, 2016). Cerca de 40% da população trabalham ainda hoje dentro dessa realidade. Então, no Brasil, assim como nos países latino-americanos, o assalariamento, diferentemente dos países centrais, é pouco generalizado (MACHADO DA SILVA, 2002) e, nesse sentido, esses países não conseguem preencher os requisitos de uma sociedade assalariada. O peso dessa realidade de trabalho sobre os países periféricos está relacionado, segundo Cacciamali, com a forma de expansão do sistema capitalista.

A partir disso, muitos trabalhadores incluídos na categoria de “trabalhadores por conta própria” poderiam, nesse sentido, se encaixar na definição da pequena burguesia de Wright, isto é, “os donos de meios de produção que possuem suficiente capital para trabalhar para si mesmos, mas não para empregar” e que “não exploram e nem são explorados”. Então, essa nomenclatura, se aplicada às realidades latino-americanas, esconderia uma grande heterogeneidade, eclipsando a expressividade do trabalho informal existente no país. Além do que, a própria definição de classe de Wright pressupõe relações de assalariamento. Isso porque sua tipologia tem como base analítica as sociedades desenvolvidas do mundo capitalista, na qual o emprego formal é, em geral, a realidade para maioria da população. São sociedades nas quais o assalariamento é generalizado. Logo, sua teoria tem um limite heurístico para o caso dos países em desenvolvimento, nos quais a realidade de trabalho informal é premente.

Não é à toa que José Alcides Santos (2002) realizou um amplo trabalho de adaptação da teoria de Wright para o caso brasileiro. A partir dessa percepção acerca das especificidades da realidade de trabalho brasileira, ele buscou aprimorar a teoria de Wright, procurando atribuir um lugar estrutural para os trabalhadores informais, como no caso das trabalhadoras domésticas, dos trabalhadores “por conta própria” e o dos trabalhadores rurais não inseridos no mercado, ou seja, que não eram assalariados. Essa realidade, segundo Santos, estabelece um limite empírico para a aplicação da tipologia de Wright que se centra, em grande medida, nas relações formais de assalariamento.

Apesar das limitações teóricas subjacentes à teoria de Wright, ela é, junto à vertente marxista, uma teoria de grande envergadura. Ela, assim como as teorias marxistas, sugere que as relações que se estabelecem no âmbito do trabalho são fundamentais para as diferenciações entre as classes. Essa centralidade atribuída às relações de trabalho não deve ser perdida de vista. Além disso, existe um propósito heurístico subjacente à noção de classes na teoria marxista ou neo-marxista, tal como Darhendorf sugeriu. Segundo o autor, o conceito de classe

dentro dessas teorias não é um conceito cujo conteúdo está definido e/ou hermeticamente fechado, expressando a estratificação de uma realidade específica. Ao contrário, ele é antes uma ferramenta analítica para a compreensão das mudanças nas sociedades como um todo e, por isso, tem um sentido heurístico dinâmico. Isso sugere que é necessário compreender as classes a partir de uma postura relativamente aberta no que diz respeito ao seu conteúdo. O que é extremamente válido para o caso dos países latino-americanos como o Brasil, nos quais grande parte da realidade empírica do trabalho não se encaixa nos modelos teóricos do assalariamento pressupostos nos modelos marxista ou neo-marxista de classes.

Outro ponto interessante da teoria de Wright e da vertente marxista como um todo são as noções de exploração, de antagonismo e de conflito atrelados ao conceito de classe. Assim como Dahrendorf observa, os conflitos e as disputas fazem parte da sociedade, logo essas noções presentes no esquema analítico marxista são extremamente úteis para a compreensão das divergências que ocorrem no nível político. Não é à toa que a noção de grupos de interesse, com a qual trabalha, apresenta um sentido muito próximo ao das classes em Marx. Mike Savage (1992) também pontua que a noção de exploração é o que permite compreender um determinado grupo de interesses enquanto classe social. Esses comentários de Savage e de Dahrendorf sugerem, portanto, que os atributos relativos à exploração, ao conflito e ao antagonismo entre as classes originárias da teoria de Marx e como expressas pela teoria de Wright não devem ser ignorados e/ou deslegitimados quando se pensa em classes sociais, já que eles podem iluminar heurísticamente a compreensão de diferentes fenômenos sociais.

John Goldthorpe tem o mérito de ter desenvolvido um modelo operacionalizado por muitos pesquisadores e que se mostrou estatisticamente eficaz para a compreensão de fenômenos sociais tais como as escolhas educacionais ou partidárias nos países centrais. Por meio dessa ampla operacionalização do seu esquema, contribuiu para demonstrar, apesar das críticas de teóricos pós-modernos, que o conceito de classe ainda é capaz de explicar a realidade social.

Seu modelo de classes, assim como o de Wright, parte do pressuposto de que as relações de trabalho são fundamentais para as diferenciações de classe. Ele atribui, assim, uma centralidade ao trabalho e às relações que se estabelecem nesse ambiente. Esses são alguns dos aspectos, como foi observado para o caso de Wright, profícuos de sua teoria, haja vista a capacidade da dimensão do trabalho de elucidar diferentes aspectos da realidade social e a centralidade que possui dentro do sistema capitalista.

No entanto, as relações a partir das quais Goldthorpe constrói seu modelo são as relações formais de emprego e de ocupação. Nesse sentido, assim como Wright, seu modelo de classes

se constrói baseado em relações de trabalho formais dos países centrais. Nesses países, como foi exposto anteriormente, a realidade formal e institucional de trabalho é preponderante. No entanto, a realidade de assalariamento no Brasil não é generalizada. Cerca de 40% da população está inserida numa realidade de trabalho informal. Então, assim como em Wright, sua categoria “pequena burguesia” parece ser problemática, na medida em que abarca uma grande heterogeneidade de trabalhadores. Uma parcela extensa de trabalhadores no Brasil e nos países latino-americanos não encontra um lugar estrutural dentro de sua teoria, na medida em que ela está centrada em relações de assalariamento. A realidade de trabalho no Brasil e em países em latino-americanos não é, nesse sentido, bem capturada pelo modelo, como demonstra empiricamente Carvalhaes (2015).

Em função dessas especificidades da realidade de trabalho no Brasil, Nelson do Valle Silva (2003) e Carlos Antonio Ribeiro (2007) buscaram realizar adaptações do modelo para o caso brasileiro. Silva atentou para as distinções entre as “indústrias modernas” e as “indústrias tradicionais” e os impactos disso para a diferenças entre trabalhadores qualificados e não-qualificados dentro da estratificação sociocupacional brasileira. Ribeiro incorporou essa distinção, assim como estabeleceu adaptações para o caso dos grandes empregadores que são pouco capturados pelas amostras da PNAD, e dos trabalhadores conta própria rurais, já que, no Brasil, sua realidade socioeconômica está mais próxima à dos trabalhadores rurais. O modelo de Goldthorpe apresenta, nesse sentido, alguns limites teóricos para os casos latino-americanos.

O modelo múltiplo de classes de Goldthorpe faz perder também de vista a noção de antagonismo ou de conflito entre as classes. Apesar do autor partir da noção weberiana de diferenças entre os indivíduos no mercado para a construção do seu modelo, a multiplicidade de classes faz com que a centralidade das relações de exploração e de antagonismo se dilua em sua teoria, deixando escapar noções fundamentais para a compreensão da sociedade. Aliás, como ele mesmo explica, seu modelo se constrói numa direção diferente à noção de exploração marxista. Para Goldthorpe, as relações entre empregadores e empregados podem ser explicadas com base na teoria da ação racional. Sua ideia é a de que os interesses entre empregadores e empregados não necessariamente se opõem, ao contrário, podem, na medida do possível, se alinhar, em função das estruturas de incentivos empresariais. O modelo de Goldthorpe não tem, portanto, a noção de exploração como centro de sua teoria. O caráter antagônico e conflitante das classes, nesse sentido, se dissolve, – o que o distancia do modelo de Wright.

Além disso, Goldthorpe sugere que o tipo de relação que se estabelece no âmbito do emprego, seja ela “de serviço” ou “de trabalho” contribui para determinar o tipo de contrato dos empregados. Para aqueles que possuem “relações de trabalho”, os contratos tendem a ter

uma duração mais longa, já que sua maior qualificação faria com que a rotatividade desses empregados fosse desvantajosa para o empregador. Por outro lado, para aqueles imersos em “relações de trabalho” propriamente, a falta de especificidades e de ativos organizacionais os leva a maior rotatividade. Essa associação direta entre tipo de contrato e tipo de ocupação que Goldthorpe estabelece desconsidera fatores externos, tais como as decisões político-institucionais, que podem influenciar, mesmo dentro da lógica da racionalidade de ações dos empregadores, no tipo de contrato entre empregadores e empregados como um todo numa determinada sociedade, ou mesmo desconsidera os efeitos de fenômenos como os processos de reestruturação produtiva, terciarização e globalização, como pontua Machado da Silva, sobre os tipos de contrato de trabalho que se estabelecem mesmo para os trabalhadores “de serviços”; e/ou não leva em consideração as diferenças entre os tipos de contrato existentes entre esses profissionais, como pontuou Carvalhaes (2015). O autor ressalta, por exemplo, que, no Brasil, existem diferenças entre os tipos de contrato dos servidores públicos contratados e dos estatutários.

Mike Savage (1992) também tece algumas considerações acerca da teoria de classes de Goldthorpe. Por meio da análise da sociedade britânica, ele sugere que a noção de classes de serviços, tal como Goldthorpe desenvolveu não consegue, de fato, explicar a realidade da classe média britânica. Para ele, as classes médias são resultantes de três entidades causais: propriedade, burocracia e cultura. Ainda que elas não sejam simétricas, ele defende que é a junção dos ativos que se formam a partir dessas três dimensões (ativos organizacionais, ativos culturais e ativos imobiliários) o que permite alcançar, no Reino Unido, a condição das classes médias. Para ele, os ativos imobiliários são mais robustos na transmissão de potencial de exploração, isto é na definição das posições de classe, do que os ativos organizacionais e culturais. Além disso, existiria certa interdependência entre eles, na medida em que os ativos organizacionais não transmitem o mesmo grau de segurança que os ativos culturais, enquanto os ativos culturais só podem ser eficazes quando usados em organizações ou empresas.

Além disso, Savage se distancia de Goldthorpe, ao defender que as propriedades causais das classes são ativadas apenas em certas condições contingentes. Segundo o autor, não é possível presumir que as pessoas podem ser facilmente inseridas em uma das três classes médias, cada uma com atributos diferentes, porque há três ativos diferentes que afetam a formação da classe média, isto é, os ativos por si só não têm o poder de inserir as pessoas numa determinada posição de classe. As classes são, do seu ponto de vista, formadas apenas em circunstâncias históricas e espaciais específicas, e uma elaboração dessas circunstâncias é vital para mostrar como as classes médias realmente emergem como coletividades sociais distintas.

Logo, Savage sugere que a análise de classes deve ocorrer dentro de uma estrutura realista, na qual a análise das propriedades causais de diferentes formas de exploração que dão origem a coletividades sociais deve ser diferenciada de um estudo dos tipos de condições contingentes e contextuais que podem permitir a realização desses poderes causais. Nesse sentido, a dissociação de tipologias de classes em relação aos contextos históricos e espaciais é, segundo Savage, um dos limites da tipologia de classes de Goldthorpe.

David Grusky, assim como Goldthorpe e Wright, defende a pertinência do conceito de classes para a compreensão da realidade social. Ele também se posiciona contrariamente às análises pós-modernas que deslegitimam de antemão o poder explicativo do conceito para a compreensão da realidade social. No entanto, ele busca defender seu modelo de microclasses justamente em oposição àqueles.

No entanto, a linha de argumentação de Grusky, por mais que seja uma tentativa de fortalecer a noção de classe, parece, ao contrário, limitar a sua utilização e diminuir sua pertinência analítica. Isso porque ela se baseia num pressuposto extremamente institucional. Todo o seu argumento presume que as ocupações sejam formalmente definidas e/ou desenhadas institucionalmente. Em grande medida, é também dependente das relações de assalariamento. Nesse sentido, assim como Wright e Goldthorpe, Grusky tem como pano de fundo a realidade de trabalho dos países centrais, nos quais a institucionalização e/ou a formalização das ocupações é mais expressiva.

Nesse sentido, esse modelo de classes não se encaixa bem na realidade brasileira ou latino-americana. Como foi exposto anteriormente, o Brasil possui uma realidade de trabalho informal muito vasta. Segundo Cardoso (2016), os trabalhadores informais, na média, ocupam posições mais vulneráveis e precarizadas dentro do mercado de trabalho. Isso significa que grande parte dos indivíduos inseridos nessa realidade de trabalho não possui estabilidade profissional e que eles estão sujeitos à maior rotatividade no trabalho. Assim, há uma dificuldade, inclusive, na delimitação das fronteiras entre suas ocupações.

Além disso, grande parte das ocupações informais não é resultante de um processo de profissionalização e/ou de institucionalização do trabalho. Ao contrário, como sugere Cacciamali (1982), grande parte das qualificações exigidas para o exercício desses trabalhos é adquirida fora do sistema escolar formal. Além disso, essas ocupações não são regulamentadas e sequer se constituem como horizontes aos quais os indivíduos aspiram profissionalmente. Tampouco formam plataformas pelas quais promovem ações de fechamento de mercado. Logo, o ensino de habilidades através do qual se realiza a inserção profissional dos futuros trabalhadores, assim como a ação coletiva realizada por determinadas associações se

constituem como uma realidade, na maior parte das vezes, somente para os trabalhadores formais. Nesse sentido, as linhas de estruturação da realidade empírica, as quais Grusky atribui às classes ocupacionais, não parecem, na realidade, fazer muito sentido dentro da realidade de trabalho brasileira ou latino-americana.

Grusky, mais do que Wright e Mills, é dependente das tipologias ocupacionais. Ele critica o modelo de Goldthorpe que, ao estabelecer comparações entre países, pode ocultar especificidades locais, mas a sua tipologia ocupacional também não parece permitir grandes comparações, haja vista as especificidades da realidade de trabalho dos países latino-americanos. E, como pontua Ribeiro (2007), em função da imensa lista de ocupações, se torna inviável sua operacionalização. Essa restrição aos limites ocupacionais faz perder ainda mais de vista as relações entre as classes. Aliás, os modelos de Goldthorpe e de Wright ainda partem de relações de emprego para delimitação do seu escopo de classes, já o de Grusky perde de vista totalmente qualquer tipo de relação real entre elas. O mesmo ocorre com a noção de exploração, de antagonismo e ou de conflito entre as classes que não são centrais para o modelo e estão, portanto, de uma forma, geral, ausentes do modelo de Grusky.

Por outro lado, Grusky busca defender o modelo das microclasses como aquele que explicita melhor os mecanismos causais das classes em comparação com os modelos das macro classes. Grusky tem razão ao afirmar que os modelos macros podem acabar deixando escapar alguns mecanismos causais, como o do fechamento de mercado. De fato, outras dimensões da vida social, como, por exemplo, a influências das políticas públicas e/ou de decisões no interior de instituições políticas não são ponderadas pelos modelos das macroclasses como possíveis mecanismos que contribuem para o acirramento das relações entre as classes. No entanto, nos modelos “agregados” são as relações assimétricas de emprego que funcionam como o mecanismo causal central das classes. O modelo de Grusky, no entanto, não tem nem essas relações ao centro da construção de sua tipologia.

Aliás, os trabalhos de Grusky, Goldthorpe e Wright, por eles estarem buscando aplicar seus modelos dentro de análises estatísticas e que, em geral, estão centradas nas repostas dos indivíduos aos *surveys*, acabam partindo de uma delimitação individualizada para a delimitação do fenômeno das classes. Por mais que isso possa ser estendido para os outros membros da família, esses modelos acabam limitando o fenômeno das classes à realidade de trabalho individual e fazendo perder de vista outros atributos coletivos, relativos ao fenômeno, tais como as condições de vida familiares e os estilos de vida, como sugeridos por Bourdieu. Escapa a eles, pelo menos num primeiro momento, a noção de que a classe é um fenômeno familiar e,

logo, coletivo. Nessa linha de raciocínio, torna-se importante compreender os aspectos que possibilitam as condições da vida coletiva e estão relacionados ao fenômeno.

O modelo bourdieusiano de classes, nesse sentido, abre caminho para pensar a classe como um fenômeno múltiplo, presente no dia a dia das pessoas e que está atrelado à sua condição de vida. Como a condição de vida se constrói, sobretudo, em meio familiar, pelos recursos disponíveis nesse ambiente e, do ponto de vista bourdieusiano, a partir dos diferentes tipos de capitais, ele abre espaço para pensar a classe como um fenômeno familiar e, logo, coletivo. Ele, portanto, amplia o sentido da noção classe.

Embora Bourdieu, ao desenvolver seu arcabouço teórico, tenha buscado se afastar do materialismo marxista, sua conceituação de classes é flexível o suficiente para manter, ao mesmo tempo, a relevância que as ocupações possuem para a configuração das classes sociais. Como ficará mais claro nos próximos capítulos, ele mesmo parte das diferenças ocupacionais para a construção objetiva das classes, ainda que não se limite a essas. A sua definição de classe enquanto prática e como um fenômeno multidimensional não significa, portanto, um rompimento necessário com a centralidade das ocupações, mas uma ampliação do conteúdo das classes sociais e, logo, de sua delimitação. Ela se expressa em elementos os mais diversos, os quais, aparentemente não possuem relações entre si e está presente em aspectos materiais e simbólicos referentes a múltiplas dimensões da vida que são cotidianamente “escolhidos” e consumidos pelos indivíduos.

A concepção de classes de Bourdieu também se baseia na centralidade das relações sociais. Sua definição é dada a partir da posição de alteridade que os atores estabelecem entre si e que são passíveis de classificação. O *habitus* se constitui como o princípio fundamental que possibilita o sistema de classificação dessas práticas. No entanto, a relação de alteridade não passa necessariamente por uma estrutura típica, como no caso das relações de assalariamento. Dessa forma, a noção relacional de classes de Bourdieu é mais maleável teoricamente e, nesse sentido, pode se moldar a realidades empíricas diversas, tal como as realidades latino-americanas.

Outras propriedades atreladas à concepção de classes de Bourdieu são as disputas, os conflitos e antagonismos que se estabelecem entre elas. Essas noções são, aliás, centrais na teoria de classes bourdieusiana. Os sujeitos sociais estão a todo instante em disputa pelas melhores posições sociais. Visam ascender e/ou se manter socialmente em suas posições ou, no mínimo, evitar a mobilidade descendente. Dentro dessa acepção conflitiva e antagonista de classes, o conceito de capital tem um papel fundamental. Os capitais formam, nesse sentido, o conjunto de recursos e poderes utilizáveis por eles dentro da estrutura social. Isso indica que os

conflitos inerentes às classes expressam uma luta por poderes e funcionam como uma disputa política, ainda que no sentido micro da realidade social dentro dessa perspectiva.

Em relação às disputas e antagonismos entre as classes, Savage (1992) estabelece considerações interessantes. Ele observa que o capital cultural, tal como conceituado por Bourdieu, é o resultado de “violências simbólicas” entre os sujeitos sociais, resultante das lutas sociais entre eles. Nesse processo, a legitimação da cultura de uma classe significa o descrédito de outra. Em meio a essa luta, as classes antagônicas se formam à medida que a legitimação de umas expressa a deslegitimação de outras. A partir disso, Savage, observa que a concepção de cultura em Bourdieu permite pensar que ela pode ser, em si mesma, compreendida como uma dimensão a partir da qual se estabelecem relações de exploração. Por meio da cultura, uma classe pode, então, ao legitimar a sua própria cultura e deslegitimar a outra, estabelecer uma relação de exploração com outra classe. A cultura é desse ponto de vista um meio para o estabelecimento de relações de exploração. Os elementos que concedem e/ou expressam capital simbólico e cultural exercem, nesse sentido, um papel fundamental nas disputas entre as classes.

Nesse ponto, a teoria de classes de Bourdieu se aproxima da teoria marxista. Ela permite pensar a classe enquanto um lócus fundamental de exploração, de conflitos, disputas e antagonismos. A concepção de Bourdieu mantém assim as propriedades das classes derivadas da noção sociológica de Marx, que, segundo Dahrendorf, são fundamentais para a aplicabilidade do conceito em realidades concretas contemporâneas e, dessa forma, mantém o propósito heurístico subjacente à noção de classe de Marx. Segundo Savage, a teoria bourdieusiana abre brechas para pensar que as classes sociais são coletividades sociais enraizadas em tipos particulares de relações de exploração, o que, segundo o autor, é fundamental para compreender esse fenômeno – e o que vai ao encontro do que Dahrendorf sugere em relação à teoria de Marx. Bourdieu também distingue dois tipos de capital: o econômico e cultural. Sua compreensão acerca do capital econômico é próxima da visão de Marx.

No entanto, é preciso pontuar que o sociólogo francês, ao realizar suas análises tem como pano de fundo a realidade francesa. Assim, algumas das premissas de sua teoria, como a autonomia do capital cultural em relação ao capital econômico ou mesmo a descrição de determinadas características das classes dominantes, se constroem tendo em vista as especificidades dessa realidade. É, preciso, nesse sentido, averiguar em que medida determinadas premissas estabelecidas pelo autor são válidas para o caso brasileiro ou latino-americano.

O multidimensionalismo de Bourdieu põe em destaque o papel que o consumo possui sobre a dimensão das classes. A aquisição de produtos pode funcionar, sobretudo dentro de um contexto de forte mercantilização da vida, como um mecanismo de acesso a bens simbólicos e culturais que levam a ampliação do capital cultural dos indivíduos. Nesse sentido, o consumo - tendo em vista que a cultura, como sugere Savage, pode ser um lócus de deflagração de relações de exploração entre as classes - pode ser um meio para o desencadeamento de relações de exploração. Dessa forma, ele funciona como um mecanismo, por meio do qual, disputas e relações conflitantes podem irromper.

Mike Savage destaca ainda que, embora os bens culturais possam ser armazenados por meio do *habitus*, para se transformarem em ativos culturais e gerarem recompensas materiais, como renda alta e estabilidade no emprego, eles devem ser aplicados no mercado de trabalho. Logo, eles precisam ser aplicados em contextos organizacionais, transformando-se, dessa maneira, em ativos culturais. Ao utilizarem seus ativos culturais em contextos organizacionais, esses indivíduos acabam adquirindo outras formas de ativos, como, por exemplo, os ativos organizacionais. Estes, por sua vez, podem se transformar em ativos econômicos que podem lhes render posições vantajosas dentro da estrutura social. Em outros termos, isso significa que um tipo de ativo pode se transformar em outro e isso é o que permite acessar determinadas posições sociais de destaque dentro da hierarquia social. Esse caráter de transmutação entre os ativos permite pensar que o consumo, pode se configurar, dentro da perspectiva bourdieusiana, como um meio importante para também obter ativos e gerar recompensas materiais no âmbito do mercado de trabalho.

Além disso, o consumo não é só uma dimensão fundamental para a construção dos estilos de vida, isto é, uma forma de expressar uma determinada posição social, mas, um mecanismo para acessar recursos e adquirir uma determinada condição de vida dentro da estrutura social. Ao consumir você constrói um *estilo de vida* e, ao afirmar esse *estilo de vida* no espaço público, você marca sua posição na hierarquia dos estilos de vida, afirmando sua posição de dominante ou de dominado. Essa é uma forma de manifestação de poder. Logo, o consumo é um dispositivo que pode expressar essas posições de poder.

1.7. Considerações finais

Esta tese parte do pressuposto, tal como os autores aqui expostos sugerem, de que a classe é um conceito fundamental para a compreensão da realidade social. Ela não tem a pretensão de propor um conceito de classes próprio, mas parte da premissa de que as classes sociais possuem características primordiais que não devem ser negligenciadas, afim de que possam iluminar de forma mais contundente determinados fenômenos sociais.

As classes estão intimamente relacionadas à dimensão econômica, como Marx ou Weber sugeriram. Nesse sentido, as ocupações têm um papel central na sua delimitação. No entanto, as características ocupacionais devem levar em consideração os aspectos específicos das temporalidades e localidades, como no caso da realidade socioeconômica atual dos países latino-americanos. Além disso, as classes expressam um fenômeno essencialmente conflituoso e antagônico. Assim, os atributos relativos à exploração, ao conflito e ao antagonismo, originários da teoria marxista, são primordiais na sua configuração e, logo, heurísticamente imprescindíveis, como pontuou Dahrendorf.

Embora a dimensão econômica e as ocupações tenham um peso estrutural sobre seus alicerces, o fenômeno das classes não se restringe a essas últimas. Ele se expressa por meio de múltiplos fatores, a exemplo dos estilos de vida, como Bourdieu sugeriu. São, portanto, manifestações multidimensionais. Além disso, os *habitus* de classe, adquiridos em meio à socialização e que se relacionam aos diferentes tipos de capital, demonstram que as classes dizem respeito também a um fenômeno coletivo e familiar. Elas são ademais o resultado das relações sociais que se constroem em um momento histórico e geográfico específicos, como destacou Savage. Embora estejam atreladas, num sentido macro, à sociedade capitalista, não podem ser descontextualizadas das relações sociais a partir das quais submergem e de suas âncoras espaços-temporais específicas.

Com base nisso, esta tese utilizará o conceito de classe no sentido bourdieusiano, uma vez que o seu modelo permite abranger as características primordiais aqui elencadas. Por serem multidimensionais, a classe na perspectiva bourdieusiana é mais flexível analiticamente, permitindo compreender os diversos mecanismos que podem reverberar sobre as classes, incluindo-se nisso o consumo. Além disso, seu conceito de classe abarca os atributos da exploração – tal como sugerido por Savage -, dos conflitos e dos antagonismos típicos do marxismo que, segundo Dahrendorf, são relevantes em termos investigativos. Isso não significa, ao mesmo tempo, uma filiação automática e irrestrita à sua teoria. Sua operacionalização não excluirá, por exemplo, as especificidades histórico-geográficas do Brasil, nem a centralidade da dimensão socioeconômica e das categorias ocupacionais para o conceito de classe, como destacadas pelas vertentes weberiana e marxista. O conceito de

Bourdieu, justamente por ser moldável, permite esse exercício analítico. Desse ponto de vista, ele se mostra mais interessante para o problema de pesquisa aqui em questão.

A introdução desta tese já demonstrou os perfis socioeconômicos tendencialmente opostos dos manifestantes pró e contra o impeachment. Esse é um primeiro aspecto que indica a pertinência da utilização do conceito. No entanto, essa é apenas uma pista inicial. Ao longo dos próximos capítulos, o próprio desenrolar da pesquisa, sobretudo, do trabalho empírico justificará a pertinência do conceito de classe para o problema da pesquisa aqui postulado e, conseqüentemente para o desenvolvimento da hipótese final. Este trabalho parte, então, da premissa de que o conceito de classe, tendo em vista esses atributos essenciais, é fundamental para a compreensão dos problemas que orientam esta pesquisa.

2. CLASSES MÉDIAS BRASILEIRAS E O PESO DA ORDEM DESIGUAL

2.1. Introdução

Apesar do céu nublado e das chuvas esparsas, segundo o Datafolha, 210 mil pessoas e, segundo a polícia militar, um milhão ocupam a Avenida Paulista no domingo, dia 15 de março. Caminhões de som e gritos contra o PT, contra a presidenta Dilma Rousseff, e contra o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, cantos entusiasmados do hino nacional dão trilha sonora ao tradicional espaço de manifestações da cidade de São Paulo. Camisetas da seleção brasileira, bandeiras do Brasil e outros adereços com as cores da bandeira nacional, antes de uso quase restrito às olimpíadas e às copas do mundo de futebol, adicionam um novo colorido ao cenário. Muitos cartazes com ditos como “CorruPTos”, “Fora PT” e “nossa bandeira jamais será vermelha” também decoram a avenida. Os policiais tiram fotos a pedido dos manifestantes.

Em meio à manifestação, jornalistas da Folha de São Paulo buscam entrevistar alguns manifestantes a fim de compreender os motivos pelos quais eles estavam participando do evento, registrando-os em vídeo. Em meio às entrevistas, os repórteres perguntam para algumas pessoas sobre quem eles achavam que estava participando das manifestações naquele dia. O ministro do Meio Ambiente da época, de cima de um dos caminhões, ensaia uma resposta: “Olha a cara das pessoas, se vê que está cheio de gente... Você tem de tudo. *E o povo é inclusive a classe média alta. Que paga imposto, que trabalha*”. Em outra parte do vídeo, uma senhora, de mais de sessenta anos, que se identifica como pertencendo ao movimento “Vem pra rua” ao descrever os manifestantes declara: “*É mais classe média. Baixa e alta, mas classe média*”.

Outra mulher, branca e de meia idade, diz: “A gente não votou nela, né? (...) Até a classe mais simples..., apesar dela [a presidenta] falar que isso é *coisa da elite* isso aqui, tá todo mundo revoltado. Eu tenho funcionários meus que estão aqui hoje.” Um homem branco professa do alto do que parece ser um carro de som: “*Esse conceito de elite* vai ter que começar a ser mudado”. Outra jovem professora do Colégio Bandeirantes, diz: “*O que é elite pra você? Você acha justo eu trabalhar e o cara que não trabalha ter a mesma condição social que eu? Eu acho que oportunidade de emprego todo mundo tem. (...) A galera protesta também pelo que atinge. Então, é individualismo um pouco também*”. Em outro trecho do vídeo, outra manifestante de meia idade, em voz alta, usando óculos da Ray-Ban expressa com certa raiva: “Eu sou pernambucana, eu tenho orgulho de nunca ter votado no PT. *Eu não preciso de cesta*

*básica, eu preciso de uma cesta de café da manhã com Veuve Clicquot. (...) Chandon, não é rapadura, é Chandon. (...) Eu votava no Maluf, eu morava em Higienópolis. Maluf rouba, mas faz”*¹⁰.

Por meio desses trechos transcritos do vídeo, é possível perceber que, muitas pessoas que participavam do evento tinham uma percepção relativamente compartilhada de que as pessoas que participavam do evento estavam próximas daquilo que consideram classes médias e/ou de uma elite. Cabe lembrar que no Brasil, conforme demonstra a pesquisa de Salata (2015), existe uma correspondência muito forte entre a identidade de classe média e os grupos que socioeconomicamente estão inseridos no nível “AB” de renda, ou seja, encontram-se no topo da hierarquia de renda.

Mas afinal, porque os manifestantes os consideravam a si próprios como majoritariamente de classe média e/ou de elite? Que tipo de elementos relativos aos *estilos de vida* das classes médias é possível apreender a partir da literatura específica sobre o tema e da literatura que trata das desigualdades socioeconômicas com base nas contingências locais? De que forma essas literaturas podem ajudar a esclarecer os componentes sociológicos compartilhados pelas pessoas das classes médias no Brasil?

Essas são as perguntas que norteiam este capítulo. Ele tem, então, como objetivos principais - tendo em vista uma conceituação de classe histórica e espacialmente informada e centrada em propriedades fundamentais como as relações de exploração, de conflito e de disputas -, apontar elementos característicos das classes médias brasileiras - que aparentemente funcionam como elementos estruturais para a sua condição de classe - a partir da literatura específica do tema, bem como, propor outros elementos com base na literatura acerca das desigualdades socioeconômicas no Brasil.

Este capítulo, então, se constitui como um exercício inicial de caracterização do estilo de vida das classes médias brasileiras e que encontra na literatura a sua fundamentação. Ele não pretende, nesse sentido, encerrar essa caracterização nem os elementos que poderiam ser elencados nele. Na realidade, ele é apenas uma tentativa inicial de se aproximar das características típicas do *estilo de vida* das classes médias brasileiras. Nesse sentido, o trabalho empírico realizado no capítulo quatro contribuirá para caracterizar os estilos de vida das classes médias brasileiras na década de 2000 de forma mais consistente e, nesse sentido, verificar em que medida os elementos aqui levantados fazem parte, como um todo, deles.

¹⁰ O vídeo foi acessado em 14 de fevereiro de 2020 pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=JBrkxiBpCVQ>. Foram transcritas apenas algumas partes do vídeo, pertinentes para este capítulo.

2.2. O conceito de classe média

O termo “classe média” é atualmente muito utilizado por economistas, tanto em âmbito nacional como internacional. Interessados em mensurar a riqueza e sua distribuição no interior dos países, os estudos econômicos adotam determinados modelos de estratificação social nos quais a categoria “classe média” é utilizada para delimitar os segmentos médios das classes de renda e a renda é frequentemente utilizada como fator exclusivo para a sua delimitação¹¹. Assim, de modo geral, a classe média se define como o terço médio da distribuição de renda. Nesse sentido, a noção de “média”, muitas vezes, serve para expressar aqueles grupos que se encontram dentro do escopo mediano de renda dos países. Não por acaso esta foi a metodologia utilizada pelo economista Marcelo Neri para a delimitação da Nova Classe Média no Brasil (2008a, 2008b, 2010, 2011).

Além disso, a noção de “classe média”, associada à noção de extratos econômicos, é comumente utilizada pelos meios midiáticos para se referir às classes sociais. Assim, em função da ampla manipulação do termo pelos meios midiáticos, há um uso corriqueiro da noção no imaginário popular (HOPENHAYN, 2010). Mas a imprecisão do termo não se reduz aos vocábulos do discurso midiático. Muitos trabalhos acadêmicos adotam o termo acriticamente. A existência de uma classe média aparece, muitas vezes, como um dado óbvio, sem grandes problematizações e que, portanto, não requer demonstrações (ADAMOVSKY, 2013).

Por outro lado, ainda que o termo seja definido, nem sempre o seu conteúdo é delimitado a partir de um sentido particular. Em muitos trabalhos, como aponta Savage (1992), o conteúdo do que se entende por classe média é definido pela negativa, isto é, mais por aquilo que não é do que por um conteúdo próprio original¹². Além disso, é comum que em certas pesquisas o conceito de classe média traga consigo uma carga pejorativa e um tom moral condenatório¹³, o que dificulta a compreensão mais complexa do objeto¹⁴.

Alguns autores questionam se a utilização do termo é uma simples repetição de um slogan político (ADAMOVSKY, 2013), ou se o termo é capaz de representar um sujeito social uno e homogêneo, como está implícito em sua definição (HOPENHAYN, 2010). Pochmann

¹¹ Ver, sobre este ponto, os trabalhos de BUSSOLO, MALISZEWSKA, MURARD, 2014; KHARAS, 2010; MILANOVIC, YITZHAKI, 2002; RAVALLION, 2010; THUROW, 1987;

¹² Ver, por exemplo, o trabalho de Décio Saes (1975) *Classe média e política na primeira república brasileira (1889 – 1930)* e a introdução de J. A. Guilhon Albuquerque (1977) no livro *Classes médias e política no Brasil* organizado pelo próprio autor.

¹³ Ver, por exemplo, o trabalho de JESSÉ SOUZA “A Classe média no espelho: sua história”, 2018.

¹⁴ Ver, por exemplo, o trabalho de Bolívar Costa (1973) *O drama da classe média*.

(2014), por outro lado, indica que o termo apresenta múltiplos significados que se modificam ao longo do tempo, sobretudo, a partir das transformações estruturais do sistema capitalista. Essa diversidade de significados atribuída ao termo também se dá pelas diferenças conceituais e de perspectiva dos autores que manuseiam o conceito. Assim, como muitos autores destacam¹⁵, é comum que o termo “classe média” esteja indefinido em termos do seu conteúdo ou que apresente múltiplos sentidos ao longo de uma mesma obra.

Como foi exposto no capítulo anterior, dentro da literatura marxista existia um problema teórico em relação à delimitação da pequena burguesia ou da classe média. Com isso, diferentes autores marxistas como Nicos Poulantzas (1975), Barbara e John Ehrenreich (1979) e Erik Olin Wright (1985) debruçaram-se sobre a polêmica da classe média, desenvolvendo teorias a partir de diferentes matizes, para explicar o lugar desse grupo na estrutura de classes marxista.

Dentro da vertente weberiana, o conceito de classe média, ao contrário da teoria marxista, não enfrenta dificuldades teóricas dentro da própria teoria no que diz respeito à sua legitimidade. Assim, como um neo-weberiano, o sociólogo norte-americano Charles Wright Mills (1969) desenvolveu, na década de 1950, um relevante trabalho sobre a “nova classe média” norte-americana. Ele a caracterizou, sobretudo, como uma classe que exercia trabalhos não manuais. Já na década de 1980, também dentro da linha weberiana, John Goldthorpe, a definiu como uma “classe de serviços”.

Na obra de Pierre Bourdieu, também na década de 1980, a classe média aparece delimitada a partir de um *estilo de vida* próprio em comparação com as classes populares e as classes superiores. Seu *estilo de vida* é resultante dos capitais culturais e econômicos que possui. Os indivíduos inseridos nessa classe estão a todo instante em disputa por distinção e, nesse sentido, buscam melhores posições dentro da hierarquia social.

Em relação aos aspectos teóricos, é interessante destacar que, tanto na linha marxista como na weberiana, a classe média é delimitada por seu tipo ocupacional. Seja na perspectiva de Wright, como na de Mills e Goldthorpe, ela tende a se caracterizar pelo exercício de funções não manuais. O trabalho de Mills é extremamente relevante, na medida em que leva em consideração a dimensão da ocupação, mas, não descarta as dimensões relativas ao status, aos valores e ao poder típicos da classe média. Nesse sentido, ainda que não reduza as dimensões do prestígio e a do poder à dimensão econômica, entende que existem interligações entre elas e, portanto, que não são dimensões estanques. Desse ponto de vista, ele permite pensar que os aspectos relativos aos valores culturais, ao prestígio e às disputas de poder são também

¹⁵ MILLS, 1969; WRIGHT, 1985; HOPENHAYN, 2010; SCALON & SALATA, 2012; ADAMOVSKY, 2013

fundamentais para caracterizar as classes médias. Além disso, ele parte de uma conceituação de classe média com conteúdo próprio e que é específica de uma conjuntura histórico-geográfica.

Já o trabalho de Bourdieu lança luz sobre a importância do consumo para a condição e a estilização da vida dos indivíduos das classes médias. Além disso, destaca a importância das disputas em torno dos diferentes capitais na vida dessas pessoas. Seu arcabouço teórico permite, assim, pensar as pessoas das classes médias como aqueles que possuem um capital cultural e econômico mediano e que estão numa luta constante para elevar o seu *estilo de vida* e/ou, no mínimo, para mantê-lo.

Nesse sentido, a teoria de classes de Bourdieu parece convergir e se complementar com a de Mills. Mills estabelece uma ênfase sobre a realidade ocupacional para a definição da classe média e pontua que ela é heterogênea. Por outro lado, não descarta a importância de aspectos simbólicos e culturais, relativos aos valores, ao prestígio e ao poder na vida dessas pessoas. Assim, a ênfase de Bourdieu sobre a estilização da vida, por meio do qual o consumo realiza um papel significativo – e que não descarta o papel das ocupações –, se converge com a proposição de Mills.

Além disso, Mills abre brechas para pensar as especificidades dos diferentes contextos histórico-geográficos para caracterizar as classes médias. Já Bourdieu recoloca a noção de conflitos e disputas ao centro dos atributos das classes e, nesse sentido, das classes médias. Por mais que esta propriedade não tenha a mesma centralidade dentro da proposta de Mills, ela vai ao encontro com a de Bourdieu, na medida em que Mills também observa que as classes médias estão numa luta constante pela manutenção de sua posição de poder dentro da hierarquia social.

Em função das possibilidades teóricas que os dois autores abrem para pensar as classes médias em âmbito nacional e a convergência e a complementação teóricas que se estabelecem entre eles, Mills e Bourdieu serão utilizados – ainda que tendo em vista as especificidades locais de seus arcabouços teóricos –, em conjunto com os autores nacionais que discorrem sobre o tema ou sobre temas correlatos para a o exercício inicial de caracterização das classes médias brasileiras. Assim, na próxima seção, serão elencadas e discutidas de forma mais específica algumas das características que a literatura sugere para os estilos de vida das classes médias brasileiras.

2.3. Classes médias brasileiras: uma caracterização a partir da literatura

2.3.1. A força da ordem desigual sobre a sociabilidade

A desigualdade socioeconômica é um elemento primordial da sociabilidade no Brasil. A lenta transição da escravidão para um regime de trabalho livre pela qual passou a sociedade brasileira, deixou como marca uma profunda concepção de mundo hierárquica e inercial dos brasileiros (CARDOSO, 2010). A morosa reorganização da sociedade do trabalho teve como consequências a formação de um comportamento social marcado fortemente por um conformismo e por um princípio hierárquico, os quais possibilitaram a constante naturalização e reprodução das diferenças socioeconômicas e de posições sociais no Brasil.

Outros fatores também contribuíram para a persistente reprodução da pobreza e da desigualdade brasileiras. Segundo Cardoso (2010), elas são resultantes de uma combinação de eventos do processo de formação da sociedade brasileira durante o século XX. Ao longo do processo de construção da sociedade do trabalho, o padrão de incorporação dos trabalhadores brasileiros na ordem capitalista, a estrutural fragilidade do Estado brasileiro, a persistente violência estatal contra o trabalho organizado, a diminuta participação do operariado industrial na estrutura social e a fragmentação das formas desorganizadas de obtenção dos meios de vida - expressas pelos trabalhos “informais” - formaram um conjunto de elementos primordiais que contribuíram para a construção de uma sociedade persistentemente desigual e tendencialmente inercial.

Além disso, de acordo com Cardoso, a percepção da desigualdade foi um elemento decisivo para o processo de legitimação da ordem social injusta e desigual. Um dos fatores fundamentais, nessa dinâmica de legitimação, foi a promessa da cidadania regulada. As promessas amesquinhas do Estado brasileiro de inclusão dos mais pobres na ordem desigual - por meio da concessão da carteira de trabalho, do salário mínimo, etc - se constituíram como uma verdadeira utopia brasileira e tiveram forte impacto sobre a percepção dos cidadãos em torno das desigualdades. Essa utopia estruturou as aspirações dos excluídos que, ao contrário de quererem transformar/suprimir a ordem desigual, desejavam se incluir nela. Os indivíduos que não conseguiam obter o “status de cidadão” ficavam na expectativa de consegui-lo. Existia sempre a possibilidade de ascender socialmente, de se incluir na ordem desigual. Isso fazia com que a ordem social, ainda que compreendida como desigual e injusta, fosse considerada, pelos atores sociais, aberta à mobilidade social. O que, de forma indireta, permitia a legitimação das posições sociais dos incluídos e dos excluídos nessa ordem social extremamente desigual.

Nesse sentido, a possibilidade de mobilidade social colaborava, contraditoriamente, para a manutenção da inércia social e contribuía para a manutenção das desigualdades das posições na hierarquia social,

Em relação à mobilidade, Pastore e Silva (2000) constataram que, apesar da enorme desigualdade socioeconômica, esse é um fenômeno constante no Brasil. Os autores analisaram dados do IBGE de 1973 a 1996 e verificaram que, ao longo desse período, houve um aumento de 24% na mobilidade circular do país. Nesse processo, segundo Pastore e Silva, “a maior parte da população passou de um estrato social baixo para outro imediatamente superior. A menor saltou vários degraus” (PASTORE, SILVA, 2000, p.3). Os autores observaram que houve, nesse período, um dinamismo na sociedade brasileira, com uma grande fluidez, sobretudo, na base da hierarquia, capaz de modificar a composição de diferentes estratos sociais. Por outro lado, constataram que a resistência à mobilidade na estrutura social não se alterou. O que significa que, apesar da fluidez, o Brasil, país com fortes contrastes socioeconômicos, se caracterizava por ter uma estrutura de posições hierárquicas extremamente resistente.

Ao nível das interações sociais, alguns mecanismos de violência simbólica, segundo da Roberto da Matta (1980), contribuía para a inércia da ordem desigual e sua legitimação. O antropólogo observou que o rito do “Sabe com quem está falando?” estabelece uma separação e hierarquização autoritária das pessoas no Brasil. Ele mostra que existe um princípio hierárquico que, apesar de não ser declarado, estrutura a sociedade brasileira e que deve ser respeitado pelas pessoas. Segundo da Matta, esse princípio hierárquico não é uma expressão momentânea e da moda, mas um mecanismo que expressa como a sociedade brasileira possui um sistema social extremamente preocupado com “cada qual no seu lugar”, ou seja, com a hierarquia e a autoridade.

Segundo da Matta, ainda que essa concepção hierárquica da sociedade seja conhecida por todos - existe uma enorme consciência em relação à posição social por parte dos atores – ela não é explicitamente reconhecida e legitimada. Existe uma tendência a negá-la, a enxergá-la como algo indesejável. Ela não é, portanto, motivo de orgulho, já que esse rito autoritário indica sempre uma situação conflitiva. Como a sociedade brasileira parece avessa ao conflito – o que não elimina os seus conflitos – esse princípio hierárquico, expresso pelo “Sabe com quem está falando?” acaba sendo escondido, ou seja, não sendo reconhecido pelos atores sociais. Isso cria um paradoxo, pois, ainda que seus praticantes não legitimem a sua utilização, de certa forma, negando o princípio hierárquico da sociedade, na prática, o fazem¹⁶.

¹⁶ O que acontece também com o racismo no Brasil.

Segundo da Matta, o “Sabe com quem está falando?” é frequentemente acionado em situações de aparente igualdade de posições entre os interlocutores e/ou em situações cotidianas de perda momentânea de posições hierárquicas. Assim, o “Sabe com quem está falando?” explicita aquilo que estava implícito no momento anterior; traz à tona aquilo que aparentemente havia se perdido numa determinada situação de igualdade: o sistema hierárquico desigual. Ele se constituiria, então, como um *ritual de reforço* ou uma forma de trazer à consciência dos atores as diferenças hierárquicas necessárias da vida cotidiana em situações de intolerável igualdade.

Ele seria um recurso violento, utilizado para trazer de volta a ordem, a hierarquia “natural” do mundo. A intenção de sua utilização seria, nesse sentido, a de separar radicalmente os papéis sociais e de romper com a desordem estabelecida pela igualdade de posições da situação anterior na qual se encontravam os interlocutores. A igualdade de posições sociais soaria, assim, como uma *desordem* à ordem hierárquica “natural”. E a violência ocorreria, então, como forma de denunciar a necessidade da hierarquização, ou seja, a necessidade de reestabelecimento do princípio “normal” da hierarquia, da reordenação do mundo hierárquico. Existiria, dessa forma, uma equação entre violência e igualdade no Brasil.

Ainda que o princípio hierárquico faça parte da sociedade brasileira como um todo, esse dispositivo de reforço da desigualdade é geralmente acionado por pessoas que detêm algum tipo de poder dentro de um determinado contexto social e nos momentos em que elas sentem sua posição social ameaçada ou diminuída; quando desejam impor o seu poder; quando percebem que o interlocutor pode inferiorizá-las ou o percebem como ameaça à sua posição social. Esse mecanismo indica a necessidade de restabelecimento da ordem hierárquica “natural” e, portanto, expressa simbolicamente o quão significativa é, para a sociabilidade brasileira, a desigualdade de posição social e de poder entre os atores sociais. Esse dispositivo expressa ainda como as desigualdades são percebidas pelos atores sociais e como estes podem reagir diante de sua inversão. E as pessoas de classe média não estão fora disso.

2.3.2. Trabalho profissional e a estrutura produtiva no país

A ocupação é um componente causal de oportunidade de vida, dentro da perspectiva weberiana, fundamental para o condicionamento das classes. Charles Wright Mills (1969) sugere que toda ocupação está associada a uma posição de classe, a certo prestígio social e certo

poder. Ele indica ainda que toda ocupação está vinculada a habilidades e funções específicas e que, na atualidade, a ocupação, mais do que a propriedade, é uma fonte de renda determinante das chances de vida.

As pessoas de classe média, segundo essa perspectiva, se caracterizam pelo exercício de trabalhos não manuais. Elas ocupam funções de coordenação, de distribuição, de organização e estão inseridos, sobretudo, no setor de serviços. Assim, os três maiores grupos ocupacionais que compõem esses trabalhadores são os variados trabalhadores de escritório, os vendedores e os professores.

Mills sugere que as pessoas de classe média “lidam mais com símbolos e com pessoas do que com coisas”. Suas ocupações exigem determinadas “habilidades para manusear papel, dinheiro e pessoas”. São mestres em relações comerciais, profissionais e técnicas e, no geral, são responsáveis pela organização e coordenação dos trabalhadores manuais. São aqueles que mantêm o controle, oferecem serviços técnicos e pessoais e ensinam as habilidades que outros necessitam para trabalhar. Muitos possuem cargos de autoridade, como é o caso dos gerentes, exercendo poder direto sobre outros trabalhadores. Alguns profissionais, a partir das relações institucionais que possuem, ocupam posições de poder, como no caso dos advogados. Outros derivam sua autoridade, como certos assistentes, a partir do status das pessoas para as quais trabalham.

Em termos de status, os trabalhadores de colarinho branco possuem um prestígio maior que o dos trabalhadores de colarinho azul. Seu prestígio está tradicionalmente vinculado ao tipo de trabalho realizado e ao lugar no qual exercem suas profissões. Assim, as habilidades e as qualificações exigidas pelo o seu ofício são alguns dos fatores fundamentais que contribuem para um prestígio elevado. Isso indica que as classes médias dependem desse tipo de ocupação – que se contrapõem às ocupações sem qualificação das classes populares - para a manutenção da sua condição de classe, ou seja, devem a elas o seu ser, a sua existência enquanto classe social.

No Brasil, Waldir Quadros (1985, 1991), com base nas ideias de Mills, discorre sobre as origens da nova classe média no Brasil. Para Quadros, assim como para Mills, a condição de classe das pessoas de classes média está relacionada às configurações do modo de produção capitalista. Então, na sua perspectiva, as transformações que ocorreram na estrutura produtiva do país impactaram e/ou possibilitaram a formação e a condição de vida dessas pessoas.

Segundo Quadros, o início do surgimento da nova classe média brasileira esteve atrelado ao declínio da economia cafeeira e crise do Estado oligárquico ao longo da década de 1920 e 1930 e o estabelecimento de uma economia industrial restrita, o progresso da urbanização e

uma crescente burocratização do aparelho estatal. Essas mudanças estruturais permitiram o início do surgimento de trabalhadores não manuais, ligados a essas organizações burocráticas. O aumento da mercantilização da economia também permitiu a crescente heterogeneidade entre as classes médias urbanas. Assim, a nova classe média brasileira formada por pequenos varejistas, trabalhadores por conta própria e assalariados do comércio, dos bancos, de escritórios, começava a se diferenciar de uma classe média tradicional, baseada em elevadas rendas ou honorários obtidos no âmbito cafeeiro.

No período de 1930 a 1950, em linhas gerais, a acumulação de capital avança, bem como a estruturação produtiva do país. Nesse período o Estado amadurece um projeto de industrialização pesada que é levado a cabo, de forma mais contundente, entre as décadas de 1950 e 1960. Da mesma maneira, a urbanização continua a progredir no país, permitindo a crescente diferenciação social e a constituição das classes sociais. A economia torna-se cada vez mais mercantilizada e o aparato político cada vez mais burocratizado. A partir de 1930, inicia-se uma nova etapa na estruturação do estado nacional capitalista que leva ao reordenamento institucional e à edificação de um aparelho burocrático e administrativo e que tem desdobramentos até a década de 1960.

Apesar das transformações que se verificam entre 1930 e 1950, é, sobretudo, ao longo das décadas de 1960 e 1970 que a nova classe média brasileira se fortaleceu. De acordo com Quadros, esse período – caracterizado, sobretudo, pelas políticas do Milagre Econômico - é marcado por uma terapia ortodoxa de combate à inflação, a introdução da lógica privada na gestão pública, contenção de crédito e arrocho salarial. Além disso, há, nesse momento a reorganização do sistema financeiro, visando a adequá-lo à poupança privada e ao rápido crescimento de bens de consumo duráveis. Por outro lado, há uma crescente valorização de “um estilo de vida norte-americano”.

As políticas de arrocho salarial, com contenção de salários de base, possibilitaram a abertura do leque de remunerações em favor dos estratos superiores de assalariados. Esses assalariados se fortaleceram, nesse sentido, enquanto mercado consumidor e se beneficiaram por políticas de crédito imobiliário. Essas políticas possibilitaram edificar as estruturas do capitalismo monopolista vigente no país e sobredeterminaram a emergência da nova classe média, especialmente de seus segmentos de altas rendas. Houve ainda uma intensa mudança da estrutura do ensino superior, que possibilitou o aumento de 93, 2 mil vagas em 1960 para 425,5 mil em 1970 e, dessa maneira, atendia às pressões dessa nova classe média em expansão. Esse período se constituiu, portanto, como um momento decisivo para os contornos estruturais da

nova classe média brasileira que, a partir da reprodução dessas estruturas, cresceu e se reproduziu rapidamente¹⁷.

2.3.3. Ensino de qualidade e universidades: estratégias de vida

As classes médias são fortemente dependentes do sistema educacional, já que é por meio dele, que se alcança a qualificação profissional. Segundo Mills, “o centro educacional sobre o qual o mundo da classe média gira é a universidade (1969, p. 246)”, que se apresenta como o baluarte da profissionalização e da diferenciação entre ocupações qualificadas e não qualificadas. Nesse sentido, as classes médias têm nas universidades o lócus privilegiado para obtenção de sua qualificação e, portanto, representam um canal para o alcance da mobilidade social (PRANDI, 1982) e para a construção de sua “oportunidade de vida” e condição de classe (BARBOSA, 1998). A universidade aparece, então, como o caminho para a profissionalização e, logo, para a obtenção desse tipo de trabalho.

Por sua vez, o trajeto educacional realizado para alcançar a universidade se torna importante para as pessoas de classe média ou para aquelas que desejam alcançar tal posição. Para Bourdieu, o maior capital cultural dos pais de famílias de classes médias que é transmitido por meio do *habitus* para seus filhos funciona, ao longo da trajetória escolar, como uma vantagem para esses últimos. Os filhos de pais com maior nível educacional tendem a ter desempenho escolar melhor e, ao final da trajetória educacional, acessar mais facilmente às universidades do que os filhos de pais com baixo capital cultural. O capital cultural dos pais contribui, assim, para a aquisição do capital educacional dos filhos. As famílias das classes médias, nesse sentido, estão em posição mais vantajosa que as das classes populares, já que os pais inseridos naquela posição de classe tendem a possuir maior capital cultural do que aqueles situados nas classes populares e, nesse sentido, seus filhos têm maiores vantagens para alcançar uma posição de classe igual ou melhor que a dos seus pais no futuro.

Não é à toa que a educação aparece como um dos principais meios de acesso a posições ocupacionais e de renda hierarquicamente superiores (BONELLI, 1989, RIBEIRO, 2011). Por meio da análise das oportunidades educacionais, Ribeiro (2011) observa que, no Brasil, o efeito

¹⁷ Para uma análise mais aprofundada acerca dos impactos que as políticas econômicas e institucionais tiveram sobre a ordem social entre 1930 e 2016 no país, ver, por exemplo, o livro de Carlos Eduardo S. Pinho (2019) *Planejamento Estratégico Governamental no Brasil*.

dos recursos dos pais nas chances de sucesso e progressão educacional dos filhos tem um papel importante na reprodução intergeracional das desigualdades. Ele observa que a riqueza dos pais e o tipo de escola frequentada pelos filhos antes de cada transição educacional contribuem para explicar suas chances de progressão educacional. Assim, ele indica que o tipo de escola pode influenciar o desempenho acadêmico dos alunos e com isso, contribuir para as desigualdades de oportunidades e resultados educacionais na sociedade.

Ele destaca que escolas públicas de ensino fundamental e médio têm alunos com desempenho médio significativamente menor do que escolas privadas ou públicas federais e que, portanto, o tipo de escola influencia as chances de ascensão na hierarquia social. Assim, a forma de organização do sistema educacional brasileiro, sobretudo no que diz respeito às diferenças entre instituições de ensino públicas e privadas, expressa a desigualdades em termos de qualidade no ensino, o que leva a uma estratificação do próprio sistema educacional brasileiro.

De um modo geral, as escolas privadas de ensino fundamental e médio são de melhor qualidade do que as públicas, com exceção das públicas federais, que são de qualidade comparável às privadas. Em contrapartida, as universidades públicas são consideradas de melhor qualidade e inteiramente gratuitas para aqueles que conseguem entrar. Como a entrada na universidade é feita a partir de exames de conhecimento, os assim chamados vestibulares, os alunos que passaram pelas melhores escolas de ensinos fundamental e médio, geralmente instituições privadas, têm mais chances de entrar nas melhores universidades, geralmente públicas. Este sistema com melhor qualidade no ensino privado de níveis fundamental e médio, e no ensino universitário público, promove, pelo seu próprio desenho, a desigualdade no acesso à universidade (RIBEIRO, 2011, p.46-47).

A partir disso, ele observa que:

Pessoas que estudaram em escola privada nos primeiros anos de escolaridade têm três vezes mais chances de completar as quatro primeiras séries do fundamental (T1) do que pessoas que estudaram em escolas públicas. Os que estudaram em escola privada têm sete vezes mais chances, e os que estudaram em escola pública federal 2,5 vezes mais chances de completar o fundamental (T2) do que os que estudaram em escola pública. Para completar o ensino médio (T3) as vantagens são de quatro vezes mais chances para quem estudou em escola privada do que em pública, e 2,3 vezes para quem estudou em escola pública federal do que em pública. Indivíduos que estudam em escolas públicas federais têm dezenove vezes mais chances de entrar na universidade (T4) do que indivíduos que estudaram em escola pública, e indivíduos que estudaram em escolas privadas têm quinze vezes mais chances de entrar do que aqueles que estudaram em escolas públicas (RIBEIRO, 2011, p. 62).

Além disso, Ribeiro verifica que a condição socioeconômica da família, sobretudo, o *status* ocupacional e de riqueza do pai, em termos de ativos e bens, por menor que seja, importam para as chances de progressão dos filhos no sistema educacional, principalmente para completar o ensino médio e para ingressar na universidade. Nesse sentido, “a escolha do “tipo de escola” (privada, federal ou pública) é a estratégia utilizada pelos pais para aumentar as chances de seus filhos completarem o ensino médio e entrarem na universidade” (RIBEIRO, p.63, 2011).

Assim, as famílias que têm mais recursos buscam investir na qualidade da educação de ensino fundamental e médio como forma de promover o desempenho dos filhos para a entrada na universidade. Logo, o “tipo” de escola é uma característica que explica parte da associação entre condições socioeconômicas de origem e as chances de sucesso nas transições educacionais.

As classes médias brasileiras não estão à margem dessa realidade. Ao contrário, essas estratégias fazem parte da sua vida. É comum que muitas das famílias de classe média invistam seus recursos em educação privada de seus filhos – dada a qualidade, em geral, superior do ensino nessas instituições – no ensino básico e médio a fim de capacitá-los para a entrada nas universidades de melhor qualidade – em geral públicas. De acordo com Bonelli (1989), uma pesquisa realizada na década de 1980 em São Paulo, em meio à crise econômica, mostrou que dentre as famílias de classe média que tinham filhos em escolas particulares, 82% não tinham pretensão de transferi-los para escolas públicas. O que demonstra o quão significativo é, para essas famílias, manterem seus filhos em escolas privadas, consideradas, em geral de melhor qualidade. Como visto até aqui, a reprodução da condição de classe média entre as gerações depende, em grande medida, do alcance do nível superior de ensino, já que os empregos que exigem esse nível educacional são, em geral, mais bem remunerados e, portanto, permitem a manutenção de sua condição de vida e, logo, de classe.

2.3.4. Profissionalização, barreiras sociais e relações de compadrio

A profissionalização, atrelada ao trabalho qualificado, é outro critério importante para a caracterização das classes médias. Segundo Barbosa, “*a profissionalização é um caminho significativo de organização de estratégias de estratos da classe média*” (1998, p.129). A obtenção do diploma é, portanto, um recurso material e simbólico importante para a manutenção da condição das classes médias.

Muitas vezes, sua condição de classe é possibilitada pelos mecanismos de exclusão implícitos ao processo de profissionalização. Os mecanismos de exclusão fazem parte da própria definição de profissão, já que apenas os detentores de um determinado diploma são considerados profissionais e podem atuar como tais. Com isso, a crescente profissionalização da sociedade produz um *projeto coletivo de mobilidade social* (Larson, 1977, *apud* Barbosa, 1998), gerando novos padrões de desigualdade. Como explica Larson:

Nas sociedades contemporâneas criam-se novos padrões de desigualdade social, cuja base deixa de ser origem familiar ou outros critérios semelhantes. Nas nossas sociedades torna-se um princípio dominante a ideia de ganhar *status* via trabalho. Nesse sentido, podemos definir sociedades profissionalizadas como aquelas em que predominam princípios de classificação social baseados no mérito da ocupação. Do ponto de vista de cada profissão, o projeto de mobilidade se traduz numa tendência a monopolizar as oportunidades de renda no mercado de serviços ou de trabalho e também dos privilégios de *status* e trabalho na hierarquia ocupacional (Larson, 1977, p. 51, *apud* Barbosa, 1998).

Esse processo de monopolização das oportunidades de renda, do qual fala Larson, e que possibilita um projeto coletivo de mobilidade social para as classes médias passa, muitas vezes, pelas relações com o Estado. O trabalho de Coelho (1999) mostra, por meio de uma Sociologia Histórica, como se travaram empiricamente no Brasil as relações entre os profissionais e o Estado.

O autor demonstra como, ao longo dos séculos XIX e XX, os “profissionais liberais”, sobretudo, médicos, advogados e engenheiros, reivindicavam a regulamentação de suas profissões e, com isso, o monopólio sobre seu exercício. Os profissionais mobilizavam os praticantes da profissão, persuadiam setores da sociedade de sua “importância” e atuavam junto ao Congresso, por vezes, por meio de “apadrinhamentos” e de lobby, para a obtenção da regulamentação da profissão. Dessa forma, Coelho mostra como foi relevante a atuação política desses profissionais em prol do monopólio do exercício de suas profissões.

Por outro lado, é importante destacar o desempenho do Estado nesse processo, já que era responsável por controlar as entidades e os mecanismos de construção e sustentação das elites credenciais. Ao regulamentar uma profissão, o respectivo curso acadêmico passava ao controle do Conselho Federal de Educação. Isso conferia maior status ao diploma dos ofícios regulamentados, bem como a garantia de um mercado “protegido” para as categorias oficializadas. Criava-se, então, uma hierarquia entre as profissões. De forma semelhante, ao conceder autonomia regulatória para as associações profissionais, o Estado não só concedia a

liberdade de regulação para os próprios profissionais, como favorecia ainda mais o fechamento dos nichos sociais entre as profissões. Com isso, Coelho demonstra como o Estado brasileiro teve um papel importante no processo de profissionalização. O que garantiu – e ainda garante –, para grande parte das classes médias brasileiras, não só a monopolização das oportunidades de renda, como um projeto coletivo de mobilidade social.

Então, três pontos se destacam nesse processo de profissionalização: os princípios de classificação baseados no mérito da ocupação que se difundem a partir da ampliação da profissionalização da sociedade; o fechamento dos nichos de mercado produzido por certos grupos profissionais, impondo, com isso, suas condições de trabalho específicas nos mesmos; a importância da atuação política desses profissionais e do papel do Estado no processo de monopolização do exercício profissional. Dentro desse processo de profissionalização – que, ao mesmo tempo, contribui para o projeto coletivo de mobilidade social das classes médias –, convivem o princípio da meritocracia, a atuação política junto ao Estado e a formação das barreiras sociais.

Além disso, associado ao caminho da profissionalização, há um princípio oposto ao da meritocracia que norteia a sociabilidade no Brasil e que orienta o comportamento também das pessoas de classe média: o princípio da hierarquia. Esse fundamento caminha lado a lado com a meritocracia na estruturação da vida educacional e profissional das pessoas de classe média. Como demonstra Brian Owensby (1999), até meados do século XIX, a vida social, política e econômica do Brasil era permeada por uma mentalidade hierárquica. Nesse período, a vida social girava em torno da *plantation*. Os grandes latifundiários, inclinados a relacionamentos familiares, pessoais e hierárquicos, reforçavam seu domínio através das relações de compadrio, atuavam como benfeitores e protetores, em troca de lealdade e deferência. Assim, a vida cotidiana das pessoas e as relações políticas eram orientadas por esse princípio hierárquico, cujo lastro se assentava na escravidão e nas dependências pessoais.

Dentre aqueles não apadrinhados, alguns tentavam recorrer às estruturas burocráticas estatais para a obtenção de um emprego. No entanto, isso não oferecia uma solução para escapar da dependência do apadrinhamento. Os cargos burocráticos do Estado estavam a serviço das elites dirigentes. O concurso para ocupação dos cargos públicos ainda não havia se estabelecido no Brasil. Existia o controle dos cargos públicos por parte das elites políticas – que em grande medida se confundiam com as elites agrárias – e que, portanto, eram responsáveis por indicar as pessoas para ocupar esses cargos. Dessa forma, a incipiente classe média, orientada por uma concepção de sociedade hierarquizada, nascia também, em grande medida, a partir de uma estreita relação de dependência para/com as elites agrárias.

À medida que a industrialização e a urbanização cresciam no país, a demanda por profissionais qualificados e de nível educacional superior aumentava. O número de faculdades crescia, bem como o de oportunidades de emprego para trabalhos profissionais. Por outro lado, a concorrência também aumentava. Assim, nem sempre era fácil conseguir um emprego ou obter cargos de melhor posição social. Muitas pessoas, então, continuavam a pedir favores dentro dos circuitos de apadrinhamento para obterem proeminência em cargos políticos, nos negócios ou nos círculos intelectuais. A prática do *pistolão* era frequentemente acionada para a obtenção de um cargo. Os conhecimentos e relacionamentos com/de pessoas influentes funcionavam como diplomas e se constituíam, portanto, como arsenal para a confrontação da ordem social competitiva. Nesse sentido, ainda que a meritocracia começasse a aparecer com maior força como princípio norteador das classes médias, o princípio da hierarquia continuava a fazer parte da vida das pessoas. Na realidade, eles caminhavam lado a lado – mesmo que de forma contraditória - como referências orientadoras dos comportamentos das classes médias. Eles sugerem, em grande medida, porque a noção de meritocracia, ainda que, por vezes, associada contraditoriamente às relações de apadrinhamento, é um valor cultural forte para as classes médias brasileiras.

2.3.5. Trabalho doméstico

No Brasil, é comum que famílias de classes médias se utilizem do trabalho doméstico em seus domicílios, ainda que este não seja uma exclusividade dessa classe. Mesmo, dentre as famílias que empregam, não empregam da mesma forma. Existem empregadas(os) que trabalham com carteira de trabalho, outros que não etc. Existem também diversas formas de trabalho realizadas dentro dos domicílios, tais como: o propriamente das empregadas domésticas, o das cuidadoras de idosos e o das babás, etc. E é bem provável que a frequência de trabalho dessas trabalhadoras(es) - 93% são mulheres¹⁸ - varie bastante. Apesar dessa heterogeneidade existente dentro desse tipo de trabalho, o fato é que ele é bastante expressivo no país: em 2013, cerca de 7,2 milhões de pessoas trabalhavam nesse tipo de serviço¹⁹.

¹⁸ A maioria dos trabalhadores do *care* no Brasil são mulheres. Sobre isso, ver, por exemplo, Hirata, H. (2016)

¹⁹Fonte <http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2013/01/brasil-tem-o-maior-numero-de-domesticas-do-mundo-diz-oit.html>, consultado em 19/09/2016.

Essa expressividade está relacionada à forma como se organizou a sociedade do trabalho no Brasil (CARDOSO, 2010). Até o fim do século XIX, o trabalho doméstico era assumido, em sua maioria, por africanos e seus descendentes (HIRATA, 2016). Os tempos de escravidão deixaram como herança um modelo de trabalho servil, no qual os escravos, em geral, realizavam as funções manuais. Dentro da casa dos senhores o mesmo ocorria: as funções manuais eram realizadas por escravos. Em geral, mulheres e escravas ficavam responsáveis por tarefas relativas à alimentação, à manutenção da casa e aos cuidados das crianças e familiares (ALGRANTI, 1997). As marcas do preconceito em relação às tarefas manuais e domésticas se estenderam pelo tempo e persistiram sobre esse tipo de trabalho no Brasil, considerado degradante e reforçavam as diferenças entre aqueles que estavam e os que não estavam sujeitos a ele (OWENSBY, 1999).

A transição da escravidão para um regime de trabalho livre forjou um ambiente de extrema pobreza, com levas de mão de obra barata que se sujeitavam a toda sorte de trabalho e, nesse sentido, estavam sujeitas aos trabalhos domésticos, considerados, em geral, degradantes e/ou de menor valor. Logo, dentro desse contexto, e considerando que as “necessidades” domésticas eram compreendidas como um problema de ordem privada, o trabalho doméstico se apresentou como uma possibilidade de sustento para os que não conseguiam se inserir numa realidade formal de trabalho e para aqueles que precisavam resolver as suas “necessidades” domésticas e/ou manter o seu padrão de vida. Logo, muitas famílias de classes médias se beneficiaram com o emprego dessas trabalhadoras em seus domicílios.

Cabe lembrar que, ao longo do século XX, as famílias das diferentes classes possuíam formas distintas de solucionar as suas “necessidades” domiciliares diárias (OWENSBY, 1999). Nos ambientes domiciliares das famílias populares, as “necessidades” se resolviam por meio de laços de solidariedade com seus parentes e amigos, com base nas relações de apadrinhamento ou no próprio âmbito familiar, sobretudo, a partir da força dos filhos. Em muitos desses domicílios, a não resolução das “necessidades” podia aparecer como única e certa solução. Nas casas das classes médias e das elites, ainda que as “necessidades” pudessem, por vezes, ser solucionadas com base em laços de solidariedade e a partir da figura das “donas de casa” (OWENSBY, 1999), o nível elevado de renda permitia solucioná-las através do emprego de trabalhadoras domésticas.

Nesse período, como sugere Owensby, a presença de trabalhadoras domésticas nos domicílios aparecia como a segunda diferença entre os orçamentos típicos da classe média e da classe trabalhadora. As famílias da classe trabalhadora raramente tinham empregadas. Já nas famílias de colarinho branco e gravata, pelo menos um trabalhador parece ter sido regra. Nas

famílias mais ricas, a presença de mais de um empregado parecia ser uma constante, como sugere a pesquisa do IBOPE da década de 1930 analisada por Owensby. Essa difusão do uso do trabalho doméstico parece ser reflexo da generalização do sistema escravista que se desenvolveu no país. Apesar da imagem da casa-grande e da senzala que empregava centenas de escravos em grandes latifúndios ter se difundido como a realidade que perpassava ao Brasil nos tempos coloniais²⁰, estudos historiográficos recentes demonstraram que, na realidade o Brasil era composto majoritariamente por pequenas e médias propriedades que empregavam um ou dois escravos²¹.

No entanto, as correlações entre o trabalho doméstico e a escravidão não cessam aí. Segundo o IBGE, em 2014, das quase 6 milhões de trabalhadoras domésticas que existiam no país, 62% eram negras e/ou pardas. Não é à toa que, dentro de uma realidade de trabalho fortemente marcada por pessoas negras, muitas sofrem forte estigmatização e estão sujeitas a preconceitos raciais (HIRATA, 2016). Além disso, essa realidade de trabalho envolve complexidades afetivas ou vivem, como sugerem Hirata e Molinier (2012) uma situação de ambiguidade²² que relembra as relações que ocorriam entre senhores e escravos que trabalhavam em âmbito familiar. Como indica Guimarães (2016), as relações de trabalho tecidas na intimidade são marcadas por investimentos emocionais. Assim, muitas vezes, nesse tipo de ofício, as relações “de amor” e as trocas afetivas podem estabelecer um jogo emocional de interdependência que torna mais complexas as relações entre patrão/patroa e empregada/empregado. Isso sem falar nas relações de domínio em termos de cor e sexo e, por vezes, de violência que permeiam muitas dessas relações de trabalho²³.

As semelhanças entre o trabalho doméstico e os tempos de escravidão também aparecem em relação a outros aspectos. O uso do trabalho doméstico denota que a casa, ambiente compreendido como o espaço de reprodução da vida e distinto do ambiente de trabalho, é, ao contrário, ainda hoje também o lócus de deflagração de relações de exploração e de distinção das classes sociais. No entanto, desde os tempos de colônia, o ambiente privado já se constituía

²⁰Em função das ideias que se difundiram a partir da obra de Freyre, G. no livro *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da família patriarcal* (2003).

²¹Cf. Cardoso, C. F. “O trabalho na colônia: do esquematismo excessivo à relativa complexidade” in *História Geral do Brasil: da colonização portuguesa à modernização autoritária. Outros trabalhos também discorrem sobre o sistema escravista na colônia portuguesa, 1990. Ver, por exemplo, Schwartz, S. B. Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835, 1988; Alencastro, L. F. de. O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, 2000.*

²²As “amibiguidades do care” não se reduzem apenas às relações de afeto às quais essas trabalhadoras estão sujeitas, mas às diversas fronteiras fluidas e moventes nas quais esse tipo de trabalho está inserido. Sobre isso, ver, por exemplo, HIRATA, H e MOLINIER, P.(2012).

²³Sobre isso, ver, por exemplo, o texto de Corossacz, V. R. “Cor, classe, gênero: aprendizado sexual e relações de domínio” (2014), *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(2): 304, maio-agosto.

como local de exploração do trabalho, a exemplo das pequenas e grandes propriedades agrícolas e urbanas que se utilizavam da mão de obra escrava.

Ao longo dos últimos cinquenta anos, a organização do trabalho no país se tornou mais mercantilizada e complexa (GUIMARÃES, 2015). A progressiva entrada de mulheres das classes médias no mercado de trabalho, que, em geral eram responsáveis (ou responsabilizadas) pelas tarefas da casa, passaram a trabalhar para conquistar sua autonomia financeira e/ou para aumentar o orçamento familiar em conjunto com o crescente envelhecimento da população brasileira, pode ter tornado a resolução das “necessidades” domiciliares mais dramática nos domicílios das classes médias. Nesse contexto, é provável que as pessoas situadas nessa posição de classe, dependentes, sobretudo, do trabalho assalariado formal, tenham se tornado mais dependentes do trabalho doméstico para a resolução de suas “necessidades” e a manutenção de seu padrão de vida. Assim, dentro de um contexto no qual as “necessidades” domésticas eram tradicionalmente tratadas como um problema privado e no qual as tarefas manuais eram também consideradas degradantes, o trabalho doméstico provavelmente apareceu para muitas famílias de classe média como uma solução para as necessidades e urgências domiciliares, bem como para a manutenção de seu padrão de vida.

Paralelamente, o trabalho doméstico também passou por mudanças ao longo desse período. Semelhantemente a outros trabalhos, seguiu a rota da mercantilização (GUIMARÃES, 2016) e da regularização. Na década de 1970, sobretudo a partir da Constituição de 1988, se estabeleceram as primeiras leis que garantiram alguma regularização e proteção a essas trabalhadoras e trabalhadores. Já em 2013, foi promulgada a Emenda Constitucional conhecida como a “PEC das domésticas” que estabeleceu a igualdade de direitos entre os trabalhadores domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais²⁴, impactando, dessa forma, a realidade de milhões dessas trabalhadoras.

Apesar dessas transformações, o trabalho doméstico continua ainda hoje a fazer parte da realidade de trabalho no Brasil, permanecendo como um indicador das divisões de classe entre os trabalhadores não manuais das classes médias e os trabalhadores manuais das classes populares. É válido ressaltar, neste ponto, que a realidade do trabalho doméstico só pode ser compreendido a partir da estrutura do trabalho no Brasil que continua a ser, em grande medida, informal. Muitas pessoas das classes médias e das elites possuem um tempo maior para gastar com outras atividades, uma vez que contam com a força de trabalho dessas mulheres em seus

²⁴ Cf. Silva, D. F *et al.* Ensaio da história do trabalho doméstico no Brasil: um trabalho invisível. *Cadernos de Direito*, v.17, n. 32, p. 409-438, 2017.

domicílios. O “tempo livre” aparece, nos termos burdieusianos, como um capital social e simbólico de frações das camadas médias e das elites. Com esse tempo a mais, essas famílias podem se dedicar a outras atividades como as educativas, as de trabalho, de lazer etc. Com isso, acumulam outras formas de capital, como o escolar e o simbólico, se distinguindo ainda mais das classes populares que, em geral, não usufruem desse tipo de serviço. Esse tempo disponibilizado a partir da delegação do trabalho doméstico a terceiros contribui, dessa maneira, para a formação dos estilos de vida próprios das classes médias no Brasil.

Visto isso, vale ressaltar que a utilização do trabalho doméstico, sob o ponto de vista das classes médias, mais do que um mecanismo de diferenciação social, parece se constituir como um elemento característico importante, dentro do contexto desigual brasileiro, para a sua condição de classe. É importante ressaltar, contudo, que essa diferenciação social deve também ser pensada do ponto de vista estrutural da realidade do trabalho no país que é, em grande medida, informal e, nesse sentido, das relações de interdependência que perpassam trabalhadores formais - que compõem grande parte das classes médias - e informais dentro do mercado de trabalho no Brasil.

2.3.6. Rendimentos elevados e gastos familiares

A renda relativamente alta das classes médias, em comparação com as das classes populares, está relacionada aos diversos tipos de ativos que possuem. A ocupação é um desses ativos. Logo, como sugere Mills, o nível de renda mais elevado que possuem está relacionado ao tipo de ocupação que exercem no âmbito do mercado. Por outro lado, Bourdieu sugere que os capitais escolar e simbólico elevados que muitas pessoas de classe média possuem podem funcionar como uma porta de entrada para a aquisição de ocupações de maior prestígio e/ou melhor remuneradas e, nesse sentido, para a aquisição de um capital econômico mais elevado e uma condição de vida melhor. O capital econômico é, do ponto de vista bourdieusiano, uma forma também de expressar sua condição de classe.

Mills observa também que a superioridade de renda pode ser um dos fatores para atribuição de prestígio social. A renda relativamente superior que os trabalhadores de colarinho branco tendem a possuir – possibilitadas, em grande medida, pelo tipo de ocupação não manual que exercem – em comparação com a dos trabalhadores manuais, cujo trabalho tende a ser considerado degradante, também contribui para seu prestígio elevado. No entanto, segundo

Mills, existe uma heterogeneidade no que diz respeito aos rendimentos dessa classe social. Em termos de renda, os trabalhadores de colarinho branco formam uma verdadeira pirâmide localizada entre o topo e a base da pirâmide social estratificada.

Apesar da heterogeneidade de renda, o nível relativamente alto das classes médias, em comparação ao das classes populares, possibilita, então, um nível de gasto individual e familiar mais elevado. No Brasil, em função da desqualificação e precarização atribuídas aos serviços públicos de educação, saúde e transporte – com exceção de algumas instituições –, e aos transportes contribui para que muitas famílias das classes médias busquem solucionar suas necessidades por meio dos serviços privados, considerados, em geral, de melhor qualidade. Segundo Bonelli (1989), de acordo com um *survey* realizado na cidade de São Paulo com famílias de classe média, 84% dos entrevistados tinham pelos menos um carro ou uma moto e o utilizavam como meio de transporte principal. Assim, por terem, em geral, um nível mais elevado de renda do que as classes populares as famílias das classes médias acabam tendo maiores gastos com esses serviços. Não é, portanto, incomum que essas famílias tenham gastos relativamente altos com escolas, cursos e planos de saúde privados. Dentro de um contexto extremamente desigual, no qual os serviços públicos considerados bons e/ou de qualidade são restritos e os privados são considerados de melhor qualidade, muitas parcelas das classes médias buscam resolver suas necessidades no âmbito privado.

É importante lembrar ainda que as famílias das classes médias geralmente estão inseridas em realidades formais de trabalho. O que as destoa, em grande parte, das classes populares que estão inseridas, de forma mais acentuada, na realidade informal de trabalho e, logo, em trabalhos que tendem a ser mais precarizados. As pessoas das classes médias tendem, assim, a ocupar melhores posições no mercado de trabalho. A formalização do trabalho permite, geralmente, a obtenção de benefícios, como a carteira de trabalho, direito de férias e aposentadoria. Por outro lado, em função da renda mais elevada que o trabalho formal possibilita, essas pessoas, muitas vezes, devem tributos ao Estado, como no caso do imposto de renda.

Isso está dentro da lógica. No entanto, acontece que, em função das diferenças de qualidade atribuídas aos serviços públicos e aos serviços privados, muitas pessoas das classes médias podem ter, dentro de seu orçamento familiar, uma proporção alta de gastos com tributos e, ao mesmo tempo, um nível baixo de utilização dos serviços públicos - sobretudo, de educação e de saúde, quando comparados aos indivíduos das classes populares. Grande parte das suas necessidades diárias – haja vista a utilização do trabalho doméstico – parece se resolver em âmbito privado. Assim, como normalmente possuem gastos com itens privados e pagam

elevados tributos, não é, portanto, incomum afirmar que certas pessoas de classe média vivem, em termos de renda, “sobretachadas”, “pressionadas” e/ou “na corda bamba”. Na realidade, elas acabam sendo altamente dependentes do seu nível de renda para a manutenção do seu padrão de vida.

Nesse sentido, a inflação e as crises econômicas que impactam os preços dos itens consumidos diariamente pode pesar fortemente sobre a manutenção do padrão de vida das famílias das classes médias e, dessa maneira, contribuir para o surgimento de insatisfações cotidianas, tal como Bonelli (1989) destaca.

2.3.7. Consumo, estilos de vida, prestígio e/ou distinção social

Segundo Bourdieu (2007), as classes sociais se encontram numa luta constante por distinção. Elas ocupam determinado lugar no espaço social e lutam para alcançar e/ou manter melhores posições sociais. Nessa disputa o domínio de capitais econômicos, simbólicos e sociais é fundamental. Os capitais permitem acessar um determinado *estilo de vida*, bem como novos tipos de capitais, e funcionam, portanto, como elementos fundamentais na disputa por uma condição de vida e/ou uma posição de destaque seja, em termos simbólicos, econômicos e/ou sociais. A classe média, como tal, está inserida nessa lógica. Assim, na perspectiva bourdieusiana, essa busca por distinção seria uma de suas características.

Esse aspecto também está presente na obra de Wright Mills (1969). Para ele, um dos critérios fundamentais para a definição dos trabalhadores de colarinho branco enquanto classe é a sua luta constante por prestígio. Ele, inclusive, argumenta que o perfil psicológico dessas camadas é o perfil psicológico da luta pelo prestígio. Essa luta se expressaria não apenas por meio da obtenção de cargos qualificados, mas, também por meio de uma aparência que concedesse destaque na sociedade, pela obtenção de bens de consumo e pela realização de atividades de lazer de prestígio.

O que permitiria às pessoas das classes médias se distinguir e/ou obter prestígio socialmente seria, segundo Bourdieu, seu *estilo de vida* próprio distante das necessidades. Segundo Bonelli (1989), diversas famílias das classes médias paulistanas tinham origens populares. Assim, ao alcançarem esse novo patamar social, cujo parâmetro estava calcado nas classes altas, se orientavam pela ânsia de diferenciação social em relação à sua origem e, logo, buscavam, por meio de bens de prestígio, alcançar um reconhecimento social e uma

autovalorização. Seu *estilo de vida* seria, então, a expressão cada vez maior, de uma "estilização da vida", possibilitada pela distância em relação às necessidades. Esse *estilo de vida* orientaria e organizaria as suas práticas mais diversas e se expressa nos elementos comuns do seu cotidiano que vão desde a forma de se vestir, de decorar a casa, os lugares frequentados para comer fora de casa, o tipo de comida etc.

Nessa lógica, quanto maior a “distância objetiva em relação à necessidade” – e nisso se inserem as classes médias -, mais os *estilos de vida* reivindicariam uma superioridade legítima sobre aqueles que não compartilhassem dele e permanecem dominados em outros *estilos de vida* mais próximos das necessidades e urgências da vida mundana. Dessa forma, as classes médias se caracterizariam por uma “cultura de consumo média” que se produziria em oposição à cultura das classes populares e à das classes superiores. Logo, o *estilo de vida* das classes médias encerraria sua superioridade simbólica em relação às classes populares e, ao mesmo tempo, sua subalternidade em relação às superiores.

Nesse sentido, para Bourdieu, uma das características da classe média (ou pequena burguesia) seria o seu desejo de distinção em relação às classes populares e de ascensão às classes superiores. Em meio a essa luta por diferenciação simbólica, estabeleceria estratégias de atuação tais como a obtenção de formação escolar e de qualificação profissional de prestígio a fim de acumular maior capital simbólico e social em relação às classes populares. Outra forma de se diferenciar simbolicamente seria por meio do consumo, como exemplificado pelos tipos de vestuário, de alimentação, de entretenimento, de moradia etc.

Logo, haveria uma diferença de perfil de consumo entre as classes. As classes populares se caracterizariam por um tipo de consumo mais voltado para os bens elementares relativos ao suprimento das necessidades básicas. Já as classes médias se caracterizariam por um tipo de consumo menos atado às exigências de subsistência e, portanto, mais livre para o usufruto de bens simbólicos distintivos, tais como as formas de diversão culturais. As classes superiores, em relação às classes médias, possuiriam um perfil de consumo ainda mais desprendido e, logo, capaz de conceder maior distinção social.

Vale ressaltar que bens como, por exemplo, automóveis, roupas “de marca”, viagens ao exterior e/ou de avião podem funcionar como mecanismos de distinção simbólica para muitas pessoas de classe média. Estes são, portanto, componentes importantes para compreender suas diferenças em relação às demais classes. Assim, o consumo desse tipo de bem é, então, uma janela de entrada para o *estilo de vida* das classes médias e, nesse sentido, de sua condição de classe.

Além disso, numa sociedade fortemente mercantilizada e na qual a maior parte dos organismos públicos está sujeita a forte descrédito social, como ocorre no Brasil, o consumo aparece como uma forma de acessar recursos e capitais, como no caso do ensino privado, considerado, em geral, de melhor qualidade. O acesso ao capital escolar diferenciado está, assim, em grande medida, dependente do tipo de consumo das famílias. O consumo seria então um meio importante para acessar esse e outros tipos de capital e, logo, de acessar melhores condições de vida na sociedade brasileira.

Em resumo, o consumo é um meio de expressão das condições e *estilos de vida* das pessoas das classes médias que serve para expressar o volume de seus capitais e de sua condição de classe. Ao mesmo tempo, funciona como um meio para obter novos capitais simbólicos e econômicos e para alcançar melhores condições de vida e posições sociais mais elevadas. Ele é, portanto, uma ferramenta relevante na obtenção de elementos fundamentais para a estruturação e o condicionamento da vida das pessoas das classes médias.

2.3.8. Mobilidade descendente e o medo da queda

Contudo, essa busca pelo sucesso (MILLS, 1969, p. 259) ou de ascensão para as classes superiores (BOURDIEU, 1979, p. 316) também produz outra face da mesma moeda: o medo da perda da sua condição de classe ou da desclassificação. Segundo Bourdieu, a origem popular daqueles que ascenderam para a classe média “pesa” sobre a sua tentativa de ascensão social, como um medo do passado, produzindo comportamentos de ascese, como a redução do número de filhos a fim de diminuir os custos de vida, por parte daqueles que fazem parte dessa classe social. Mills, por outro lado, salienta que a busca de prestígio inerente à classe média produz um “estado virtual de pânico”, já que a busca do status as levam a um estado de luta constante²⁵.

Essa luta pela ascensão e contra a desclassificação produziria, assim, sentimentos comuns compartilhados pelas pessoas das classes médias. Se, por um lado, a possibilidade de mobilidade ascensional produziria expectativas, aspirações e ansiedades, por outro, a possibilidade de descenso geraria medo, frustração, sofrimentos etc. (PEUGNY, 2009). Esses sentimentos se expressariam fortemente nas transições geracionais das famílias das classes médias (PEUGNY, 2009; CHAUVEL, 2006; EHRENREICH, 1994). Nessas classes, existe

²⁵ Vale lembrar que essa ideia já estava presente na caracterização da classe média norte-americana por Tocqueville (1987).

uma expectativa muito forte de que as gerações mais novas atinjam um status superior ao das gerações mais velhas e/ou, no mínimo, mantenham o status alcançado por seus pais. Não é à toa que os pais tendem a investir muito na educação dos filhos. No entanto, quando o status não é mantido ou alcançado, há uma forte tendência das gerações mais novas a se sentirem frustradas (PEUGNY, 2009; CHAUVEL, 2006) e/ou cansadas e indignadas com as dificuldades de se alcançar o estimado patamar social dado por seus pais (EHRENREICH, 1994).

Diversos fatores podem contribuir para os sentimentos de expectativa e/ou de frustração das pessoas das classes médias. Dentre eles, podem-se destacar as mudanças macroeconômicas e/ou políticas dos países ao longo dos anos, na medida em que possibilitam maiores ou menores oportunidades de emprego e de assistência social (CHAUVEL, 2006), bem como o *gap* entre a aquisição do diploma e a possibilidade de exercício da profissão, relacionado, em grande medida, à baixa oferta de empregos num contexto de forte democratização do ensino superior (PEUGNY, 2009). É, portanto, importante levar em consideração a luta pela ascensão e/ou contra a desclassificação e os sentimentos provocados por ela na compreensão dos comportamentos das pessoas das classes médias brasileiras.

2.4. Considerações finais

Este capítulo buscou caracterizar as classes médias brasileiras na atualidade, tendo como base a literatura específica acerca do tema e a literatura que trata das desigualdades brasileiras a partir de suas contingências históricas e geográficas. Nesse sentido, ele se constituiu como um exercício inicial de aproximação em relação à caracterização dos *estilos de vida* das classes médias brasileiras. Ele procurou elencar elementos que a literatura específica sobre o tema destaca como importantes para a condição de vida das classes médias e sugerir outros, com base na literatura historiográfica e/ou que trata das desigualdades socioeconômicas do país a partir de suas especificidades locais. Ele buscou, então, - tendo em vista a procura por uma noção de classe que leve em consideração contingências histórico-geográficas -, associar, ainda que de forma embrionária, as duas literaturas, no intuito de ressaltar os elementos característicos das classes médias brasileiras e/ou que funcionem como prováveis elementos estruturais para a sua condição de classe.

Então, foi possível destacar, nesse exercício, com base nessa literatura, que muitas pessoas de classe média tendem a ter ocupações não manuais, profissionalizadas e/ou que

exigem maior qualificação, cuja configuração está intimamente atrelada ao tipo de estrutura produtiva vigente no país. Além disso, muitas dessas famílias buscam ter gastos com o ensino básico e médio privados, considerados, em geral, de melhor qualidade, como forma de assegurar capitais escolares e simbólicos mais elevados para seus filhos. Muitos têm ensino superior, já que este funciona como parte fundamental do projeto para acessar as ocupações não manuais, normalmente mais vantajosas e de maior prestígio. Nesse sentido, as universidades se constituem como um locus fundamental para as pessoas das classes médias acessarem níveis de capitais mais elevados. Esses elementos tendem a estar presentes no *estilo de vida* dessas pessoas.

O caminho da profissionalização traçado por muitas pessoas de classe média, associado ao estabelecimento de uma mentalidade hierárquica resultante dos trajetos históricos do país faz com que, no imaginário de muitas pessoas de classe média, haja espaço para a defesa da meritocracia, ainda que, por vezes, ela caminhe lado a lado com relações de apadrinhamento. Além disso, o trajeto de profissionalização também faz com que muitas pessoas de classe média, corroborem e/ou atuem, por meio de associações profissionais, em prol de práticas de fechamento de mercado junto ao Estado, no intuito de obter benefícios para suas profissões. Essas práticas funcionam como projeto de mobilidade coletiva para muitos desses profissionais de colarinho branco.

Além disso, as pessoas de classe média tendem a se caracterizar por empregarem trabalhadores domésticos em seus domicílios e, nesse sentido, a se distanciarem de funções manuais, consideradas degradantes na sociedade. Dessa forma, a utilização do emprego doméstico permite reiterar as diferenças entre trabalhadores manuais e não manuais e conceder maior tempo livre para as pessoas de classes médias se dedicarem a atividades que concedam maior capital cultural e simbólico.

Em termos de renda, as pessoas situadas nas posições das classes médias tendem a ter rendimentos mais elevados que as das classes baixas. Em função do descrédito atribuído às instituições públicas e ao crédito associado aos organismos privados, essas pessoas buscam, mais frequentemente, resolver suas necessidades diárias com base em instituições privadas. Nesse sentido, tendem a possuir gastos elevados com itens privados de educação, saúde e transporte. Por outro lado, dada sua maior inserção na realidade formal de trabalho, tendem a ter maior acesso a direitos trabalhistas, mas, ao mesmo tempo, estão sujeitos a maiores encargos tributários. Assim, as pessoas de classes médias tendem a ter grande dependência em relação aos seus rendimentos para a manutenção de seu padrão de vida e são sensíveis às flutuações e crises econômicas que possam corroer o seu poder de compra e, logo, seu padrão de vida.

Elas apresentam um perfil psicológico de luta constante por prestígio e/ou distinção social. Estão a todo instante procurando manter sua posição social e/ou alcançar melhores posições dentro da hierarquia social o que significa que buscam assegurar e/ou alcançar melhores níveis de capital cultural, econômico e social. Por outro lado, lutam também contra a desclassificação social e/ou a mobilidade descendente. A possibilidade de isso ocorrer pode provocar sentimentos de medo, frustração e insegurança nesses indivíduos.

Seus *estilos de vida* se apresentam, assim, como uma expressão desse nível global de capital. Como estão mais distantes da necessidade, seus *estilos de vida* tendem a apresentar maior estilização, em relação ao das classes populares. Ele se expressa pelo tipo de vestimenta, tipo de decoração de suas residências, tipo de transporte que utilizam, de alimentação, lugares que frequentam etc. Nesse sentido, o consumo diferenciado, associado à aquisição de capitais simbólicos servem como porta de entrada para a condição de vida das classes médias. Seus *estilos de vida* são, então, resultantes da luta que travam pela diferenciação em relação às classes populares e, por outro lado, pela tentativa de se aproximarem das classes superiores.

O consumo aparece, nesse sentido, não só como a expressão desses *estilos de vida*, mas como um meio para acessar capitais simbólicos fundamentais para as classes médias e, ao mesmo tempo, como um mecanismo para acessar recursos e possíveis elementos estruturais da condição de vida das classes médias, sobretudo, em sociedades altamente mercantilizadas e cujos organismos públicos sofrem forte deslegitimação como no caso do Brasil.

Por fim, com base na literatura, é possível destacar ainda, que as pessoas das classes médias tendem a compartilhar a concepção de mundo hierárquica e inercial que paira sobre os brasileiros e que contribui para corroborar a ordem extremamente desigual na qual estão imersos. Um dos resquícios da escravidão foi a persistência de uma ordem rigidamente desigual e inercial que a todo instante informa aos atores sociais que “cada qual deve estar no seu lugar”. Nesse sentido, qualquer movimento que insinue uma possível igualdade de posições entre os atores e que rompa com essa lógica, e “quebre”, desorganize ou até mesmo inverta a ordem desigual, é visto como um movimento “perturbador da ordem” ou um movimento de “desordem” e, logo, moralmente condenável. A violência aparece assim como forma de denunciar a necessidade da re-hierarquização, ou seja, a necessidade de reestabelecimento do princípio “normal” da hierarquia, da reordenação do mundo social. Nesse sentido, muitas pessoas das classes médias estão sujeitas a reagir de forma violenta diante das tentativas de rompimento em relação a essa ordem social.

Visto isso, voltemos agora para as manifestações pró-impeachment. Muitas pessoas que estavam presentes nessas manifestações tinham uma percepção relativamente compartilhada de

que as pessoas que participavam do evento eram algo próximo daquilo que consideram classes médias e/ou uma elite. Isso porque percebiam que em seus corpos, em suas vestimentas e em suas ideias de mundo estavam expressões daquilo que compreendiam como um *estilo de vida* de classe média e/ou de uma elite.

Aliás, diversas características destacadas pela literatura como características das classes médias brasileiras estavam presentes nos manifestantes. Desde o perfil ocupacional majoritariamente formado por profissionais assalariados registrados e forte presença de profissionais liberais, uma renda domiciliar relativamente elevada, o nível educacional superior, a inserção numa realidade formal, na qual estão sujeitas a maiores encargos tributários, a forma de se vestir, a cor majoritariamente branca, a presença de elementos no imaginário das pessoas como a defesa da meritocracia e a valorização de elementos de consumo que configuram alto valor simbólico e, logo, que têm grande poder distintivo em relação às classes populares. Assim, é possível, com base na literatura do tema, compreender que os manifestantes tinham um caráter majoritariamente de classe média.

No entanto, vale lembrar que, os próprios manifestantes compreendiam que as manifestações tinham uma presença maciça de pessoas próximas àquilo que consideravam ser de elite e, por outro lado, que havia forte presença de empresários nessas manifestações, e o nível de renda da maior parte desses manifestantes era bastante elevado. Logo, faz sentido presumir que são manifestações formadas principalmente por parcelas mais altas das classes médias.

Nesse sentido, é interessante investigar, a partir de agora, se, para além da corrupção, houve alterações em certos elementos estruturais fundamentais para a condição de vida das classes médias, sobretudo, de suas frações mais elevadas, ao longo dos governos do PT, provocando, dessa maneira, insatisfações nessas pessoas. Assim, tendo em vista a caracterização levantada neste capítulo, será possível expor, nos capítulos seguintes, se houve modificação em relação a certos elementos característicos dos *estilos de vida* dessas classes.

3. DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1. Introdução

No dia 12 de fevereiro de 2020, durante um evento em Brasília, o então ministro da Economia, Paulo Guedes, arguido sobre a alta recente do dólar, respondeu o seguinte:

— O câmbio não está nervoso, (o câmbio) mudou. Não tem negócio de câmbio a R\$ 1,80. Todo mundo indo para a Disneylândia, empregada doméstica indo para Disneylândia, uma festa danada. Pera aí. Vai passear em Foz do Iguaçu, vai passear ali no Nordeste, está cheio de praia bonita. Vai para Cachoeira do Itapemirim, vai conhecer onde o Roberto Carlos nasceu, vai passear o Brasil, vai conhecer o Brasil. Está cheio de coisa bonita para ver.

Ao continuar o discurso, Guedes afirmou:

— Antes que falem: “Ministro diz que empregada doméstica estava indo para Disneylândia”. Não, o ministro está dizendo que o câmbio estava tão barato que todo mundo está indo para a Disneylândia, até as classes sociais mais...

Na sequência o ministro continua:

— Todo mundo tem que ir para a Disneylândia conhecer um dia, mas não três, quatro vezes por ano. Porque com dólar a R\$ 1,80 tinha gente indo quatro vezes por ano. Vai três vezes para Foz do Iguaçu, Chapada da Diamantina, conhece um pouquinho do Brasil, vai ver a selva amazônica. E na quarta vez você vai para a Disneylândia, em vez de ir quatro vezes ao ano²⁶.

A fala do ministro indica que, com o dólar baixo, as classes mais baixas estavam indo para a Disneylândia e que isso, na sua opinião, é “uma festa danada”. O que sugere que, no seu imaginário, esse fenômeno aparece como “uma grande bagunça” ou uma “desordem” da ordem social e que era moralmente condenável. Essas mudanças econômicas pareciam, na sua compreensão, que alguma coisa estava fora de ordem. Ele expressa, então, um incômodo com essa possibilidade. Mas será que ele teria feito esse mesmo comentário para um empresário que fizesse as mesmas quatro viagens ao ano para a Disney?

²⁶ A notícia está disponível no site <https://oglobo.globo.com/economia/guedes-diz-que-dolar-alto-bom-empregada-domestica-estava-indo-para-disney-uma-festa-danada-24245365>. Acessado em 08 de março de 2020.

De fato, ao longo da década de 2000 a média do índice mensal do dólar comercial variou entre 1,75 e 3,05²⁷. Nessa mesma década, economistas observaram o aumento do consumo em camadas populares. Essa expansão do consumo popular foi sintetizada pela tese da “Nova Classe Média” (NERI, 2008^a, 2008b, 2010, 2011). As melhorias econômico-sociais na base da pirâmide teriam provocado o aumento significativo da renda e do potencial de consumo das famílias brasileiras mais pobres, aumentando assim a mobilidade ascensional dessa população e, dessa forma, o surgimento da “Classe C” ou da nova classe média no país.

Embora essa tese tenha sido alvo de muitas críticas – como será mais bem explicado no capítulo seguinte -, ela apontou para o fenômeno de melhoria no perfil de consumo das classes populares nesse período. Ela sugere, então, que o consumo passou por mudanças significativas ao longo desse período e que, portanto, é um objeto interessante a ser investigado.

Por outro lado, o consumo – como foi possível destacar no capítulo 2, a partir da literatura sobre classe média, sobretudo das obras de Mills e de Bourdieu - é um importante elemento para a estilização de vida das pessoas das classes médias. O consumo distintivo se constitui como um meio para aquisição de capital simbólico, funcionando como porta de entrada para a condição de vida das classes médias. Além disso, dada a forte mercantilização da vida atual no Brasil, ele se constitui como um meio para alcançar recursos e capitais e, logo, um mecanismo importante para alcançar condições de vida superiores. Além disso, ao longo do capítulo 1, foi possível observar como o consumo, dentro das teorias sobre classe sociais, pode se constituir como um meio de acesso a “componente causais” da condição de vida das classes sociais e que, nesse sentido, pode se constituir como um lócus de deflagração de relações de exploração e de conflito entre elas. Logo, esses postulados teóricos abrem brechas para supor que certas alterações nessa dimensão da vida poderiam levar à deflagração de conflitos entre as classes sociais.

Partindo dessas premissas, o livro procura, a partir de agora, investigar em que medida houve mudanças nessa dimensão da vida entre as classes sociais, sobretudo, entre as classes médias brasileiras ao longo da década de 2000. Ela procura observar em que medida os indivíduos melhor situados na hierarquia social em termos ocupacionais, de renda, educacional e de cor, compreendidos a partir de agora como classes médias, sobretudo, as classes médias altas, podem ter passado por mudanças ao longo da década de 2000 que contribuíram para o surgimento de suas insatisfações.

²⁷ Média calculada com base nos índices mensais apresentados no site <http://www.yahii.com.br/dolar.html>. Acessado em 07 de março de 2020.

Mas como e onde observar essas mudanças? Neste capítulo, será exibido o trabalho operacional realizado para empreender essa investigação, tanto no que diz respeito aos dados utilizados, como às escolhas teórico-metodológicas realizadas. Este capítulo busca, então, justificar a escolha dos dados da POF de 2002-2003 e de 2008-2009 e expor a parte operacional relativa a eles. A ideia é demonstrar o amplo e complexo trabalho de manipulação nos bancos de dados da POF que permitiu tornar as bases de dados comparáveis. Em relação à metodologia, serão realizadas algumas considerações em torno de seu funcionamento e de suas capacidades analíticas. Da mesma forma, serão apontadas as convergências entre o método utilizado e o tipo de dados manuseado. Quanto ao arcabouço teórico que melhor se ajustava ao objeto de pesquisa inicial e às premissas básicas a partir das quais este trabalho parte, será demonstrada, neste capítulo, a convergência que esse possui com o tipo de dado analisado e a metodologia utilizada, bem como a forma como foi operacionalizado. Os resultados dessa análise serão apresentados no capítulo posterior.

3.2. A Análise de Correspondência Múltipla (ACM): considerações metodológicas

A análise de correspondência múltipla é uma forma de estatística multivariada. As análises multivariadas foram introduzidas na França por Jean-Paul Benzécri ao longo da década de 1960 e ficaram conhecidas como “análise de dados”. O termo genérico atribuído a esse tipo de estatística expressava a sua notoriedade dentro do contexto francês. A aplicação dessa metodologia ganha maior espaço, dentro das Ciências Sociais, a partir dos trabalhos de Pierre Bourdieu.

As estatísticas multivariadas permitem observar a correlação entre diferentes modalidades de diversas variáveis simultaneamente. Elas possibilitam um tipo de análise na qual os indivíduos de uma amostra podem ser descritos por numerosas variáveis ao mesmo tempo, possibilitando, assim, a construção de diferentes perfis. Dado um conjunto de variáveis com suas respectivas modalidades, os indivíduos são agrupados conforme sua semelhança no que diz respeito às modalidades das variáveis que possuem em comum.

Os métodos multivariados são uma forma de análise geométrica de dados (GDA) (LE ROUX & ROUANET, 2005). Nessa metodologia, a geometria dos dados é fundamental já que é por meio dela que se transmitem as informações principais. Aqui vale a ideia de que uma boa imagem pode ser mais eficiente do que uma grande quantidade de números. Aliás, a geometria

é tão antiga quanto a própria estatística e está intrinsecamente atrelada a ela. As medidas de variância não seriam, elas próprias, uma forma numérica de mensurar distâncias?

A GDA consiste, então, em uma ferramenta capaz de modelar um conjunto de dados como nuvens de pontos em espaços euclidianos multidimensionais. Essas nuvens construídas como base na álgebra linear têm importância fundamental para a interpretação dos dados. Elas não são somente exibições gráficas, mas, representações cujas distâncias gráficas são bem definidas em termos de escala. O que significa que as distâncias entre os pontos expressas por ela são de suma importância para a compreensão dos resultados finais.

O conjunto básico de dados no qual se baseiam as estatísticas multivariadas são tabelas do tipo indivíduo x variáveis. Assim, são construídas duas nuvens de pontos: uma para os indivíduos (ou linhas) e outra para as modalidades das variáveis (ou colunas). Nas nuvens dos indivíduos, as distâncias entre os pontos-indivíduos são calculadas a partir de sua semelhança em relação às modalidades das variáveis, assim como, nas representações das variáveis, as distâncias entre os pontos-modalidades são construídas com base na proximidade dos indivíduos. Se os indivíduos escolhem as mesmas modalidades, então, essas tendem a estar próximas graficamente na representação das variáveis. Visto isso, é importante destacar que a proximidade entre os pontos-indivíduos expressa a sua semelhança, ao passo que a proximidade entre os pontos-modalidades expressa a sua associação. Em termos gráficos, os pontos-modalidades estão localizados nos pontos médios dos indivíduos que as escolheram e estão próximas a outros pontos-modalidades na medida em que os mesmos indivíduos ou indivíduos próximos as escolheram.

Nas estatísticas multivariadas, é importante também analisar alguns índices. Os índices produzidos por uma nuvem euclidiana (ponto médio, soma de quadrados, variância) são extensões multidimensionais das estatísticas básicas (LE ROUX & ROUANET, 2005). Os valores próprios são interpretados como a inércia da nuvem projetada numa dimensão ou, em outras palavras, a variância explicada "por uma dimensão" ou ainda o quanto aquela dimensão é capaz de fazer os indivíduos variarem ou se dispersarem em relação ao seu ponto médio ou centro gravitacional. A inércia de uma nuvem de pontos é medida a partir da soma do quadrado das distâncias de seus pontos em relação ao ponto médio. Nesse sentido, a variância de uma dimensão mostra o quanto ela é capaz de explicar as desigualdades na distribuição dos pontos. Vale lembrar que a quantidade de variáveis e de modalidades presente na amostra altera a inércia ou a variância de uma dimensão. Quanto maior a quantidade de modalidades presente na amostra, maior é o número de dimensões geradas e menor é a variância explicada por cada dimensão e, também, sua força explicativa em relação à distribuição da amostra.

O valor-teste é um critério que permite averiguar se uma modalidade tem uma posição significativa sobre um eixo ou dimensão. Quando um grande número de modalidades complementares está disponível, os valores-testes tornam possível identificar rapidamente as modalidades úteis para interpretar um eixo ou um plano fatorial.

A contribuição relativa, denominada Ctr de um indivíduo ou modalidade é a proporção de sua variância representada. A contribuição absoluta de uma variável é a soma da contribuição absoluta de suas modalidades. Quanto mais modalidades tem uma variável, maior tende ser a sua contribuição. A contribuição de uma modalidade também está relacionada à sua frequência. Ela é inversamente proporcional a essa última. Quanto menos ela aparece na amostra, maior tende a ser a sua contribuição para a variância da nuvem.

O \cos^2 permite mensurar a qualidade da projeção de cada ponto sobre um plano. Esse é um índice de não deformação das distâncias projetadas sobre um eixo. Como a nuvem de pontos é projetada em planos, essa medida é interessante para averiguar a qualidade da representação dos pontos sobre esses planos. Na medida em que um ponto é bem projetado, mais fidedigna será a distância entre ele e um outro ponto da representação. Em geral, a qualidade da projeção de cada ponto sobre os eixos é mais fraca na análise de correspondência múltipla porque tem muitas dimensões.

O índice η^2 (eta²), chamado de índice de correlação ou quadrado do índice de correlação é um índice de ligação entre uma variável qualitativa e uma variável quantitativa (no caso da ACM, os indivíduos são essa variável quantitativa). Ele varia entre 0 e 1 e fornece a porcentagem de variância de uma variável quantitativa que considera a existência de grupos de indivíduos correspondentes às modalidades da variável qualitativa. Ele vale 0 quando os grupos possuem a mesma média sobre a variável quantitativa e 1 quando os grupos têm médias diferentes e que em cada grupo de indivíduos tenha o mesmo valor. Quanto mais próximo o seu valor for de 1, mais a semelhança tende a ser perfeita, ou seja, menor é a dispersão entre as variáveis quantitativa e qualitativa.

A Análise de Correspondência Múltipla (ACM) é, então, um tipo de estatística multivariada. Em termos históricos, Guttmann foi, na década de 1940, um dos precursores no uso dessa metodologia. Burt, na década de 1950, também teve contribuição significativa para a sua aplicação. Na década de 1970, Benzécri e Lebart também tiveram importantes contribuições para o desenvolvimento dessa ferramenta. Ao final dessa mesma década houve, por um lado, o aprimoramento dos softwares que facilitaram sua aplicação, por outro, a formação da escola sociológica bourdieusiana, que difundiu o uso desse método. Desde então, ela tem sido usada como um dos principais recursos de análise de dados geométricos em pesquisas quantitativas.

A ACM é utilizada em tabelas com indivíduos nas linhas e variáveis categóricas nas colunas e comumente aplicada para analisar dados obtidos por meio de *surveys* (LÊ *et al*, 2008). A sua aplicação sobre um conjunto de dados exige a diferenciação entre as variáveis ativas e as variáveis complementares, ou seja, aquelas que participam ativamente na construção da nuvem daquelas que apenas participam de forma ilustrativa.

Uma característica importante dessa metodologia é que ela permite observar a associação entre as diversas modalidades de diferentes variáveis ativas e complementares simultaneamente. Isso faz com que, como fez Bourdieu em seus trabalhos, seja possível atrelar a teoria dos campos a essa metodologia.

Bourdieu utilizou a ACM para a construção dos diferentes campos e diferentes *estilos de vida* dentro do contexto francês (BOURDIEU, 2007). Por meio dela, buscou objetivar os diferentes capitais existentes – econômico, cultural e social - entre as classes e frações de classe, buscando, dessa forma, observar como se distribuía os diversos campos e como se correlacionavam entre si. Com base nos arranjos entre esses diferentes capitais, construiu os *estilos de vida* correspondentes às classes e/ou frações de classe²⁸. Essa metodologia se constituiu como um instrumento de análise importante para uma Ciência Social que prezava por uma compreensão mais relacional ou estrutural dos fenômenos sociais.

Os gráficos da ACM ajudam a identificar justamente os campos, estruturas escondidas (DUVAL, 2013). Eles ajudam a produzir as suas representações visuais e a tornar consciente os sistemas de relação que podem unir as diferentes variáveis para os quais, muitas vezes, a mensuração do efeito de uma única variável pode ser problemática. Então, esse método exige do pesquisador certa interpretação, já que os resultados não são gerados “de forma tão objetivada” quanto numa regressão linear.

A contribuição da ACM para as análises de campo não se compreende dentro de uma lógica do tudo ou nada. Ela não opera fora de um conjunto de hipóteses prévias – explícitas para alguns, mais confusas para outros – que se tem acerca do campo estudado e cuja pertinência pode ser avaliada a partir de um ponto de vista sociológico. Ela, sem dúvida, não conduz a “testar” todas essas hipóteses, mas, as diferentes operações que ela obriga a fazer, desde a construção dos dados até a análise dos resultados e a leitura dos gráficos, levam a reforçar, afinar, corrigir esse conjunto de hipóteses, a colocar em questão os pressupostos que resistem mal à prova da explicitação, a tomar consciência dos fatos ou das correlações insuspeitas. A ferramenta ajuda também a apreender vastos conjuntos de dados e a ter uma visão sintética que seria impossível sem ela e permite entender as propriedades nas relações que elas mantêm umas com as outras e a partir das quais elas extraem seu poder. A realização de uma ACM ajuda a progredir no conhecimento e na compreensão de um campo, mas ela é, sem dúvida, ainda mais útil se levarmos em conta os limites da ferramenta e que a leitura dos resultados é acompanhada de um retorno crítico sobre os dados. Se sua contribuição parecesse incontestável, o instrumento não seria capaz

²⁸ Mais adiante será mais bem explicada a forma como Bourdieu utilizou a Análise de Correspondência Múltipla nas suas análises.

se sustentar nele próprio: os dados apenas podem ser construídos sobre a base de um conhecimento prévio do campo, necessariamente adquirido por outros meios, e os campos sociais, sem dúvida, não podem ser integralmente apreendidos por instrumentos estatísticos (DUVAL, 2013, p.123, tradução nossa)²⁹.

Além disso, a ACM identifica os fatores ou os eixos que expressam os princípios mais poderosos da estruturação dos dados. O primeiro eixo é o que influencia mais fortemente a distribuição dos indivíduos. Indivíduos e modalidades, então, se distribuem tendo-os por base, formando polos que se opõem sob certos aspectos e se aproximam sob outros. A distribuição dos pontos tende a ter uma forma típica, podendo ser do formato de uma elipse, de uma parábola, de uma linha etc. Essas distribuições no espaço estatístico induzem a reflexão em torno dos diferentes princípios da hierarquização sobre os quais se organizam os grupos. Cada forma sugere um tipo diferente de organização. Além disso, subjacente à forma como esses pontos se distribuem no espaço estatístico, está a forma como os campos se relacionam e, portanto, ela indica o grau de autonomia entre os campos e, nesse sentido, se há homologia entre eles.

O fato que os “patrões”, por exemplo, tendem a constituir uma nuvem de pontos concentrados na região onde tinha sido identificado o estilo de vida “burguês” e que, de forma geral, a estrutura da classe dominante se sobrepõe muito bem ao espaço do gosto dominante, vem reforçar as hipóteses relativas à importância que o estilo de vida tem no pertencimento de classe, mas também nas relações de homologia que unem os espaços das produções culturais e os espaços que compõem seus “consumidores” privilegiados (DUVAL, 2013, p.49, tradução nossa)³⁰.

Outro ponto interessante e que deve ser reiterado é o de que, na ACM, os resultados não são automaticamente produzidos pelo *software*. Ela exige um nível de interpretação dos

²⁹ O texto em língua estrangeira é: « L’apport de l’ACM à des analyses de champ ne se comprend pas dans une logique du tout ou rien. Elle n’opère pas en dehors d’un ensemble d’hypothèses préalables – explicites pour certaines, plus confuses pour d’autres – que l’on se fait sur le champ étudié et dont la pertinence s’apprécie d’un point de vue sociologique. Elle ne conduit sans doute pas à « tester » toutes ces hypothèses mais les différentes opérations qu’elle oblige à faire, depuis la construction des données jusqu’à l’analyse des résultats et la lecture des graphiques, amènent à conforter, affiner, corriger cet ensemble d’hypothèses, à mettre en question des présupposés qui résistent mal à l’épreuve de l’explicitation, à prendre conscience des faits ou des corrélations insoupçonnées. L’outil aide aussi à appréhender de vastes ensembles de données et à en avoir une vue synthétique qui serait impossible sans lui et qui permet de saisir les propriétés dans les relations qu’elles entretiennent les unes avec les autres et dont elles tirent leur pouvoir. La réalisation d’une ACM aide à progresser dans la connaissance et la compréhension d’un champ, mais elle est sans doute d’autant plus utile que l’on prend en compte les limites de l’instrument et que la lecture des résultats s’accompagne d’un retour critique sur les données. Si son apport paraît incontestable, l’instrument ne saurait se suffire à lui-même : les données ne peuvent être construites que sur la base d’une connaissance préalable du champ, nécessairement acquise par d’autres moyens, et les champs sociaux ne peuvent sans doute pas être intégralement appréhendés par des instruments statistiques » (Duval, 2013, p. 123)

³⁰ O texto em língua estrangeira é: « Le fait que les « patrons » par exemple tendent à constituer un nuage de points concentré dans la région où avait été identifié le style de vie « bourgeois » et, plus généralement, que la structure de la classe dominante se superpose très bien à l’espace du goût dominant, vient conforter les hypothèses relatives à la part que le style de vie prend à l’appartenance de classe, mais aussi aux relations d’homologie unissant les espaces des productions culturelles et les espaces que forment leurs « consommateurs » privilégiés » (DUVAL, 2013, p.49).

resultados por parte do(a) pesquisador(a). Apesar do programa gerar, com base nos cálculos, o número de eixos possíveis a serem analisados dentro de uma determinada amostra e indicar qual o eixo que influencia mais fortemente na desigualdade na distribuição dos pontos e, portanto, qual explica mais fortemente a distribuição, ele não informa automaticamente do que se tratam esses eixos. Cabe ao pesquisador buscar interpretá-los. Nesse sentido, a ACM exige uma participação ativa do(a) pesquisador(a) na compreensão dos resultados.

Mas não é só em relação aos resultados que o papel ativo do(a) pesquisador(a) aparece nessa metodologia. Ele está presente na própria construção da tabela e das variáveis. O momento de construção da tabela dos dados é um momento de análise de um campo, uma vez que as perguntas e padrões de respostas – que depois darão origem às variáveis da tabela – são construídas a partir da percepção do(a) pesquisador(a) a respeito do campo e de suas propriedades. A criação das colunas da tabela exige a interrogação do(a) pesquisador(a) sobre as propriedades do campo. Logo, os dados não estão isentos de arbitrariedade. A criação das próprias variáveis exige uma operação de categorização por parte do(a) pesquisador(a) – agente social que não está isento do mundo social. Aliás, a noção de variável repousa sobre a hipótese de que cada indivíduo está apenas atrelado a uma ou outra modalidade de uma variável. Assim, os resultados apresentados, bem como os princípios de estruturação dos dados refletem as decisões e dificuldades encontradas pelo(a) pesquisador(a) durante o processo de construção dos dados e que nunca estão totalmente isentos de arbitrariedade.

Haveria assim uma crítica em relação à ACM: ela expressaria os resultados que já se encontrariam previamente na cabeça do(a) pesquisador(a) e, nesse sentido, expressaria um caráter circular. No entanto, esse argumento é apenas uma constatação elementar válida para todas as técnicas estatísticas: “a estatística não saberia revelar outras relações que aquelas que a gente a faz procurar” (DUVAL, 2013, p.30, tradução nossa)³¹.

Apesar das críticas, o fato é que a ACM traz consigo a noção da participação ativa do(a) pesquisador(a) na construção e na interpretação dos dados. Enquanto tal, ela deixa implícito que os resultados são, em parte, construções do(a) pesquisador(a) e, nesse sentido, representações imperfeitas e limitadas da realidade. Os campos, por exemplo, os quais se pretende observar por meio da ACM, acabam sendo vistos como estruturas estáticas, quando são na realidade estruturas em movimento, produzidas historicamente. Algo semelhante se passa em relação ao indivíduo que se observa na ACM. É preciso diferenciar o “indivíduo estatístico” do “indivíduo empírico”. Ainda que seja possível atribuir nomes e qualidades reais

³¹ O texto em língua estrangeira é: «la statistique ne saurait révéler d'autres rapports que ceux qu'on lui fait chercher » (DUVAL, 2013, p.30).

aos indivíduos expressos por uma ACM, existe um limite nesse processo. O “indivíduo estatístico” é um perfil definido por um conjunto de variáveis ativas, as quais não podem expressar as possíveis ambiguidades daquele ou a totalidade de propriedades das quais o “indivíduo empírico” é capaz de possuir.

Isso não significa, por outro lado, desacreditar na capacidade da metodologia estatística. O descrédito total dos recursos matemáticos, advindo de um possível “paroxismo cético” (SANTOS, 1988, p. 11), levaria a um “estéril emudecimento” acerca da realidade social por parte dos pesquisadores. O que e como compreender fenômenos estruturais que ocorrem lentamente ao longo de anos e sobre populações inteiras e não podem ser vistos “a olho nu” por um único pesquisador de um dado tempo e espaço? A ACM, assim como todas as formas de estatística são importantes ferramentas para a compreensão da realidade social, sobretudo, para o entendimento de fenômenos sociais que ocorrem em grandes períodos de tempo. As análises estatísticas e a matemática subjacente a esse tipo de análise têm o poder de abstrair determinados aspectos da realidade social que sob o ponto de vista de um único observador num dado espaço-tempo não seria, por si só, capaz de compreendê-los ou mesmo de lhes tomar ciência. Mas assim como todas as formas de metodologia, tem suas limitações e seus resultados acabam sempre sendo representações imperfeitas da realidade.

Assim, a utilização da ACM permite, por um lado, justamente problematizar e pôr em evidência essas questões e, por outro, legitimar o poder das ferramentas matemáticas para a compreensão da realidade social. É uma metodologia que se utiliza da matemática de forma criativa, visando, nesse sentido, escapar das duas posições antagônicas do “tudo ou nada” que organizam os debates em torno do uso da estatística e dos modelos matemáticos dentro das Ciências Sociais.

A presente nota gostaria de sugerir que a abordagem que consiste em estudar espaços sociais com a ajuda da ACM é muito mais razoável e ponderada do que ela pode não parecer num primeiro momento. Se ela se expõe a mal entendidos, é, sem dúvida, em grande medida, porque ela tenta escapar das duas posições constituídas que, na lógica do tudo ou nada, organizam os debates em torno das estatísticas em ciências sociais. Uma tende a atribuir uma onipotência aos instrumentos estatísticos (que dispensariam mesmo o uso de qualquer outra técnica) e considera como um dado que as ciências sociais podem (e devem) ir no sentido de uma modelização matemática que as aproximaria das ciências da natureza. A outra não para de afirmar a especificidade das ciências do homem e de destacar a pobreza das abordagens estatísticas nessas disciplinas. A abordagem que consiste em construir estatisticamente os espaços sociais busca ultrapassar essas duas posições antagônicas. Ela não trata a ACM como um instrumento mágico que faria surgir de uma maneira miraculosa a estrutura de um campo, nem como um argumento definitivo, mas como uma ferramenta, que utilizada, tendo consciência de suas potencialidades e de seus limites, faz avançar o conhecimento e a compreensão do mundo social. A metodologia, em certo sentido, comporta dois momentos que consistem, um, a tirar proveito das possibilidades que a ACM abre e, outro, a tentar evitar os efeitos indesejáveis. Ela revela uma relação com

as estatísticas muito original que mobiliza uma reflexão coletiva antiga ainda que frequentemente eclipsada (DUVAL, 2013, p.111-112, tradução nossa)³².

3.3. A Análise de Correspondência Múltipla e a teoria de Bourdieu

Bourdieu utiliza a Análise de Correspondência Múltipla para reconstruir, por meio de uma “representação objetiva” do mundo social, a “totalidade” dos diferentes fatores relativos às classes e frações de classes. Por meio dessa ferramenta, busca averiguar como se distribuem, no espaço social, as classes, os capitais, os *estilos de vida* aos quais os indivíduos estão submetidos e, dessa forma, testar empiricamente em que medida os bens materiais e simbólicos “escolhidos” e consumidos pelos indivíduos se correlacionam entre si, formando diferentes *estilos de vida*, gostos, *habitus* e práticas sociais. Ele busca também observar, em que medida, os bens de consumo, os *estilos de vida* e, da mesma forma, os *habitus* e práticas dos agentes se opõem/se relacionam entre si, já que é dessa forma que se definem e adquirem valor. Esse instrumento de análise permite ainda verificar como o conjunto desses elementos se distribui em relação aos condicionamentos econômicos e sociais, salientando, assim, ainda que sem presumir uma ordem determinista nessa correlação, as estruturas imanentes e encobertas das classes.

Para que a descrição dos estilos de vida adquira o valor de verificação empírica que ela deve ter, convém voltar à própria pesquisa e confrontar as unidades manifestadas pelo método que, segundo parece, é o mais bem preparado para apreender, *total simul*, o conjunto das observações coletadas - além de identificar, fora de qualquer imposição de pressupostos, suas estruturas imanentes, ou seja, a análise das correspondências - com aquelas que se pode construir a partir dos princípios de divisão segundo as quais são definidas, objetivamente, as grandes classes de condições e de condicionamentos

³² O texto em língua estrangeira é: « La présente note voudrait suggérer que la démarche consistant à étudier des espaces sociaux à l'aide de l'ACM est beaucoup plus conséquente et réfléchie qu'elle ne peut le sembler au premier abord. Si elle s'expose à des malentendus, c'est sans doute pour une part importante parce qu'elle entreprend d'échapper aux deux positions constituées qui, dans la logique du tout ou rien, organisent les débats autour des statistiques en sciences sociales. L'une tend à prêter une toute-puissance aux instruments statistiques (qui dispenseraient même de l'usage de toute autre technique) et considère comme allant de soi que les sciences sociales peuvent (et doivent) aller dans la voie d'une modélisation mathématique qui les rapprocherait des sciences de la nature. L'autre ne cesse d'affirmer la spécificité des sciences de l'homme et de mettre en valeur la pauvreté des approches statistiques dans ces disciplines. La démarche consistant à construire statistiquement des espaces sociaux entreprend de dépasser ces deux positions antagonistes. Elle ne traite pas l'ACM comme un instrument magique qui ferait jaillir de manière miraculeuse la structure d'un champ, ni comme un argument ultime, mais comme un outil qui, utilisé dans une conscience de ses potentialités et de ses limites, fait avancer la connaissance et la compréhension du monde social démarche, en un sens, comporte deux moments qui consistent, l'un, à tirer profit des possibilités qu'ouvre l'ACM et, l'autre, à essayer d'en déjouer les effets indésirables. Elle relève d'un rapport aux statistiques très original qui mobilise une réflexion collective ancienne bien que régulièrement éclipsée » (DUVAL, 2013, p. 111-112)

homogêneos, portanto, de *habitus*, e, por conseguinte, de práticas (BOURDIEU, 2007, p. 240).

A análise de correspondência múltipla é um instrumento metodológico que se ajusta muito bem ao arcabouço teórico de Bourdieu. A ideia de “classe enquanto prática social” exige um ponto de vista multidimensional. Para Bourdieu, a classe não pode ser definida apenas por uma propriedade, nem pela soma de propriedades ou ainda, a partir de uma ordem determinista, pré-estabelecida entre as diferentes propriedades, mas pela estrutura das relações entre elas. Para ele, é justamente na acumulação, no conjunto entre os diferentes fatores ou propriedades que compõem a classe que reside a sua eficácia. Há, desse ponto de vista, um efeito de sobredeterminação, já que é através de um fator ou prática de classe, que se revela a eficácia de todos os outros e uma necessidade de se compreender o fenômeno a partir de uma perspectiva multidimensional.

Da mesma forma que sua noção de classe exige um olhar múltiplo, a pressuposição acerca da autonomia entre os diferentes tipos de capitais e da relação de conversão existente entre eles - o arcabouço teórico de Bourdieu pressupõe a existência de diferentes tipos de capitais que são autônomos entre si, mas que podem ser convertidos de um tipo para outro – o que requer uma noção de mundo multidimensional.

No entanto, sua aceção de classe enquanto prática não permite visualizar objetivamente a estrutura dos *estilos de vida* de diferentes agentes e a estrutura do espaço simbólico no qual se distribui o conjunto das práticas, dos *estilos de vida* e dos condicionamentos sociais. Com isso, perde-se de vista a noção do todo, capaz de demonstrar, por um lado, a correlação existente entre gostos, *habitus*, *estilos de vida*, práticas e condicionamento sociais dos grupos sociais e a capacidade de demonstrar a relação de alteridade existente entre todas as classes e frações de classe, a partir da qual elas necessariamente se constroem.

Logo, por meio da análise de correspondência múltipla Bourdieu obtém uma representação esquemática e multidimensional do mundo social capaz de abranger, em sua integralidade, o conjunto das relações entre diferentes elementos e propriedades – representados, sobretudo, pelos bens de consumo - dos indivíduos e que indica, por meio de suas duas dimensões fundamentais, os princípios que comandam e organizam a estrutura e as mudanças de todo o espaço dos *estilos de vida*.

Na representação produzida, os diferentes elementos - os mais variados possíveis e referentes às múltiplas dimensões da vida dos indivíduos - se distribuem de forma aleatória nos espaços. A proximidade entre eles é o que sugere sua semelhança e, portanto, suas correlações. A aleatoriedade da distribuição dos elementos permite recompor a correlação entre eles – e as

relações imanentes, mas encobertas entre os diversos elementos - que formam os diferentes *estilos de vida* e que expressam os *habitus* e as práticas dos grupos sociais.

Além disso, a lógica da ordem que a distribuição dos elementos segue é expressa pelos dois eixos principais da representação gráfica que correspondem ao volume e à estrutura do capital dos grupos distribuídos nele. Ela não é dada de antemão, é interpretada posteriormente pelo pesquisador que, portanto, não a presume previamente. Logo, o tipo de ordenação das distribuições dos elementos permite verificar não só os princípios fundamentais que ordenam essa organização, mas em que medida as estruturas desses princípios – sobretudo a do capital econômico e a do capital cultural - se correspondem. A análise de correspondência pressupõe, assim, que as lógicas impostas por esses diferentes capitais podem ser autônomas, ainda que possuam relações. É em função de tudo isso, que essa metodologia contempla a noção de “classe enquanto prática” e a noção de autonomia entre os diferentes tipos de capital, se ajustando de forma exemplar ao arcabouço teórico de Bourdieu.

Ao justapor as informações concernentes a domínios que, para os sistemas de classificação habitual, estão separadas - a tal ponto que a proposição de um simples paralelismo é algo impensável ou escandaloso - e ao manifestar, assim, as relações, apreendidas pela intuição imediata que, por sua vez, serve de orientação para as classificações da existência comum, entre todas as propriedades e práticas características de um grupo, o esquema sinótico obriga a procurar o fundamento de cada um desses sistemas de "escolha", por um lado, nas condições e nos condicionamentos sociais característicos de determinada posição no espaço objetivo, cuja expressão ocorre aí sob uma forma incognoscível e, por outro, na relação com os outros sistemas de "escolha" por intermédio dos quais se definem sua significação e seu valor propriamente simbólicos (BOURDIEU, 2007, p. 120).

Bourdieu explica que “cada informação pertinente figura apenas uma só vez, sem deixar de ser válida por toda uma zona (mais ou menos extensa, dependendo do caso) do espaço social, embora ela caracterize tanto mais uma categoria, quanto mais perto estiver do respectivo título” (BOURDIEU, 2007, p. 121). e que, portanto, “(...) em torno do título de cada fração, encontram-se reunidos os traços mais pertinentes, por serem os mais distintivos, de seu *estilo de vida* - que, aliás, ela pode compartilhar com outros grupos” (BOURDIEU, 2007, p. 121).

Além disso, os pontos mais distantes no espaço social, sobretudo aqueles situados em diferentes polos, são também aqueles que mais se distinguem simbolicamente. Isso acontece em relação aos diferentes elementos “escolhidos” e consumidos pelos indivíduos inseridos na análise. O mesmo acontece com os *estilos de vida*. Pelo fato de serem essencialmente distintivos, os estilos situados num polo são necessariamente opostos, em termos de distância objetiva e de distinção simbólica, aos situados nos outros polos da representação.

Em termos gráficos, há também diferenças de raridade entre os bens apresentados. Como ele explica, essa raridade pode estar relacionada à capacidade desses agentes ou grupo

de agentes de consumirem aquele determinado bem, mas também à disponibilidade desse item na realidade dos indivíduos, ou dito de outra forma, da distância real que possuem em relação a esse último. Assim, essa raridade dos bens pode expressar características dos indivíduos ou grupos e/ou do meio geográfico. Nesse sentido, a representação obtida tem a capacidade de expressar aspectos de diferentes dimensões da vida social.

De fato, as possibilidades de que um grupo venha a apropriar-se de uma classe qualquer de bens raros - e que avaliam as expectativas matemáticas de acesso - dependem, por um lado, de suas capacidades de apropriação específica, definidas pelo capital econômico, cultural e social que ela pode implementar para apropriar-se, do ponto de vista material e/ou simbólico, dos bens considerados, ou seja, de sua posição no espaço social e, por outro, da relação entre sua distribuição no espaço geográfico e a distribuição dos bens raros neste espaço (relação que pode ser avaliada em distâncias médias a bens ou equipamentos, ou em tempos de deslocamento - o que faz intervir o acesso a meios de transporte, individuais ou coletivos), ou dito em outras palavras, a distância social real de um grupo a determinados bens deve integrar a distância geográfica que, por sua vez, depende da distribuição do grupo no espaço e, mais precisamente, de sua distribuição em relação ao "núcleo dos valores" econômicos e culturais, ou seja, em relação à Paris ou às grandes metrópoles regionais (em matéria de residência, são conhecidos os inconvenientes implicados em algumas carreiras em que o acesso à profissão - por exemplo, funcionários dos correios - ou a promoção estão subordinados a um exílio mais ou menos prolongado). É assim que, por exemplo, a distância dos agricultores aos bens de cultura legítima não seria tão imensa se, a distância propriamente cultural que e correlata de seu baixo capital cultural, não viesse juntar-se o afastamento geográfico resultante da dispersão no espaço que caracteriza esta classe (BOURDIEU, 2007, p. 114).

Em relação ainda à raridade dos elementos, Bourdieu sugere que a simples mudança na estrutura da distribuição de um bem ou de uma prática entre as classes, como por exemplo, o aumento do número de pessoas das diferentes classes que passam a possuí-lo ou realizá-la, faz com que a raridade e o valor distintivo desses elementos diminuam. Isso, segundo Bourdieu, ameaça a distinção dos antigos detentores ou praticantes desse bem e/ou dessa prática. No entanto, na sua perspectiva, a diminuição dos ganhos de distinção - regida pela dialética da pretensão e da distinção -, provocada pela popularização desses elementos, é suprimida pela oferta de novos bens ou elementos raros capazes de novamente conceder distinção para aqueles que os detêm e/ou praticam. O movimento de popularização de um elemento pode ser graficamente observado nas representações ao longo do tempo, em função do deslocamento de um item de um extremo de maior raridade para outro de menor na comparação de um gráfico para o outro.

As mudanças que ocorrem na realidade social, em termos de volume ou de tipo de capital, podem também ser observadas nesses gráficos. Os dois eixos principais representam o volume global de capital: o primeiro, a espécie de capital que rege a lógica da organização dos elementos e o segundo, o volume desse capital. Nesse espaço, podem existir duas formas de mudanças: uma vertical e outra transversal. Quando há uma mudança vertical de posição

(ascendente ou descendente) de um agente, na qual não se modifica de área ou de subcampo – aqui cabe lembrar que Bourdieu compreende o espaço simbólico das classes como um grande campo que é representado pela totalidade do digrama e cujos quadrantes formam subespaços que abarcam os diferentes *estilos de vida* das frações de classe, formando um subcampo – há apenas uma mudança de volume de capital dominante na estrutura patrimonial e não de espécie de capital. Quando há um deslocamento, seja vertical ou horizontal, em que se modifica o subcampo, há uma mudança no tipo de capital dos indivíduos e, nesse sentido, uma mudança na estrutura patrimonial. No entanto, é importante reiterar que essas mudanças que estão sendo observadas por Bourdieu, são relativas aos indivíduos e às suas trajetórias de vida, ou seja, à mobilidade individual.

Nesse tipo de análise, Bourdieu busca construir a “classe de forma objetiva”. Para isso, utiliza a variável “classes de condições de existência” que são expressas pelas categorias socioprofissionais. Aparentemente, com o uso dessa categoria, Bourdieu, reproduziria as classes enquanto “constructo teórico”, como desenvolvidas pelos estatísticos, caindo em certa contradição. No entanto, contrariamente às “classes teóricas”, que pressupõem que a ocupação encerra o limite das classes, na perspectiva de Bourdieu, a noção de “classes de condições de existência” funciona apenas como recurso metodológico para verificar as correlações entre as posições socioeconômicas dos indivíduos e as diversas propriedades das classes e frações de classe, ou seja, ela não encerra os limites da sua noção de classe, não se constituindo, portanto, como um fim em si mesmo nas suas análises, mas, ao contrário, como um meio para observação das diferentes propriedades das classes.

Ao designarmos estas classes - classes de agentes ou, o que da no mesmo deste ponto de vista, classes de condições de existência - por um nome de profissão, limitamo-nos a tornar manifesto que, nas relações de produção, a posição orienta as práticas por intermédio, principalmente, dos mecanismos que presidem o acesso às posições, além de produzirem ou selecionarem determinada classe de *habitus*. Mas, não se trata de retornar a uma variável pré-construída, tal como a "categoria socioprofissional": de fato, os indivíduos reunidos em uma classe construída a partir de uma relação particular, apesar de ser particularmente determinante, trazem sempre com eles, além das propriedades pertinentes que se encontram na origem de sua classificação, algumas propriedades secundárias que, deste modo, são introduzidas clandestinamente no modelo explicativo. O mesmo é dizer que uma classe ou uma fração de classe é definida não só por sua posição nas relações de produção, tal como ela pode ser identificada através de índices - por exemplo, profissão, renda ou, até mesmo, nível de instrução -, mas também pela proporção entre o número de homens e o de mulheres, correspondente à determinada distribuição no espaço geográfico (que, do ponto de vista social, nunca é neutra), e por um conjunto de características auxiliares que, a título de exigências tácitas, podem funcionar como princípios reais de seleção ou exclusão sem nunca serem formalmente enunciados - esse é o caso, por exemplo, da filiação étnica ou do gênero (...) (BOURDIEU, 2007, p. 97).

O mesmo ocorre para a Análise de Correspondência Múltipla. A utilização dessa metodologia não tem, em sua obra, um caráter conclusivo. Ao contrário, é apenas um recurso analítico usado para averiguar inicialmente os pressupostos desenvolvidos e que se baseiam, sobretudo, nas intuições do conhecimento comum acerca dos *estilos de vida* e busca reconstituir a visão do todo numa representação do mundo social. Ela não representa um fim em si mesmo.

Considerando a impossibilidade de justificar as práticas a não ser pela revelação sucessiva da série dos efeitos que se encontram na sua origem, a análise faz desaparecer, em primeiro lugar, a estrutura do estilo de vida característico de um agente ao de uma classe de agentes, ou seja, a unidade que se dissimula sob a diversidade e a multiplicidade do conjunto das práticas realizadas em campos dotados de lógicas diferentes, portanto, capazes de impor formas diferentes de realização, segundo a fórmula: [(*habitus*) (capital)] + campo = prática. Ela faz desaparecer, também, a estrutura do espaço simbólico delineado pelo conjunto dessas práticas estruturadas, de todos esses estilos de vida distintos e distintivos que se definem sempre objetivamente - e, às vezes, subjetivamente - nas e pelas relações mútuas. Trata-se, portanto, de recompor o que foi decomposto, antes de mais nada, a título de verificação, mas também para encontrar, de novo, o que há de verdade na abordagem característica do conhecimento comum, a saber, a intuição da sistematicidade dos estilos de vida e do conjunto constituído por eles. Para isso, convém retornar ao princípio unificador e gerador das práticas, ou seja, ao *habitus* de classe, como forma incorporada da condição de classe e dos condicionamentos que ela impõe; portanto, construir a classe objetiva, como conjunto de agentes situados em condições homogêneas de existência, impondo condicionamentos homogêneos e produzindo sistemas de disposições homogêneas, próprias a engendrar práticas semelhantes, além de possuírem um conjunto de propriedades comuns, propriedades objetivadas, às vezes, garantidas juridicamente - por exemplo, a posse de bens ou poderes - ou incorporadas, tais como os *habitus* de classe - e, em particular, os sistemas de esquemas classificatórios (BOURDIEU, 2007, p. 97).

3.4. A tipologia de classes: “classes como condições de existência”

A tipologia de classes aqui utilizada possui nove classes³³. Nela se encontram as classes superiores urbanas, a classe média alta, a classes média, a classe média baixa, a pequena burguesia urbana, as classes populares urbanas, a classe operária, os proprietários rurais e os trabalhadores rurais. Esse modelo de classes tem como pressuposto a ideia de que a delimitação das classes sociais está fortemente relacionada à forma de organização do trabalho na sociedade³⁴. Ele presume que a ocupação tem um papel central na delimitação das classes e que

³³Essa tipologia está baseada no modelo de classes desenvolvido por Cardoso, A. e Préteceille, E., conforme apontam em *Classes médias no Brasil: Do que se trata? Qual seu tamanho? Como vem mudando?* *Dados*, v. 60, n. 4, p. 977-1023, 2017.

³⁴ É importante destacar que os autores defendem, contrariamente à literatura que enfatiza a liquidez da vida moderna, que o trabalho ainda é central para a vida daqueles que obtêm meios de sustentação através da venda de sua força de trabalho e que, portanto, continua a ser o principal mecanismo divisor das pessoas em classes sociais.

as especificidades da realidade de trabalho locais são fundamentais para a compreensão de sua estrutura de classes.

Os autores desenvolveram, então, um modelo de estratificação para a sociedade brasileira que incorpora as peculiaridades e as mudanças recentes na estrutura organizacional do país. Para desenvolver essa tipologia, eles realizaram a tradução da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) no modelo das Categorias Socioprofissionais (*catégories socioprofessionnelles* - CS) francesas. Com isso, chegam a um modelo no qual as classes médias possuem três núcleos: o núcleo central CS4, das profissões intermediárias, que comporta sete categorias; o núcleo CS3, com quatro categorias, que constitui as classes médias superiores e o CS5, com quatro categorias, que compunha classes médias baixas. Nesse modelo a classe média está, então, nesse modelo dividida em três frações: a classe média baixa, a classe média e a classe média alta. Ela é, portanto, compreendida como um corpo heterogêneo e diverso. A tipologia se mostra, nesse sentido, atenta e sensível a essa pluralidade.

Este trabalho operacionaliza essa tipologia de classes nas análises de correspondência múltipla, visto que parte da compreensão de que as desigualdades ocupacionais têm forte “peso” sobre a organização social no país, mas que não exclui a importância dos aspectos simbólicos das distinções sociais. Ele mobiliza, então, as categorias socioocupacionais como “classes de condições de existência”³⁵. A tipologia funciona, assim, como um recurso metodológico para verificar as correlações entre as posições socioeconômicas dos indivíduos e as diversas propriedades das classes. Ela não encerra os limites da noção de classe, bem como não se constitui como um fim para as análises em torno das classes. Ela é, ao contrário, uma representação de uma característica fundamental das classes sociais, mas é, sobretudo, um meio para observar suas diferentes propriedades.

3.5. Os dados da POF: considerações operacionais e metodológicas

3.5.1. A escolha dos dados e dos anos

³⁵ Como Bourdieu realiza com as categorias socioprofissionais em *A Distinção* (2007).

A pesquisa de Orçamentos Familiares é um banco de dados muito rico, porém complexo. Ele possui informações muito detalhadas sobre a vida orçamentária das famílias brasileiras, abrangendo amplas dimensões da realidade de consumo. No entanto, como a POF não tem um caráter contínuo, tal como a PNADC, não há uma padronização rígida nos dados, tal como existe na PNADC, o que torna a sua operacionalização uma tarefa mais desafiadora. Por isso, a sua utilização é menos frequente por parte dos pesquisadores. Assim, quando o banco é analisado, em geral, apenas algumas partes são utilizadas. Em função da sua enorme riqueza de informações sobre consumo – o objeto central do livro – e de sua baixa utilização - em comparação, por exemplo, com a Pnad – pelos cientistas sociais é que esse banco de dados foi escolhido para ser analisado.

A ideia inicial era analisar um período temporal maior entre 1987 e 2014. No entanto, foram necessárias algumas adaptações, já que a POF prevista para 2014 não pode ser realizada por razões orçamentárias, bem como os bancos de dados de 1987 e de 1995 não tinham informações fundamentais para a possível comparação. Com isso, optou-se por comparar apenas os anos de 2002 e 2008. A mudança na metodologia da POF ao longo dos anos e a falta de padronização entre seus bancos de dados foram elementos extremamente desafiadores para a viabilidade da pesquisa.

3.5.2. A estrutura e organização dos dados da POF 2002 e 2008: desafios da operacionalização

A Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2002-2003 possui 6 questionários que deram origem a 13 registros (arquivos de bancos de dados). O número de registros (arquivos) de banco de dados não corresponde ao número de questionários existentes. Alguns questionários podem também dar origem a mais de um registro. A ordem dos bancos ou registros não acompanha necessariamente a ordem dos questionários. Cada questionário está dividido em quadros temáticos. Cada quadro possui um número atribuído a ele. Dentro de cada quadro há um conjunto de perguntas enumeradas. As perguntas estão, assim, tematicamente agrupadas pelos números dos quadros.

Então, o primeiro desafio que se colocou para a utilização das POFs era de ordem operacional. Além de ser necessário compreender quais as partes dos bancos de dados se correspondiam de um ano para o outro, era necessário juntar, dentro de cada um dos anos, os

bancos de dados, já que esses se encontram originalmente separados. Para isso, foi desenvolvido um material de apoio para a compreensão da estrutura dos arquivos e da correspondência entre os anos de 2002 e 2008.

A junção dos bancos de dados, apesar de ser uma tarefa aparentemente simples, acabou se tornando um grande desafio. Tanto na POF de 2002, quanto na POF de 2008 há uma lista de mais de 10000 itens de consumo e esses estão presentes, não como variáveis, mas como códigos de uma variável chamada “itens de consumo”. Como as POFs têm como objetivo capturar o perfil de consumo, os gastos e os rendimentos das famílias, elas priorizam as especificidades dos orçamentos familiares, isto é, dão ênfase aos itens de consumo adquiridos pela família. Isso faz com que o possível identificador comum dos domicílios ou dos indivíduos, isto é, aquilo que tornaria a observação ou a linha exclusiva para uma unidade de análise se repita tantas vezes quantos forem os itens consumidos pela família, bem como todas as outras informações referentes aos domicílios (que não as relativas aos itens de consumo). Isso inviabiliza a junção dos registros das POFs de uma forma simplificada. Isso é o que torna a junção dos seus dados um imenso desafio. Ao longo da pesquisa verificou-se que a junção dos registros seria bastante difícil. Assim, a opção para a operacionalização dos bancos de dados para este trabalho foi a da extração dos itens de consumo que interessavam para a pesquisa e a formação de um banco de dados próprio.

Outro desafio para a operacionalização dos bancos de dados da POF foi a geração dos códigos dos itens de consumo. Os códigos correspondentes aos itens não são, dentro do *survey* original, únicos e exclusivos por item. Assim, para ter um código único por item de consumo é preciso juntar o número do quadro temático ao qual ele pertence ao código do item, formando assim, um terceiro código único e exclusivo. Vale lembrar que, ainda que a estrutura dos questionários para o ano de 2002 e de 2008 seja bastante semelhante, sobretudo, no que diz respeito às temáticas dos quadros, a numeração dos quadros nem sempre é equivalente entre os anos. Algumas vezes, dois quadros desagregados em 2002 se transformaram em um único em 2008 ou vice-versa. O que significa, em termos práticos, que um item pertencente a um quadro temático no ano de 2002 de uma determinada numeração possa pertencer ao mesmo quadro temático no ano seguinte, mas com uma numeração distinta ou que, ainda que em menor proporção, um determinado item pertencente a um quadro temático no ano de 2002, possa pertencer a outro quadro no ano de 2008. Assim, foi preciso realizar um trabalho cuidadoso não só para gerar os códigos únicos e exclusivos dos itens, como para averiguar a correspondência entre os quadros, a sua numeração e a correspondência entre os anos.

3.5.3. A construção dos bancos de dados

Além disso, foi preciso realizar a seleção dos itens de consumo, já que não era possível trabalhar com todas as suas partes juntas e ao mesmo tempo. A escolha dos itens de consumo para a formação dos bancos de dados levou em consideração razões de ordem prática e/ou dos conhecimentos da literatura sobre o tema da classe média. Durante o processo de escolha dos dados, a ideia original era manter o máximo de itens possíveis de forma indiscriminada, a fim de verificar, após a junção dos dados, quais dentre eles caracterizariam mais as classes médias. No entanto, dada a grandiosidade da lista de itens, a realização dessa tarefa exigiria um tempo de trabalho do qual esta pesquisa não dispunha. Assim, optou-se por escolher os itens que levassem em consideração os seguintes critérios: 1) estivessem presentes na literatura sobre classe média e que pudessem demonstrar possíveis diferenças e distinções de classe; 2) aparecessem tanto no ano de 2002 como no de 2008; 3) não demandassem um trabalho exaustivo durante o processo de equivalência dos dados. Era preciso escolher os itens que mais interessavam antes de analisar se eles eram estatisticamente relevantes, já que sua escolha se deu previamente à junção dos dados e de sua análise prévia.

Como a ideia era observar se houve popularização dos itens típicos de classe média de um ano para o outro, era preciso realizar uma comparação entre os dois anos. E, nesse sentido, realizar um processo de equivalência dos itens de consumo entre os anos de 2002-2003 e 2008-2009. Com base nisso, foi preciso realizar um processo de equivalência dos produtos, mantendo apenas aqueles que se correspondessem entre si e que existissem nos dois anos da análise. Assim, realizou-se um longo trabalho de comparação e equivalência dos itens de consumo que, vale lembrar, nem sempre eram denominados da mesma forma (em termos de palavras ou expressões) nos bancos de dados. Em casos como esses, se priorizou a ideia e não a expressão literal que correspondia ao item.

Dado o grande volume de itens, o processo de equivalência foi realizado com base em grupos. Os quadros temáticos (dos questionários) aos quais pertenciam os itens se tornaram referência importante nesse processo, já que, em grande medida, os itens que se encontravam em um quadro no primeiro ano tendiam a ser encontrados no mesmo quadro no ano seguinte. Esses quadros funcionaram, muitas vezes, como uma forma de agrupar os produtos dentro do processo de equivalência. Em determinados conjuntos, nos quais havia uma quantidade muito grande de itens – o que tornaria a comparação excessivamente refinada e complexa – optou-se

por sua agregação, com base geralmente no próprio nome do quadro ao qual pertenciam. Buscou-se, em geral, manter a separação dos itens com base na própria separação dos quadros originais dos questionários. Isso é importante porque alguns itens aparentemente se repetem no banco de dados final. Este é o caso do item “gastos com carro particular” e “tem automóvel”.

Contudo, o agrupamento dos itens nem sempre seguiu a nomenclatura dos quadros. Por exemplo, no caso do grupo “serviços de beleza e de estética” que engloba um conjunto de itens de consumo, o nome do grupo foi uma adaptação ao nome do quadro original “despesas com serviços pessoais no período de referência de 90 dias”. Como se pode observar nesse mesmo exemplo, o quadro temático do questionário se apoia sobre um período específico de consumo para aqueles tipos de itens. No caso dos itens de despesa pessoais o período de referência são os 90 dias anteriores à entrevista. Em outros quadros o período de referência é de 12 meses. Isso variava, portanto, de acordo com o quadro. Foi com base nisso que se priorizou a agregação de determinados conjuntos de itens por meio dos quadros originais. Mesmo que dois itens diferentes indicassem a mesma ideia, o intuito era o de tentar mantê-los separados, já que a sua mistura levaria a mescla de tempos de referência diferentes.

Em alguns casos, ocorreu a desagregação de quadros em grupos menores. Por exemplo, o quadro “despesas com educação no período de referência de 12 meses” do ano de 2002 que equivalia ao quadro “cursos, livros didáticos, revistas técnicas e outros itens referentes à educação no período de referência de 12 meses” de 2008, foi dividido em grupos menores, em função da importância e da heterogeneidade dos itens de consumo que existiam dentro dele. Assim, se optou pela divisão desse quadro em 5 grupos menores: 1) “gastos com aulas de artes e de esportes”; 2) “gastos com cursos de idiomas e informática”; 3) “gastos com autoescola”; 4) “gastos com educação formal”; 5) “gastos com cursos de capacitação profissional”.

Então, foi com base nesses agrupamentos que variáveis categóricas foram formadas. No entanto, houve exceções. Esse é o caso, por exemplo, do agrupamento “gastos com educação formal” e do agrupamento “gastos do domicílio principal com serviços básicos”. Esses agrupamentos possuíam uma diversidade de itens de consumo cujas diferenças pareciam mais explicativas para a compreensão das diferenças de classes do que a manutenção de sua agregação. Em casos como esses, os itens de consumo se transformaram na própria variável. O item “gastos com curso regular de primeiro grau” presente no grupo “gastos com educação formal” se transformou na variável “gastos com ensino básico”. Assim, para a geração das variáveis, foi realizado um balanço constante, no qual era preciso ponderar se a manutenção dos itens de consumo não se tornaria um refinamento excessivo capaz mais de sobrecarregar

do que elucidar as análises, ou se a manutenção dos itens de consumo como propriamente variáveis soaria mais explicativo do que o agrupamento dos itens e vice-versa.

Os itens escolhidos foram então extraídos e transformados em variáveis categóricas binárias. Caso o respondente tivesse gastos com determinado item, a ele corresponderia o valor “sim” da variável, caso ele não tivesse consumido o produto, apareceria como “não”. Aqui cabe ressaltar que, apesar da marca do produto ser um sinal importante para a distinção de sua qualidade e que permite uma análise mais complexa do consumo nos diferentes grupos sociais, os dados da POF não possuem esse tipo de informação. Assim, a criação das variáveis categóricas binárias foi a solução que pareceu mais viável para a operacionalização dos dados dentro do tempo disponível. Embora o gasto dos itens pudesse funcionar também como um indicativo da qualidade diferencial dos produtos consumidos, a complexidade inicial exigida para a junção das bases de dados e para a criação das próprias variáveis a serem analisadas – haviam milhares de itens passíveis de análise –, exigiu escolhas que levassem a simplificação das variáveis.

Após a extração dos itens de consumo que, a partir de então, formariam variáveis categóricas, se realizou a junção dessas variáveis num grande banco de dados e, após esse procedimento, juntaram-se outras partes dos bancos de dados originais que continham informações relevantes para a pesquisa, como, por exemplo, o tipo de ocupação.

A junção das diversas partes dos bancos de dados originais (tanto no ano de 2002, como no ano de 2008) esbarrou também em outros desafios. Como nessa parte do questionário, a unidade de análise era o trabalho e como muitas pessoas possuem mais de um trabalho, as informações relativas a elas se repetiam tantas vezes quantas fossem o número de trabalhos que possuíam. Então, para poder juntar os bancos, optou-se por descartar algumas informações originais. Assim, os bancos de dados construídos, tanto para o ano de 2002, como para o ano de 2008, contêm, basicamente, as informações das pessoas de referência da família (da unidade de consumo) e de seu trabalho principal. Então, as classes foram construídas a partir da “ocupação principal” da “pessoa de referência” da unidade de consumo. Infelizmente, não foi possível manter os trabalhos secundários, nem os outros indivíduos da família para a construção das classes.

Ainda assim, construiu-se um banco de dados geral com 321 variáveis e 38.586 observações para o ano de 2002 e outro com 344 variáveis, contendo 42.392 observações para o ano de 2008.

3.5.4. As unidades de análises: as unidades de consumo e as pessoas de referência

É importante ressaltar que a junção de alguns bancos de dados esbarrou também no problema do identificador do domicílio. Nas POFs de 2002 e 2008, o identificador principal utilizado é o relativo às chamadas “unidades de consumo”. As unidades de consumo são formadas pelo conjunto de indivíduos que habitam um domicílio e usufruem do consumo de determinados itens coletivamente e formam uma unicidade em termos de recursos e despesas. Pode existir mais de uma unidade de consumo por domicílio, principalmente naqueles que possuem mais de uma família. É importante explicar esse ponto, porque se optou pela utilização dessa unidade de análise e não a do domicílio propriamente. Então, nesta pesquisa, cada unidade de consumo funciona propriamente como um domicílio e não propriamente o domicílio físico. Isso poderia gerar um peso maior para os domicílios com mais de uma unidade nas amostras. É importante ressaltar que os domicílios com mais de uma unidade de consumo são minoria nas amostras.

Cada domicílio possui uma pessoa de referência. E esta foi tomada como unidade de análise para os itens relativos aos indivíduos. Isso também tem razões operacionais. Apesar de haver informações sobre diversos indivíduos de cada unidade de consumo, optou-se por retirar as informações relativas às outras pessoas dos bancos de dados a fim de simplificar a junção dos mesmos. A criação de um identificador único por pessoa faria com que a junção dos bancos de dados relativos aos indivíduos aos bancos relativos aos domicílios se tornasse tarefa ainda mais complexa, o que poderia inviabilizar o trabalho. Assim, optou-se por uma operacionalização mais simplificada e de maior viabilidade.

Logo, nos bancos de dados utilizados, cada unidade de consumo funciona como um domicílio. Por sua vez, cada “domicílio” possui uma única pessoa de referência. E a cada pessoa de referência é atribuída um trabalho principal. É, portanto, com base nesse trabalho principal que foram construídas as classes às quais pertencem os indivíduos. Essas escolhas metodológicas impõem certas simplificações e limitações à compreensão da realidade. No entanto, é preciso reiterar que as escolhas metodológicas realizadas nesta pesquisa tiveram, em grande medida, mais razões de cunho operacional do que teórico propriamente. Escolhas essas que foram sendo tomadas, ao longo do próprio trabalho, à medida que as dificuldades surgiam e tendo em vista a viabilidade da própria pesquisa dentro do tempo previsto.

3.5.5. A sintaxe das classes: a adaptação para os dados da POF

A tipologia de classes mobilizada aqui nas análises de dados como “classes como condição de existência” foi originalmente concebida com base nas variáveis da PNAD. Como esta pesquisa se debruça sobre a POF, foi necessária uma readaptação da tipologia. Algumas variáveis que eram necessárias para a construção do modelo de classes não tinham uma correspondência exata dentro das variáveis da POF. Assim, foi preciso readaptar algumas variáveis utilizadas no modelo de classes original para que houvesse uma correspondência exata entre os valores das variáveis. Ao final, o modelo de classes aqui utilizado é uma adaptação muito próxima do modelo original e contém igualmente as nove classes.

3.5.6. As variáveis de consumo como proxies dos capitais bourdieusianos: a contribuição do trabalho de Uchôa

Uchôa (2014) desenvolveu na sua tese de doutorado um trabalho original com o uso dos dados da POF e a teoria dos *estilos de vida* de Bourdieu. Embora o conteúdo do seu trabalho vá ser mais bem explanado no próximo capítulo, é válido ressaltar, por enquanto, neste capítulo metodológico, que nele, Uchôa utiliza as variáveis categóricas de consumo nos dados da POF como proxies para observar o nível dos diferentes capitais econômicos, simbólicos e sociais entre as famílias brasileiras. Cabe, então, destacar que, apesar desta pesquisa não usar as mesmas variáveis que a autora utiliza, algumas delas são iguais. Então, da mesma forma que Uchôa, algumas variáveis serão utilizadas nas análises de correspondência múltipla também como proxies dos distintos capitais, no sentido bourdieusiano do termo, existente entre os indivíduos. Alguns desses exemplos são: as variáveis gastos com “aquisição de revista e/ou jornais”, gastos com “assinatura de revistas e/ou jornais” e às relativas ao ensino básico. Todas essas irão funcionar como proxies para o capital simbólico das famílias, tal qual sugeriu a autora. Nesse sentido, este trabalho se aproxima da proposta da autora. Cabe lembrar, entretanto, que nem todas as variáveis e proxies utilizadas por ela serão utilizadas aqui.

3.6. Considerações finais

A análise dos bancos de dados da POF pareceu enriquecedora e, ao mesmo tempo, se mostrou pertinente para a questão investigativa a que este livro se propunha. Além disso, como foi exposto neste capítulo, o amplo trabalho de dados realizado nos bancos de dados de 2002 e 2008 tinha como objetivo torná-los comparáveis. Nesse sentido, ao longo da tarefa de manipulação dos dados, diversas escolhas operacionais foram realizadas com base em questões de ordem prática da pesquisa. Embora certas decisões, tomadas ao longo desse caminho, possam ter levado a certas simplificações teóricas, elas se mostraram necessárias para viabilização da pesquisa. Isso expressa o quão difícil pode ser o trabalho de pesquisa que busque conciliar teoria e análise empírica. Todo trabalho realizado com os dados até aqui se constituíram, portanto, como um esforço para possibilitar a comparabilidade entre os bancos de dados e, ao mesmo tempo, não deixar escapar a viabilidade da pesquisa.

A escolha metodológica da Análise de Correspondência Múltipla levou em consideração a relação original que ela mantém com a estatística, sendo esta uma forma de análise geométrica de dados e uma ferramenta multivariada. Nesse sentido, a sua utilização se mostrou pertinente na medida em que ela possibilitou exibir as relações entre variáveis referentes a diversas dimensões da vida social, sob um ângulo espacial. Além disso, dada a multiplicidade de informações existente nos bancos de dados da POF e o número alto de variáveis relativas ao consumo das famílias mobilizado, a análise de correspondência se mostrou coerente com o tipo de banco de dados utilizado.

Por outro lado, a teoria multidimensional de classes bourdieusiana se mostra convergente com a metodologia da análise de correspondência. Aliás, essa ferramenta, tal como Bourdieu já havia empregado, se mostrou condizente com a sua teoria de classes enquanto prática, na qual a noção de *estilo de vida* tem um papel central. Ela é capaz de revelar, por meio de uma representação sintética, as estruturas não reveladas e as relações impensadas através das quais as classes sociais se expressam. Nesse sentido, ela é capaz de produzir uma representação que leve em consideração a homologia entre os campos e que expresse as divisões de recursos e capitais entre os sujeitos sociais e, logo, de suas diferentes condições de vida e posições de classe num determinado momento.

Em relação à teoria bourdieusiana, é válido ressaltar ainda que, em grande medida, ela foi operacionalizada na medida em que melhor se adequou ao objeto de pesquisa inicial e às premissas básicas a partir das quais parte esta pesquisa. Dentro dessa perspectiva teórica, a tipologia de classes utilizada foi mobilizada como “classes de condição de existência”. A

utilização dessa tipologia não encerra, em si mesma, a noção de classes. Ela foi escolhida pela sua atualização em relação à realidade de trabalho no país e por sua maior sensibilidade em relação às classes médias. Esse modelo parte da compreensão de que elas são heterogêneas, logo, está mais apto a capturar suas diferenciações internas. Além disso, a noção bourdieusiana de capital foi operacionalizada, tendo em vista as proxies que as variáveis do consumo representavam, de forma semelhante ao método utilizado por Cristiane Uchôa em seu trabalho de tese.

É possível a partir de agora, então, expor os resultados dessa investigação.

4. A “DES-ORDEM” SOCIAL

4.1. Introdução

No dia 13 de dezembro de 2015, num domingo de sol, na praia de Copacabana, em meio às manifestações a favor do impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, um grupo de *skatistas* começa a andar pelo meio da multidão com seus *skates* apontados pra cima, como numa comemoração. A presença daquele grupo causa imediatamente estranheza nos manifestantes pró-impeachment e um momento de tensão se estabelece. Alguns repórteres que estavam no local filmam o acontecimento e começam a entrevistar algumas pessoas. A jornalista começa a entrevistar um dos manifestantes, um homem de meia idade que usava óculos escuros e tinha pele clara. Ele fala:

- Olha, veio uma galera do *skate*, muita gente vindo de *skate*... A polícia se assustou porque eles eram de cor... Realmente assusta a imagem.

A jornalista fez algumas perguntas a uma senhora que parecia nitidamente nervosa e intranquila com a presença dos garotos. Ela dizia:

- É tudo vagabundo, pode ter certeza, é tudo vagabundo... Vagabundo não tá fazendo isso, vagabundo não faz isso. Vai trabalhar, vai estudar, vai pagar imposto! – gritava a senhora bravamente

- Mas hoje é domingo, eles estão andando de *skate* – retrucava a jornalista.

E a senhora continuava:

- No domingo... Isso aí é movimento social organizado contra.... a favor do... Isso aqui não tem que se infiltrar na nossa manifestação! É educação, é limite é respeito! Não se enfiar dia 16 na deles, não na nossa! – sobre a manifestação contra o impeachment.

A jornalista indagava outra manifestante sobre o que tinha ocorrido:

- Foram os *skatistas* que invadiram... pessoal do PSOL, PC do B, PT. A polícia chegou na hora e expulsaram! É pra, é pra... confundir a coisa... Eles avisaram que vinham... Toda vez sempre tem um grupo que vem à passeata aqui...

- Mas não é livre pra todo mundo? Pergunta a jornalista.

- Não, é livre – ela responde -, mas é nossa! É livre, é livre. Mas você não pode chegar como eles chegaram invadindo... É diferente...

A jornalista escuta um dos rapazes *skatistas*:

- Não, isso aqui é um evento que ocorre todo ano que é um encontro de todo mundo que anda de long board, entendeu?

- Mas a polícia achou que vocês iam arrumar confusão - responde a jornalista.

- É, achou que era confusão, o cara já chegou dando tiro de borracha ali... Aí, volta todo mundo, volta todo mundo... Eu saí correndo com os amigos ali, nem sei onde eles estão agora...

Outro manifestante explica para a repórter logo depois:

-Um pequenozinho conflito que eles criaram para depois editar e depois falar... Olha só, o pessoal daqui é radical...o pessoal aqui quer conflito. Não é nada disso!

- Os rapazes disseram que é o encontro anual de *skate* de quem pratica o skatismo...
- pondera a jornalista.

-Exatamente - retruca o homem - mas um dos infiltrados, que tem sempre infiltrados, incitaram o pessoal de lá. E o pessoal pensou que eles estavam fazendo alguma coisa contra...

Outra mulher reclama, para a jornalista, da forma como os rapazes foram abordados.

- O facebook bloqueou, eles estão do nosso lado, eles são jovens... só porque eles são negros que as pessoas estão fazendo isso?

Outro senhor se intromete e diz:

- Não é isso não! O que aconteceu é... porque deram o alarme que os Black Blocs vêm aí. E a maioria estava de preto... aí, o pessoal foi em cima, pensando que era movimento político contra o impeachment. É isso o que aconteceu. Foi um mal entendido.

Uma senhora também se dirige à repórter e diz:

- Eu conversei com um dos jovens, eles eram uns 700... Reuniram 700 jovens para vir aqui protestar. Isso é lindo! E eles não podem ser retaliados como eles foram... – ela se emociona ao dizer isso – “empunhando” uma arma, sabe? A gente sabe, ok, a gente não sabe da onde vêm... O policial me falou, a forma como eles chegaram foi muito agressiva... Eles vieram protestar como a gente! Cheios de energia, jovens de dezessete anos, vieram de *skate*, estão com a adrenalina a mil.

Outros skatistas se explicam para a jornalista:

- Não, não tem radicalismo não... A gente nem sabia que estava tendo essa manifestação.

- Esse “rolé” nosso – explica outro jovem – é confraternização de Natal! É Natal, oh! Acabou o ano é só felicidade! O ano foi bom? O outro é melhor ainda!

-Mega “role”! Mega “rolé”, mega “rolé”, explica outro jovem.

- O pessoal quer ficar na agressividade aí... sabe, isso aqui é um “role” de *skate* pra ver que skatista não é agressão, não é droga, não é violência... Isso aqui é o role da paz, olha só! Tem ninguém fazendo nada errado, ninguém xingando ninguém...

-A gente faz isso aqui todo ano, todo final de ano a gente faz isso. A gente não está contra a manifestação de ninguém, não... A gente só quer dar nosso “role” tranquilo...

Um senhor manifestante grita reclamando:

-Eles queriam tumultuar! Ou por bem ou por mal, eles queriam fazer tumulto! E se fosse por bem, era disfarçado! Se toca, perua! – grita para outra mulher que defendera os rapazes – (...) Os caras chegaram a fim de tumultuar mesmo! Só que eles não podiam fazer isso declaradamente... Vieram disfarçadamente em patota, com *skate* na mão, contra um grupo de pessoas indefesas! Vocês querem o que?!³⁶

Dois anos antes desse episódio, jovens pobres das periferias de São Paulo buscam realizar um encontro num shopping paulista e provocam, com isso, desconforto e tensão nas pessoas que circulavam no ambiente. Barbosa-Pereira (2016) narra o episódio conhecido como “rolezinho” que ocorreu no *Shopping Interlagos* – centro comercial situado numa região periférica da cidade de São Paulo cuja vizinhança tinha um perfil de classe média, mas que possuía distritos habitados por pessoas mais pobres - no dia 22 de dezembro de 2013.

Ao chegar ao *shopping*, Barbosa-Pereira, a partir do seu relato etnográfico, conta que a presença de viaturas da polícia reforçava a segurança naquele dia e que:

“Um grupo de cerca de dez meninos entrou e um outro grupo de seguranças foi logo atrás. Os meninos, incomodados com a ação dos seguranças, gritaram: Eeeee. Bastou uma segunda sequencia de gritos para que os lojistas fechassem as portas rapidamente e começasse uma correria desesperada. Afastei-me para o lado da porta de uma loja de roupas para não ser levado pela multidão. Um homem pedia para que as pessoas ficassem calmas, porque nada acontecera. O corredor, que até então estava lotado de pessoas circulando, esvaziou-se rapidamente. E os meninos que gritaram seguiram em direção à praça de alimentação, acompanhados pela equipe de seguranças. Resolvi segui-los também.

Quando cheguei à praça de alimentação, já havia se iniciado outro tumulto, que começou, pelo que percebi, apenas devido ao medo da presença do grupo de jovens seguidos por outro grupo enorme de seguranças. Na praça de alimentação podia-se observar bandejas com restos de comida no chão, refrigerante derramado por todos os

³⁶O vídeo foi visualizado, em 22 de janeiro de 2020, pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=zvQuzgO1m6Q>. A transcrição é literal.

lados, um par de chinelos perdido e a maioria das lanchonetes e restaurantes com as portas fechadas. Repentinamente, apareceu um grupo de policiais da força tática armado com espingardas de balas de borracha e cassetetes. Os policiais começaram a abordar todos os meninos que viam com o seguinte perfil: pele preta ou parda, com cortes de cabelo ou penteados diferentes (ao estilo moicano, raspados ao lado ou descoloridos), com acessórios jovens como bonés, correntes ou camisas de gola, do tipo polo. Com isso, mais correrias e gritarias iniciaram-se na praça de alimentação do *shopping*. Logo se formou uma grande quantidade de jovens enfileirados e encostados numa parede com as mãos na cabeça. Um policial identificou mais um jovem com o visual já descrito anteriormente e o obrigou a juntar-se ao grupo que estava detido.

Muitos comerciantes lamentavam a correria e pediam calma. Um cozinheiro em um dos restaurantes disse que o pessoal era muito desesperado e por qualquer coisa já entrava em pânico. Contou ainda que recentemente começara uma correria ali mesmo naquela praça de alimentação quando uma bandeja havia caído e feito grande barulho. Os jovens, que estavam detidos pelos policiais num canto, logo já foram levados para uma área restrita do *Shopping Center*. Resolvi então circular mais e observei, naquele momento, as expressões de medo e desespero de algumas pessoas. Mulheres com crianças choravam e buscavam por maridos ou outros parentes que as acompanhavam. Outras pessoas saíam apressadas e diziam que iriam embora daquele lugar imediatamente. Uma mulher sentada, um pouco assustada, disse que os meninos causavam muito terror. Alguns já comentavam o “arrastão” que não havia ocorrido: “Eles já chegaram de uma vez e já começaram a roubar tudo”, afirmou um homem.

Ao caminhar pelo centro de compras, via-se muitas lojas fechadas, mas abarrotadas de pessoas assustadas do lado de dentro. E comecei a perceber uma atitude diferente da equipe de seguranças e de um grupo de homens, que não consegui identificar se eram policiais civis ou seguranças particulares, pois não trajavam uniformes nem portavam identificações. Eles começaram a intimidar todos os que considerassem como suspeitos de fazer parte do evento, por possuir o visual já descrito acima, expulsando-os do centro de compras. Três homens enormes chegaram a um menino, que não deveria ter mais de 16 anos e começaram a amedrontá-lo para que se retirasse. Mais a frente, um grupo de jovens que estava com um senhor cadeirante, retrucava que não sairia dali. O cadeirante gritava: “esse local é público, nós não vamos sair daqui não”. Um dos jovens chamou a atenção dos seguranças, que começaram a se aglomerar em torno deles, para a loucura que estavam fazendo com o pai dele. Disse que não poderiam impedi-los de frequentar o shopping

apenas por causa de seu corte de cabelo (raspado do lado da cabeça) ou de sua roupa (camisa polo, bermuda e boné). Na entrada, seguia-se a estratégia de parar os meninos e meninas que chegavam com o visual dos indesejados. Um policial civil, segurando um fuzil, abordou dois rapazes e começou a dar-lhes um sermão.

Aos poucos o ambiente foi se acalmando, as pessoas começaram a voltar a circular, algumas lojas reabriram as portas, ou pelo menos parte delas. Uma loja de eletrodomésticos, por exemplo, abriu um lado, mas manteve o outro fechado. Ainda era possível ver seguranças seguindo grupos de adolescentes. Pude observar numa loja de moda jovem que muitos meninos, com o mesmo perfil dos que acabaram de ser perseguidos, experimentavam e compravam roupas. Outros estavam parados num quiosque de capas protetoras para telefones. Na verdade, são esses mesmos jovens ali perseguidos naquele dia do evento marcado pela rede social que costumam frequentar aquele *Shopping Center* e fazer compras ou comer na praça de alimentação.

Eu não vi nenhum crime cometido por aqueles garotos e garotas, nada foi roubado ou destruído, mas vi sim uma série de crimes cometidos contra eles, contra a sua imagem, por preconceito e racismo. Houve, inclusive, a proibição do direito de ir e vir. No estacionamento, os detidos esperavam entre as viaturas da polícia civil, a exposição de quem passasse pela passarela que dava acesso ao *Shopping Center*. Alguns eram muito jovens e aparentavam ter entre 12 e 14 anos. O mesmo agente de segurança que filmava quem chegava, agora fotografava todos os detidos. As pessoas, ao passarem perto da cena, condenavam os meninos. Diziam que trabalhar eles não queriam. Uma senhora que já ia embora disse que viu o arrastão, que tinha se iniciado numa loja de roupas. Enfim, o objetivo de criminalizar os jovens havia sido cumprido e o arrastão, que não ocorreu, criado. Do lado de fora, quatro jovens voltavam para casa, após terem sido expulsos por seguranças, mesmo, segundo eles, sem terem relação nenhuma com o evento marcado. “Estávamos no fliperama do *shopping* quando vimos um monte de gente correndo e gritando arrastão”, contou um deles. Dois desses jovens eram do Rio de Janeiro, da Baixada Fluminense, e visitavam os outros dois primos em São Paulo. Comentaram que no Rio também havia uma forte perseguição às práticas culturais juvenis, principalmente aos adeptos da música funk e do *skate*. Um grupo de jovens, no mesmo estilo dos perseguidos, que acabava de chegar ao shopping, ao ver a forte presença policial, indagou: “O que é isso? Os caras estão achando que vieram para roubar um banco?”. O aparato policial mobilizado para reprimir adolescentes que marcaram encontro num *Shopping Center* era mesmo desproporcional e dava uma ideia de como a proteção ao patrimônio é a principal

preocupação da polícia brasileira, pois tal efetivo certamente jamais seria mobilizado para proteger a vida de um desses meninos pobres (BARBOSA-PEREIRA, pp.551-552, 2016)".

As semelhanças entre os dois episódios até aqui descritos não é mera coincidência. Apesar de terem ocorrido em contextos distintos, eles são expressões da mesma ordem social rigidamente desigual que paira sobre os brasileiros e comanda a sociabilidade no Brasil. Na realidade, eles indicam as reações que ocorrem quando há uma alteração nessa ordem que estabelece cotidianamente que "cada qual deve estar no seu lugar".

Segundo Caldeira (2014), Os rolezinhos eram grandes encontros de jovens pobres de bairros periféricos da cidade de São Paulo, marcados geralmente pelas redes sociais que ocorriam em lugares públicos e privados da cidade. Eles tinham um caráter de entretenimento, já que os jovens buscavam, por meio desses eventos em grupo, encontrar amigos, paquerar, se divertir, comprar e/ou simplesmente circular pelos espaços da cidade.

Por meio desses eventos, os jovens estabeleciam certa desordem à ordem social, já que perturbavam os sistemas de separações e seus modos de regulação. Eles não eram esperados nos locais, sejam eles públicos ou privados, pelos quais eles circulavam. A ordem social de diferenças determina que "cada qual deve estar no seu lugar" e que esses locais como os *shoppings centers* não eram locais apropriados para os jovens de periferia, mas, sobretudo para pessoas das classes médias. Logo, por meio desses encontros, esses jovens quebravam, na prática, as barreiras sociais que perpetuavam as distâncias entre as pessoas de classes distintas, perturbando assim esse sistema de separação social.

Mas não é apenas em relação à circulação nos espaços, que os "rolezinhos" perturbavam os sistemas de separação social. Eles eram um meio de visibilidade social para aqueles jovens que até então estavam "invisíveis" em seus locais de origem, normalmente nas periferias da cidade. Como Caldeira sugere, essas garotas e garotos buscavam, ao longo dos "roles" ostentar seus tênis e celulares de marca adquiridos. Então, eles buscavam demonstrar como também podiam se distinguir socialmente. Dessa maneira, eles rompiam com o papel de subalternidade tradicionalmente atribuído a eles pela ordem desigual. Por meio dos "roles", eles "ousavam" dizer ao mundo que não ocupariam mais apenas o lugar do trabalhador subalterno que se encontra nesses espaços (como o dos shoppings) para servir às pessoas de classe média e classes superiores, mas que frequentariam esses espaços para sua própria diversão e para se distinguir socialmente, produzindo, assim, lugares de indistinção social.

É interessante destacar, conforme aponta Caldeira (2014, p. 15), que esse fenômeno tinha algo de novo. Apesar da lógica de visibilidade dos jovens das classes periféricas estar

presente em outros movimentos, os “rolezinhos” eram algo inédito, na medida em que traziam elementos novos relacionados ao consumo. Eles mostram que o projeto de consumo desses rapazes e moças da periferia era o de obter roupas, celulares, equipamentos eletrônicos, motocicletas e carros e, com isso, obter distinção. Eles queriam circular pelos espaços da cidade com estilo e na moda. Os “rolezinhos” se constituíam, portanto, como uma maneira desses jovens buscarem distinção e inclusão social. E o consumo era o elemento central para isso, nesse momento.

Isso sugeria que a estrutura de consumo popular tinha passado por mudanças e que esses jovens desejavam que esse modelo continuasse a se expandir. Segundo Caldeira “eles revelam transformações importantes na estrutura do consumo geradas por mudanças na distribuição de renda e pela expansão do mercado de bens de consumo individual”. Logo, não era à toa que essa “nova configuração do consumo (...) [fosse] desconcertante para o antigo modo de regulação das relações de classe” (CALDEIRA, 2014, p.16). E que esses eventos provocassem tensão e ansiedade nas pessoas que costumavam frequentar esses espaços – muitas das classes médias. Como a antropóloga explica:

A expansão do consumo desestabiliza um dos modos mais arraigados de construir hierarquias sociais: o julgamento fácil pelas aparências. O consumo cria certa homogeneidade que mina possibilidades de distinção. (...) Como distinguir a classe de um cidadão da de outro quando vestem produtos semelhantes? O solapamento dos meios fáceis e corriqueiros de estabelecer hierarquias e separações está na base da irritação que muitos exibem em relação à presença dos jovens das periferias nos espaços públicos (ou semipúblicos, como os shoppings) das cidades. Prova contundente dessa irritação são os comentários de leitores de qualquer blog que tenha tentado contextualizar os rolezinhos: eles expressam não apenas boa quantidade de preconceitos e claro racismo em relação aos jovens das periferias, mas evidente intolerância em relação à proximidade de classes (CALDEIRA, 2014, p. 18-19).

Que tipo de mudanças, em termos de consumo, teriam se produzido ao longo da década de 2000 no Brasil que ajudam a compreender fenômenos como esses? Como as classes, sobretudo as classes médias, foram impactadas por essas mudanças? Essas são as perguntas que norteiam este capítulo.

Nele, o objetivo principal e mais geral é o de demonstrar, com base nos dados da POF da 2002 e de 2008, como a distribuição de determinados elementos do consumo se apresentava em 2002 na sociedade brasileira e como ela se modificou em 2008. Para isso, se baseia na teoria bourdieusiana e utiliza a metodologia da análise de correspondência múltipla. Ele busca, então, com base nesses aportes teórico-metodológicos, averiguar em que medida os *estilos de vida* e, logo, os espaços das práticas, preferências e *habitus* das classes, principalmente das classes médias, se configuravam em 2002 e como se modificaram em 2008, ponderando assim, em que

medida, essas mudanças provocaram efeitos sobre as microdinâmicas dos atores e, logo, das classes sociais nesse período.

Ao estabelecer conexões entre o perfil de consumo e dos *estilos de vida*, ou seja, do conjunto de práticas, gostos e *habitus* de classe relativos a essa dimensão, este capítulo abre brechas para considerar os efeitos que as mudanças no âmbito do consumo podem produzir sobre as microdinâmicas de distinção e de poder entre essas classes, sobre o jogo de perdas e ganhos que se estabelece no cotidiano entre elas e, nesse sentido, de expectativas e frustrações presentes nessas das disputas diárias dentro campo.

4.2. Transformações nas desigualdades socioeconômicas na década de 2000: melhorias sociais? Uma nova classe média? Discussões da literatura

Apesar do Brasil continuar a ser um dos países mais desiguais do mundo, existe um amplo debate acerca das possíveis melhorias socioeconômicas que ocorreram ao longo da década de 2000. Um desses debates gira em torno da diminuição das desigualdades de renda e dos principais motivos dessa diminuição.

Segundo pesquisadores do IPEA houve uma queda significativa e contínua de renda no Brasil durante a década de 2000 (Hoffman, 2007, Barros *et al*, 2007). A trajetória de queda que havia se iniciado em meados da década de 1990, assumiu uma intensidade mais acentuada a partir de 2001 permanecendo assim até 2005. O coeficiente de Gini caiu, entre 2001 e 2005, a uma taxa de 1,2% ao ano. Nesse período, o coeficiente de Gini passou de 0,593 em 2001 para 0,566, em 2005, apresentando, uma redução de 4,5%. A redução no Gini se manteve até pelo menos o ano de 2011. Entre 2011 e 2012, o índice se mantém praticamente estável. No entanto, ele diminui até 2014 e, a partir daí, volta a aumentar.

Dentre os pesquisadores que constatarem diminuição da desigualdade de renda nesse período, muitos apontam, sobretudo com base na PNAD, que ela está relacionada às melhorias nos rendimentos do trabalho (Barros *et al*, 2007; Pochmann, 2012; Cardoso e Prêteceille, 2017) e com os programas de transferência de renda (Barros *et al*, 2007, Cardoso e Prêteceille, 2017). O aumento sistemático do salário mínimo e diminuição do desemprego promoveram a recuperação da participação do rendimento do trabalho na renda nacional, permitindo a considerável parcela da população ultrapassar a condição de pobreza. Barros *et al* sugerem que cerca de 80% das rendas não provenientes do trabalho são constituídas por transferências

públicas e que, portanto, as mudanças nesse tipo de rendimento foram responsáveis por 48% da queda da desigualdade de renda na década de 2000. Cardoso e Prêteceille observam que 7,9% da população brasileira participava de algum tipo de programa de transferência direta de renda em 2014 e, nesse sentido, destacam, assim como Barros *et al*, a importância dos programas sociais como o Bolsa Família e o Benefício de Prestação Continuada na transferência de renda aos mais pobres.

Além dos resultados obtidos com base na PNAD, outras pesquisas também sugerem ter havido melhorias na dimensão socioeconômica para a população nesse período. De acordo com a RAIS, houve 49,6 milhões de ocupados no setor formal da economia em dezembro de 2014, contra 29,5 em dezembro de 2003, ou seja, que se criou, ao longo desse período, cerca de 20 milhões de empregos formais (CARDOSO E PRÉTECEILLE, 2017). A RAIS também indica que o rendimento médio real dos pisos salariais do setor formal em 2014 foi 35,1% maior do que o de 2003 e, que, portanto, houve aumento da renda do trabalho nesse período. Outras fontes como o IPEADATA também mostram que houve aumento de 100% do salário mínimo entre janeiro de 2003 e janeiro de 2015. Isso beneficiou assalariados informais e formais que têm sua renda referenciada no salário mínimo, tais como servidores públicos de regiões mais pobres do país e parte expressiva dos aposentados e pensionistas - cerca de 60% deles ganham um salário mínimo. Os dados da Confederação Nacional da Indústria sugerem que a massa salarial da indústria cresceu 43% em termos reais entre janeiro de 2003 e janeiro de 2015 e o emprego industrial cresceu 22,9% no mesmo período. As melhorias nas condições de vida ao longo da década de 2000 abriram efetivas oportunidades de consumo e de mobilidade ascendente (de renda) para parcelas extensas da população brasileira. O que permite, então, afirmar que essas melhorias não podem ser desconsideradas e/ou negadas, mesmo que possam ter se perdido nos anos posteriores.

Outros pesquisadores sugerem ter havido, com base em diferentes fontes de dados, uma melhora também em outras dimensões das desigualdades. Houve, nesse período, uma queda na desigualdade de acesso ao ensino médio por grupos de cor e de acesso ao ensino superior (LIMA E PRATES, 2015), já que no início dos anos 2000, o percentual de jovens entre 18 e 24 anos nas universidades era de 9,2% e em 2013 era de 16,5% (PNE *apud* Lima 2016). Também ocorreu, nesse período, a universalização, em termos regionais, de acesso a serviços básicos, como água e luz, com a inclusão da região nordeste (ARRETCHE, 2015).

As transformações no âmbito da desigualdade de renda, observadas, sobretudo, com base na PNAD, levaram a uma discussão sobre uma possível mobilidade de classe que estaria havendo no país, expressa pela ideia da “nova classe média” brasileira. As melhorias

econômico-sociais na base da pirâmide teriam provocado o aumento significativo da renda e do potencial de consumo das famílias brasileiras mais pobres, aumentando assim a mobilidade ascensional dessa população e, dessa forma, o surgimento da “Classe C” ou da nova classe média no país (NERI, 2008a, 2008b, 2010, 2011).

Marcelo Neri construiu, com base em pesquisas econômicas ao redor do mundo³⁷, um modelo de estratificação social ancorado, sobretudo, na renda³⁸. Ele calculou a renda domiciliar per capita do trabalho e depois a expressou em termos equivalentes à renda domiciliar total de todas as fontes do domicílio. Então, baseado no “Critério Brasil”, construiu um modelo fundamentado no potencial de consumo das famílias e que dividia a população em cinco classes econômicas distintas: a classe E (de R\$0 a R\$768,00), a classe D (acima de R\$768,00 a R\$1064,00), classe C (acima de R\$1064 e R\$4561) e as classes AB (acima de R\$4561,00). À classe C, atribuiu o nome de nova classe média brasileira. Nesse modelo, a classe média se definia como o terço médio da distribuição de renda. Nesse sentido, a noção de “média”, servia para expressar aqueles grupos que se encontravam dentro do escopo mediano de renda do país.

Segundo Neri, a classe C era formada por famílias que antes dos anos 2000 se encontravam na linha da pobreza e que, com o crescimento real de renda e do potencial de consumo nos anos seguintes, teriam ingressado no novo patamar da classe C. A nova classe média ou classe C teria, assim, aumentado em 22% o seu tamanho. O que levava a crer que o Brasil deixara de ser um país pobre para ser um país majoritariamente de classe média. Essa ideia, endossada por bancos e organismos internacionais, servia, então, para provar o sucesso dos países emergentes no período (CARDOSO e PRÉTECEILLE, 2017).

No entanto, a definição da Nova Classe Média brasileira ou “Classe C” suscitou muitas polêmicas entre os pesquisadores brasileiros. Muitos destacaram que ela não dialogava com as definições sociológicas da noção de classe e acabava, nesse sentido, por trazer uma noção empobrecida da realidade social, uma vez que o modelo de estratificação sobre o qual se baseava tinha sido formulado apenas a partir da renda e do potencial de consumo das famílias brasileiras e não, com base na ocupação. Muitas foram, então, as críticas dirigidas à vulnerabilidade do grupo de pessoas que compunham a “Classe C” e, nesse sentido, à noção

³⁷ Ver, sobre este ponto, os trabalhos de BUSSOLO, MALISZEWSKA, MURARD, 2014; KHARAS, 2010; MILANOVIC, YITZHAKI, 2002; RAVALLION, 2010; THUROW, 1987.

³⁸ Muitos sociólogos apontaram essa correlação entre o modelo de estratificação utilizado por Néri e diversas pesquisas internacionais produzidas, em grande medida, por economistas. Ver, por exemplo, o texto de Salata (2012).

estratificada, empiricista, simplista, pouco sustentável ou até mesmo arbitrária da definição de classe utilizada por Neri³⁹.

No entanto, apesar dos problemas teóricos subjacentes à hipótese da “nova classe média”, ela indica que mudanças importantes ocorreram na sociedade brasileira ao longo da década de 2000 (CARDOSO e PRÉTECEILLE, 2017) e que, portanto, as críticas dirigidas a essa noção, apesar de importantes e pertinentes, não permitem elucidar essas transformações. Segundo os autores, “a “Classe C” das pesquisas de opinião e de mercado é uma ficção econômica, mas por trás dela se esconde uma parte das “reais” classes médias inferiores (baixa e média) (CARDOSO e PRÉTECEILLE, 2017, p. 11)”.

Por meio de uma definição de classes centrada na ocupação, Cardoso e Prêteceille (2017) demonstram que, as classes médias cresceram 15% entre 2002 e 2014 e chegam a constituir atualmente cerca de 23% da população brasileira. Os autores argumentam ainda que essas classes médias, definidas pelas ocupações intermediárias, são duas ou três vezes mais numerosas do que a “classe média tradicional” e, no entanto, são “invisíveis sociologicamente”, já que a noção de classe média no Brasil é, muitas vezes, um eufemismo para denominar a elite econômica (SALATA, 2015).

Contudo, as classes médias intermediárias não correspondem numericamente ao grupo da “nova classe média”, como corroborada pelos organismos internacionais e idealizada pelo economista Neri. Ainda que 60% delas encontrem-se, em termos de renda, dentro da chamada “Classe C”, estas constituem apenas pouco mais de um terço daquelas. A maioria da Nova Classe Média encontra-se nas classes populares (CARDOSO e PRÉTECEILLE, 2017). Dessa forma, é interessante chamar a atenção para o fato de ter havido, por meio da mudança ocupacional – e não só da renda –, um aumento do contingente de pessoas de classe média, ainda que bem menor do que o imaginado pela ideia da “Classe C”, ao longo da década de 2000 no Brasil.

Outro trabalho importante inserido nessa discussão da nova classe média é a tese de Uchôa. Nesse trabalho, ela investiga, a partir dos dados da POF (Pesquisa de Orçamento Familiar) de 2008-2009, em que medida o grupo inserido na “nova classe média” pode ser, do ponto de vista do padrão de vida, considerado de classe média. Com base no arcabouço teórico de Veblen e Bourdieu, Uchôa constrói três perfis de domicílio que têm como referência os ciclos de vida familiar e seus respectivos marcadores de classe média a fim de averiguar em

³⁹ Conforme a bibliografia acerca do tema sugere. Ver, por exemplo, SOUZA, 2010, 2013; SOUZA e LAMOUNIER, 2010; QUADROS & MAIA, 2010; SOBRINHO, 2011; POCHMANN, 2012, 2014; SCALON & SALATA, 2012; FLEURY, 2013; KERTENETSKY, UCHÔA E SILVA, 2015.

que medida o *estilo de vida* das pessoas pertencentes à “nova classe média” é correspondente a esses três perfis de *estilos de vida* familiar de classe média.

Ela desenvolve, assim, dentro da perspectiva bourdieusiana, um modelo geral do *estilo de vida* da classe média baseado na literatura nacional e internacional sobre o tema. Em seguida, utiliza a análise de correspondência múltipla para averiguar quais marcadores de classe média mais contribuem para a definição de seus *estilos de vida* e, logo, de sua distinção. Uchôa delimita assim uma série de marcadores e *proxies* do *estilo de vida* de classe média, com base nos dados da POF, e utiliza alguns como índices de capital cultural e *social*.

Como resultado, Uchôa observa que nem todos os marcadores por ela pré-selecionados se configuram, em 2008-2009, como marcadores de classe média em todos os três ciclos de vida familiar. Os ciclos de vida, segundo Uchôa, estão relacionados ao “tipo de domicílio”, isto é, ao perfil familiar dos moradores presentes numa residência e são categorizados em três tipos: se a família não apresenta filhos nem idosos, se apresenta filhos ou se apresenta idosos.

A partir disso, a autora compara o padrão de consumo daqueles considerados “nova classe média” e o padrão de *estilo de vida* de classe média obtido e constata que não há uma convergência entre esses padrões de consumo. Cerca de 30% da população inserida nessa categoria possui um padrão de vida das classes mais pobres (D e E). Além disso, em termos de ocupação, ela aponta que, dentre os domicílios da “nova classe média”, há chefes que exercem trabalhos manuais qualificados e trabalhos manuais não qualificados, característicos da classe trabalhadora e não da classe média. E que, portanto, a maior parte da população considerada pertencente à “nova classe média” não corresponde, em termos de *estilo de vida*, à classe média e, nesse sentido, o Brasil não poderia ser considerado um país majoritariamente de classe média.

Esses apontamentos sobre o trabalho de Uchôa são importantes, uma vez que permitem apresentar os pontos de proximidade e de distanciamento entre este trabalho e o da autora. Há uma proximidade - bem como em relação ao trabalho de Bertoncelo (2010)⁴⁰ - na medida em que se amparam na teoria bourdieusiana e utilizam a noção de *estilo de vida* como dimensão significativa para a compreensão da realidade brasileira. Além disso, de forma semelhante aos trabalhos anteriores, busca realizar uma convergência entre o aparato teórico-metodológico bourdieusiano - e nisso se insere a análise de correspondência múltipla - e os dados da POF. Busca ainda operacionalizar e explorar os ricos e complexos dados da POF e mobilizar algumas *proxies* utilizadas pela autora como marcadores do capital cultural e simbólico dos indivíduos. No entanto, diferentemente de Uchôa e de Bertoncelo, que mobilizam apenas um dos bancos

⁴⁰Nesse trabalho, Bertoncelo defende que a noção de estilo de vida é uma dimensão importante para a estratificação social brasileira.

de dados da POF, este trabalho utiliza dois (2002-2003 e 2008-2009), realizando uma comparação entre eles para avaliar mudanças no tempo.

Em relação especificamente ao trabalho de Uchôa, esta pesquisa se distancia na medida em que não restringe os dados a marcadores definidos com base na literatura específica sobre o tema. Apesar do exercício de aproximação dos *estilos de vida* das classes médias realizado no capítulo anterior, não há uma restrição *a priori* dos elementos típicos desses *estilos de vida* para a posterior análise dos dados. Nesse sentido, o modelo de classes aqui utilizado, não presume as classes médias como sinônimo de classe média alta ou parte da elite econômica – já que é comum associar a noção de classe média à parte da elite econômica (SALATA, 2015).

Ao contrário, os *estilos de vida* das classes médias – e das classes em geral – se constrói a partir dos resultados da distribuição dos itens de consumo resultantes da análise de correspondência múltipla. Então, ainda que os *estilos de vida* sejam importantes para a definição das classes médias, ele se constrói posteriormente aos resultados obtidos. O que delimita previamente as classes médias são as “classes como condições de existência” e que são dadas pelas diferenças ocupacionais dos chefes de família das amostras. Essa “construção objetiva da classe” funciona, no trabalho, apenas como recurso metodológico para demonstrar as correlações entre as posições socioeconômicas dos indivíduos e seus *estilos de vida*, ou seja, ela não impõe previamente um limite à noção de classe.

Vale ressaltar também que esta pesquisa não utiliza uma noção homogênea e não hierarquizada das classes médias, mas, ao contrário, de uma noção heterogênea, cuja hierarquia interna se expressa também nas suas diferenças de *estilos de vida*. Então, ela busca justamente observar as nuances e as desigualdades, de ordem hierárquica, existentes entre os *estilos de vida* da classe média alta, da classe média e da classe média baixa.

Por fim, deve-se destacar que esta pesquisa, diferentemente das anteriores, procura realizar uma análise longitudinal dos dados da POF de 2002-2003 e 2008-2009, e, nesse sentido, coloca, ao centro do trabalho, a noção das mudanças que se produziram nos *estilos de vida* das classes médias na década de 2000. Ela busca, dessa forma, inserir a discussão acerca dessas classes e de seus *estilos de vida* no contexto de mudanças em termos de renda e de consumo da década de 2000, simbolicamente intuídos pela ideia da “nova classe média”. Então, ela tem menos a pretensão definir as classes médias e seus *estilos de vida* estaticamente, e, mais de observar as mudanças, ao longo do tempo, nesses padrões de vida, buscando associar as noções estrutural e conjuntural que tangenciam a questão das classes e de seus *estilos de vida*. Nesse sentido, este trabalho, busca investigar se houve mudanças em termos de consumo e, logo, de *estilo de vida* entre as classes médias – e as classes como um todo – ao longo da década de

2000. Dessa forma, este trabalho, busca se inserir e contribuir para as discussões em torno das transformações socioeconômicas que ocorreram ao longo da década de 2000 e que se expressaram na ideia da “nova classe média”.

4.3. Os resultados das Análises de Correspondência Múltipla

Foram utilizadas duas amostras para a realização das Análises de Correspondência Múltipla (ACM): uma geral e outra urbana. As duas amostras apresentam os resultados a nível nacional. A primeira amostragem, denominada ACM3, compreende todas as classes e todas as regiões do país. Nessa ACM, o número de observações do banco de 2002 é igual a 38.576, já em 2008 é de 42.392. A segunda amostra, denominada ACM5, abarca apenas as classes urbanas e as regiões urbanas do país, portanto, desconsidera as classes rurais e as regiões rurais. O número de observações do banco de dados de 2002 é de 26.319 e, no de 2008, de 28.839.

Os bancos de dados de 2002 e de 2008 são equivalentes em termos de variáveis. Cada um deles contém 122 variáveis categóricas ativas relativas ao consumo, ou seja, que informavam se o indivíduo possuía ou não gastos com determinado produto e cinco variáveis complementares, as variáveis “classes”, “renda domiciliar per capita”, “nível educacional”, “cor” e “sexo”. Essas últimas cinco variáveis participaram apenas de forma ilustrativa. Serão, a partir de agora, analisados, em conjunto, os resultados obtidos nas duas ACMs.

4.3.1. As nuvens das variáveis: as representações multidimensionais do mundo social brasileiro na década de 2000

Nesta seção, são apresentados os resultados referentes às nuvens das variáveis. Os gráficos aqui expostos formam representações esquemáticas e multidimensionais do mundo social. Eles buscam demonstrar objetivamente o conjunto das relações, em sua integralidade, entre diferentes elementos e propriedades - representados aqui pelas modalidades das variáveis “classes ocupacionais”, “renda domiciliar per capita”, “nível educacional”, “cor” e “sexo” (variáveis complementares) e dos bens de consumo (variáveis ativas) - dos indivíduos e indicam, por meio de suas duas dimensões fundamentais, os princípios que comandam e

organizam a estrutura de todo o espaço dos *estilos de vida*. O tipo de ordenação das distribuições dos elementos permite verificar não só os princípios fundamentais que ordenam essa organização – capital econômico e capital cultural - mas também como se organizam e se relacionam os diferentes *estilos de vida* e, logo, os *habitus* e as práticas dos grupos sociais.

Os gráficos 1.1, 1.2 e 2.1, 2.2 correspondem às nuvens das distribuições totais das variáveis ativas e ilustrativas em cada ano nas duas amostras. Nesses gráficos, as variáveis ativas, isto é, os itens de consumo estão representados apenas pelos triângulos azuis e as variáveis complementares ou ilustrativas, ou seja, as classes ocupacionais, os percentis de renda domiciliar per capita, o nível educacional, a cor e o sexo pelos triângulos pretos. Apenas as variáveis ilustrativas estão legendadas. Mais adiante, outros gráficos mostrarão a distribuição das modalidades das variáveis ativas, ou seja, dos itens de consumo e dos respectivos *estilos de vida* das classes. Nessa parte inicial da análise, o objetivo é observar a distribuição como um todo das variáveis, atentando, sobretudo, para a ordenação e distribuição das variáveis complementares.

Observa-se, então que as modalidades das variáveis classes ocupacionais, os percentis de renda, bem como o nível educacional se distribuem – do lado esquerdo para o direito – de forma gradual nas duas amostras, ou seja, dos que se localizam nas classes inferiores até as classes mais altas ou dos mais pobres até os mais ricos ou dos menos instruídos aos mais instruídos. Nas duas amostras essa “escada” tende a uma ordem rígida, já que a cada degrau alcançado, em termos de classe, se alcança, ao mesmo tempo, um “degrau” de renda domiciliar e de nível educacional.

Além disso, acompanhando mais ou menos essa ordem hierárquica, as modalidades da variável “cor ou raça” se distribuem na seguinte ordem: “indígenas”, “pretos”, “pardos”, depois “brancos” e “amarelos”. Em termos de sexo, há uma predominância masculina em relação à presença feminina nas duas amostras – os indivíduos retratados são as pessoas de referência da família. Em função disso, o ponto-modalidade “masculino” é representado no encontro dos dois eixos. Ele representa o “perfil médio” da amostra. O ponto-modalidade “feminino” se encontra na ACM3 de 2002 no quadrante onde estão localizadas a “pequena burguesia urbana”, a classe média baixa e a classe média. Já na ACM3 de 2008, ele se encontra em cima do eixo que separa as classes populares urbanas, a classe operária e a pequena burguesia da classe média baixa e classe média. Já nas ACM5 de 2002 e de 2008, ele está localizado no quadrante no qual se inserem as classes populares urbanas. A localização desse ponto-modalidade nas duas amostras sugere que há uma diferença na proporção de mulheres como referência familiar entre as classes sociais. Há uma presença maior de mulheres como “chefes de família” nas classes mais baixas

e/ ou intermediárias dentro da hierarquia social do que nas classes melhores situadas no espaço social.

Quando se observam mais especificamente os quadrantes em cada um dos gráficos, seguindo o formato da parábola da esquerda para a direita, se percebe que o primeiro quadrante superior da esquerda tende a agregar as classes mais baixas da hierarquia social que correspondem também às mais pobres e com menor nível educacional em cada amostra – aqui é válido ressaltar que os proprietários rurais, presentes na ACM3 são, em geral, os pequenos proprietários que ganham, em média, 2.000 reais por mês. A pesquisa não consegue capturar os grandes proprietários de terras e, por isso eles aparecem próximos dos trabalhadores rurais. Esse mesmo quadrante também engloba as pessoas que proporcionalmente mais se autodeclararam como indígenas, pretos e/ou pardos. Em termos de gênero – como já foi apontado anteriormente –, esse quadrante engloba, na ACM5, a maior proporção de mulheres. Então, na ACM3, o quadrante superior esquerdo agrega os trabalhadores e os proprietários rurais. Já, na ACM5, ele abriga as classes populares urbanas. Em todas as amostras, ele abarca os percentis de renda e os níveis educacionais mais baixos e tende a abrigar os indivíduos cuja “cor ou raça” tende a sofrer maior estigmatização.

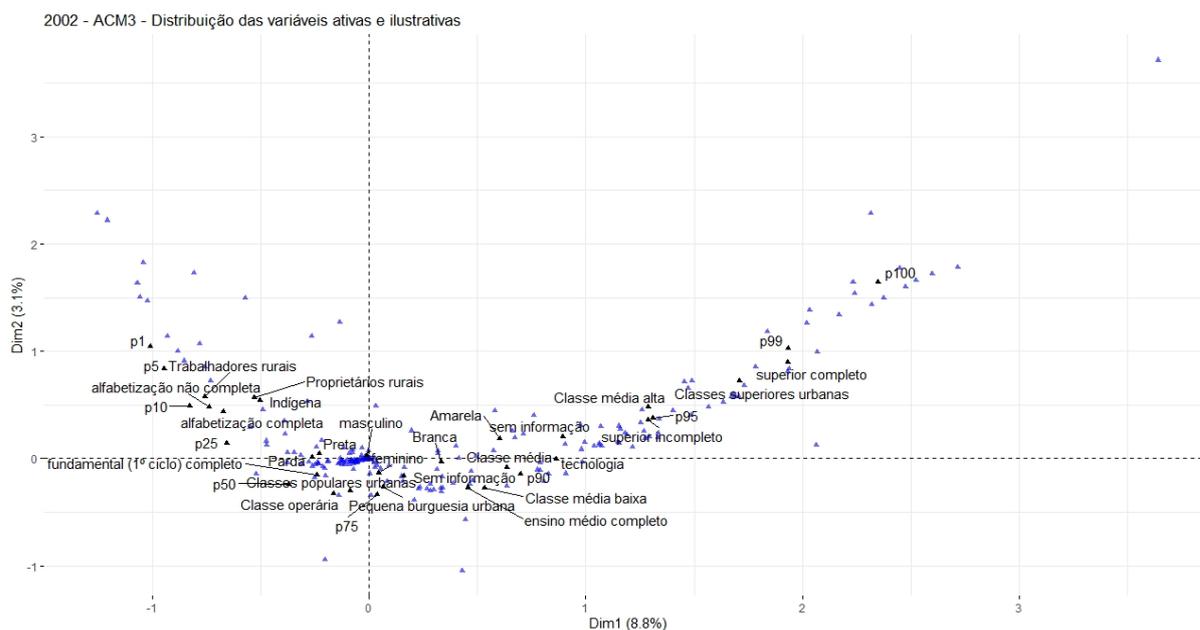
Já o quadrante inferior esquerdo agrega as classes que estão localizadas um pouco acima do que as anteriores na hierarquia social, e cuja renda domiciliar é baixa, porém, menos baixa do que as anteriores. Da mesma forma, esse quadrante abriga a maior proporção de indivíduos que possuem alfabetização completa e/ou o ensino fundamental completo. Circulam, nesse espaço, as classes populares urbanas, a classe operária, a pequena burguesia – às vezes em conjunto, às vezes apenas duas delas, de acordo com cada caso nas amostras. Pode aparecer também, nesse quadrante, a cor ou raça parda.

Seguindo a mesma lógica, o quadrante inferior direito apresenta as classes e percentis de renda mais bem localizados no espaço social do que as classes até aqui apresentadas, mas que não estão no topo da hierarquia socioeconômica. Tendem a circular por esse espaço, sob diferentes arranjos, os pontos-modalidades relativos à pequena burguesia urbana, à classe média baixa e à classe média, aos percentis situados entre o p75 e o p90, ao ensino médio completo. Podem também aparecer nesse quadrante a cor ou raça branca e o sexo feminino.

Por fim, no quadrante superior direito, se encontram as classes localizadas no topo da hierarquia social e, portanto, mais bem localizadas no espaço dos *estilos de vida*. Dentre elas, destacam-se as classes médias altas e as classes superiores, bem como, os percentis de renda mais ricos, do p95 ao p100. Em alguns casos, aparece também a classe média baixa. Está situada também nesse quadrante a maior proporção de indivíduos com nível educacional superior

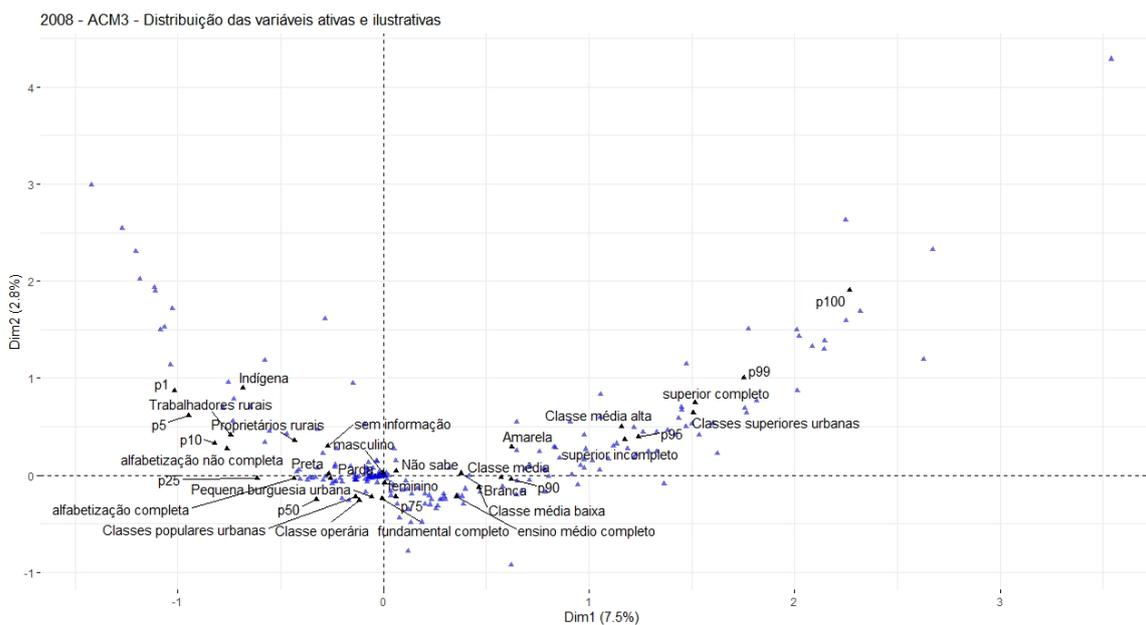
incompleto e/ou completo. Circulam ainda nesse espaço as modalidades relativas à cor ou raça amarela e/ou branca. É possível perceber então que, nas duas amostras, as modalidades ilustrativas, apesar das diferenças de um caso para outro, tendem a seguir uma ordem quase perfeita de organização.

Gráfico 1.1 - Distribuição das variáveis ativas e ilustrativas na ACM3 de 2002



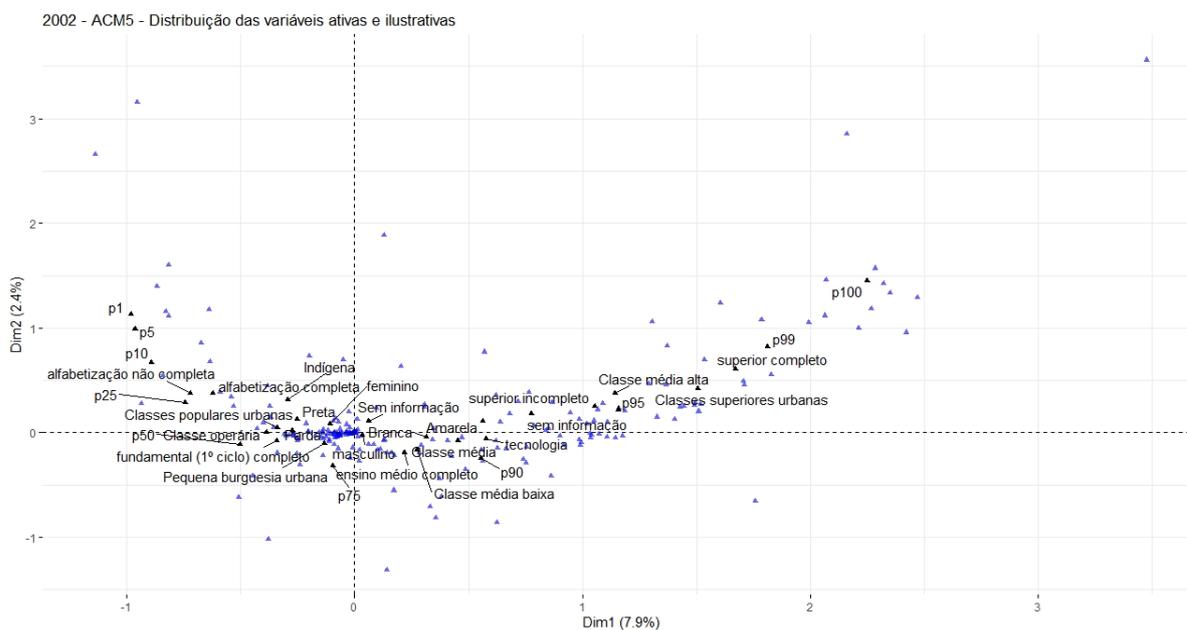
Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Gráfico 1.2 - Distribuição das variáveis ativas e ilustrativas na ACM3 de 2008



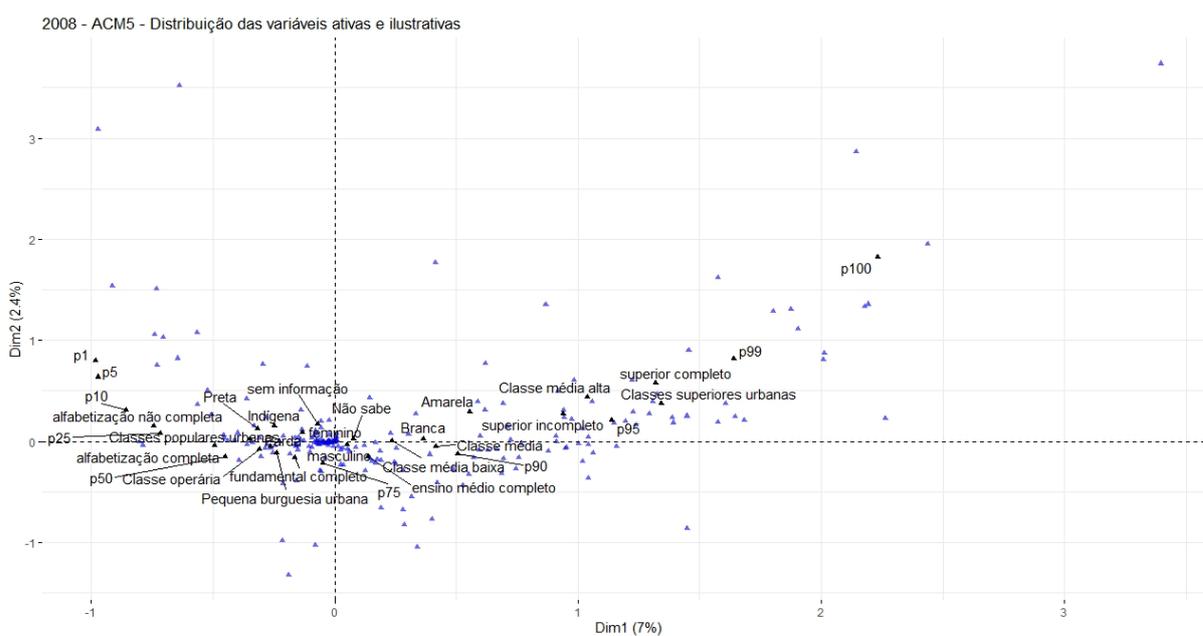
Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Gráfico 2.1 - Distribuição das variáveis ativas e ilustrativas na ACM5 de 2002



Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Gráfico 2.2 - Distribuição das variáveis ativas e ilustrativas na ACM5 de 2008



Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

A partir de agora, serão analisados os gráficos 3.1 a 10.4. Estes apresentam a distribuição das modalidades dos itens de consumo, das classes ocupacionais, dos rendimentos domiciliares, dos níveis educacionais, das cores ou raças, dos sexos presentes em cada quadrante de cada ano das três amostras. É importante destacar que as modalidades das variáveis ativas foram divididas entre modalidades positivas e negativas, isto é, entre aquelas que dizem se a pessoa “tem gasto” e/ou “tem” um item de consumo daquelas que dizem o contrário, se ela “não tem”. Foram, então, produzidos oito gráficos para cada ano das três amostras: quatro para as modalidades positivas e outros quatro para as modalidades negativas, sendo cada um deles referente a um quadrante da amostra. Os quatro diagramas de um número (por exemplo: 3.1, 3.2, 3.3 e 3.4) formam, portanto, o conjunto dos quatro quadrantes de uma análise de correspondência múltipla de um ano. No exemplo anterior, o conjunto dos quatro gráficos compõe o diagrama da nuvem das modalidades positivas relativas à ACM3 de 2002⁴¹.

Nessa parte da análise, os eixos que separam os espaços multidimensionais nas análises de correspondência em quatro dimensões são utilizados como parâmetros para a separação das modalidades. Cada quadrante delimitado por eles forma, então, o subespaço dos *estilos de vida* mais próximos e, logo, de um conjunto de práticas e de *habitus* de classes semelhantes. O conjunto desses quadrantes ou espaços forma a representação multidimensional do mundo social e expressa o conjunto dos *estilos de vida*, de *habitus* e práticas de consumo das classes sociais. Foram, então, atribuídos números para cada um dos quadrantes, a fim de facilitar a análise. Da ponta esquerda da parábola à direita, determinou-se que: o quadrante superior esquerdo é o de número 1, o quadrante inferior esquerdo, o de número 2, o inferior direito, o de número 3 e o superior direito, de número 4.

Nas nuvens das variáveis, os diversos elementos se distribuem de forma aleatória nos espaços. A proximidade é o que sugere sua semelhança e, portanto, suas correlações. A aleatoriedade da distribuição dos elementos permite, assim, recompor a correlação entre os itens. Logo, quanto mais as modalidades se encontram próximas umas das outras, mais elas tendem a se assemelhar, já que são escolhidas pelos mesmos indivíduos ou por indivíduos parecidos. Assim, as modalidades localizadas nesses quadrantes ou espaços tendem a se

⁴¹ Os gráficos não estão sempre na mesma escala, no entanto, o arranjo dos quatro juntos, permite a visualização da distribuição das modalidades como um todo, em cada ano das amostras. É, portanto, interessante a leitura deles em conjunto. Os gráficos foram produzidos dessa forma para melhorar sua legibilidade. Ao produzi-los, buscou-se manter somente as modalidades localizadas no interior do quadrante, no entanto, algumas vezes, a fim de ampliar a área de distribuição das variáveis e, logo, tornar os gráficos mais legíveis, foi necessário agregar algumas modalidades que estavam fora do quadrante no diagrama. Esse é o caso dos gráficos: 5.3, 7.3, 8.1, 9.3 e 10.1. A presença de elementos exteriores ao quadrante está assinalada em seus respectivos títulos.

assemelhar mais entre si do que em relação às localizadas nos outros quadrantes. Esses espaços não encerram, no entanto, os limites dos perfis dos indivíduos. Eles expressam, na realidade, as tendências mais fortes existentes em seus interiores. Eles servem como pontos de referência para demonstrar que mudanças de *estilo de vida* tendem a ocorrer quando se desloca de um espaço para outro.

O objetivo, então, dessa parte da análise não é realizar um escrutínio de todos os elementos presentes em cada um dos quadrantes, mas observar que tipo de *estilos de vida* eles tendem a expressar. Além disso, esta seção busca apontar as mudanças mais interessantes que ocorreram de 2002 para 2008, em termos de consumo e de *estilos de vida*, e, nesse sentido, de capitais econômicos e simbólicos na sociedade e, mais especificamente, entre as pessoas das classes médias.

Na ACM3 de 2002, os gráficos 3.1 a 3.4 expressam as nuvens das modalidades positivas e os 4.1 a 4.4, as negativas. Os diagramas 3.1 e 4.1 se constituem como os espaços das classes rurais, no ano de 2002. Neles tendem a estar localizadas mais fortemente as classes dos trabalhadores rurais e dos proprietários rurais. Em termos educacionais, esse espaço tende mais fortemente a abrigar os indivíduos com o menor nível educacional, isto é, que possuem alfabetização incompleta ou completa. Em termos de cor, ele abarca a maior proporção de pessoas que se consideram indígenas e/ou de cor preta e/ou parda. Suas rendas domiciliares per capita estão situadas entre as mais baixas. Eles fazem parte dos 25% mais pobres do país nesse momento. Em termos de *estilos de vida*, esses indivíduos tendem a morar em domicílios que não possuem energia elétrica, água encanada e gás de botijão. Como combustíveis domésticos, tendem a usar o querosene, a lenha e/ou o diesel. Seus domicílios também costumam não possuir eletrodomésticos básicos como filtro de água, fogão, ferro elétrico geladeira, TV a cores, liquidificador, ventilador etc. Em 2002 eles tendem, pois, a estar mais distantes do acesso a serviços básicos e de um padrão de vida digno.

Em termos de locomoção, sobretudo entre os mais pobres, é comum, no dia a dia, o uso de caminhão ou de barco. Outros costumam usar também barcas ou transportes alternativos como Kombis ou fretadas. Grande parte deles não possui bicicleta. Estão inseridos, em grande medida, numa realidade informal. Dentre os mais pobres é comum terem gastos em viagens em barco, caminhão ou em pau-de-arara. O que significa que, em grande parte, são viagens de migração ou em direção às cidades. Tendem a constituir, assim, grosso modo, os migrantes que saem do campo para buscar trabalho em outras cidades ou regiões do país ou aqueles que, por vezes, saem do campo em busca de algum item ou serviço disponível somente nas cidades.

Tendem, portanto, a realizar viagens não por diversão, mas, para buscar trabalho e/ou serviços⁴².

Eles tendem a utilizar os serviços públicos de educação, já que não apresentam gastos com educação infantil ou qualquer outro nível educacional. A maior parte desses “chefes de família” possui apenas a alfabetização, ou seja, um nível educacional muito baixo. As dificuldades econômicas que tradicionalmente essas famílias enfrentam, bem como as necessidades de trabalho que se impõem sobre elas ou ainda as dificuldades de acesso às instituições escolares nas zonas rurais ou no interior do país são alguns dos fatores que contribuem para esse baixo nível educacional. Também tendem a depender do sistema público de saúde, uma vez que não apresentam despesas com consultas médicas ou outro item privado de saúde. Além disso, tendem a não contribuir para a previdência pública ou a possuir poupança. Estão, em grande medida, inseridos numa realidade de trabalho informal.

Por outro lado, muitos, quando estão fora de casa, costumam ter gastos com refeições populares de baixo custo, como no caso do item “refeição em prato feito”. Nesse tipo de refeição, em geral, estão presentes arroz, feijão, um tipo de carne, farofa etc que é, aliás, um arranjo culinário, segundo Barbosa (2007), de preferência nacional. Eles são geralmente oferecidos em locais populares, como restaurantes de comida caseira e botecos. O que sugere também que esses indivíduos são frequentadores desses espaços. Em relação a aspectos culturais, muitos costumam ir a forrós ou serestas como forma de diversão. Esses são eventos populares comuns, sobretudo, nas regiões do interior do país.

Já os gráficos 3.2 e 4.2 se constituem, na ACM3 de 2002, como os espaços das classes baixas urbanas. Os indivíduos localizados nesse quadrante tendem a fazer parte, em termos ocupacionais, da classe operária e/ou da classe popular urbana. Em termos educacionais, esse espaço abriga a maior proporção de indivíduos com apenas nível educacional básico completo. Sua renda domiciliar per capita, nesse momento, gira entre o 25º percentil e a mediana da amostra. Assim, como nas classes populares rurais, os indivíduos pertencentes às classes baixas ou populares urbanas tendem se caracterizar fortemente por uma relação de privação em relação aos outros *estilos de vida*.

Como sugere o diagrama 4.2, os indivíduos presentes nesse espaço tendem a não apresentar gastos com serviços básicos, tais como luz e água em suas casas, já que ou não têm acesso a eles e/ou porque esses não se encontram de forma regularizada em seus domicílios. Encontram-se inseridos numa realidade altamente informal. Tendem também a não possuir em

⁴² Sobre a migração do campo para a cidade no Brasil entre 1940 e 1970, ver, por exemplo, PASTORE, J; VALLE SILVA, N.(2000). Sobre a imigração campo-cidade no pós 1980, ver, BRITO, F. (2009).

seus domicílios os aparelhos e eletrodomésticos mais raros da amostra e que, nesse momento, caracterizavam as classes médias superiores e as classes superiores urbanas, tais como: aparelho de celular, DVD, máquina de lavar louça, de secar roupas, freezer, ar condicionado, aspirador de pó, micro-ondas, microcomputador, purificador de água etc. No entanto, diferentemente das classes rurais, estão um pouco menos distantes da privação de eletrodomésticos mais comuns da amostra, como no caso do fogão ou do filtro de água.

Também tendem a não possuir trabalhadores domésticos em seus domicílios. Em geral, as necessidades domiciliares são realizadas no âmbito familiar ou com base nos laços de solidariedade da vizinhança. Em grande medida, formam eles próprios o conjunto daquilo que se denominou, nessa pesquisa, por trabalhadores domésticos: empregadas domésticas, diaristas, babás, zeladores de prédios, passadeiras etc.

Assim como as classes populares rurais, os indivíduos localizados no espaço das classes baixas urbanas costumam utilizar e depender mais fortemente do sistema público de educação, já que não apresentam gastos com educação de nível fundamental, de ensino médio ou superior. Também tendem a depender do sistema público de saúde, já que não apresentam gastos com plano de saúde e/ou consulta médica. Eles, em conjunto com as classes populares rurais, formam grande parte da população que depende mais fortemente desse aparato público de saúde e educação.

Em termos de locomoção, esses indivíduos tendem a utilizar os transportes de baixo custo e/ou públicos. A maior parte não possui carro no seu inventário ou está comprando um automóvel nesse momento (2002). Também não possuem, no dia a dia, gastos com carro particular. Muitos possuem bicicleta para se locomover. Outros utilizam catraias ou possuem canoas como forma de transporte – provavelmente aqueles que vivem nas regiões do interior do país, mais próximos das regiões rurais. Alguns utilizam o mototáxi como meio de locomoção. O mototáxi é um tipo de transporte de baixo custo que é muito comum nas entradas de áreas periféricas de cidades, como no caso das favelas (no caso do Rio de Janeiro) ou em regiões em que há uma escassez de transportes públicos⁴³.

A maioria desses chefes de família não realiza, nesse momento, viagens em carros particulares, mas em ônibus, como denota o item “ônibus_VG”. Em 2002, o ônibus era um meio de transporte mais barato e, portanto, mais popular do que o avião para se realizar viagens intermunicipais ou estaduais. É provável, portanto, que muitas dessas pessoas utilizassem esse

⁴³O Perfil dos Municípios Brasileiros de 2017 do IBGE, revelou que em 18 municípios nos quais não há transportes públicos, o mototáxi é o único serviço de transporte disponível. Ele costuma, portanto, estar presente em locais de difícil acesso ou onde há escassez de transporte público.

meio de transporte para visitar, por exemplo, seus parentes. Muitos deles provavelmente eram imigrantes que vieram das regiões mais pobres e/ou rurais do país para os centros urbanos em busca de trabalho – como, por exemplo, das regiões do norte e nordeste do país - ou descendiam deles⁴⁴. Costumavam, assim, de tempos em tempos, realizar viagens de ônibus, de menor custo, para visitar os parentes que haviam permanecido nas regiões de origem.

Não é a toa que esses indivíduos estão mais próximos, em termos culturais, de elementos como “gastos em forró” do que de gastos em “boates ou danceterias”. Muitos desses imigrantes foram responsáveis por trazer e difundir nos centros urbanos a cultura de seus locais de origem, como a cultura nordestina - e nisso se insere o forró⁴⁵. Em relação à comunicação, esses indivíduos estão, em sua maioria, distantes dos elementos que permitem um acesso maior a informações e a aquisição de capital cultural, tais como: o cinema, TV por assinatura, internet domiciliar, compra e/ou assinatura de jornais, revistas ou fascículos, compra de livros não didáticos. Também estão distantes do acesso a elementos relativos à educação extracurricular que concedem capital cultural e simbólico aos que possuem acesso a esses bens, tais como: cursos de idiomas e/ou de informática ou aulas de artes e/ou de esportes. Em geral, o acesso a esses elementos se dá de forma privada e, portanto, exige um capital econômico maior, que não é condizente com o da população inserida nesse espaço social.

Cabe ainda destacar que os indivíduos que compartilham desses *estilos de vida*, quando se alimentam fora de casa, não costumam comer em restaurantes mais caros ou de maior prestígio, cuja comida é servida “a peso ou a quilo” ou “a la carte”. Eles costumam ter gastos mais baixos apenas com alimentação escolar – sobretudo dos seus filhos. Apesar das escolas públicas oferecerem, em geral, almoço gratuito aos alunos, muitas possuem cantinas nas quais os alunos podem comprar lanches, como salgados e hambúrgueres. É provável que esse tipo de gasto esteja relacionado a esse tipo de alimentação. Eles, assim como as classes populares rurais, estão também mais próximos das “refeições de prato feito” e, portanto, estão mais aptos a consumir esse tipo de alimentação popular. Isso leva a crer que sua alimentação fora de casa, quando realizada, tende a se dar em espaços populares, como no caso das escolas públicas e/ou de restaurantes populares e/ou dos botecos⁴⁶.

Já os diagramas 3.4 e 4.4 representam, na ACM3 de 2002, o espaço dos *estilos de vida* das classes intermediárias urbanas. Os indivíduos localizados nele tendem, nesse momento, a fazer parte da pequena burguesia urbana, das classes médias baixas e das classes médias. A

⁴⁴ Cf. Durham, E. (1973).

⁴⁵ Sobre isso, ver, por exemplo, NEMER, S. (2012).

⁴⁶ Cf. Machado da Silva, L. A. (1969).

maior parte deles possui ensino médio completo e/ou ensino técnico. É o espaço também que abriga, nesse momento, a maior proporção de mulheres e de pessoas que se autodeclararam brancas. Em termos de renda domiciliar per capita, nesse momento, seus rendimentos estão situados acima da mediana, indo até 75º percentil e dele até o 90º percentil.

Seus domicílios apresentam um padrão de vida intermediário, melhor do que o das classes baixas urbanas e das classes populares rurais, mas inferior ao das classes média alta e superiores. Neles, não se utilizam lenha, diesel ou querosene como combustíveis domésticos. Ao contrário, seus domicílios apresentam gastos regulares com serviços básicos como: luz elétrica, água e esgoto encanados, gás de botijão e, logo, tendem a usufruir desses serviços de forma regularizada. Além disso, possuem, nesse momento, os eletrodomésticos e aparelhos básicos e comuns da amostra, tais como: fogão, filtro de água, geladeira, TV em cores, máquina de lavar roupas, máquina de costura, batedeira, liquidificador, telefone fixo, ferro elétrico, equipamento de som e ventilador.

Em termos de locomoção, a maior parte não costuma, no dia a dia, utilizar transportes alternativos, nos quais predominam a informalidade, como é o caso dos indivíduos das classes populares rurais, mas também estão distantes, nessa amostra, da utilização diária de carros particulares, como no caso das classes médias altas e superiores urbanas. Muitos, nesse momento, têm a opção de se locomoverem por meio de transportes não tão custosos, como é o caso da moto e da bicicleta, já que possuem esse tipo de transporte ou estão comprando um. Além disso, no dia a dia, a maior parte deles tende a usar os meios de transporte públicos, considerados menos custosos do que o do carro privado, tais como: trens e ônibus. Por utilizarem trens – essa é, por exemplo, uma realidade das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo -, é provável que muitos morem em regiões menos valorizadas, tais como os subúrbios ou as cidades da região metropolitana, mas que não chegam a ser consideradas tão periféricas como as favelas.

Em termos de saúde, os indivíduos localizados nesse espaço tendem a utilizar, em algum grau, o sistema privado, já que uma grande proporção deles apresenta gastos com consultas médicas. Aproximadamente 45% das classes médias, 44% das classes média baixa e 46% da pequena burguesia urbana apresentavam algum gasto com esse item nesse momento. No entanto, a maioria deles não possui gastos com planos médicos particulares como ocorre nas classes médias altas e superiores. Apenas 32,38% das classes médias, 36,24% das classes médias baixas e 9,06% da pequena burguesia possuíam plano de saúde nesse momento. O que sugere que a maioria não se comprometia, em 2002, de forma constante – como é o caso dos

planos de saúde - com os gastos em saúde e que devia utilizar, ainda que de forma esporádica, o sistema público de saúde.

Em relação à educação, a maior parte deles tem despesa, nesse momento, com educação infantil, no entanto, está mais distante de possuir despesas com ensino fundamental, médio ou superior. Apenas 12,55% da classe média, 11,65% da classe média baixa e 6,38% da pequena burguesia urbana possuíam gastos com ensino fundamental, por exemplo. A maior parte deles tendia a utilizar os serviços da rede pública de educação nesse momento. A maior proporção dos indivíduos que possuem esse *estilo de vida* utiliza, em algum grau, o sistema privado de saúde e de educação. Mas essa utilização é proporcionalmente menor do que a das classes médias altas e superiores. O que sugere, por outro lado, que possam também depender, em alguma medida, da rede pública de saúde e de educação, seja do nível fundamental ao nível superior.

Aliás, com relação à vida financeira, as pessoas que compartilham esses *estilos de vida* possuem uma tendência para poupar, já que possuem poupança. Elas também tendem a contribuir, nesse momento, para a previdência pública, em decorrência de sua inserção significativamente maior numa realidade de trabalho formal. A contribuição para a previdência também expressa que a maior parte desses indivíduos estava, nesse momento, inserida numa realidade na qual o seu futuro estava mais assegurado em termos financeiros ou que, no mínimo, buscava alcançar essa segurança. A presença, então de elementos como “poupança” e “contribuição para a previdência pública” sugerem, então, que grande parte dessas pessoas tende a apresentar um *estilo de vida* mais ascético e que visa maior segurança em termos financeiros. Esse comportamento financeiro também se expressa na simplicidade de suas vidas, quando comparadas com as das classes médias altas e superiores. Isso pode ser observado por meio do seu padrão de vida intermediário – que, em geral, apresenta apenas os aparelhos e eletrodomésticos mais básicos e comuns nos seus domicílios -, pelo tipo de transporte - de menor custo - que utilizam no dia a dia, pelo perfil dos gastos com educação e saúde que possuem – menos comprometidos com a rede privada.

Eles buscam, por meio da poupança, economizar seus recursos para que, a longo prazo, possam realizar o sonho de obter uma casa própria, um carro, realizar uma viagem etc ou evitar a diminuição do seu padrão de vida em momentos de dificuldades financeiras. Eles buscam, por meio desse comportamento, obter, a longo prazo, um padrão vida melhor e, com isso, maior distinção social ou, ao contrário, evitar a perda de prestígio e de seu padrão de vida atual. O que no fundo, então, está por trás desse tipo de prática financeira é a busca pela mobilidade ascendente, em termos de *estilo de vida*, e/ou o impedimento da mobilidade descendente.

Muitos possuem algum nível de capital cultural e simbólico, mas não como o das classes médias altas e superiores, já que tendem, majoritariamente, a realizar viagens de navio, mas estão mais distantes das viagens de avião, nesse momento. Também possuem elementos de distinção, como o celular, ainda que a sua conta de celular seja pré-paga (item “cartão de celular”) e não pós-paga. Nesse tipo de conta, os custos são mais baixos e podem ser mais bem controlados. O prestígio que concede aos que a possuem é menor do que os que têm uma conta pós-paga, mas ainda assim maior do que os que não têm um celular.

Esses indivíduos tendem a não apresentar o mesmo nível de capital cultural como o das classes médias altas e superiores, porque estão, em sua maioria, mais distantes das fontes que concedem maior capital cultural. Eles não têm proporcionalmente o mesmo acesso a informações que as classes médias altas e superiores, já que, em sua maioria, não apresentam gastos com TV por assinatura, jornal, revistas, internet domiciliar etc. Eles tendem apenas a possuir antena parabólica em suas residências. Por outro lado, apresentam, na sua maioria, gastos com elementos de entretenimento e lazer, tais como jardim zoológico, parque de diversões, jogos eletrônicos, piqueniques, pesca e shows e com serviços de beleza e estética.

Os gráficos 3.3 e 4.3 representam o espaço das classes mais altas e que, portanto, melhor se situam no espaço social. É o espaço, por excelência, dos privilégios e que permite maior distinção social. Nele se concentram os elementos que exigem e concedem maior capital econômico, cultural e simbólico. Os indivíduos presentes nesses espaços tendem a pertencer às classes médias altas e às classes superiores urbanas. Seus rendimentos domiciliares per capita são, em geral, superiores ao 90º percentil e, portanto, formam os 10%, 5% e 1% mais ricos da população da amostra. Em termos educacionais, a maior parte possui ensino superior incompleto e/ou completo. Dentre eles, está inserida a maior parte dos indivíduos autodeclarados de cor e/ou raça amarela.

Seus domicílios possuem, em 2002, em sua maioria, não só total acesso a serviços básicos – eles possuem todos os itens básicos e gás encanado – e todos os eletrodomésticos e aparelhos comuns da amostra, como também os mais raros e distintivos, tais como: microcomputador, micro-ondas, aspirador de pó, purificador de água, ar condicionado, DVD, aparelho de celular, máquina de lavar louça, máquina de secar roupas, secador de cabelos e freezer. Na maior parte deles, há trabalhadores domésticos, como diaristas, mensalistas, babás, passadeiras, cozinheiras, caseiros, jardineiros, dentre outros que realizam, em geral, tarefas manuais para suprir as necessidades de manutenção do domicílio e seu patrimônio, bem como da vida de seus moradores. A existência desses trabalhadores permite aos donos se libertarem, em certo sentido, das tarefas manuais e de cuidados com o lar, geralmente, consideradas

desprestigiosas. Eles obtêm, assim, um tempo livre maior para se dedicarem a outras atividades, como, por exemplo, as atividades intelectuais, educativas ou simbólicas, capazes também de gerar maior capital cultural.

Muitos costumam ter gastos com condomínios. O que significa que tendem a morar em edifícios ou casas que possuem espaços comuns para os condôminos e são delimitados e separados por grades e muros dos espaços públicos. Muitos possuem porteiros, seguranças, zeladores, funcionários de limpeza que prezam pela sua manutenção e segurança. Aliás, alguns tendem a reforçar a segurança do local, já que possuem gastos com vigilância eletrônica – os mais ricos principalmente. O que sugere que estão constantemente preocupados com a segurança do ambiente em que vivem. Buscam constantemente assegurar seu patrimônio – parte do capital econômico materializado que possuem – e suas vidas. Então, essa segurança tem a função de delimitar, de afastar do espaço em que vivem, os indivíduos considerados indesejados que, por vezes, são também considerados perigosos. Os muros e toda a estrutura condominial servem, então, para selecionar aquelas pessoas que podem circular no ambiente comum dos moradores, permitindo, assim, somente aqueles considerados seus “iguais” ou que, no mínimo, não são perigosos. Eles tendem, então, a viver em um ambiente altamente segregado⁴⁷.

Aliás, esse caráter privado e segregador está presente em diversas dimensões da vida das pessoas que compartilham esse *estilo de vida*. Em termos de locomoção, muitos têm a opção de utilizar o metrô – que, em algumas cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro, pode ser um privilégio, dada a baixa amplitude de sua abrangência nas cidades – outros costumam, no cotidiano, utilizar seus próprios carros particulares para se transportar ou estão em vias de comprar um, seja ele nacional ou importado. Outros ainda costumam também andar de táxi. Esses meios de transporte privados possibilitam conforto, comodidade e, dentro de uma realidade de escassez de transporte público ou de transportes públicos de qualidade, maior acessibilidade e rapidez para aqueles que o utilizam. No entanto, esses meios, justamente por possuírem um caráter particular, são seletivos e segregadores. As pessoas que os utilizam no dia a dia têm um gasto mais elevado para poderem usufruir desse tipo de locomoção e tendem a estar segregadas nesses micro espaços, evitando, assim, o contato, em sua locomoção diária com “os diferentes”, “os indesejáveis”, “os perigosos”⁴⁸, que estão representados simbolicamente pelos transportes e ambientes públicos. Então, aqueles que possuem um carro

⁴⁷Sobre a segregação das classes superiores nos países latino-americanos, ver, por exemplo, os trabalhos de Caldeira (2000); Svampa (2001); Préteceille, E.; Cardoso, A. (2008).

⁴⁸ Sobre a representação que os ricos possuem acerca dos pobres, sobretudo, na cidade de São Paulo, ver, por exemplo, Paugam, S *et al.* (2017).

ou têm acesso a meios particulares de locomoção no dia a dia, ao fazê-lo, demonstram obter um nível de capital econômico e simbólico maior do que aqueles que não têm. Os transportes particulares, expressos, sobretudo, pelo carro e pelo táxi, se mostram, então, como itens de distinção social.

O caráter privado e segregado também está presente nas dimensões da saúde e educação. Em termos de saúde, a maior parte desses indivíduos costuma utilizar, de forma constante, o sistema privado de saúde, já que parte do seu orçamento está voltado para o pagamento de plano saúde e plano odontológico. Costumam, dessa forma, numa proporção maior do que a das outras classes, ter acesso aos serviços e aparatos de saúde privados considerados, no geral, melhores do que os públicos. Novamente aqui o caráter seletivo e segregador está presente. O alto custo para a manutenção do acesso a essas estruturas privadas de saúde funciona como uma barreira que seleciona aqueles que podem usufruir desse tipo de serviço. Isso repercute sobre os espaços da saúde nos quais esses indivíduos tendem mais fortemente a frequentar. Os consultórios particulares de médicos, hospitais e as instituições de saúde privada em geral expressam essa seletividade. As pessoas que detêm um nível de capital econômico próximo, capaz de acessar esse tipo de serviço privado, são as que, em geral, usufruem e circulam nesses espaços particulares. O plano de saúde e o plano odontológico podem funcionar, assim, de forma semelhante ao carro, como um mecanismo de distinção simbólica.

Em relação à dimensão educacional, o mesmo processo de segregação se verifica. Os indivíduos melhor localizados no espaço social, tendem a utilizar de forma mais acentuada e constante o sistema privado de educação, já que apresentam, numa proporção maior, gastos com educação de nível fundamental, médio, superior e com cursos preparatórios e pré-vestibulares nesse momento. Esses espaços educativos privados são eles mesmos espaços seletivos, logo, segregadores, uma vez que selecionam, com base no nível de renda, as pessoas que podem frequentá-los. As gerações mais novas – normalmente os filhos - tendem a crescer num ambiente segregado. A seletividade e a segregação entre os considerados “iguais” vão sendo construídas, para essas gerações mais novas, como algo normal e natural de suas vidas, fazendo, assim, parte do seu *habitus* de classe. O padrão de consumo dessas classes, portanto, corrobora os estudos sobre a exclusividade de seus *estilos de vida* e a segregação que caracteriza sua experiência de vida nas cidades⁴⁹.

É importante destacar que o acesso ao sistema educacional é um elemento fundamental para aquisição de um capital escolar e cultural elevados. Como, em geral, o sistema privado de

⁴⁹Cf. Oberti, M. (2007); Preteceille E. (2006, 2012).

educação fundamental e médio – e, em alguns casos, também o da educação superior – é considerado de melhor qualidade do que o do público no Brasil, os indivíduos que possuem acesso a esse tipo de serviço tendem a acumular um capital escolar e cultural mais elevado do que aqueles que frequentam o sistema público de educação – o que costuma se inverter no nível superior de ensino (RIBEIRO, 2011). Esse acúmulo de capital escolar e cultural é reforçado ainda mais pela aquisição de conhecimentos extracurriculares obtidos por meio privado. É comum que os indivíduos, nesse *estilo de vida*, invistam na formação extracurricular de seus filhos, já que apresentam gastos com cursos de idiomas e de informática ou ainda com aulas de artes e de esportes. Por meio desse tipo de ensino, as gerações mais novas tendem a possuir um capital cultural mais elevado que funciona como ativo na corrida pelos melhores empregos e posições no espaço social. Ele funciona também como elemento de distinção simbólica desses indivíduos, contribuindo, assim, para a manutenção do seu padrão de vida, em termos de capital cultural e econômico para as gerações mais novas.

Outros elementos de distinção social também extremamente seletivos e segregadores aparecem nas escolhas de entretenimento e diversão desses indivíduos. Muitos deles possuem gastos com a associação ou com a compra de títulos de clubes privados. Outros costumam frequentar boates e danceterias e festas ou bailes em clubes, ou seja, espaços fechados e selecionados. Isso sugere que, muitas vezes, suas atividades recreativas também ficam circunscritas a microespaços fechados, nos quais as pessoas são selecionadas geralmente por seu capital econômico ou cultural. Eles tendem, dessa forma, a permanecer também situados em espaços de microsegregação em seus momentos de lazer.

Mas esses indivíduos, na sua maioria, não se limitam unicamente a esses espaços privados de diversão. Eles tendem a possuir uma possibilidade diversificada de formas de entretenimento⁵⁰. Assim, há uma gama de possibilidades de diversão, desde a sinuca, boliche e/ou totó, karaokê, jogos de futebol, de vôlei ou de basquete, circo, rodeio, bar, museu, exposições ou feiras de informática, cinema, teatro, passeios em geral até a corrida automobilística.

É interessante observar que elementos como “gastos com teatro” e “gastos com museu” se assemelham, em termos de raridade à corrida automobilística, nessa amostra. Isso sugere que a oferta desses aparelhos culturais é muito restrita na sociedade e/ou que são instituições, por si próprias, seletivas, na medida em que exigem um nível mais elevado de capital cultural

⁵⁰ Essa diversidade de opções de divertimento corrobora as ideias sobre de consumo conspícuo da classe ociosa de Veblen (2007).

para que possam ser escolhidas como formas de entretenimento pagas⁵¹. Como, nesse momento, o capital cultural é concentrado, sobretudo, por aqueles que também detêm a maior parte do capital econômico e a oferta desse tipo de evento cultural não é ampla na sociedade como um todo, o acesso a esse tipo de entretenimento fica restrito a uma pequena parcela da população que, geralmente, está situada no espaço das classes médias altas e superiores. São, portanto, os indivíduos situados no topo do espaço social aqueles que, numa proporção maior, costumam frequentar eventos culturais pagos desse tipo, já que são eles, nesse momento, também os que tendem a deter maior nível de capital cultural.

Esse elevado nível de capital cultural também se expressa pelos meios de informação a que a maior parte têm acesso nesse momento, já que tendem a comprar ou a assinar jornais, revistas e/ou fascículos, adquirir livros não didáticos, a possuir acesso à internet domiciliar regular e à internet individual. Possuem, assim, acesso amplo a informações variadas, permitindo-os enriquecer em termos de capital cultural e simbólico. Aliás, esse enriquecimento cultural também se intensifica pelas viagens que realizam. Muitos alugam veículos para viajar, outros viajam de trem e alguns de avião. O avião exige, nesse momento (2002), um alto custo financeiro, mas permite acessar de forma rápida outras realidades nacionais ou internacionais, proporcionando experiências raras que enriquecem o capital cultural desses indivíduos. É um dos elementos mais raros, dentre os diversos meios de transportes para viajar, e também um elemento de grande distinção simbólica entre os indivíduos.

Essa distinção simbólica também se expressa na forma de alimentação que grande parte deles possui fora de casa. É o caso, por exemplo, dos restaurantes “a la carte”, “a peso” ou de comidas “fast-food”. Os restaurantes “a la carte” e “a peso” exigem um comportamento mais individualizado, mais disciplinado, mais formal. O que se distingue fortemente dos botecos ou restaurantes populares, nos quais a informalidade tende a ser maior⁵². Alguns itens de consumo, considerados, nesse momento, como “bens de luxo”, também contribuem para a distinção simbólica de muitos desses indivíduos. São eles: o aparelho de celular, sobretudo, aqueles que possuem conta pós-paga e joias e/ou relógios.

Uma proporção grande desses indivíduos situados nesse espaço social são detentores, por excelência, dos elementos que exigem e concedem maior capital econômico. Eles tendem a possuir, não só conta corrente e cheque especial, mas aplicações financeiras e ações. Muitos contribuem para a previdência pública e/ou privada e, logo, possuem maior segurança e

⁵¹ Sobre a diferenciação social das práticas culturais, ver, por exemplo, Coulangeon (2010).

⁵² Cf. Machado da Silva, L. A. (1969).

cobertura para as contingências da vida e do futuro. Eles tendem a se preocupar em manter, a longo prazo, ou diante de circunstâncias desfavoráveis, seu padrão de vida alto.

Os indivíduos então localizados nesse espaço social tendem, por essa análise mais geral, a figurarem num espaço privilegiado, já que detém, em grande medida, o “monopólio” sobre diferentes tipos de recursos e, com isso, um nível elevado de capital econômico, cultural, escolar e simbólico. A presença de todos os elementos expostos até aqui nesse espaço indica que ele se constitui como o ambiente mais distante das necessidades. Esses indivíduos tendem a se caracterizar pela maior liberdade que possuem para escolher e pelas facilidades garantidas pela posse de um determinado tipo de capital

Gráficos 3.1, 3.2, 3.3 e 3.4 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2002, quadrantes 1, 2, 3 e 4

Gráfico 3.1 – QD 1

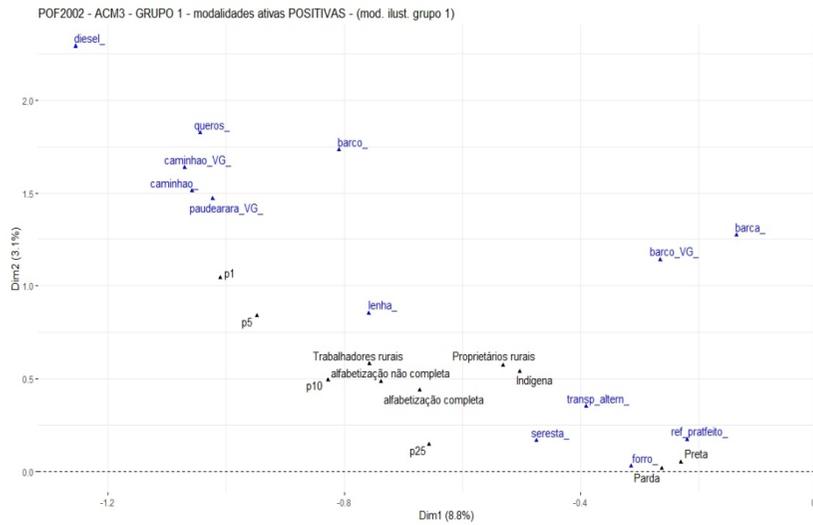


Gráfico 3.3 – QD 4

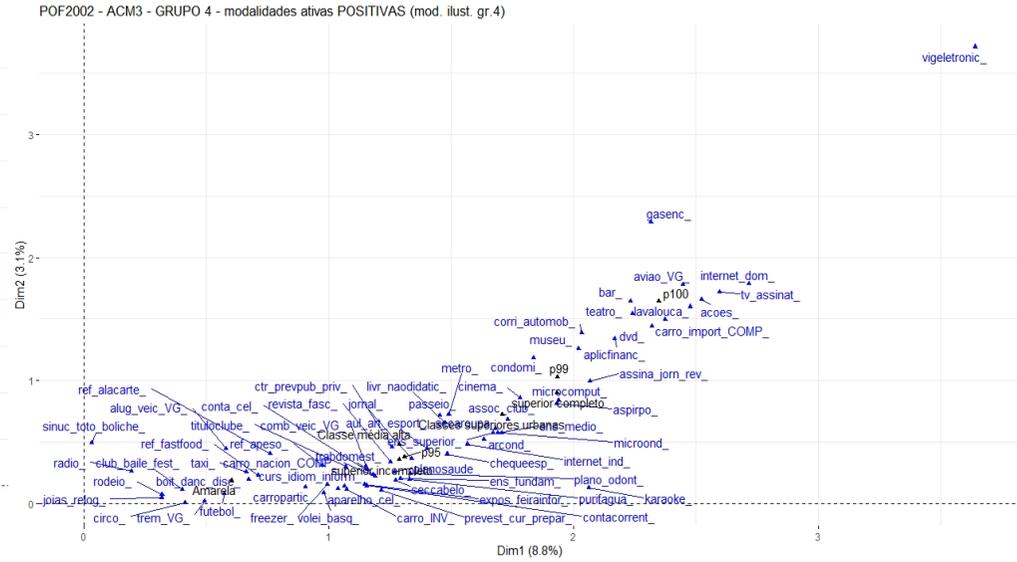


Gráfico 3.2 – QD 2

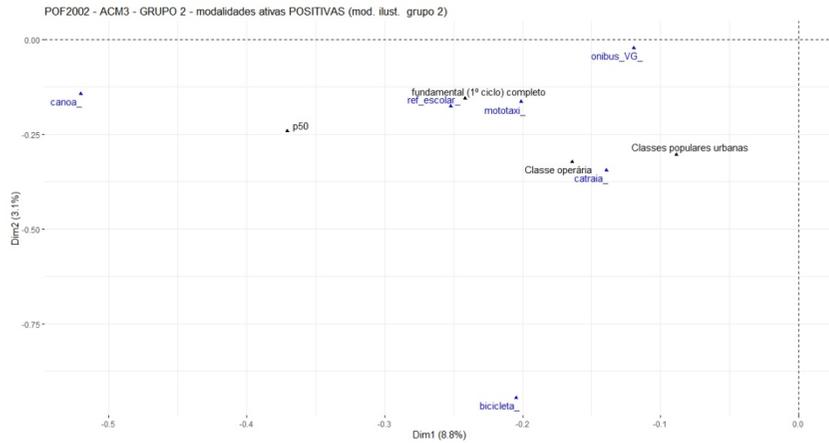
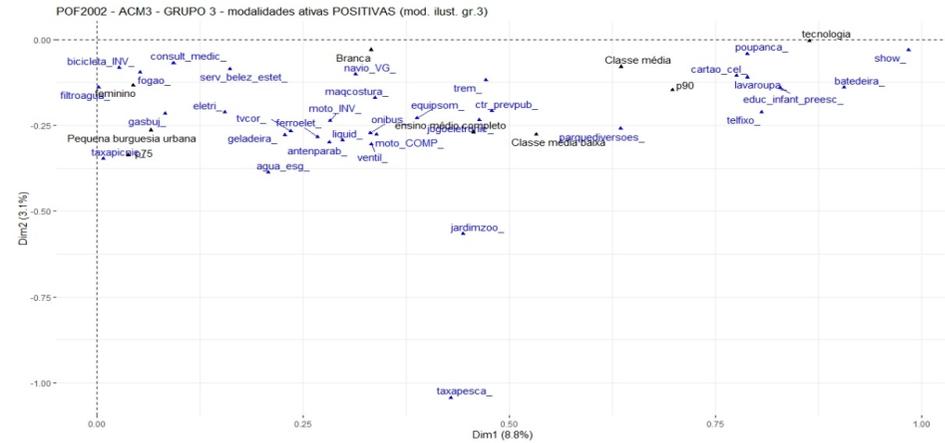


Gráfico 3.4 – QD 3



Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Gráficos 4.1, 4.2, 4.3 e 4.4 - Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2002, quadrantes 1, 2, 3 e 4

Gráfico 4.1 – QD1

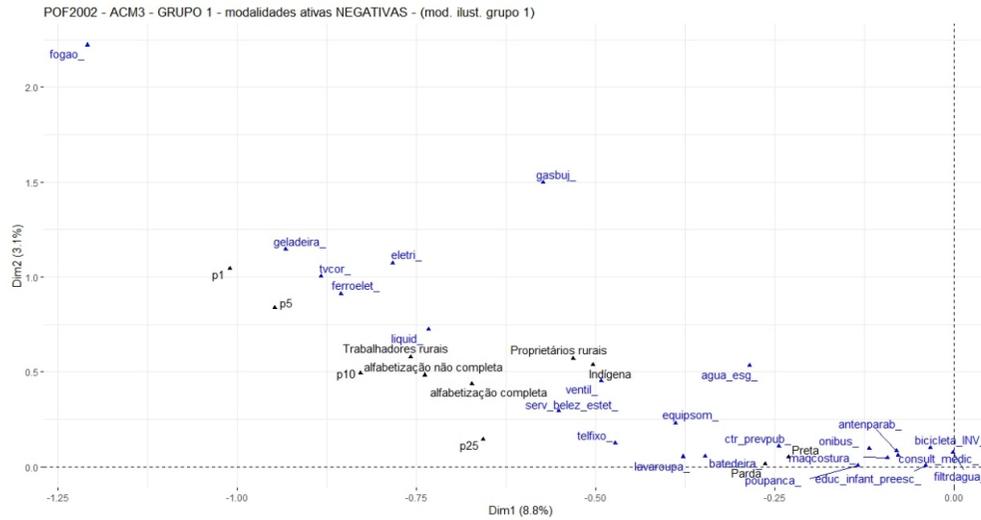


Gráfico 4.3 – QD4

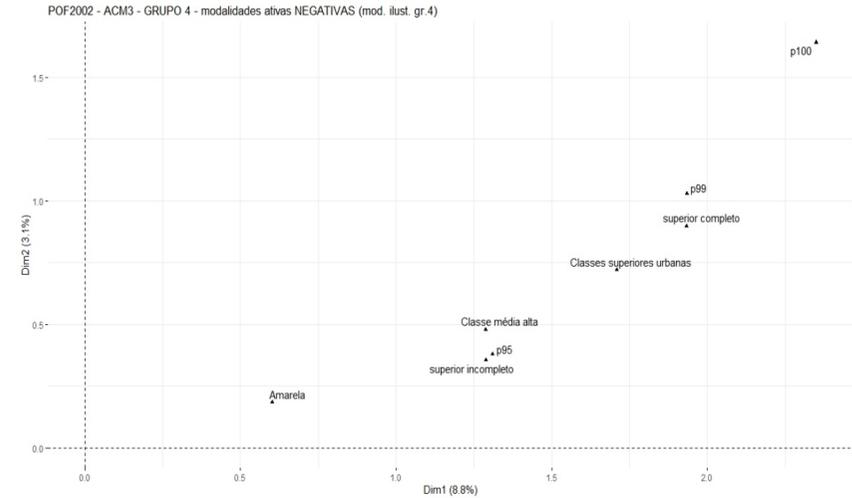


Gráfico 4.2 – QD2

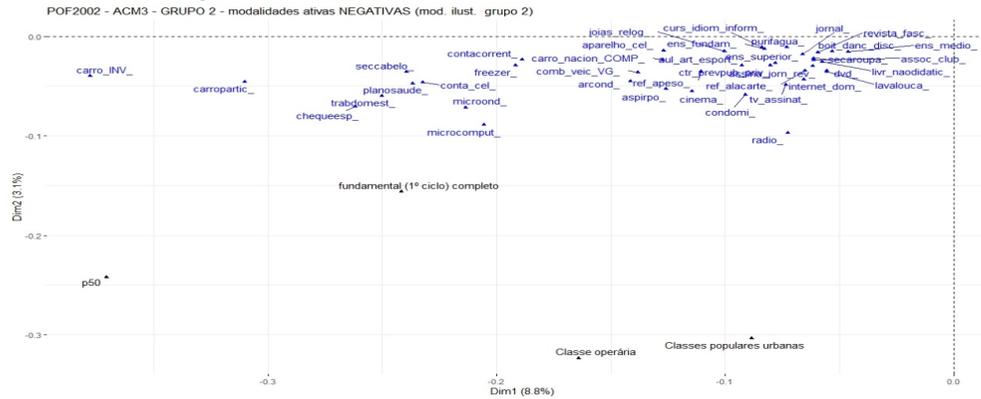
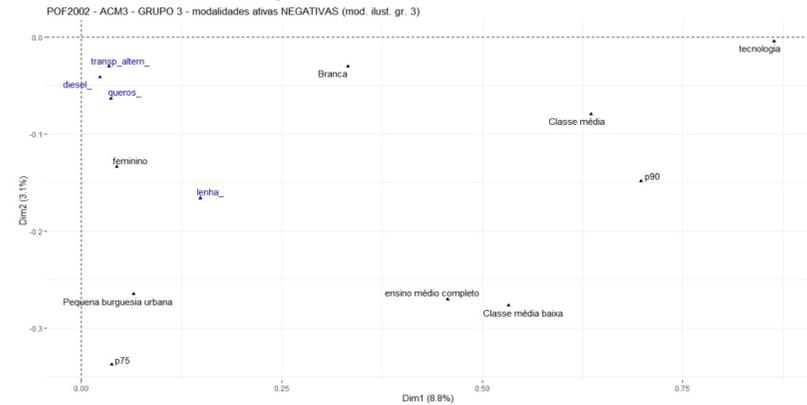


Gráfico 4.4 – QD5



Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Os gráficos 5.1 a 6.4 demonstram os resultados obtidos na ACM3 de 2008. Eles indicam que, embora os espaços dos *estilos de vida* das classes desse ano sejam semelhantes aos de 2002, ocorreram algumas mudanças. Dentre elas, é possível destacar a mudança do item “p25” que se encontrava no quadrante 1, em 2002, e passou para o quadrante 2 em 2008, ou seja, ele migrou do espaço dos *estilos de vida* das classes baixas rurais para o das classes baixas urbanas. Isso significa que as pessoas que tinham a renda domiciliar per capita situada entre o 10º percentil e o 25º percentil em 2008 tenderam a apresentar um *estilo de vida* melhor do que as que possuíam essa mesma renda domiciliar em 2002. Em 2002 tendiam a ter uma condição de vida, na qual, o grau de privações era maior e em 2008 tendem a apresentar outro no qual o grau de privações é menor. Houve uma melhora, em termos de consumo ou de padrão de vida, para as pessoas que possuíam esse nível de renda em 2002 daquelas que possuíam esse mesmo nível de renda em 2008, ainda que tenham permanecido numa condição de pobreza ou próximos das necessidades.

Outra mudança foi o deslocamento do elemento “pequena burguesia urbana”. Em 2002, ele estava localizado no quadrante 3, já, em 2008, ele se encontra no quadrante 2. Isso sugere que os indivíduos situados nessa classe ocupacional em 2002 tendiam a ter um padrão de vida mais alto, isto é, inserido no *estilo de vida* das classes intermediárias, enquanto as pessoas inseridas nesse mesma condição ocupacional tendem a apresentar em 2008 um perfil de consumo mais baixo, situado no espaço das classes baixas e populares urbanas. Isso está relacionado ao fato de que esses indivíduos tenderam a empobrecer nesse período e/ou de que aqueles considerados nessa realidade ocupacional são mais populares nesse momento. Apesar do aumento do número de trabalhadores ocupados nesse período, o trabalho informal, em termos absolutos, aumentou entre 1999 e 2007 e só decresce, a partir desse ano no país (CARDOSO, 2016). O número absoluto daqueles inseridos em trabalhos informais era, com base na Pnad, superior em 2008-2009 do que em 2002-2003. Esse crescimento do trabalho informal veio, portanto, acompanhado da “popularização” dos trabalhadores por conta própria ou autônomos que constituem a “pequena burguesia urbana”. Esses trabalhadores, em 2008, estão muito próximos da informalidade e, com o crescimento e “popularização” do grupo, os indivíduos inseridos nessa classe de trabalho tendem a apresentar, em 2008, um *estilo de vida* mais empobrecido do que a de 2002.

Por outro lado, quando se comparam os diagramas 3.4 e 5.4 e 3.3 e 5.3, é possível observar que alguns itens de consumo que antes tendiam a estar localizados, em 2002, no espaço das classes altas (quadrante 4) passaram a estar situados no ambiente das classes intermediárias em 2008 (quadrante 3), tais como: rodeio, circo, passeios diversos, feira e/ou exposições, jogos de vôlei ou basquete, clubes, bailes ou festas, aparelho de celular, internet individual, cursos preparatórios ou de pré-vestibular e curso de idiomas ou de informática. Esse deslocamento sugere que esses

elementos se tornaram mais comuns ou frequentes e se popularizaram em 2008. Os indivíduos situados no espaço social intermediário, pertencentes, sobretudo, às classes média e média baixa, tenderam a apresentar uma frequência mais diversificada em termos de entretenimento em 2008 do que aquelas inseridas nesse mesmo espaço social em 2002. Isto é, seus *estilos de vida* passaram a poder contar, entre 2002 e 2008, com uma variedade maior de eventos de diversão.

Apesar da maioria do tipo de entretenimento preferido pelos indivíduos situados no espaço social das classes intermediárias (quadrante 3) continuar, em 2008, a demandar baixo capital cultural, o item “exposição e/ou feira de informática” sugere que muitos deles optaram, nesse ano, por elementos que exigiam maior capital cultural. O que indica que as pessoas que compartilhavam os *estilos de vida* intermediários tenderam a ter maior proximidade com bens desse tipo e, logo, um acesso mais facilitado para aumentar seu capital cultural.

A presença de elementos como os “cursos de idiomas e ou informática” e “cursos pré-vestibulares e/ou preparatórios” também denota esse mesmo processo de ampliação de acesso e, logo, maior proximidade por parte das pessoas situadas no espaço intermediário (quadrante 3) a bens de maior capital cultural. É provável que, muitos desses indivíduos, localizados no quadrante 3, tenham, em função dos cursos preparatórios, conseguido, em 2008, ingressar em universidades públicas ou privadas e/ou ainda ingressado, por meio de concurso público, em empregos públicos, realizando, assim, o sonho da mobilidade ascendente e da vida estável. A proximidade maior em relação a esses bens culturais sugere também a diminuição das distâncias em relação a universidades e/ou a empregos estáveis. O que, por outro lado, significou que as pessoas que compartilhavam dos *estilos de vida* das classes altas e que detinham acesso exclusivo a esse tipo de bem, tenderam a perder o “monopólio” sobre ele nesse momento.

O item “internet individual” também denota uma mudança importante nesse espaço social. Muitos desses indivíduos puderam, em 2008, acessar essa fonte de informação, apresentando proximidade maior em relação a elementos como esse que permitem obter um nível de informação maior e mais diversificado. A presença do “aparelho de celular” também sugere que muitos desses indivíduos passaram a ter acesso a meios de comunicação mais amplos e diversificados ou ainda, a ter uma proximidade maior em relação a um item de comunicação que expressava forte distinção social em 2002. Com isso, eles tendem a apresentar, em 2008, um nível de capital cultural e simbólico maior do que os indivíduos presentes nesse mesmo ambiente em 2002. Ou, ao contrário, as pessoas que possuíam o “monopólio” do acesso sobre esses bens, tenderam a perdê-lo em 2008, deixando de obter um elevado capital simbólico e cultural que a exclusividade de acesso a esses elementos lhes concedia. Isso indica que houve uma tendência de reconfiguração do poder simbólico

desses elementos nesse período. Esses itens passaram por um processo de popularização – o que ficará mais claro com a tabela 3.

Outros elementos como o telefone fixo, viagens de navio e educação infantil que, em 2002, estavam presentes no espaço das classes intermediárias se situaram, em 2008, no espaço das classes altas. Esse deslocamento sugere que: ou sua oferta se tornou mais rara e/ou cara, dado que se tornaram obsoletos e/ou porque se tornaram acessíveis apenas para parcelas mais ricas da sociedade, ou ainda porque as pessoas que tendiam a consumi-lo com maior frequência ascenderam em termos de *estilos de vida* entre 2002 e 2008. O caso do telefone fixo é bastante sintomático. É bastante razoável supor que, com a tendência de popularização dos celulares, sua utilização se tornou mais rara, se transformando quase em um “bem de luxo” nesse momento.

Gráficos 5.1, 5.2, 5.3 e 5.4 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2008, quadrantes 1, 2, 3 e 4

Gráfico 5.1 – QD1

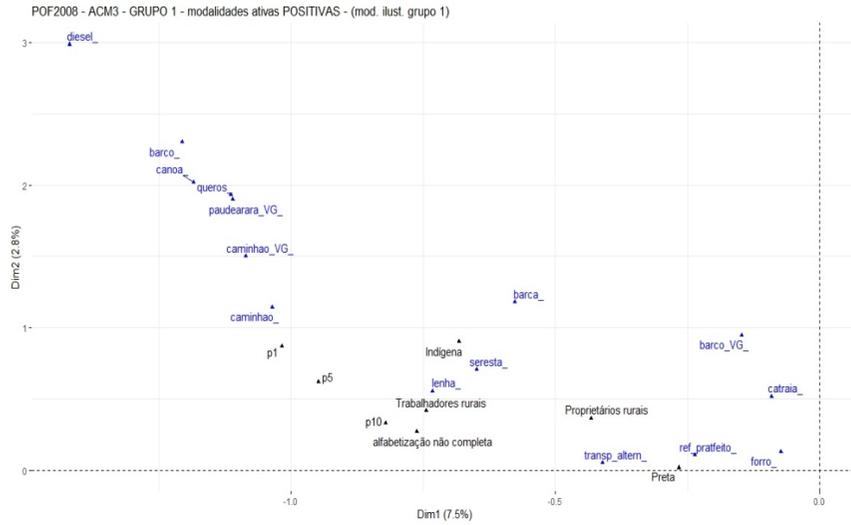


Gráfico 5.3 – QD4

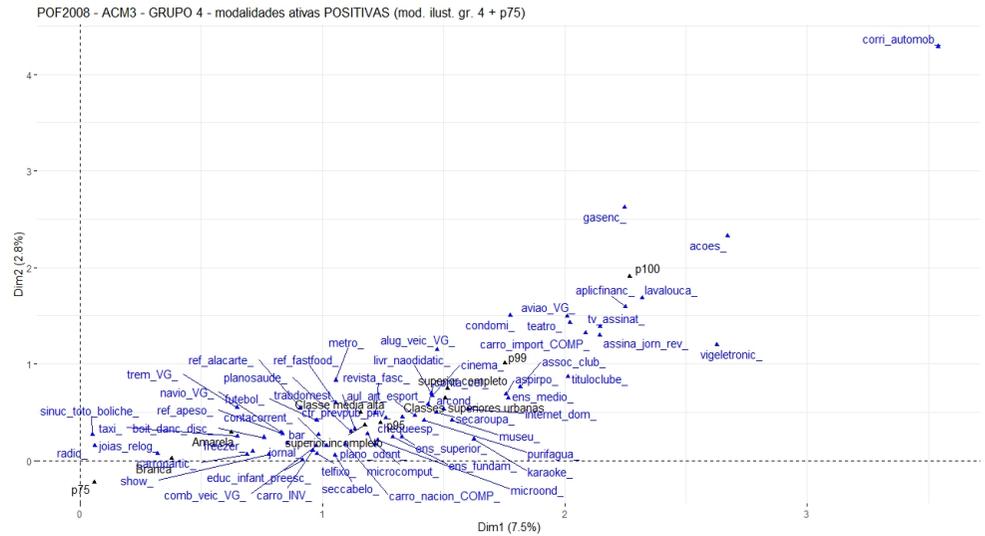


Gráfico 5.2 – QD2

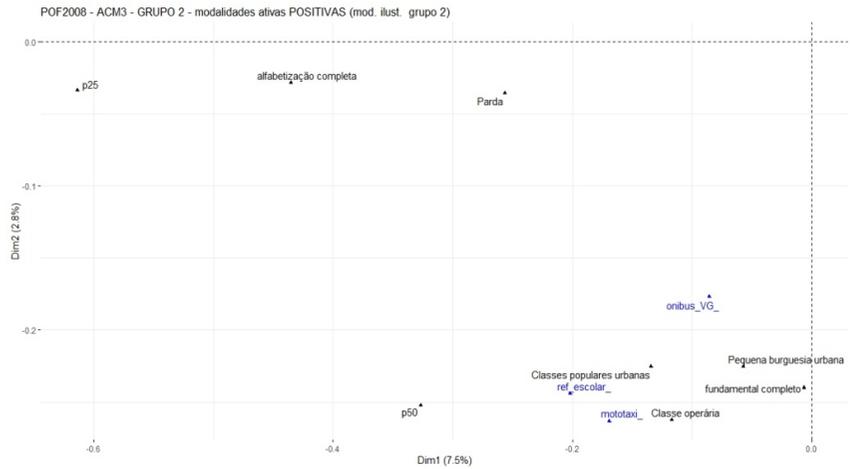
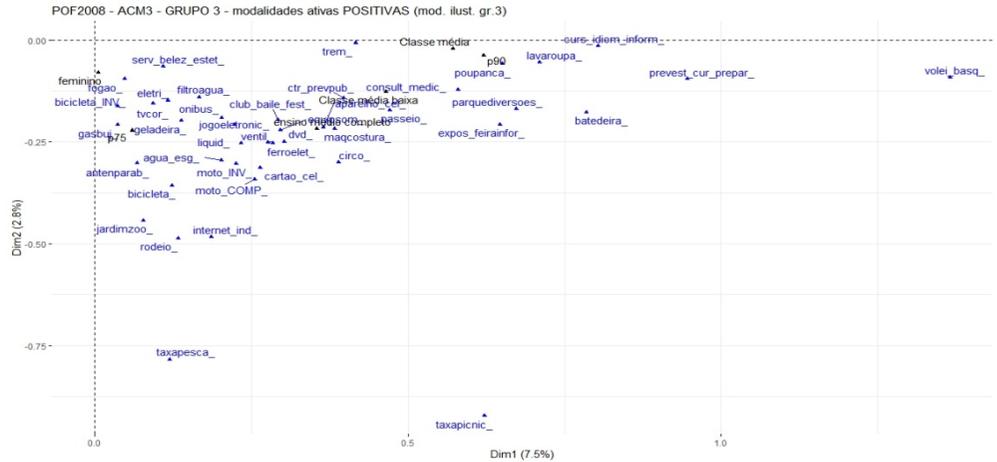


Gráfico 5.4 – QD3



Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Gráficos 6.1, 6.2, 6.3 e 6.4 - Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM3 de 2008, quadrantes 1, 2, 3 e 4

Gráfico 6.1 – QD1

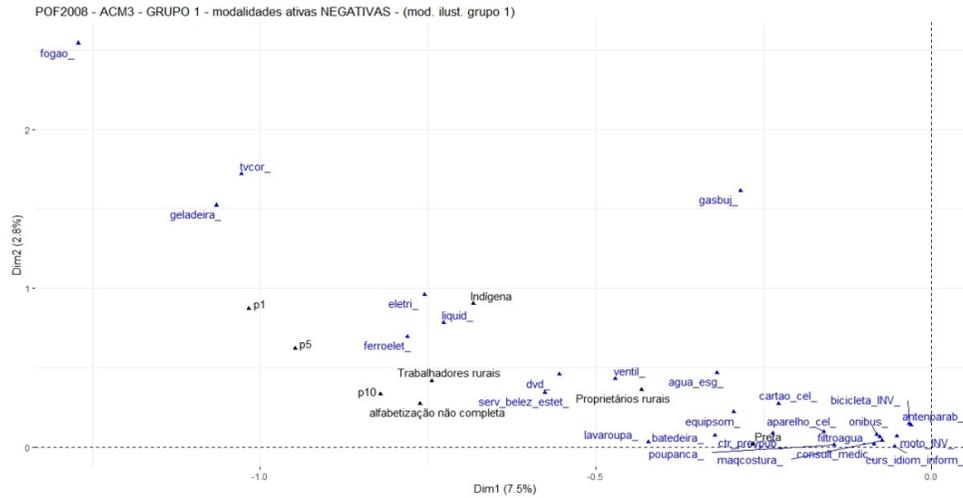


Gráfico 6.3 – QD4

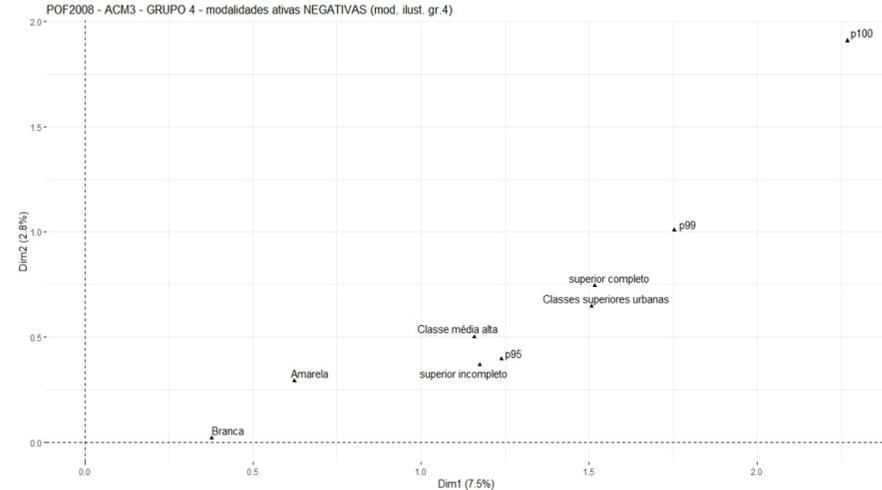


Gráfico 6.2 – QD2

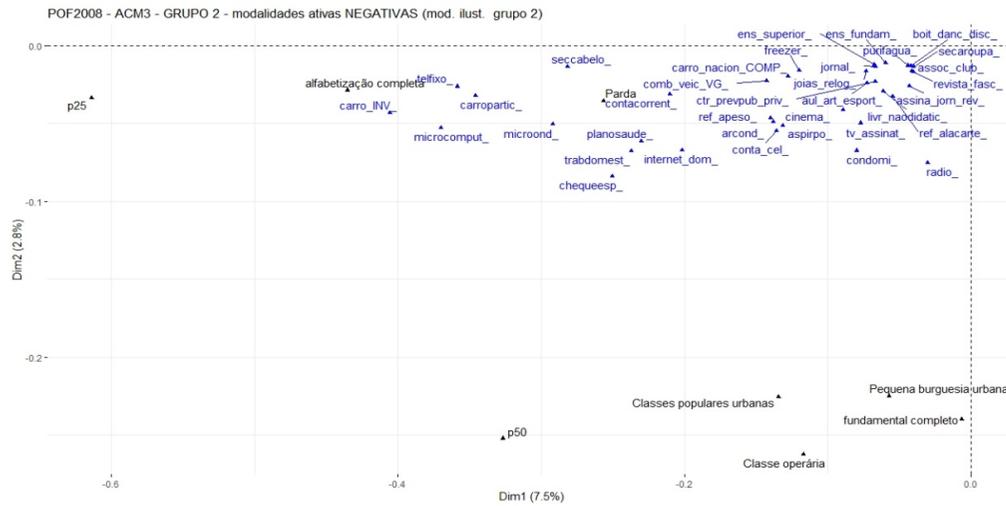
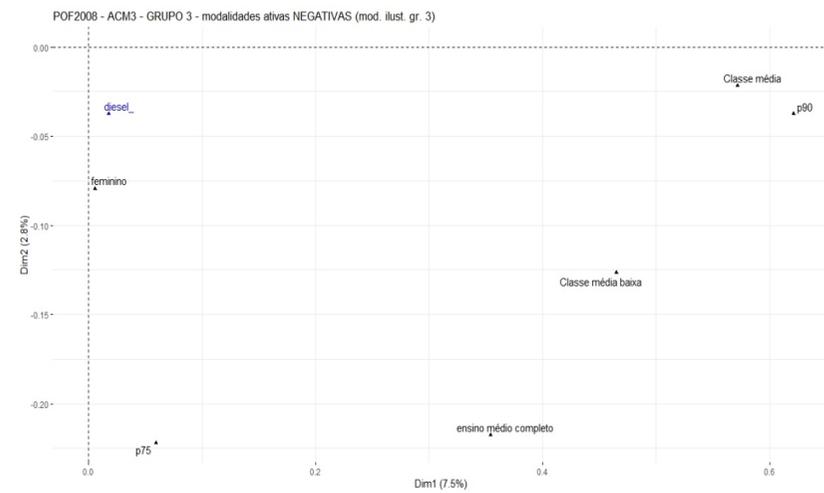


Gráfico 6.4 – QD3



Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados da POF

Os gráficos 7.1 a 8.4 expressam os resultados da ACM5 de 2002. Nessa amostra, não estão presentes os “trabalhadores rurais” e os “proprietários rurais” e/ou os indivíduos que habitam nessas regiões e que, portanto, tendem a estar situados na parte mais inferior da hierarquia socioeconômica. Esses diagramas expressam as distribuições dos *estilos de vida* no espaço urbano brasileiro em 2002 e que, portanto, não apresentam os efeitos do extremo inferior da hierarquia social sobre as distribuições dos itens de consumo. O que muda, no entanto, da ACM5 pra a ACM3, em termos gráficos, são apenas as médias que compõem os eixos, e com isso certas distâncias entre indivíduos e itens de consumo.

Nas representações da ACM5 de 2002, é possível observar que a maior parte das classes populares urbanas e a classe operária passaram a ocupar, nessa amostra, o local mais baixo da hierarquia social e dos *estilos de vida*, junto aos percentis de renda domiciliar mais pobres (o quarto mais pobre da amostra) – gráficos 7.1 e 8.1. Esse é o local, aliás, que abriga também a maior proporção de pessoas com a alfabetização incompleta e/ou completa, ou seja, os menores níveis de instrução dentro da amostra. Também aloca, nesse momento, a maior parte de pessoas autodeclaradas de cor e/ou raça indígena, preta e/ou parda, assim como, a maior proporção de mulheres como “chefes do domicílio”.

Nesse ambiente, os indivíduos tendem a ser caracterizados por uma aproximação maior em relação às necessidades básicas. É um espaço marcado, em comparação com os outros espaços, mais fortemente pela falta de serviços básicos e/ou por serviços básicos não regularizados. Há uma probabilidade maior dos indivíduos localizados nesse espaço não terem, em seus domicílios esse tipo de serviço, já que não possuem gastos com luz elétrica, com água ou esgoto e utilizam outros elementos, tais como querosene, lenha ou diesel, como combustíveis domésticos. Quando esses domicílios possuem algum tipo de serviço, como por exemplo, o de luz elétrica, o fazem por meios informais, como nos chamados “gatos” e, por isso, não apresentam gastos com esse tipo de serviço⁵³. Eles tendem mais fortemente a estar inseridos numa realidade informal.

Uma proporção maior de pessoas localizada nesse espaço está privada do acesso a aparelhos e eletrodomésticos básicos, já que uma parte significativa delas tende a não apresentar, nesse momento, em seu inventário fogão, geladeira, TV a cores, ferro elétrico, liquidificador, telefone fixo, ventilador, purificador de água, freezer, secador de cabelo, máquina de lavar roupas, equipamento de som e máquina de costura. Dentre as classes ocupacionais, cerca de 15% das classes populares urbanas e 17% da classe operária não possuem, por exemplo, TV a cores nesse momento. E aproximadamente 14% das pessoas inseridas nessas duas classes não possuem geladeira em 2002.

⁵³ O sistema de “gatos” existente em locais de moradia das classes populares urbanas é, por exemplo, descrito pelo relato etnográfico de Yaccoub, H. (2011).

Como essas duas classes tendem a ser mais populosas, isso representa uma quantidade considerável de pessoas que habitam as regiões urbanas do país nesse momento.

Os indivíduos inseridos nesse espaço social tendem, numa proporção maior, a depender de meios de transporte informais e/ou de baixo custo no seu dia a dia, já que uma grande parte não possui carro ou moto em seu inventário, não possui gastos com carro particular e/ou não estão comprando um carro ou uma moto nesse momento. Contudo, uma grande parte também tende a não apresentar gastos com ônibus. Alguns apresentam gastos com caminhão como meio de transporte diário. Eles, em geral, tendem a estar mais próximos do gasto com transportes alternativos, meios de locomoção mais informais. Aliás, têm maior probabilidade de estarem inseridos numa realidade informal de trabalho, já que muitos não contribuem para a previdência pública ou não possuem gastos com conta corrente e/ou poupança.

Eles também costumam depender mais fortemente do sistema público de saúde, já que uma proporção grande não possui gastos com consulta médica particular ou com plano de saúde. Também, em geral, dependem do sistema público de educação, uma vez que uma parte considerável não apresenta gastos com educação privada de nível infantil, de nível fundamental ou com cursos pré-vestibulares ou preparatórios. Uma grande parte também não possui gastos com cursos de idiomas e/ou informática, o que sugere que tem maior probabilidade de não possuir elevado capital cultural. Como uma parcela considerável, dentre a população total da amostra, inserida nesse espaço não tem acesso a meios diversificados e regularizados de informação – não possuem, por exemplo, gastos com antena parabólica – tendem a ter um acesso menor e/ou mais precarizado em relação a meios informacionais, o que contribui também para terem um capital cultural mais baixo.

Uma proporção grande não costuma viajar por diversão, mas para procurar trabalho ou a trabalho. Muitos deles constituem aqueles que emigraram de regiões do interior do país em busca de trabalho nas capitais e regiões urbanas⁵⁴. Não à toa, uma parcela considerável não apresenta gastos com combustível de veículo particular em viagens, mas com pau-de-arara. Muitos, como os caminhoneiros, viajam para entregar encomendas e, portanto, viajam a trabalho. Também é significativo que muitos apreciem e frequentem as serestas, eventos culturais populares, típicos do interior do país. Uma parcela maior de pessoas inseridas nesse espaço não apresenta gastos com serviços de beleza e de estética.

Os diagramas 7.2 e 8.2 engloba grande parte da pequena burguesia e dos indivíduos que possuem renda domiciliar per capita acima do p25 e o p75. Também abriga a maior proporção de pessoas que possuem nível fundamental completo. Os indivíduos situados nesse espaço tendem a ser

⁵⁴Cf. Durham, E. (1973).

menos marcados por privações, mas ainda assim, elas estão, em algum grau, próximas desse *estilo de vida*. Grande parte das pessoas inseridas nesse *estilo de vida* conta com alguns serviços básicos em seus domicílios, já que utilizam o gás de botijão como combustível doméstico e possuem dentro ou próximo de suas casas água potável, já que possuem filtro de água. Uma grande parcela não apresenta, contudo, gastos com esses tipos de serviço porque não possuem um acesso completo a eles ou porque o acesso que possuem não é regularizado.

Uma parte desses indivíduos está mais próxima do acesso a eletrodomésticos e/ou aparelhos básicos. No entanto, uma parcela considerável está distante do acesso aos aparelhos domésticos mais raros e distintivos da amostra, tais como: DVD, ar condicionado, aspirador de pó, micro-ondas, microcomputador, máquina de lavar louça e rádio. Muitos deles tendem também a depender de transportes públicos, informais e/ou de baixo custo. Alguns possuem gastos com transporte alternativo, com catraia, com mototaxi, com bicicleta e/ou com canoa. Possuem maior probabilidade de estarem inseridos numa realidade informal de trabalho, já que a maior parte não contribui para a previdência pública e/ou privada. Apesar de estarem, em comparação com as classes mais baixas, mais próximos dos gastos com conta corrente, e, logo da inserção no mundo bancário, se caracterizam mais fortemente por não terem despesas com elementos bancários mais distintivos, como cheque especial ou aplicações financeiras.

Uma proporção grande deles também tende a depender do sistema público de saúde, já que a maioria não apresenta gastos com plano de saúde. O mesmo ocorre com o sistema público de educação. Tendem, em geral, a não possuírem gastos com ensino médio ou superior privados ou ainda com aulas extracurriculares de artes e esportes. O que sugere que seu capital cultural tende a ser menor do que a das classes situadas acima na hierarquia social. Isso se expressa também porque uma grande parte não possui acesso amplo e/ou regularizado a informações variadas. Muitos não possuem internet domiciliar regularizada, não estão comprando livros não didáticos, não possuem gastos com assinatura e/ou compra de jornais e/ou revistas e não possuem TV por assinatura regulamentada. Os meios de informação disponíveis tendem a ser mais escassos e/ou se apresentam de forma precarizada e/ou informal para uma parcela considerável desse grupo. O que contribui para a tendência de capital cultural mais baixo.

Alguns costumam realizar viagens, ainda que com menor custo, como a viagem de ônibus. É provável que muitos viagem para visitar parentes, por exemplo, em outras regiões do país. Muitos, quando comem fora de casa, costumam gastar pouco e/ou a frequentar ambientes que servem comida popular, já que apresentam gastos com alimentação escolar e refeição “prato feito”. Eles tendem a

frequentar menos restaurantes que servem comida “a la carte” ou “a peso” no dia a dia e mais restaurantes populares, como botecos e/ou biroschas nesse momento⁵⁵.

Muitos também costumam frequentar, em termos de diversão, ambientes e eventos culturais populares que exigem um custo menor para seu consumo, tais como o forró ou a realização de piqueniques. A maior parte não costuma frequentar ambientes privativos, que exigem maior capital econômico, cultural ou simbólico para ingresso, tais como a associação de clubes privados, boates e/ou danceterias e até cinema. Isso sugere que tendem a possuir, em relação às outras classes, um capital cultural e simbólico menor. Isso se expressa também, na medida em que, uma grande parte deles não possui acesso a bens considerados de luxo nesse momento, como o aparelho de celular.

Por sua vez, os diagramas 7.4 e 8.4 apresentam o espaço do *estilo de vida* das classes intermediárias da ACM5 de 2002. Esse espaço continuou apresentando a maior parte das pessoas situadas na classe média baixa e na classe média, bem como aqueles cuja renda domiciliar está situada acima do p75 e o p90. Ele abriga, nesse momento, também a maior parte de indivíduos com ensino médio completo e/ou ensino técnico. Também estão presentes nesse espaço a maior proporção de indivíduos do sexo masculino e autodeclarados brancos.

Nesse espaço, não estão presentes a pequena burguesia urbana nem o percentil de renda domiciliar que vai do p50 ao p75, como estavam na ACM3 – nessa amostra, eles estão inseridos no quadrante 2. A retirada desses elementos, de uma amostra para outra, fez com que esse espaço se tornasse mais “elitizado”, já que, diferentemente da ACM3, na ACM5, compõem esse ambiente apenas as classes médias e médias baixas e o percentil de renda que se estende do p75 até o p90. Isso sugere que a retirada dos indivíduos localizados na parte mais inferior da hierarquia social da amostra fez com que a distribuição dos itens de consumo se dispersasse mais e, assim, que elementos situados no espaço das classes altas na ACM3, passassem para o espaço intermediário na ACM5. Assim, apesar do espaço dos *estilos de vida* das classes intermediárias continuar, em grande parte, apresentando os mesmos elementos que possuíam na ACM3, ele incorporou outros que estavam no espaço das classes altas, apresentando um padrão de vida um pouco mais alto nessa amostra. Assim, serão destacados apenas os traços mais gerais e as diferenças que se estabeleceram nesse espaço social em relação à amostra anterior.

Os indivíduos que compartilham desses *estilos de vida* tendem a apresentar, assim como na ACM3, um padrão de vida intermediário, mais alto do que o das classes baixas urbanas, já que seus domicílios apresentam serviços básicos e acesso aos eletrodomésticos mais comuns e básicos da amostra, mas inferior ao das classes altas. Uma diferença que se verifica na ACM5 de 2002, é a de

⁵⁵ Cf. Machado da Silva, L. A. (1969).

que esses indivíduos também apresentam, numa parcela considerável, secador de cabelo, purificador de água e freezer em seus domicílios.

Em termos de locomoção, continuam, na maior parte, assim como na ACM3, mais distantes da informalidade e possuem a opção de se locomover por meio de transportes públicos e/ou de menor custo, como é o caso do ônibus, da moto e da bicicleta. No entanto, apresentam uma diferença significativa que é a tendência também de poderem se locomover, no dia a dia, por meio de carros particulares, uma vez que uma proporção maior dentro dessa amostra possui carro em seus domicílios ou estão comprando um – ainda que nacional e não importado como o das classes altas. Eles apresentam assim uma tendência mista de utilização de meios públicos e privados de transporte. Uma parcela significativa, ainda que em menor grau do que o das classes altas, pode se encontrar segregada em microespaços diários de locomoção.

Em termos de saúde, os indivíduos localizados nesse espaço, assim como na ACM3, tendem a utilizar, em algum grau, o sistema privado de saúde e, em alguma medida, também o sistema público, visto que apresentam, na sua maioria, gastos somente com consultas médicas e não com planos de saúde. No entanto, em termos de educação, a ACM5 sugere que os indivíduos situados nesse espaço possuem uma tendência maior a utilizar o sistema privado de educação, já que apresentam, em termos gerais, gastos mais elevados com esse item. Muitos apresentam gastos não só com educação infantil, como a ACM3 demonstrou, mas também com ensino fundamental e cursos pré-vestibulares e/ou preparatórios. Outros possuem ainda despesas com cursos extracurriculares como cursos de idiomas e/ou de informática. Eles buscam, dessa forma, assegurar um nível de capital escolar e cultural mais elevado - ainda que esses não tenham o mesmo nível que o das classes altas - que possibilitem a eles as melhores posições. Buscam também, com esse investimento educacional, realizar, por meio das gerações mais novas, o sonho de mobilidade social ou, no mínimo, o de assegurar a elas a sua posição de classe atual.

A preocupação com o futuro e a inserção numa realidade formal aparece, nesses *estilos de vida*, pelos itens “poupança” e “contribuição para a previdência pública”. Grande parte dos indivíduos busca maior segurança financeira para suas vidas. Não à toa, uma parcela considerável também apresenta, nessa amostra, conta corrente. Tendem a apresentar um *estilo de vida* mais ascético e econômico que visa maior segurança em termos financeiros. Eles buscam, por meio desse comportamento financeiro, impedir a mobilidade descendente e/ou alcançar mobilidade ascendente.

Em termos de capital cultural, simbólico objetivado e/ou incorporado, os indivíduos situados no quadrante 3 na ACM5 tendem a possuir um nível semelhante àqueles da ACM3, visto que são os mesmos elementos de consumo que aparecem nesse espaço social. Há, no entanto, algumas diferenças que sugerem que o seu nível de capital cultural e simbólico tende a ser um pouco superior ao dos

indivíduos situados nesse mesmo espaço na amostra anterior. Uma parcela considerável desses indivíduos possui gastos com “bens de luxo” como joias e/ou relógios. Muitos deles apresentam outros meios para viajar, tais como o trem ou o carro particular e não o navio. Eles tendem a possuir um acesso maior a eventos de divertimento, tais como rodeio, karaokê, circo, futebol e exposições e/ou feiras de informática e bailes e festas em clubes, e não apenas ao jardim zoológico, parque de diversões, jogos eletrônicos, piqueniques, pesca e shows, como na ACM3. O que demonstra que possuem, no geral, acesso a uma diversidade maior de formas de entretenimento. Muitos desses indivíduos costumam também frequentar certos espaços privativos, tais como clubes particulares (possuem gastos com título de clubes) que exigem maior capital econômico, concedem maior capital simbólico e, ao mesmo tempo, permitem sua segregação em microespaços do cotidiano.

Os gráficos 7.3 e 8.3 representam os *estilos de vida* das classes altas. Esse espaço também permaneceu nessa amostra com a maior parte das pessoas inseridas na classe média alta e nas classes superiores urbanas, cuja renda domiciliar per capita é superior ao p90 e, portanto, que tendem a ser mais ricas. Além disso, esse é o ambiente que apresenta a maior parte de indivíduos com nível educacional superior, sendo ele incompleto ou completo e que se autodeclararam de cor ou raça amarela nesse momento. Na ACM5, ele apresenta quase os mesmos elementos que esse mesmo espaço possui na ACM3 e, logo, as mesmas características. As diferenças estão relacionadas basicamente aos elementos que fazem parte desse lócus social na ACM3 e que não fazem na ACM5, já que, como foi exposto até aqui, passaram a estar localizados no espaço das classes intermediárias. O “monopólio” de acesso exclusivo a determinados bens é um pouco menor nessa amostra do que na ACM3. Mas os indivíduos situados nesse espaço continuam a concentrar os maiores e mais diversos recursos dentro da amostra. Os elementos que exigem e concedem maior capital econômico, cultural e simbólico continuam localizados nesse espaço. O que expressa que eles tendem a concentrar alto nível de capitais nesse momento.

Há também algumas diferenças em relação a itens que, na amostra anterior, se encontravam em espaços sociais inferiores e que passaram a se situar nesses *estilos de vida* mais altos. Os itens “viagens em barco”, “viagens em navio” e transportes diários como “trem”, “barca” e “barco” estavam localizados em ambientes mais populares na amostra anterior e passaram para o local das classes superiores nessa amostra. Isso é um dos efeitos da retirada das pessoas que moram nas regiões rurais e mais interioranas do país da amostra. Esses elementos de transporte, à exceção do elemento “viagens em navio”, seja para viagem ou para o dia a dia, tendem a ser mais comuns nessas regiões do país. Quando essas regiões são retiradas da amostra, esses elementos tendem a expressar sua faceta mais luxuosa e de maior raridade, já que sua oferta, no âmbito urbano, tende, no geral, a ser mais

escassa e/ou a exigir maior capital econômico. Dessa forma, ao se situarem no espaço mais elevado do mundo social, tendem a expressar sua raridade dentro desse contexto.

Gráficos 7.1, 7.2, 7.3 e 7.4 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2002, quadrantes 1, 2, 3 e 4

Gráfico 7.1 – QD1

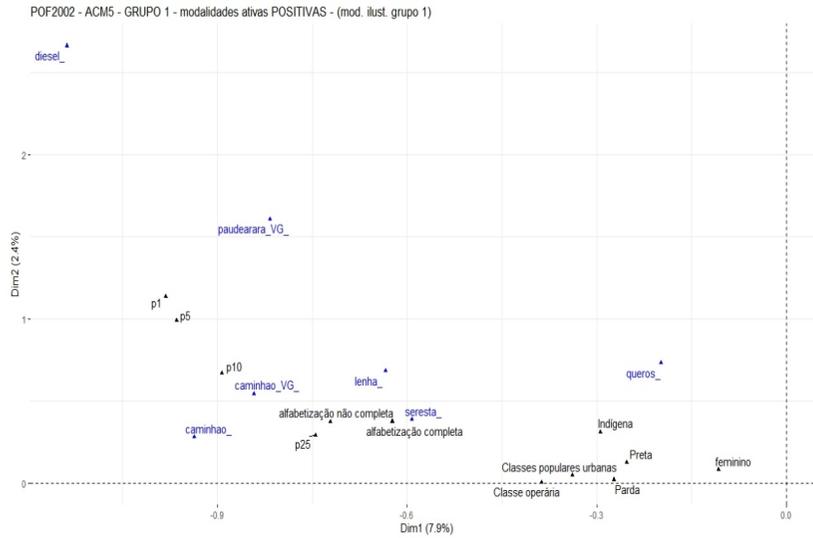


Gráfico 7.2 – QD2

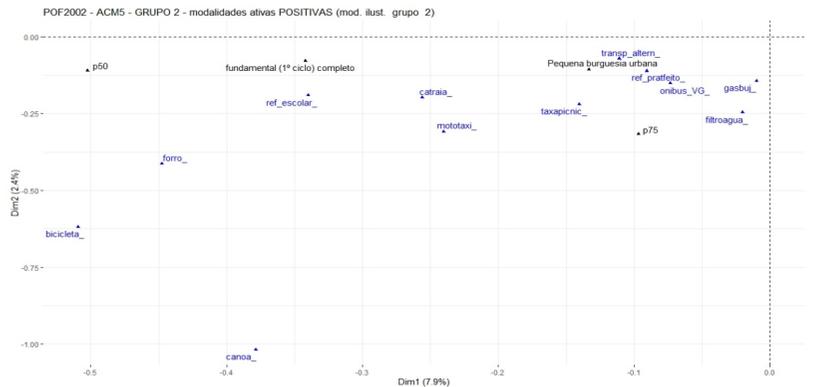


Gráfico 7.3 – QD4

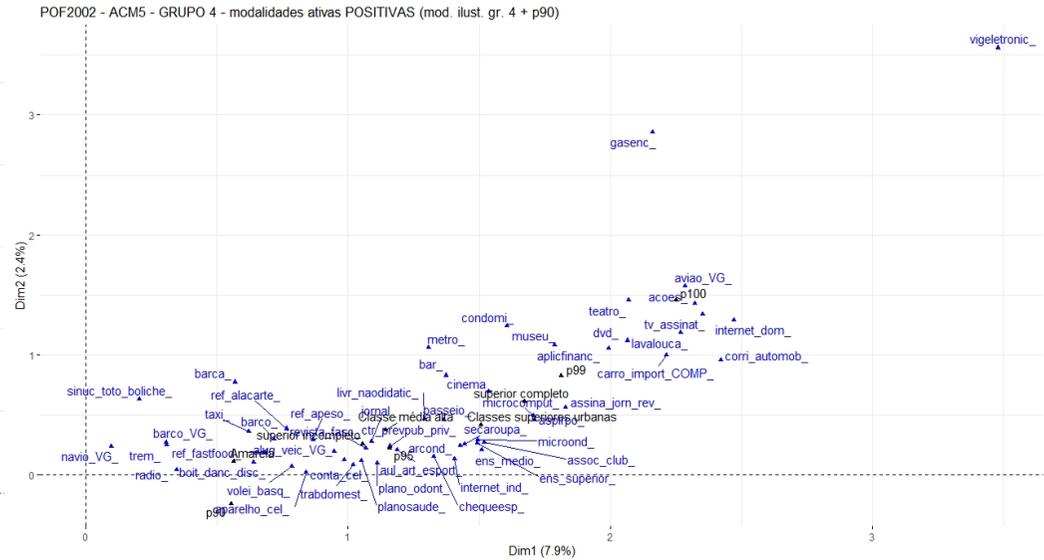
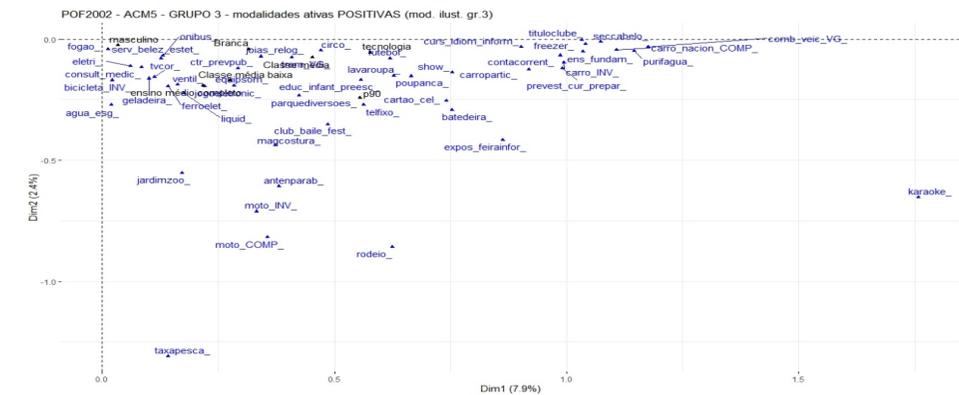


Gráfico 7.4 – QD3



Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Gráficos 8.1, 8.2, 8.3 e 8.4 - Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2002, quadrantes 1, 2, 3 e 4

Gráfico 8.1 – QD1

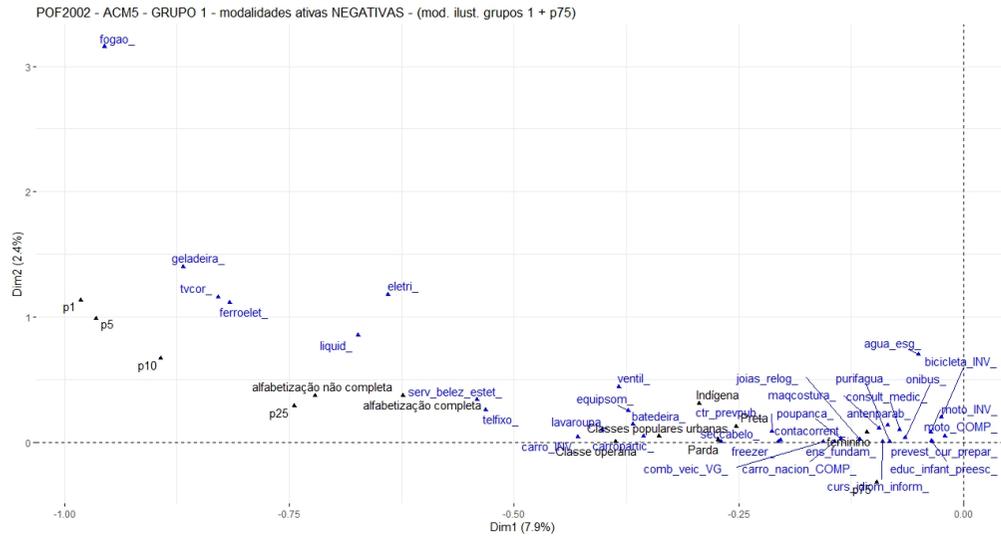


Gráfico 8.3 – QD4

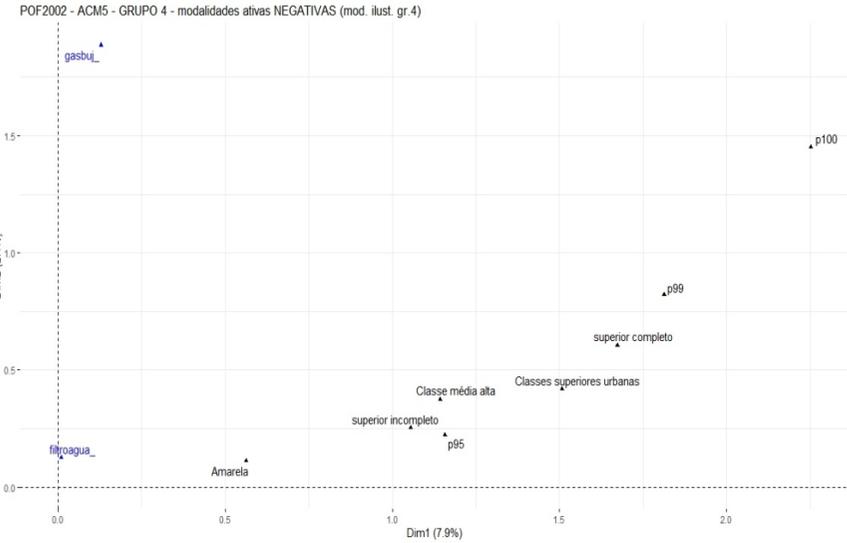


Gráfico 8.2 – QD2

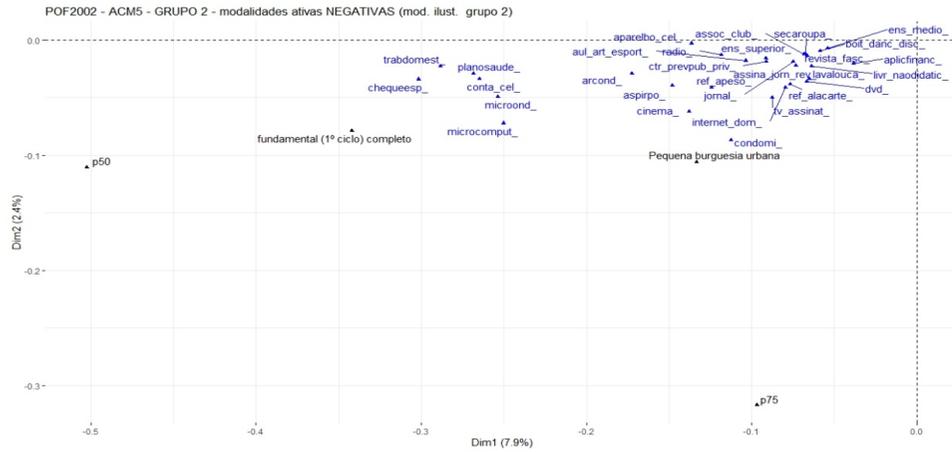
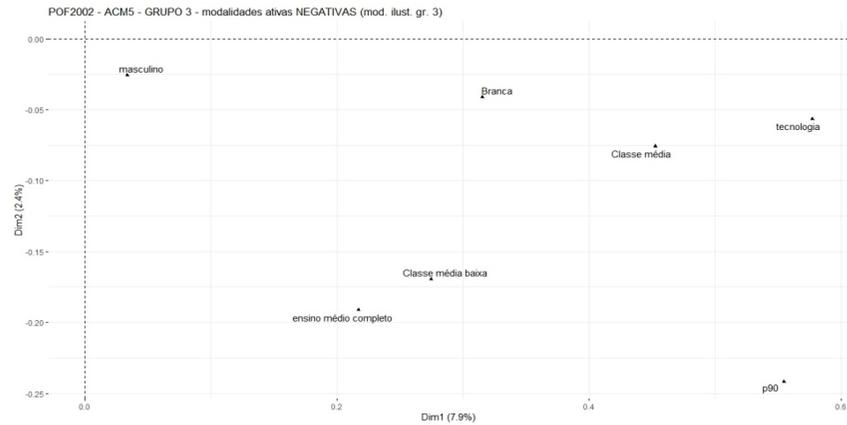


Gráfico 8.4 – QD3



Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Os diagramas 9.1 a 10.4 abaixo representam os resultados de 2008 da ACM5. Apesar da estrutura dos *estilos de vida* ser semelhante à da ACM5 de 2002, é possível observar que mudanças significativas ocorreram nas regiões urbanas do país. A ideia aqui é, portanto, identificar essas transformações. A primeira mudança que se observa, em relação a 2002, é a de que a “classe operária” se deslocou do quadrante 1 para o quadrante 2, ou seja, saiu, no contexto urbano, do espaço dos *estilos de vida* mais inferior para outro superior. Isso significa que uma grande parcela das pessoas situadas nessa classe ocupacional possuía um padrão de vida melhor em 2008 do que as pessoas situadas nessa mesma classe em 2002.

Em relação aos gastos com caminhão como meio de transporte diário ou em viagens, é razoável supor que esse deslocamento é uma consequência da ascensão, em 2008, da categoria complementar “classe operária” para esse *estilo de vida*, já que esses três elementos (“classe operária”, “caminhão” e “caminhão_VG”) estiveram juntos em 2002 no quadrante 2 e continuam juntos no quadrante 3 em 2008. Os indivíduos inseridos nessa classe ocupacional tendem mais fortemente a dirigir esse tipo de transporte e, portanto a ter gastos com esse meio de locomoção, seja para o dia a dia ou em viagens. Muitos deles são os próprios caminhoneiros que se locomovem, por conta própria, por meio desse tipo de transporte no dia a dia e/ou viajando a trabalho para entregar encomendas para as empresas.

Em relação às formas de entretenimento, grande parte dos indivíduos situados no quadrante 2 apresenta, em 2008, uma diversidade maior com esse tipo de gasto. Se antes apenas o piquenique se mostrava como possibilidade de gasto para diversão, em 2008, o jardim zoológico, o rodeio e a seresta, se tornaram opções mais próximas de divertimento dentro desse *estilo de vida*. É uma mudança interessante na medida em que o zoológico e o rodeio faziam parte dos *estilos de vida* das classes intermediárias em 2002 e estão mais próximas dos populares em 2008. Esses espaços e eventos pagos tenderam a se popularizar nesse período. A presença desses elementos sugere, então, que essas formas de diversão pagas tenderam a estar mais acessíveis, nesse momento, para as pessoas que compartilhavam dos *estilos de vida* populares em 2008 do que para aquelas situadas nesse mesmo quadrante em 2002. A presença maior de elementos de diversão no quadrante 2 sugere que esse tipo de gasto se tornou mais comum e, logo, mais acessível para parcelas maiores de pessoas que compartilhavam esses *estilos de vida* em 2008 do que para aquelas, em 2002. Além disso, a presença desses elementos possibilita, para uma parte dos

indivíduos localizados nesse espaço em 2008, o incremento, ainda que de forma embrionária, de seu capital cultural e simbólico.

Por último, o quadrante 2 apresenta, em 2008, o item “internet individual”. Isso denota que a internet passou por uma forte popularização nesse período - como a tabela 3 demonstrará. Esse elemento que estava situado no espaço das classes mais altas (quadrante 4) em 2002 e poderia ser considerado “de luxo” nesse momento, saiu do lócus mais elevado e passou a figurar como um elemento popular, presente nos *estilos de vida* de grande parte das pessoas inseridas no quadrante 2. Grande parte deles apresenta um acesso mais amplo a esse tipo de serviço e, com isso, a possibilidade de obter informações mais diversas nesse momento. O que contribuiu para o incremento do capital cultural e simbólico dos indivíduos situados nesse espaço social. Ou, no mínimo, retirou o “monopólio” do acesso a esse bem das classes mais elevadas e, conseqüentemente, o poder de distinção que o acesso restrito a esse bem lhes conferia.

Os espaços das classes altas e o das classes intermediárias passaram também por mudanças significativas nesse período. A classe média baixa que, em 2002, estava situada no quadrante 3 ou no espaço das classes intermediárias, passou, em 2008, a estar situada no quadrante 4 ou no espaço das classes altas. Isso significa que esses indivíduos tenderam, nesse ano, a ter uma proximidade maior e, logo, um acesso mais amplo aos bens de luxo e aos bens mais raros que concediam maior capital econômico, cultural, escolar e simbólico às pessoas das classes médias altas e superiores. O que sugere que, mais do que uma melhoria no padrão de vida, houve uma elevação acentuada no *estilo de vida* de grande parte das pessoas inseridas nesse grupo, permitindo situá-las no espaço que abriga os *estilos de vida* das classes média alta e superiores em 2008.

Mas, em todo o estudo, o achado mais significativo foi este: os indivíduos da classe média baixa tenderam a compartilhar o mesmo espaço social das classes médias altas e superiores urbanas. O que gerou mudanças sociais extremamente relevantes. A elevação no perfil de consumo possibilitou aos indivíduos da classe média baixa o acesso mais frequente a certos espaços privados, cuja circulação antes estava restrita às pessoas das classes médias altas e superiores. O que, em outros termos, significou a diminuição da segregação dos microespaços cotidianos das classes altas. Essas transformações permitiram, assim, o aumento do capital econômico, cultural e simbólico da classe média baixa ou, ao contrário, - como nos outros casos - a diminuição do poder simbólico das classes altas que perderam a exclusividade de acesso a esses espaços e o conseqüente poder simbólico que essa restrição lhes concedia.

Por outro lado, é interessante notar que o gasto com partidas de futebol, em 2002, fazia parte do universo das classes intermediárias (quadrante 3) e, em 2008, passou a estar presente no espaço social mais elevado (quadrante 4). Esse deslocamento pode ser um efeito da presença, em 2008, das classes médias baixas nesse espaço – como sugere Bourdieu, as pessoas tendem a manter seus gostos e *habitus* originais mesmo quando se inserem num *estilo de vida* superior - ou a expressar que esse elemento passou por um processo de “elitização” social nesse período.

É importante destacar que a mobilidade de parcelas significativas dos indivíduos da classe média baixa na estrutura dos *estilos de vida* não foi acompanhada, na mesma proporção, pela mobilidade da maior parte das pessoas de classe média. Embora essas últimas também tenham melhorado o seu padrão de vida, este não cresceu na mesma proporção que o da classe média baixa. Essa diferença de crescimento permitiu à classe média baixa se deslocar para o patamar do topo social, se aproximando dos percentis de renda domiciliar mais ricos (p95, p99, p100), enquanto a classe média permaneceu no ambiente dos *estilos de vida* intermediário, próximas ao p90.

As mudanças observadas sugerem que houve uma tendência de crescimento de renda maior nas classes inferiores dentro da hierarquia social nesse momento - isso ficará mais nítido com a tabela 2. E, mais do que isso, elas indicam que essa mobilidade não se deu de forma proporcional entre as classes. Em outros termos, ela não se deu como uma subida de degraus proporcional, na qual todos sobem a mesma quantidade e, portanto, a estrutura de diferenças permanece relativamente inalterada. Nessa subida, alguns tenderam a ultrapassar mais degraus do que outros, provocando certa alteração da organização social. Esse foi o caso das pessoas de classe média baixa que tiveram um crescimento maior no volume de capital econômico do que as pessoas de classe média nesse período, realizando, assim, uma alteração mais significativa no seu *estilo de vida* do que essas últimas.

Por outro lado, é importante observar que os *estilos de vida* intermediários, no qual tendem a se localizar, tanto em 2002 como em 2008, as pessoas da classe média, também passaram por transformações significativas. Esse espaço apresenta, em 2008, elementos que, em 2002, estavam situados no quadrante mais elevado (quadrante 4). Dentre eles, é possível destacar o DVD, o aparelho de celular, o microcomputador e o ensino superior. Essa mudança sugere que esses elementos passaram por um processo de popularização nesse período. Com isso, as pessoas de classe média – e, mais fortemente as de classe média baixa que estão inseridas no quadrante superior em 2008 - passaram a ter maior acesso a esses itens. O que indica que grande parte dos indivíduos das classes média alta e superiores

urbanas não possuíam, em 2008, a exclusividade do acesso a esses tipos de bens, como os indivíduos inseridos nessas mesmas classes, em 2002, possuíam e, portanto, o mesmo nível de capital simbólico e cultural e a distinção a eles associada.

Em relação ao ensino superior privado, é interessante ressaltar que esse tipo de bem concedia, em 2002, elevado capital escolar, cultural e simbólico para os indivíduos situados no topo do espaço social. A disponibilidade desse bem, nesse momento, era, então, mais rara e restrita, logo, era um elemento que permitia acentuada distinção social. Essas distinções, por sua vez, eram importantes para o acesso às carreiras mais valorizadas e melhor remuneradas do mercado de trabalho e, logo, uma das formas de garantir as melhores posições sociais (RIBEIRO, 2011). No entanto, esse elemento passou por uma popularização nesse período. O que pode ter colaborado para a inflação de credenciais. Isso, por sua vez, pode ter dificultado a reprodução das posições de classe dos indivíduos melhor localizados no espaço social, uma vez que pode ter limitado seu anseio por estabilidade de posição e mobilidade ascendente e/ou ampliado o medo da mobilidade descendente.

Ainda em relação ao quadrante 4 ou aos *estilos de vida* das classes altas de 2008, é interessante notar que alguns elementos que se encontravam, em 2002, na parte superior do quadrante, se encontram em 2008 mais próximos à linha divisória do estilo das classes altas e do estilo das classes intermediárias, ou seja, eles realizaram um deslocamento descendente dentro do próprio espaço social. Dentre esses elementos, é possível destacar o micro-ondas, o museu e a vigilância eletrônica. O deslocamento desses elementos sugere que houve uma tendência de popularização desses elementos e/ou expressam o movimento descendente relativo das pessoas das classes superiores dentro do próprio espaço social, já que seu *estilo de vida* se tornou mais próximo das classes inferiores nesse momento. O deslocamento do museu em direção às classes intermediárias pode denotar uma mudança cultural, na medida em que é um bem cultural que exige e concede maior capital cultural e sugerir, portanto, que houve uma tendência de ampliação do acesso a bens culturais como esse.

A comparação do ano de 2008 e o de 2002 da ACM5 indica que houve, nessa perspectiva geral, uma diminuição das distâncias, em termos de consumo, entre, os *estilos de vida* das classes altas e os das classes intermediárias e baixas urbanas nesse período. Embora essas últimas tenham passado por significativas mudanças ao longo desse período, as transformações mais intensas e perceptíveis no espaço estatístico parecem ter se processado entre os espaços das classes superiores e das classes intermediárias, o que

significa que foram os indivíduos das classes média alta e superior e das classes média e média baixa que estiveram mais aptos a sentir os efeitos relativos dessas transformações.

Gráficos 9.1, 9.2, 9.3 e 9.4 - Distribuição das modalidades positivas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2008, quadrantes 1, 2, 3 e 4

Gráfico 9.1 – QD1

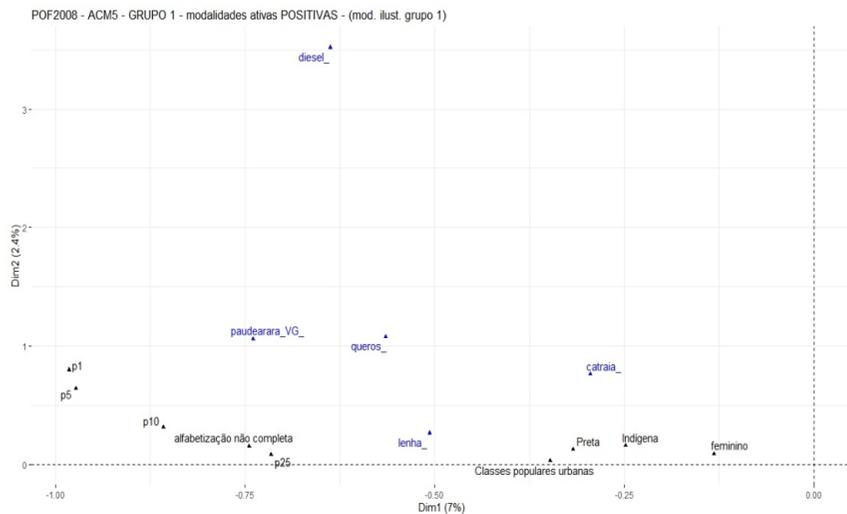


Gráfico 9.3 – QD4

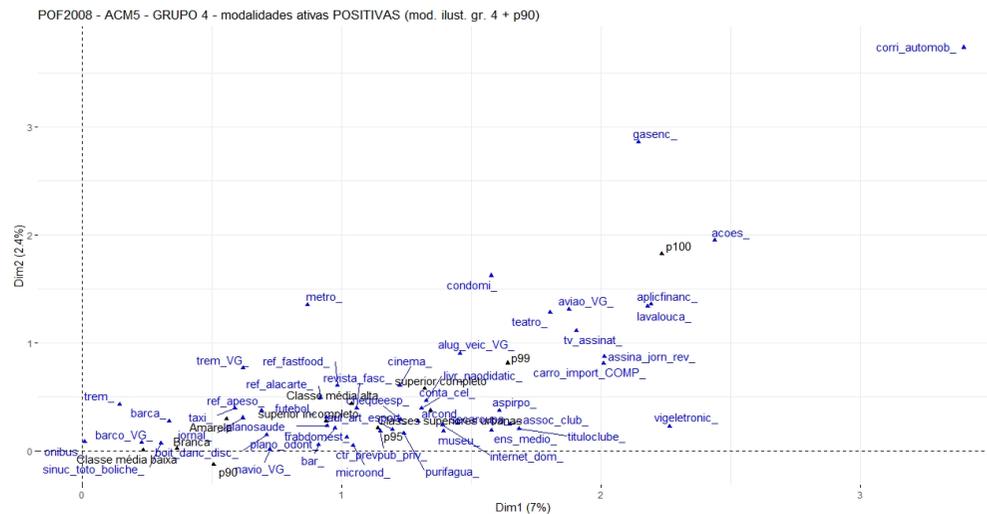


Gráfico 9.2 – QD2

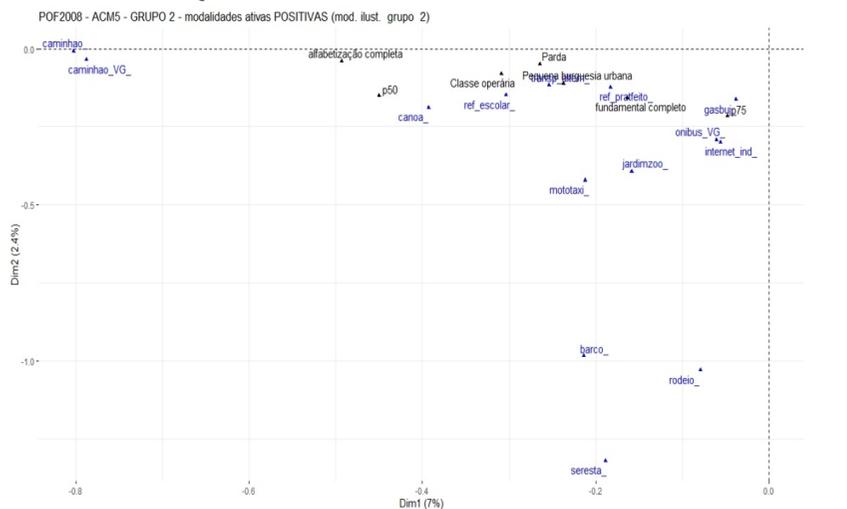
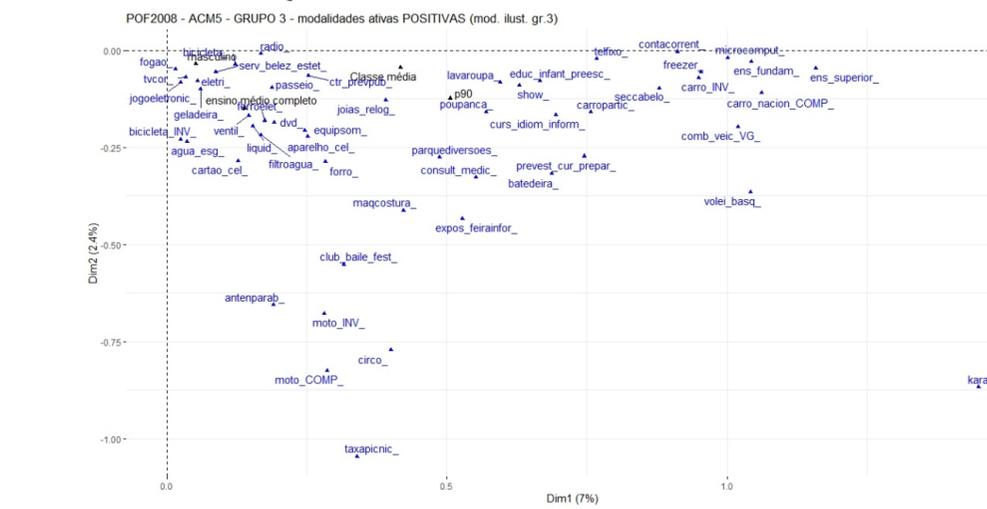


Gráfico 9.4 – QD3



Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Gráficos 9.1, 9.2, 9.3 e 9.4 - Distribuição das modalidades negativas ativas e das ilustrativas da ACM5 de 2008, quadrantes 1, 2, 3 e 4

Gráfico 10.1 – QD1

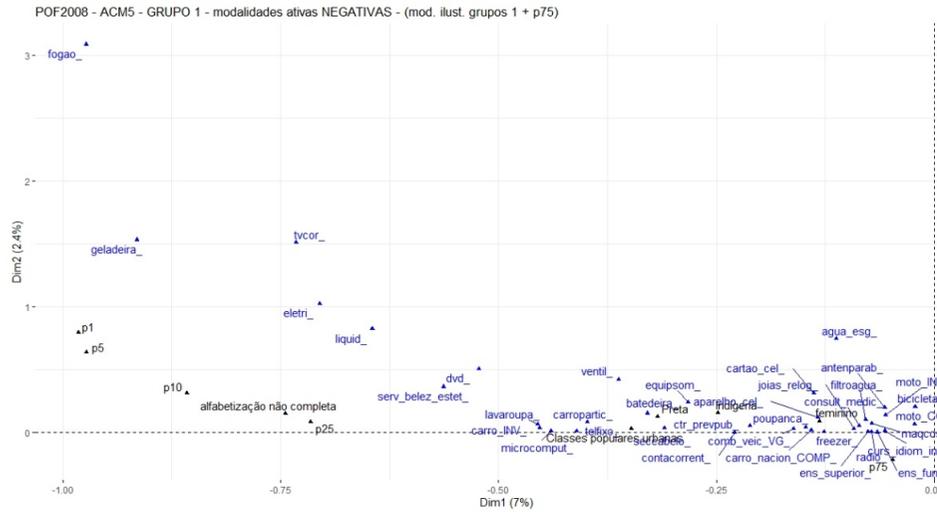


Gráfico 10.3 – QD4

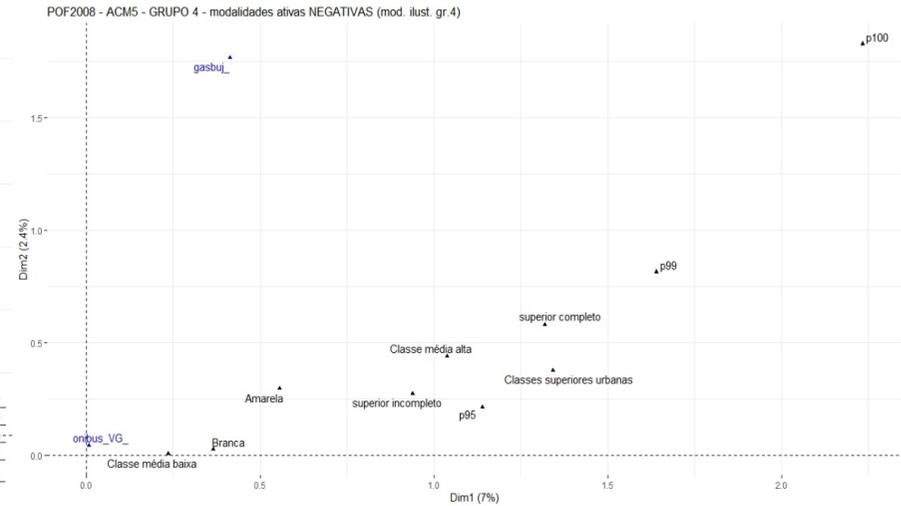


Gráfico 10.2 – QD2

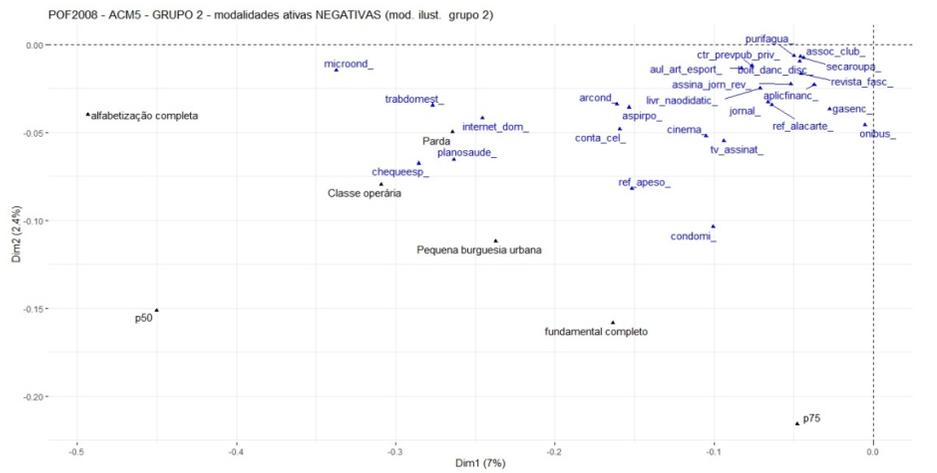
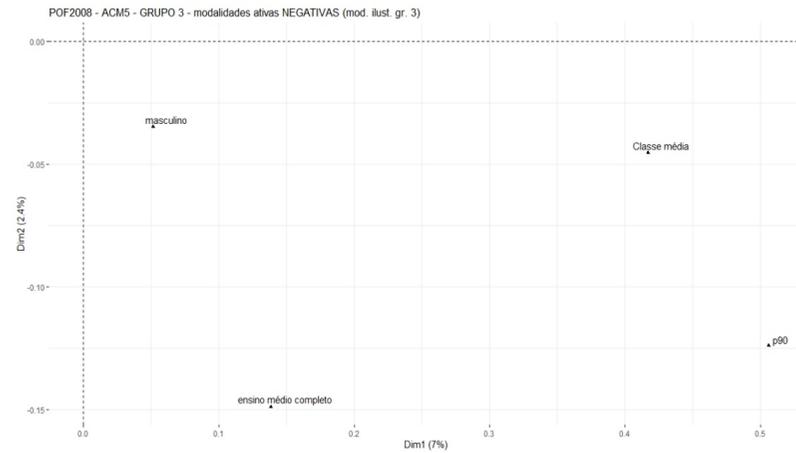


Gráfico 10.4 – QD3



Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

4.3.2. As nuvens dos indivíduos nas ACM3 e ACM5

Na Análise de Correspondência Múltipla, é importante levar em consideração a forma da distribuição dos pontos-indivíduos, já que cada tipo expressa uma determinada característica da amostra. Nos dois bancos de dados de 2002 e de 2008, os gráficos dos indivíduos tenderam a apresentar a forma de uma parábola. Isso pode ser observado nos gráficos 11.1, 11.2 (ACM3) e 12.1, 12.2 (ACM5).

Uma distribuição em forma de parábola expressa o chamado efeito Guttman (ROUANET e LE ROUX, 1993). Quando isso ocorre, significa que existe uma ordem quase total entre as modalidades, tratando-se de um fenômeno unidimensional. E que, portanto, o fenômeno poderia ser explicado facilmente por uma única variável quantitativa ou qualitativa com modalidades ordenadas.

Encontram-se frequentemente diagramas fatoriais de aspecto parabólico; a estrutura subjacente (aproximada) é então aquela de uma ordem total entre as modalidades. Seguindo Benzécri, fala-se do efeito Guttman quando um fenômeno fundamentalmente unidimensional está subjacente aos dados. Se nós organizamos as linhas e colunas da tabela segundo a ordem do primeiro eixo, fazemos aparecer uma faixa diagonal e com cantos quase nulos (ROUANET e LE ROUX, 1993, p. 275, tradução nossa)⁵⁶.

O fato de identificar um efeito Guttman não modifica significativamente a interpretação dos dois primeiros eixos de uma ACF (o primeiro eixo é um fator de escala a, o segundo um fator de oposição entre as situações extremas e as situações médias). Em contrapartida, isso conduz a negligenciar os seguintes fatores que são funções polinomiais do primeiro. [...] fator facilmente e eficientemente resumido por uma variável quantitativa ou qualitativa com modalidades ordenadas à qual ele está fortemente ligado (ROUANET e LE ROUX, 1993, p. 274-275, tradução nossa)⁵⁷

Nessas situações, o primeiro eixo do gráfico passa a expressar um fator de escala e o segundo, de oposição entre as situações extremas e as situações médias. Esses correspondem, de acordo com a perspectiva bourdieusiana, ao volume e à estrutura do capital dos grupos distribuídos nele. Assim, com base no efeito Guttman e pela ordem das

⁵⁶ O texto em língua estrangeira é: «On rencontre souvent des diagrammes factoriels d'allure parabolique ; la structure sous-jacente (approchée) est alors celle d'un ordre total entre les modalités. A la suite de Benzécri, on parle d'effet Guttman quand un phénomène fondamentalement unidimensionnel est sous-jacent aux données. Si l'on range les lignes et les colonnes du tableau selon l'ordre du premier axe, on fait apparaître une bande diagonale et avec des coins quasi-nuls» (ROUANET ET LE ROUX, 1993, p. 275).

⁵⁷ O texto em língua estrangeira é: «Le fait d'identifier un effet Guttman ne modifie pas sensiblement l'interprétation des deux premiers axes d'une AFC (le premier axe est un facteur d'échelle a, le second un facteur d'opposition entre les situations extrêmes et les situations moyennes). En revanche, cela conduit à négliger les facteurs suivants qui sont des fonctions polynômes du premier. [...] facteur facilement et efficacement résumé par une variable quantitative, ou qualitative à modalités ordonnées, à laquelle il est très lié» (ROUANET ET LE ROUX, 1993, p. 274-275).

modalidades obtido nas representações dos *estilos de vida*, é possível constatar que o princípio fundamental que ordena a organização das variáveis é, sobretudo, o capital econômico. O eixo 1 expressa, então, o fator de escala ou de estrutura do capital econômico, enquanto o eixo dois representa o volume e opõe as situações extremas e médias desse capital nas amostras.

Contudo, na comparação entre 2002 e 2008, ou seja, observando os gráficos 11.2 e 11.1 da ACM3 e o 12.2 e o 12.1 da ACM5, é possível observar que houve uma tendência, nesse período, a maior homogeneização dos indivíduos em termos socioeconômicos. Isso porque nas duas ACMs, houve uma tendência a maior dispersão dos indivíduos no ano de 2008. E os gráficos do ano de 2008 mostram que houve um achatamento das pontas das parábolas, fazendo com que os indivíduos estivessem, em comparação ao ano de 2002, tendendo a se posicionar mais perto do centro gravitacional da nuvem, isto é, tendendo a se aproximar mais do perfil do “indivíduo teórico médio”.

Gráficos 11.1, 11.2, 12.1 e 12.2 - Distribuição dos indivíduos nas ACM3 2002, ACM3 2008, ACM5 2002 e ACM5 2008

Gráfico 11.1 - ACM3 2002

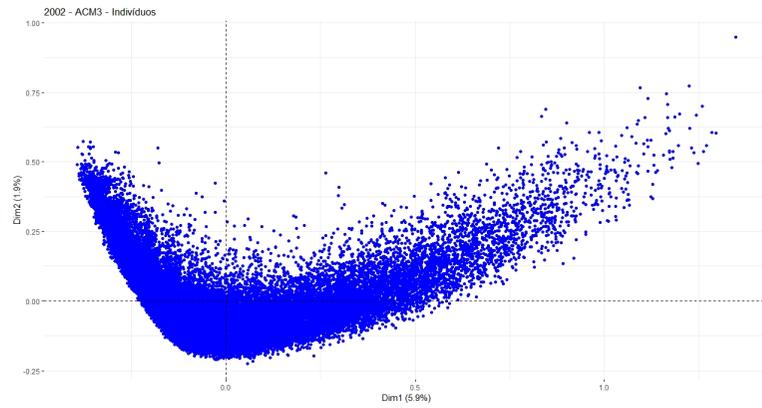


Gráfico 12.1 - ACM5 2002

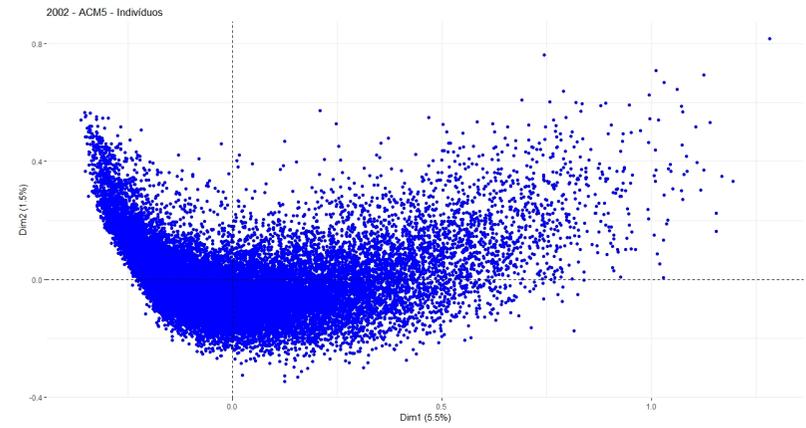


Gráfico 11.2 - ACM3 2008

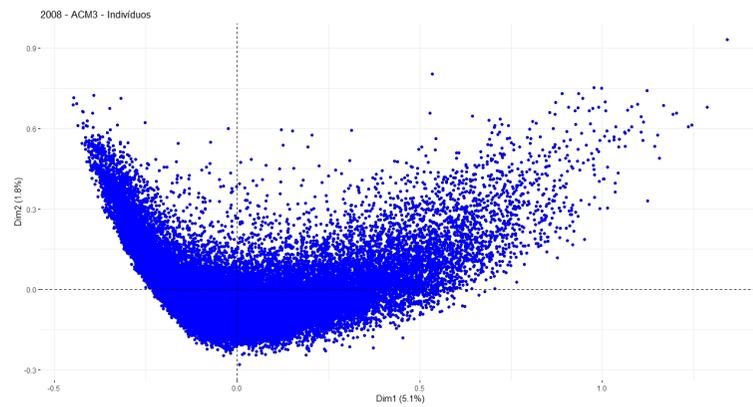
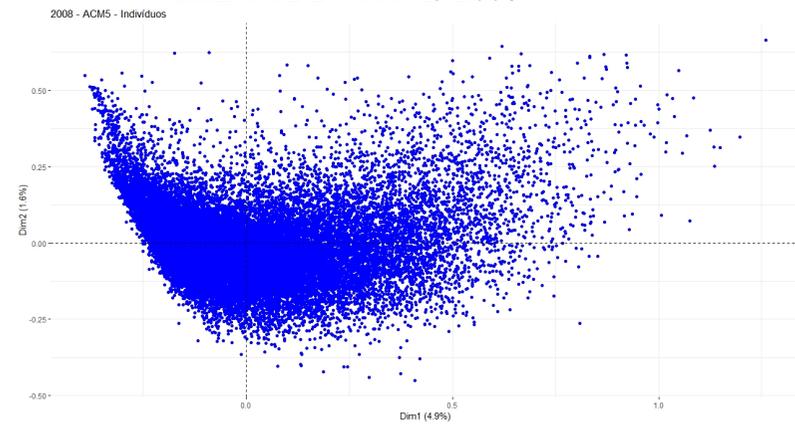


Gráfico 12.2 - ACM5 2008



Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Os gráficos 13.1 ao 17.4 mostram os indivíduos das duas amostras agrupados com base nas modalidades das variáveis complementares, ou seja, com base nas categorias das classes ocupacionais, dos percentis de renda domiciliar per capita, do nível educacional, das cores ou raças e dos sexos.

Os gráficos 13.1, 13.2, 13.3, 13.4, relativos às classes, mostram – da esquerda para a direita – que a ordem das cores tende a corresponder, de forma considerável, à ordenação das classes na hierarquia social⁵⁸. No gráfico 13.1 (ACM3), da esquerda para a direita, aparecem, de forma gradual, os trabalhadores rurais (ponta extrema da esquerda da parábola), um pouco mais a baixo, os proprietários rurais, depois as classes operárias conjuntamente com as classes populares urbanas e a pequena burguesia urbana (na curva da parábola). Acima, começam a sobressair a classe média baixa, a classe média e, logo mais à frente e de forma mais saliente a classe média alta. Na ponta superior direita, por fim, se localizam as classes superiores. Já no gráfico 13.3 (ACM5), a ponta esquerda da parábola é formada conjuntamente pela classe operária, classes populares e pequena burguesia urbana. Após a curva, se localizam a pequena burguesia, a classe média baixa e a classe média. Em direção à ponta da extrema direita, estão as classes médias e as classes superiores. A ordem dos pontos encontrada nesses dois gráficos de 2002 pode ser, em sua maior parte, também observada nos gráficos de 13.2 e 13.4 de 2008. No entanto, há uma mistura muito maior entre os pontos de cores diferentes nesses gráficos, sobretudo, nos pontos que estão fora da parábola, bem como, naqueles que tendem a se localizar na ponta superior direita da nuvem.

A ordenação gradual das cores tende a se verificar também e com maior precisão nos gráficos (14.1 a 14.4) relativos à renda domiciliar per capita. Assim, é possível observar – da esquerda para a direita – o percurso do menor percentil ao maior percentil dos rendimentos domiciliares per capita presentes nas amostras. Isso significa que, da esquerda para a direita, se caminha dos mais pobres aos mais ricos e que os indivíduos localizados nas pontas das parábolas correspondem àqueles que se localizam também no extremo da distribuição de renda, no que se refere à renda domiciliar per capita. Nos gráficos relativos à renda domiciliar de 2008 (14.2 e 14.4), tende a haver maior dispersão e mistura dos pontos

⁵⁸ Isso não significa dizer que exista uma correspondência perfeita entre as categorizações e a distribuição dos indivíduos. É necessário deixar isso claro, já que as categorias utilizadas como em todas as pesquisas empíricas, são, em parte, constructos teóricos desenvolvidos por pesquisadores e, nesse sentido, expressam alguma arbitrariedade e um ajustamento não precisamente fiel à realidade. Elas são uma maneira do pesquisador tentar descrever e compreender a realidade. Por outro lado, a relativa correspondência encontrada entre essas categorias e a realidade empírica dos indivíduos faz com que sua utilização seja viável.

de cores distintas, assim como acontece nos gráficos de 2008 referentes às classes. Os pontos que saem da parábola e aqueles que tendem a se aproximar da sua ponta direita são os que mais se misturam. Isso indica que a organização, em termos de consumo, dos indivíduos tendeu, nesse período a se desprender, de certa forma, da ordem rígida estabelecida pelos percentis das faixas de renda domiciliar e pelas classes, como havia em 2002.

Os gráficos 15.1 a 15.4, relativos ao nível educacional, também expressa que a coloração dos indivíduos tende a seguir uma lógica hierárquica forte que vai – da ponta esquerda à ponta direita da parábola - dos menos instruídos aos mais instruídos. Semelhantemente às modalidades das variáveis classes e rendimentos, há uma tendência maior de mistura e de dispersão de cores nos gráficos 15.2 e 15.4 relativos a 2008.

Já os gráficos 16.1 a 16.4 demonstram a coloração dos indivíduos com base nas modalidades de suas cores ou raças. Embora a ordem das cores nesses gráficos não siga a forte gradação observada nos gráficos relativos à renda, à classe e ao nível educacional, há uma nítida diferença de cores ao longo da parábola. Da ponta esquerda superior até o centro da parábola, há uma predominância maior de indivíduos autodeclarados de cor preta, parda e/ou indígena, com predominância da cor parda. A parte inferior direita da parábola se constitui como um espaço de maior mistura de cores e/ou raças, se constituindo como uma “fase intermediária” ou “de transição”. A parte superior direita da parábola apresenta então uma forte presença das cores e/ou raça branca e amarela. Cabe ressaltar que a cor e/ou raça amarela quase não aparece porque sua presença é proporcionalmente bem menor do que as outras nas amostras.

Por fim, os gráficos 17.1 a 17.4 mostram a coloração dos indivíduos por sexo. Apesar de em todos eles, haver uma predominância do sexo masculino, nos gráficos 17.1 e 17.2, referentes à ACM3, há uma incidência maior de mulheres na parte inferior direita e na parte inferior esquerda da parábola. Assim como, nos gráficos 17.3 e 17.4, a predominância maior do sexo feminino está localizada nos lados superior esquerdo e inferior esquerdo da parábola.

Gráficos 13.1, 13.2, 14.1 e 14.2 - Distribuição dos indivíduos na ACM3 de 2002 e na ACM3 de 2008 por classes e por rendimento domiciliar per capita

Gráfico 13.1 – Classes, ACM3 2002

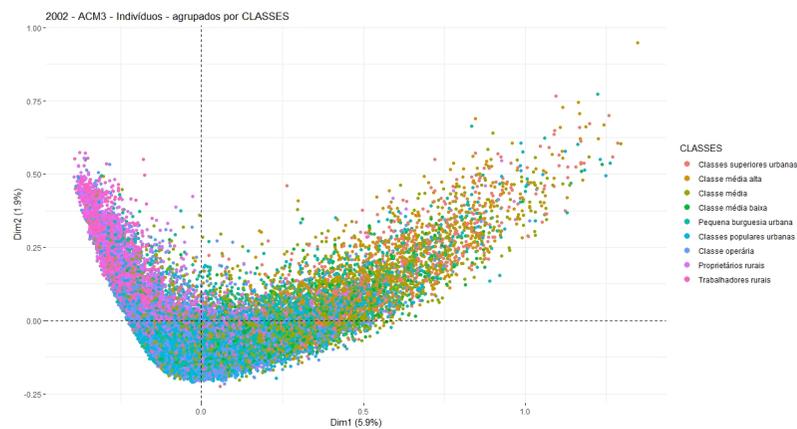


Gráfico 14.1 – RDPC, ACM3 2002

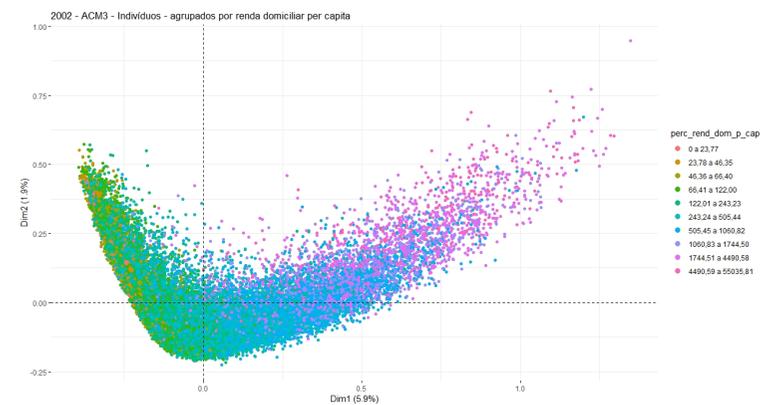


Gráfico 13.2 – Classes, ACM3 2008

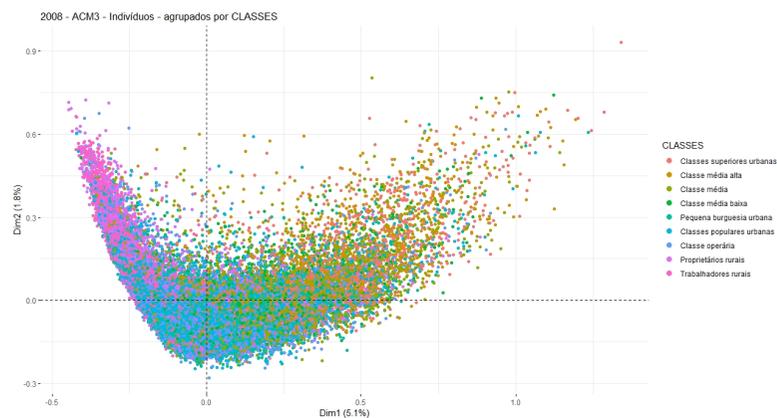
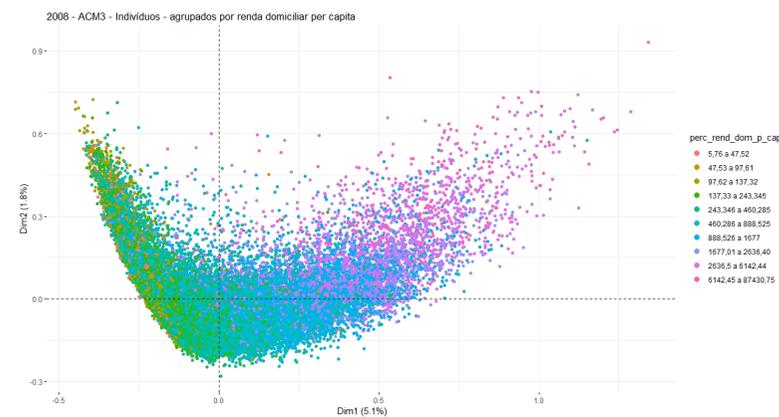


Gráfico 14.2 – RDPC, ACM3 2008



Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Gráficos 15.1, 15.2, 16.1, 16.2, 17.1 e 17.2 - Distribuição dos indivíduos na ACM3 de 2002 e na ACM3 de 2008 por nível educacional, cor e sexo

Gráfico 15.1 – Nível educacional, ACM3 2002

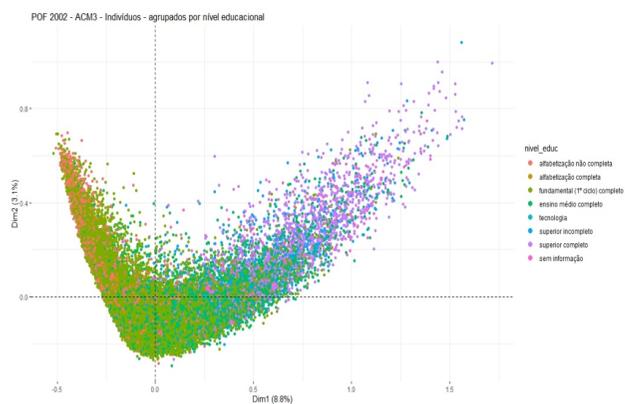


Gráfico 16.1 – Cor, ACM3 2002

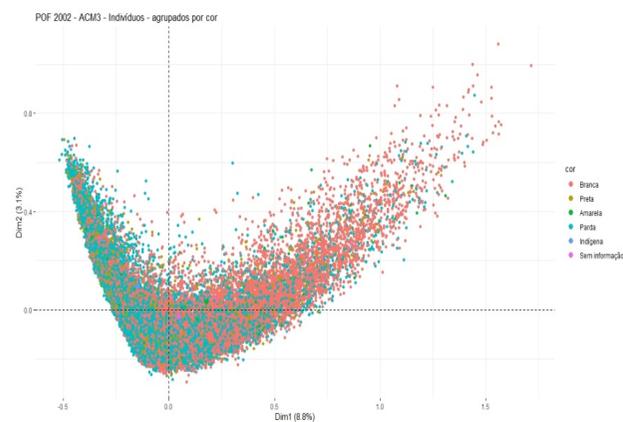


Gráfico 17.1 – Sexo, ACM3 2002

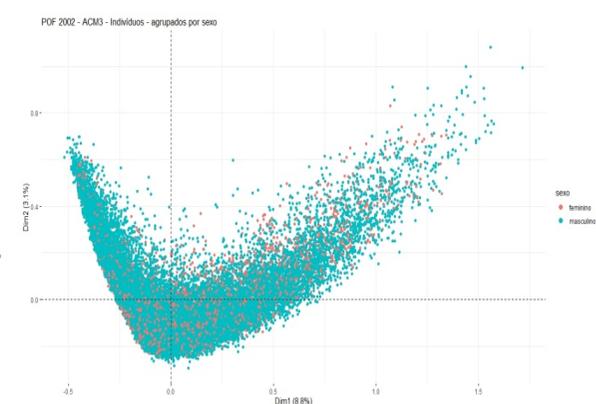


Gráfico 15.2 – Nível educacional, ACM3 2008

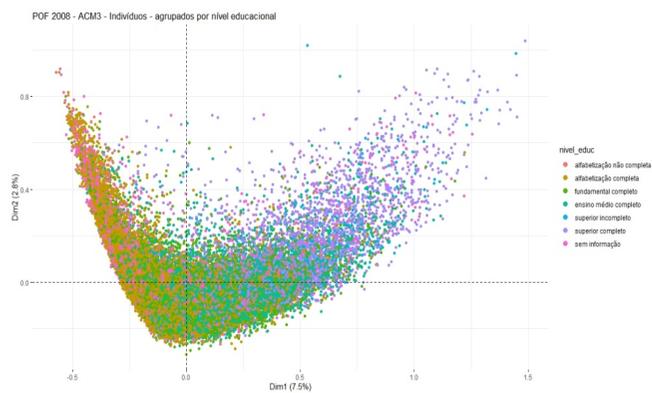


Gráfico 16.2 – Cor, ACM3 2008

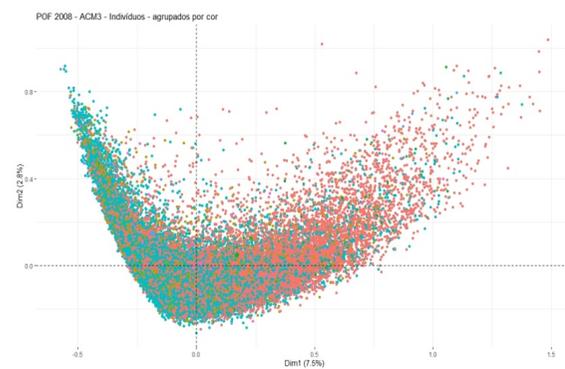
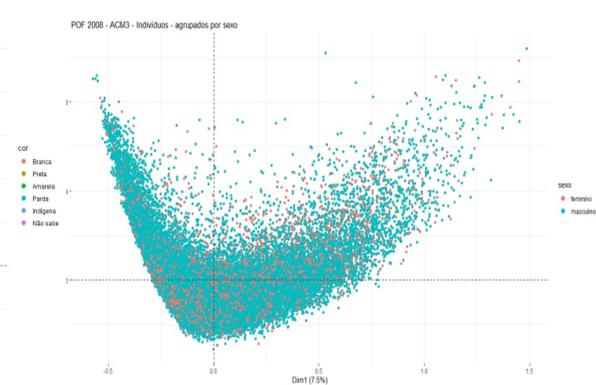


Gráfico 17.2 – Sexo, ACM3 2008



Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Gráficos 13.3, 13.4, 14.3 e 14.4 - Distribuição dos indivíduos na ACM5 de 2002 e na ACM5 de 2008 por classes e por rendimento domiciliar per capita

Gráfico 13.3 – Classes, ACM5 2002

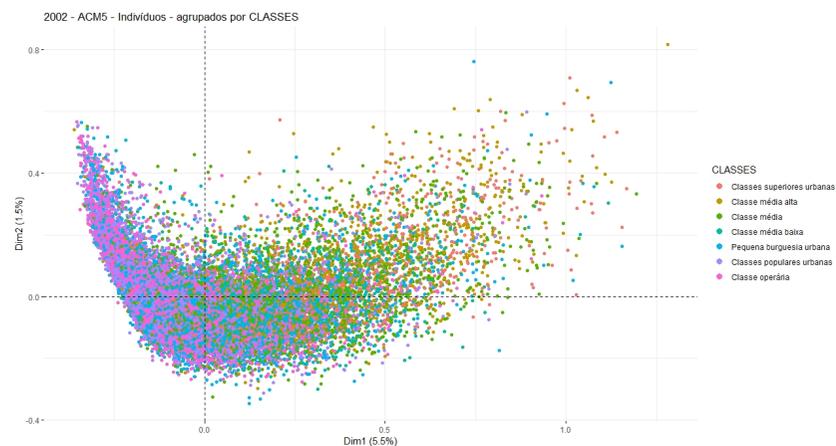


Gráfico 14.3 – RDPC, ACM5 2002

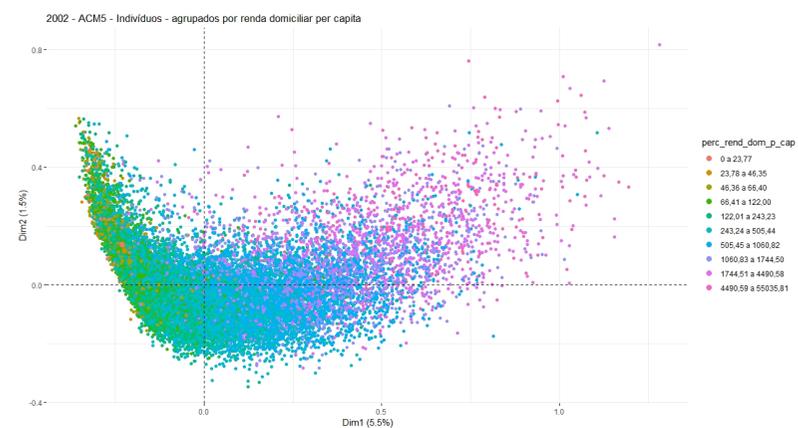


Gráfico 13.4 – Classes, ACM5 2008

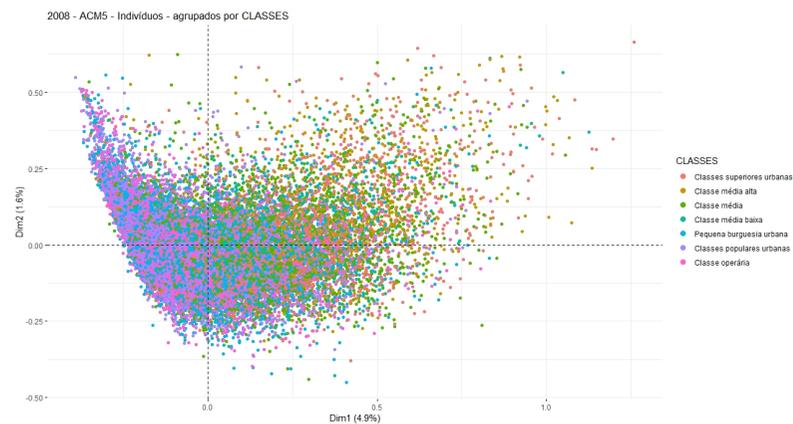
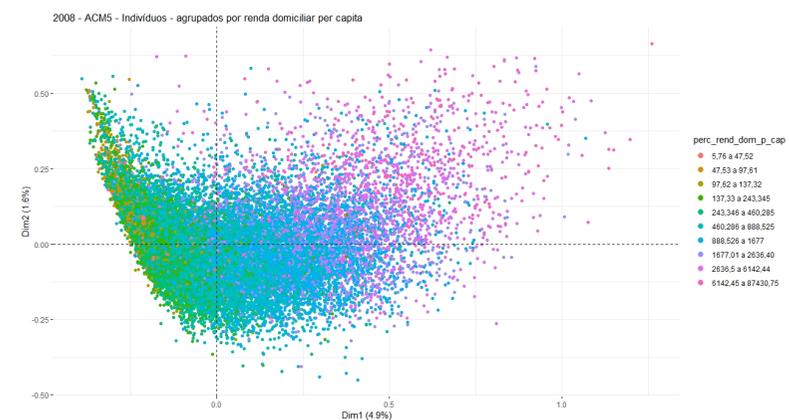


Gráfico 14.4 – RDPC, ACM5 2008



Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Gráficos 15.3, 15.4, 16.3, 16.4, 17.3 e 17.4 - Distribuição dos indivíduos na ACM5 de 2002 e na ACM5 de 2008 por nível educacional, cor e sexo

Gráfico 15.3 – Nível educacional, ACM5 2002

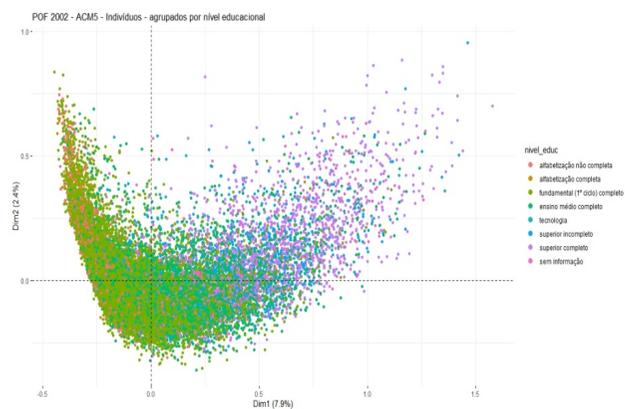


Gráfico 16.3 – Cor, ACM5 2002

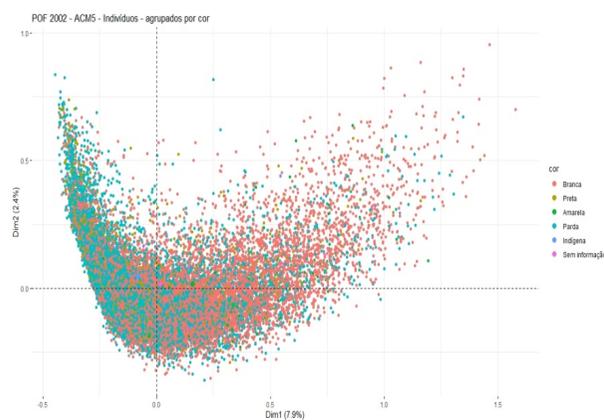


Gráfico 17.3 – Sexo, ACM5 2002

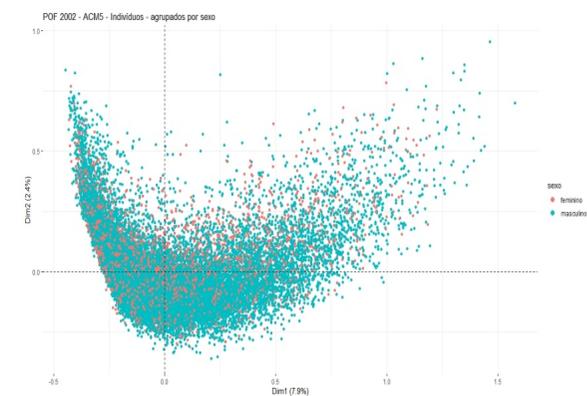


Gráfico 15.4 – Nível educacional, ACM5 2008

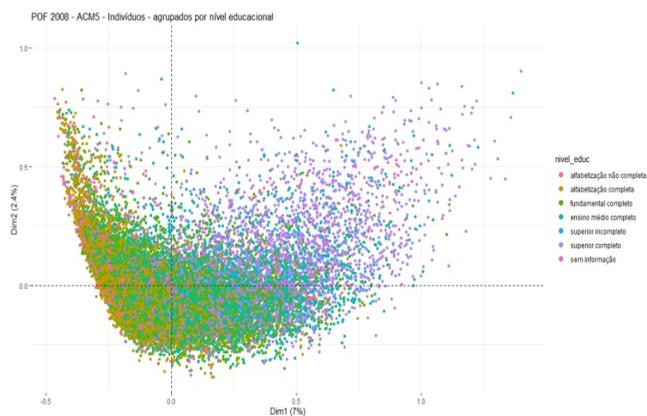


Gráfico 16.4 – Cor, ACM5 2008

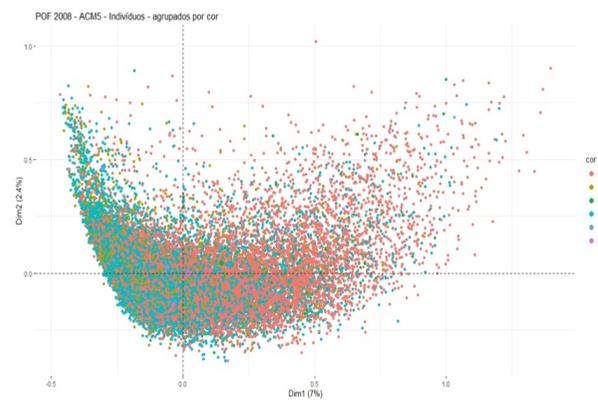
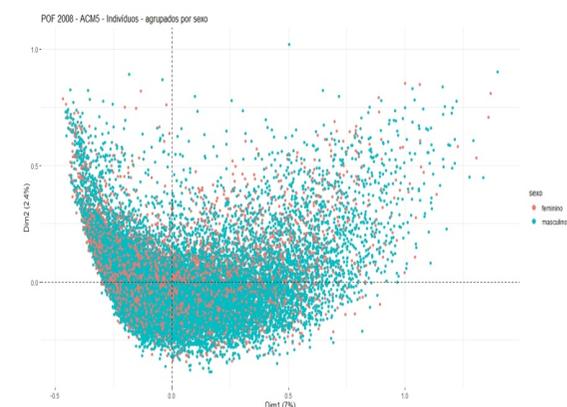


Gráfico 17.4 – Sexo, ACM5 2008



Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

A análise desses gráficos dos indivíduos permitiu constatar então que a distribuição das pessoas, em termos de consumo, coincide, com certa razoabilidade, – ainda que não perfeitamente – com a das modalidades das variáveis ilustrativas “classes”, “rendimentos domiciliares per capita” e “nível educacional”. Há significativa associação entre a ordenação dessas modalidades.

A partir disso, foi possível verificar que o eixo socioeconômico – então formado pelas três variáveis ilustrativas e expresso pela dimensão 1 – tem forte peso sobre as diferenças de consumo da população brasileira nesse período. Logo, as diferenças em termos de consumo dos indivíduos, dentro das amostras, podem ser explicadas por uma única dimensão: o eixo socioeconômico. Consumo, classes, rendimentos domiciliares per capita e nível educacional apesar de aparentemente distintas, tendem a se apresentar nessas análises, como um fenômeno unidimensional.

Contudo é importante considerar que, apesar do forte “peso” explicativo do eixo socioeconômico, a dispersão dos pontos nos gráficos de 2008 sugere que esse período foi marcado por uma tendência oposta: a da diminuição da sua força explicativa sobre a organização dos indivíduos em termos de consumo. O que sugere que a correspondência entre consumo, classes, renda domiciliar per capita e nível educacional, apesar de permanecer forte, tendeu a diminuir nesse período.

4.3.3 As dimensões ou fatores

Isso pode ser constatado também pela diminuição da variância ao longo do período. Na ACM3, relativa a todas as classes e todas as regiões do Brasil, o percentual da variância explicada pela dimensão 1 – como mostra a tabela 1.1 – caiu de 8,77% em 2002 para 7,48% em 2008. Na ACM5, relativa às classes urbanas e às regiões urbanas – como indica a tabela 1.2 -, o percentual da variância da dimensão 1 também caiu de 7,82% em 2002 para 6,98% em 2008⁵⁹. Em relação à dimensão 2, é possível observar que a

⁵⁹ Como nas duas amostras o percentual explicado pela dimensão 3 não chega a 2%, essa dimensão bem como as subsequentes, cujas variâncias tendem a diminuir à medida que se inclui uma nova dimensão na análise, não serão abarcadas nas análises aqui presentes. Isso não significa que não seja interessante analisar essa terceira dimensão. No entanto, como o volume de dados é extremamente grande e a primeira dimensão tende a explicar quatro vezes mais a dimensão subsequente, optou-se por deixar a análise dessa dimensão para um momento posterior. A primeira dimensão tende a explicar, nas duas amostras, mais do que 3 vezes a variabilidade dos dados do que a dimensão 3. Além disso, como pode ser observado nas duas tabelas, as

variância também perde força explicativa na ACM3 de 2002 para 2008, saindo de 3,12% em 2002 para 2,79% em 2008 e se mantém praticamente estável na ACM5 (2,36% em 2002 e 2,37% em 2008) entre os dois anos. As dimensões 1 e 2 expressam a desigualdade socioeconômica entre os indivíduos nas amostras. Logo, o que se observa é que o seu poder explicativo tende, nas duas ACMs, a diminuir nesse período.

Tabela 1.1 – Comparação dos valores próprios da ACM3 de 2002 e da ACM3 de 2008

ACM3									
Ano	Valores próprios								
		Dim.1	Dim.2	Dim.3	Dim.4	Dim.5	Dim.6	Dim.7	Dim.8
2002	Variância	0,088	0,031	0,018	0,016	0,013	0,012	0,012	0,011
2008	Variância	0,075	0,028	0,019	0,016	0,013	0,013	0,011	0,011
2002	% da var.	8,768	3,123	1,777	1,579	1,296	1,18	1,154	1,083
2008	% da var.	7,479	2,785	1,935	1,607	1,313	1,25	1,143	1,074
2002	% Cumulativa de var.	8,768	11,89	13,67	15,25	16,54	17,72	18,88	19,96
2008	% Cumulativa de var.	7,479	10,27	12,2	13,81	15,12	16,37	17,51	18,59

Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

dimensões 1 e 2 juntas explicam, entre 10,23% e 11,89% e da variabilidade dos dados em 2002 e 9,36% a 10,27%, em 2008 no conjunto das duas amostras, ou seja, são as que, dentre todas, explicam a maior parte da variabilidade dos dados. Assim, serão contempladas, nas análises aqui presentes, apenas a primeira e a segunda dimensões.

Tabela 1.2 - Comparação dos valores próprios da ACM3 de 2002 e da ACM3 de 2008

ACM5									
Ano	Valores próprios								
		Dim.1	Dim.2	Dim.3	Dim.4	Dim.5	Dim.6	Dim.7	Dim.8
2002	Variância	0,079	0,024	0,016	0,016	0,013	0,012	0,011	0,011
2008	Variância	0,069	0,024	0,017	0,016	0,013	0,012	0,011	0,011
2002	% da var.	7,872	2,356	1,641	1,57	1,331	1,179	1,147	1,105
2008	% da var.	6,983	2,374	1,697	1,652	1,355	1,256	1,147	1,116
2002	% Cumulativa de var.	7,872	10,23	11,87	13,44	14,77	15,95	17,1	18,2
2008	% Cumulativa de var.	6,983	9,357	11,05	12,71	14,06	15,32	16,46	17,58

Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

4.4. Análises complementares: rendimentos domiciliares e itens de consumo por classes

A tabela 2 expõe as rendas totais domiciliares médias por classes em 2002-2003 e 2008-2009 e a diferença no percentual de crescimento real entre elas. Por meio dela, é possível observar que, no agregado, os acréscimos em termos de renda domiciliar per capita tenderam a ser maiores conforme se decresceu na hierarquia social nesse período. Os números sugerem que, embora as classes superiores urbanas, média alta e média tenham permanecido, em termos absolutos, como as mais ricas, o que se observa é que, em termos relativos elas, junto com a pequena burguesia urbana, tenderam, nesse período de sete anos, a ter decréscimo real em suas rendas médias totais domiciliares. As classes superiores urbanas tiveram queda de 9%, a classe média alta, de 16%, a classe média de 2% e a pequena burguesia urbana de 8%. Já a classe média baixa, as classes populares urbanas, a classe operária, os proprietários rurais e os trabalhadores rurais tenderam a ter, em termos percentuais, crescimentos reais nesse momento, apresentando aumentos de 2%, 6%, 18%, 6% e 19% respectivamente nessa ordem. Logo, o que se

observa é que, em termos relativos, as taxas saem de um percentual negativo e passam para o positivo conforme mais ou menos se cresce na hierarquia social, ou seja, elas crescem aproximada e inversamente à ordem das classes.

Tabela 2 - Renda total domiciliar média por classe e percentual de crescimento/decrescimento real entre 2002-2003 e 2008-2009

Renda total domiciliar média por classe e percentual de crescimento/decrescimento real entre 2002-2003 e 2008-2009*			
	POF 2002-2003	POF 2008-2009	
CLASSES	Renda total domiciliar média	Renda total domiciliar média	Percentual de crescimento real entre 2002-2003 e 2008-2009(%)
Classes superiores urbanas	6.262,37	5.687,77	-9%
Classe média alta	4.465,85	3.769,01	-16%
Classe média	2.405,07	2.349,50	-2%
Classe média baixa	1.865,51	1.911,34	2%
Pequena burguesia urbana	1.544,84	1.423,63	-8%
Classes populares urbanas	1.106,92	1.174,57	6%
Classe operária	1.009,25	1.186,08	18%
Proprietários rurais	1.296,86	1.376,13	6%
Trabalhadores rurais	620,13	737,32	19%

Nota: *Valores deflacionados para Janeiro de 2003, com base no IPCA (IBGE) , segundo dados do Banco Central

Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Essa tabela serve então para demonstrar que foram os aumentos superiores e inversamente proporcionais à hierarquia social que permitiram, em grande medida, as melhorias nos *estilos de vida* das classes não tão bem situadas dentro da hierarquia social e à diminuição no poder explicativo da ordem socioeconômica – conforme expresso pelas análises de correspondência múltipla nesse momento. Houve, portanto, uma propensão à inversão no acúmulo da renda total domiciliar média dentro da hierarquia social que provocou certa desorganização nos *estilos de vida* e na ordem desigual nesse período.

A tabela 3 abaixo expressa as diferenças no percentual de consumo de alguns itens entre 2002 e 2008 nas classes sociais. Por meio desses dados, é possível observar – como na tabela anterior - que as diferenças entre um ano e outro tenderam, no geral, a aumentar conforme se decrescia na escala social. O que, em outros termos, significa que, em termos agregados, os acréscimos se deram de forma mais intensa entre as classes populares urbanas, classe operária, pequena burguesia, trabalhadores rurais e proprietários rurais e

entre as classes média baixa e média do que entre as classes média alta e superiores urbanas.

No caso do aparelho de celular, todas as classes inferiores às classes altas (classes superiores urbanas e classe média alta) tiveram médias quase progressivamente mais elevadas que essas últimas. Os crescimentos mais elevados, em relação a esse item, se deram na classe operária (24,72%) e nas classes populares urbanas (21,59%). Em relação ao cartão de celular, a classe média baixa e a classe média tiveram as maiores taxas de crescimento, com 54,44% e 54,35% respectivamente e, portanto, índices de consumo maiores do que o das classes altas. As classes localizadas nos espaços mais baixos da hierarquia social também tiveram percentuais de aumento elevados em relação a esse item, girando em torno de 49% entre as classes baixas urbanas (classes populares urbanas, classe operária e pequena burguesia) e 30% entre as classes rurais (trabalhadores e proprietários rurais).

O DVD foi o elemento com os maiores percentuais de crescimento entre todas as classes. No entanto, as maiores taxas de crescimento do seu consumo estiveram nas classes média baixa e na classe média. A primeira teve 74,46% e a segunda, 72,06%. As classes baixas urbanas tiveram percentuais de aumento muito elevados nesse item, que variaram entre 64% e 68% aproximadamente e foram equiparáveis às taxas também elevadas das classes altas (em torno de 69%). Esse elemento contou também com um aumento considerável nas classes rurais que flutuou entre 40% e 43% aproximadamente. O microcomputador também tendeu a ter um aumento no seu consumo nesse período. Assim como o DVD teve as maiores taxas de aumento entre as classes média baixa e média (22,22% na primeira e 21,90% na segunda). As maiores taxas em relação a esse item estiveram situadas no mundo urbano.

O consumo da internet individual e do micro-ondas também teve aumento significativo entre 2002 e 2008. Os maiores índices se produziram, assim como no microcomputador, no meio urbano. Dentre as classes, a classe média baixa seguida das classes populares urbanas tiveram os maiores percentuais de crescimento. A classe média baixa teve 8,04% de aumento na internet individual e 4,29%, no micro-ondas. Já as classes populares tiveram 7,53% de elevação na internet individual e 3,91% no, micro-ondas.

Os itens máquina de lavar roupas e cartão de crédito também tiveram as maiores taxas no ambiente urbano. Em relação à primeira, os maiores percentuais de crescimento estiveram também situados entre as classes média baixa e média, já que a primeira teve

11,10% de aumento e a segunda, 10,37%. No entanto, esse item contou com taxas elevadas de crescimento entre as classes baixas urbanas que giraram entre 6,07% a 9,38% e foram relativamente próximas dos índices também elevados das classes altas (entre 8,7% e 9,85%). No caso do cartão de crédito, dentre os índices mais elevados, destacaram-se, em primeiro lugar, o da classe média baixa (12,37%), em segundo, o da classe operária (11,32%), em terceiro, o das classes populares urbanas (10,38%) e em quarto, o da classe média (9,49%). Todos esses foram superiores aos das classes altas.

Outros elementos como aquisição de jornal, TV em cores, geladeira, gastos com carro particular, moto e serviço de beleza e estética tiveram os percentuais mais elevados entre as classes rurais, ou seja, dentre aquelas localizadas no espaço inferior da hierarquia social. Em relação ao jornal e à geladeira, os trabalhadores rurais tiveram os maiores índices de aumento, seguido, em segundo lugar, dos proprietários rurais. Os primeiros tiveram 27,33% de aumento na aquisição de jornais 17,96%, no de geladeira. Já os segundos tiveram 23,16% de aumento no consumo de jornal e 15,65% na geladeira. As classes baixas urbanas também registraram aumentos expressivos na aquisição desses itens que foram superiores às das classes altas. Em relação ao jornal, as classes populares tiveram aumento de 9,85%, a classe operária, de 12,58% e a pequena burguesia urbana, de 6,07%. Em relação à geladeira, as primeiras tiveram 6,70% de aumento, a segunda, 7,46% e a terceira, 4,29%.

Já os itens moto e gastos com serviços de beleza e estética tiveram os maiores índices entre os proprietários rurais (11,07% e 10,02% respectivamente), seguido pelos trabalhadores rurais (10,21%, 9,11% respectivamente). Em relação à moto é válido ressaltar que houve taxas altas também entre a classe média (9,17%), a classe operária (8,55%) e classes superiores urbanas (8,28%). No que diz respeito aos gastos com serviço de beleza e estética, é válido destacar que todas as classes inferiores às classes altas tiveram taxas maiores de crescimento no consumo desse item do que as últimas. Dentre eles, destacam-se os índices das classes populares urbanas (7,82%), da classe operária (6,97%) e da classe média baixa (4,93%).

Tabela 3 - Diferenças no percentual de consumo de itens por classes (2002 e 2008)

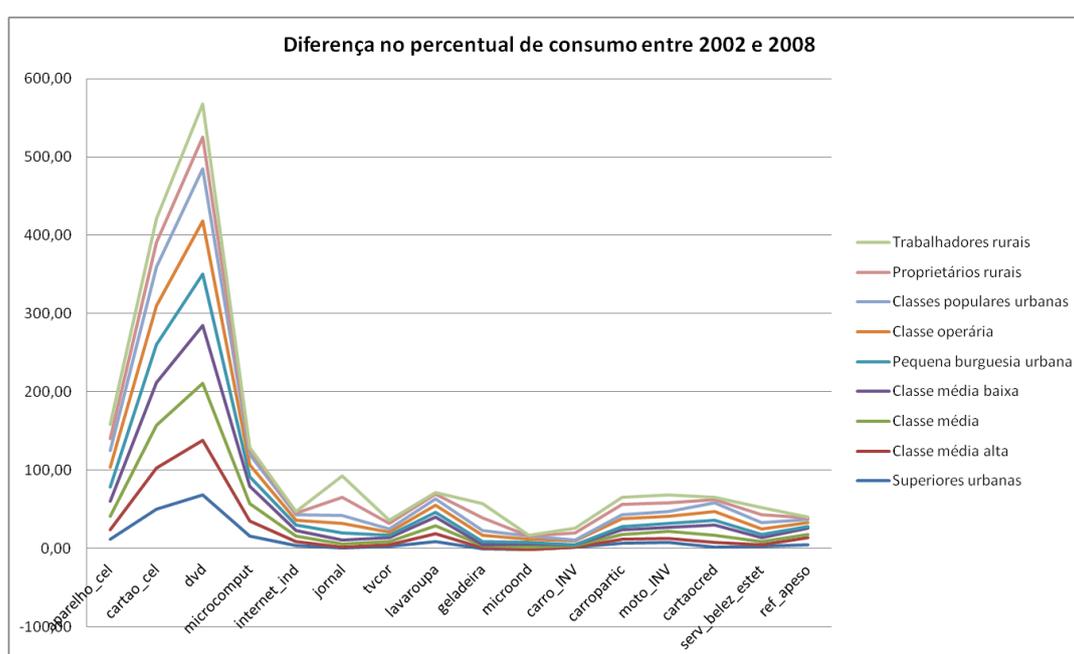
Diferenças no percentual de consumo (2002 e 2008)									
Itens por classes									
Itens de consumo	Superiores urbanos	Classe média alta	Classe média	Classe média baixa	Pequena burguesia urbana	Classe operária	Classes populares urbanas	Proprietários rurais	Trabalhadores rurais
aparelho_cel	11,65	12,79	17,32	18,22	19,16	24,72	21,59	14,86	18,05
cartao_cel	50,78	52,05	54,35	54,44	49,42	49,00	49,17	31,23	30,39
DVD	69,02	69,67	72,06	74,46	64,87	68,28	66,34	40,49	43,00
Microcomput	15,61	19,91	21,90	22,22	12,40	14,63	13,53	6,44	2,36
internet_ind	4,32	4,83	6,39	8,04	6,94	5,64	7,53	1,80	2,21
Jornal	0,58	1,39	4,35	4,82	8,44	12,58	9,85	23,16	27,33
Tvcor	2,49	2,63	4,00	4,63	2,81	4,72	3,69	7,09	4,51
Lavaroupa	8,70	9,85	10,37	11,10	6,07	9,38	8,36	5,25	2,24
Geladeira	0,06	1,09	2,64	1,11	4,29	7,46	6,70	15,65	17,96
Microond	-1,46	0,62	2,73	4,29	1,91	3,56	3,91	0,67	0,39
Carropartic	6,89	4,85	6,65	5,59	4,06	9,81	5,29	12,84	9,70
moto_INV	8,28	4,71	9,17	4,94	5,55	8,55	6,44	11,07	10,21
Cartaacred	1,98	6,05	9,49	12,37	6,45	11,32	10,38	4,57	3,25
serv_belez_estet	3,02	2,29	3,51	4,93	4,68	6,97	7,82	10,02	9,11
ref_apeso	4,78	9,49	4,08	7,30	2,87	5,02	3,65	2,09	0,61

Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Os itens TV em cores e gastos com carro particular tiveram os maiores índices entre os proprietários rurais que foram de 7,09% e 12,84% respectivamente. Em relação à televisão, a classe média baixa teve o segundo maior índice de crescimento, com 4,63%. Em relação aos gastos com carro particular, a classe operária obteve o segundo maior índice de aumento (9,81%). No entanto, em relação a esse último item, houve aumentos significativos em todas as classes. Destacam-se, entre eles, as taxas da classe operária (9,81%), a dos trabalhadores rurais (9,70%) e das classes superiores urbanas (6,89%). É válido ressaltar também, em relação à TV e aos gastos com carro particular, que quase todas as classes inferiores às classes altas tiveram índices de crescimento maiores e/ou equiparáveis ao dessas últimas nesses itens.

O gráfico 18 resume as tendências nas diferenças percentuais de consumo da tabela 3. Por meio dele, é possível perceber que houve uma propensão inversa entre o crescimento do consumo e a hierarquia das classes. Quanto mais se decrescia em termos de classe, maiores tendiam a ser os acréscimos no consumo agregado. A proporção do crescimento foi, aliás, – conforme o gráfico sugere - quase gradual com o patamar da classe alcançado. Isso reitera os resultados expostos na tabela 2 que expressa a inversão do crescimento da renda domiciliar média em relação à estrutura das classes sociais nesse período.

Gráfico 18 - Diferenças no percentual de consumo das classes entre 2002 e 2008



Fonte: A autora, 2019 (a partir dos dados da POF).

Esses dados demonstram que, de fato, diversos itens de consumo, antes restritos às classes altas e/ou às classes intermediárias, sofreram forte popularização nesse período. Elementos como o aparelho de celular, DVD, o microcomputador e o cartão de crédito que, em 2002, estavam situados no espaço dos *estilos de vida* das classes média alta e superiores, sofreram uma intensa popularização no período. Da mesma forma, itens mais básicos como geladeira, televisão em cores ou mesmo moto que estavam mais próximos dos *estilos de vida* das classes média e média baixa foram popularizados nesse momento.

Quando observados os elementos aparelho de celular, cartão de celular, dvd, microcomputador e internet individual (gráfico 18), se observa que as classes baixas se beneficiaram fortemente com o consumo desses elementos, melhorando assim seu padrão

de vida. As classes média e média baixa também saíram bem sucedidas nesse processo e, na comparação entre elas, essa última tendeu a ter maiores acréscimos no consumo desses itens. Então, as classes altas que antes tinham o privilégio de acesso a esses bens e, em função disso, amplo capital simbólico, tenderam a perdê-lo com sua popularização.

Por fim, é igualmente válido ressaltar que, em função das classes baixas urbanas e das classes intermediárias serem mais populosas, um aumento de 5% no consumo de um elemento significa um volume muito grande de pessoas adquirindo tal item. Nesse sentido, um aumento de 74,46%, como no exemplo do DVD, na classe média baixa ou de 66,34% nas classes populares urbanas, significa uma proporção muito grande de pessoas comprando um item como esses num intervalo de apenas de seis ou sete anos.

O que significa que, no caso desse aparelho, geralmente vendido em lojas de eletrodomésticos, muitas delas situadas em shoppings centers, a elevação no consumo desse item por parte dessas classes produziu um volume de pessoas circulando em espaços que antes eram típicos dos *estilos de vida* das classes mais altas. Eram pessoas mais heterogêneas em termos de renda, de nível educacional, de cor e/ou raça, de gênero circulando em espaços como esses. Muitas das quais não costumavam circular, enquanto consumidores, em ambientes como esses em anos anteriores. Isso pode, portanto, ter provocado a micro dessegregação de espaços típicos das classes média alta e superiores e, logo, mudanças sociológicas não desprezíveis ao longo desse período.

4.5. Considerações finais

As análises dos dados demonstraram que a lógica socioeconômica regia majoritariamente as diferenças nos perfis de consumo entre os indivíduos nesse período. Essa influência se expressou tanto pela forte convergência entre as escalas das classes ocupacionais, os rendimentos domiciliares per capita e a distribuição dos itens de consumo, expressos pelo forte poder explicativo do eixo socioeconômico, como pelo formato de parábola ou o efeito Gutmann que as distribuições dos indivíduos apresentaram nesse momento. Além disso, a convergência entre as escalas das classes ocupacionais, dos rendimentos domiciliares per capita, dos níveis educacionais, das cores e/ou raças, dos gêneros (ainda que em menor grau) e a dos elementos do consumo expressou o “peso” que as diferenças socioeconômicas exerciam, nesse momento, sobre

a organização dos indivíduos no que diz respeito às suas múltiplas diferenças, mas, sobretudo, sobre suas desigualdades em termos de consumo.

Além disso, as análises demonstraram que o capital cultural e econômico não se mostraram independentes ao longo da década de 2000 no Brasil. Eles se apresentaram de forma sobreposta e, portanto, dependentes um do outro. Formavam, portanto, uma única escala de diferenciação social, na qual a progressão de um expressava a progressão do outro. O que corroborava o grau de concentração entre as múltiplas dimensões da vida social no país e o forte “peso” que as desigualdades socioeconômicas exerciam sobre elas.

Esses resultados indicaram que o Brasil, em 2002, era uma sociedade altamente hierarquizada, na qual aqueles que detinham o perfil mais elevado de consumo eram também aqueles que se encontravam nas classes mais elevadas, obtinham os maiores níveis educacionais, possuíam os maiores rendimentos domiciliares per capita e tendiam a não estar inseridos, em termos de gênero e cor e/ou raça, em categorias que sofriam forte estigmatização social. Eram também os que ocupavam os lugares mais elevados no espaço social e que compartilhavam, assim, um conjunto de práticas e *habitus* de classe comuns, típicos dos *estilos de vida* superiores. Nesse sentido, eram os indivíduos que possuíam maior nível de capital econômico e igualmente de capital cultural, simbólico e escolar.

Em relação às classes médias as ACMs demonstraram que havia, em 2002, uma semelhança maior entre, de um lado, os *estilos de vida* das classes média e média baixa e, de outro, entre o das classes média alta e classes superiores urbanas. Logo, revelaram que os diferentes segmentos das classes médias tendiam a possuir *estilos de vida* diferentes e, portanto, a formar, nesse momento, um conjunto heterogêneo. A classe média alta estava realmente mais próxima do topo social, em termos de *estilo de vida*.

A pesquisa demonstrou ainda que a lógica socioeconômica continuou a obter preponderância sobre a explicação dessas diferenças em 2008, mas que perdeu força explicativa ao longo da década de 2000. A diminuição no seu poder explicativo foi demonstrada não só pelos resultados das tabelas 1.1 e 1.2, como pela tendência de desconfiguração do formato de parábola das nuvens de indivíduos em 2008. Ela também se expressou pela menor convergência obtida entre as escalas das variáveis complementares e a das variáveis ativas nesse ano e pelos deslocamentos realizados por certas categorias dessas variáveis no interior das nuvens das modalidades.

Essa diminuição se expressou também nos espaços dos *estilos de vida* pela popularização de diversos itens de consumo e (que também foi demonstrado pela tabela

3) e que resultou em melhorias nos padrões de consumo das classes que não ocupavam o espaço mais elevado da hierarquia social. No caso dos *estilos de vida* das classes baixas urbanas, sobretudo, no que diz respeito ao quadrante 2, houve, por um lado, uma aproximação em relação a elementos como o acesso à internet individual e a espaços de divertimento como o jardim zoológico, que possibilitavam, nesse momento, uma melhoria no padrão de vida e o aumento do capital cultural e simbólico dos indivíduos inseridos nesse ambiente estatístico. Além disso, houve uma tendência de abrigar, nesse lócus, indivíduos que realizaram mobilidade ascendente, como demonstra a ascensão do “p25” na ACM3 ou a da “classe operária” na ACM5 e que provavelmente produziram o efeito relativo de “popularização” desses espaços em 2008.

No ambiente das classes intermediárias urbanas (quadrante 3), as duas amostras demonstraram, ainda que com intensidades diferentes, que houve melhorias nesses *estilos de vida*. Na ACM3, as melhorias estiveram relacionadas aos elementos “curso preparatório ou pré-vestibular”, “curso de idiomas ou de informática”, “aparelho de celular”, “internet individual”, “exposições e/ou feira de informática” e outras formas de entretenimento que se deslocaram para o interior do quadrante. Na ACM5, a tendência de melhora no padrão de vida se expressou pela presença, em 2008, de elementos como o “DVD”, o “aparelho de celular”, do “microcomputador” e do “ensino superior” que se moveram do quadrante das classes altas para esse espaço social. A popularização desses itens possibilitou a ampliação do capital cultural, simbólico e escolar dos indivíduos inseridos no espaço social intermediário, tornando assim mais factível o sonho da mobilidade ascendente e/ou da estabilidade de vida para esses indivíduos.

Além disso, ainda em relação ao quadrante 3, tanto a ACM3 como a ACM5 revelaram que alguns elementos presentes em 2002 nesse ambiente tenderam a se popularizar. A popularização esteve relacionada à saída, por exemplo, de elementos como “jardim zoológico” e “rodeio” que passaram a estar presentes num ambiente das classes baixas urbanas (quadrante 2) em 2008.

Já em relação ao espaço das classes altas (quadrante 4), houve um processo intenso, como as duas amostras sugerem, de popularização de diversos elementos que, em 2002, eram exclusivos desses *estilos de vida* - e que reiteram as melhorias até aqui observadas. Além disso, - e esse foi o achado mais significativo da pesquisa - houve o deslocamento, entre 2002 e 2008 do ponto-modalidade da classe média baixa. Esse deslocamento indicou que as pessoas situadas naquela classe apresentaram uma melhora no seu padrão de vida nesse período, se aproximando das pessoas da classe média alta e

das classes superiores em termos de *estilo de vida*. Cabe destacar, no entanto, que a elevação no padrão de vida das pessoas da classe média baixa foi relativamente maior do que as de classe média, uma vez que aquela se deslocou para o espaço mais elevado dos *estilos de vida*, enquanto a última permaneceu no ambiente das classes intermediárias, como atesta a ACM5.

A classe superior urbana, embora tenha permanecido no espaço social mais elevado, tendeu ter perdas relativas nesse período, seja porque seu *estilo de vida* sofreu forte popularização nesse período ou porque obteve decréscimo relativo em termos de renda domiciliar na comparação com as outras classes. Com a ampliação do acesso a diversos elementos de consumo que antes funcionavam como recursos econômicos, culturais, escolares e simbólicos, os indivíduos inseridos nesse espaço social tenderam a perder o monopólio de acesso sobre eles e, com isso, o elevado capital cultural, econômico, escolar e simbólico que obtinham com essa exclusividade de acesso.

A disseminação do acesso a esses recursos também tendeu a produzir o compartilhamento inesperado dos microespaços até então exclusivos das classes altas. Muitos dos espaços que, em função das barreiras econômicas e culturais que impunham, eram até então restritos ao acesso das pessoas das classes altas puderam, ser acessados por pessoas das camadas inferiores das classes médias, sobretudo, da classe média baixa. E o mesmo ocorreu com os espaços segregados das classes média e média baixa em relação às classes baixas. O que sugere que houve, nesse momento, uma tendência de diminuição da segregação em microespaços de circulação diárias dessas classes. Aeroportos, shoppings centers, hospitais e consultórios particulares, escolas e universidades, clubes particulares tenderam, nesse momento, a ter uma circulação de pessoas mais diversa em termos socioeconômicos e que, portanto, apresentavam níveis educacionais e cores e/ou raças diversificados.

As classes médias estiveram, portanto, no centro dessas transformações. As pessoas das classes médias altas só são consideradas como tal, porque detêm, em relação às classes média e média baixa, uma posição superior dentro do campo. As classes, no sentido bourdieusiano, são expressões multidimensionais que formam um campo de disputas de poder e estratégias entre os indivíduos. O consumo é uma forma de expressar essas diferenças de posição. Logo, a alteração de facetas que expressam as diferenças de posições de classe, nas quais o consumo é uma delas, provocaram alterações nas dinâmicas de disputas no campo, sobretudo, entre as classes médias. Com a democratização do acesso a esses elementos de consumo, as distâncias físicas e

estatísticas entre essas classes diminuíram, forjando lugares de indistinção entre elas. É provável, então, que a identificação por parte, principalmente, da classe média alta enquanto classe dominante tenha sido posta em dúvida e a perda de sua posição, sentida como algo iminente. Assim, a ascensão, em termos de consumo e *estilo de vida*, das pessoas das classes intermediárias, sobretudo, da classe média baixa pode ter sido sentida como uma ameaça à sua posição de destaque.

Como consequência disso, o sonho da estabilidade e/ou da mobilidade ascendente, sobretudo, da classe média alta pode ter se tornado mais distante nesse momento, e, ao contrário, o temor da mobilidade descendente mais intenso. O inverso pode ter se passado para as pessoas da classe média baixa que tenderam a fortalecer seu sonho de mobilidade ascendente e/ou de estabilidade de posições. Isso significa que as mudanças na distribuição do consumo podem ter provocado alterações nas lógicas de disputas de posições existentes no interior do campo das classes e das microdinâmicas sociais de distinção e de poder.

A análise dos dados permitiu, então, concluir que houve, na década de 2000, uma forte tendência de melhorias nos *estilos de vida* das classes intermediárias e das classes baixas. Essas melhorias - como a tabela 2 pode constatar - estiveram, em grande medida, relacionadas ao crescimento superior das rendas dos indivíduos situados nessas classes ao longo desse período.

Foi justamente esse crescimento tendencialmente invertido de renda ao longo da hierarquia social que fez com que o poder explicativo do fator socioeconômico sobre a organização dos indivíduos, em termos de consumo, tenha diminuído nesse período. Assim, a forte organização desigual que distinguia socialmente os indivíduos diminuiu em 2008. Não havia mais uma equivalência necessária entre as posições ocupadas no espaço social e os *estilos de vida* e que se expressavam, em 2002, pela forte correspondência entre as classes, os tipos de bens de consumo e o volume de capital econômico e cultural dos indivíduos. Houve, portanto, uma tendência de alteração, entre 2002 e 2008, dessa forte correspondência e da rígida ordem social desigual.

Essas melhorias acompanharam o movimento de diminuição das desigualdades de renda expressos pelos dados da Pnad, apontados pelos especialistas do Ipea ao longo desse período. O que permitiu concluir que, se não houve uma mobilidade de classe, no sentido que a tese da nova classe média sugeria, houve, no mínimo, uma melhoria nos *estilos de vida* e/ou de padrão de vida de pessoas que estavam inseridas em espaços sociais inferiores em 2002. Isso sugere que, ainda que seja preciso rever a tese da nova classe

média, ela teve uma grande relevância, na medida em que indicou que mudanças, em termos de consumo, estavam ocorrendo na sociedade brasileira naquele período. Mudanças essas que puderam ser observadas por meio dos dados da POF nesta pesquisa. Logo, é preciso ter cautela, no interior dos debates sobre a Nova Classe Média brasileira, com trabalhos que, ao utilizarem um padrão de vida muito elevado para delimitar a classe média, acabem deixando de capturar as mudanças e melhorias de consumo que estavam ocorrendo entre os seus segmentos mais baixos ao longo da década de 2000⁶⁰ ou que presumam que, se não houve mobilidade de classe, tal qual como sugere a tese da Nova Classe Média, não houve melhorias nos padrões de vida das classes mais baixas nesse momento e/ou alterações nas dinâmicas das classes.

Por outro lado, a ideia da nova classe média, ao expressar um otimismo em relação à melhora do padrão de vida das populações de classes mais baixas e, com isso, coroar o sucesso dos países emergentes, eclipsava o jogo interdependente de perdas e ganhos relativos pelos quais as classes inseridas naquele momento estavam passando e que era consequência indireta da “redistribuição, ainda que fraca, de recursos” que pela qual o país passava naquele período. Nesse sentido, é interessante perceber, com base nas considerações até aqui estipuladas, que enquanto a tese da nova classe média sugeria que a melhoria do padrão de vida da população brasileira era benéfica para todos, o que, em outros termos, significava um jogo de soma positiva, no qual todos saíam ganhando com as melhorias, o que se configurava, na realidade, era um jogo de soma zero, no qual à medida que uns ganhavam, outros perdiam. Pela lógica de distinção e de disputas da teoria de classes bourdieusiana, quanto mais as classes baixas e intermediárias aumentavam seus diversos tipos de capitais, mais as classes altas perdiam, em termos relativos, os seus capitais e, logo, seu poder de distinção e sua posição de destaque na sociedade.

Dessa forma, essas mudanças podem ter aberto brechas para a formação de um contexto de maior ansiedade, intolerância e medo, por parte das classes melhor situadas no espaço social. O que pode ter contribuído para o aumento das tensões, das raivas sociais e dos conflitos de classe nesse período. Assim, a efetiva melhoria pela qual a sociedade brasileira passava e que possibilitava um contexto de otimismo, ao mesmo tempo, escondia um ambiente de perdas relativas, propício à intensificação do medo, da ansiedade, da intolerância, sobretudo, por parte das classes melhor situadas no espaço

⁶⁰ Cf. Uchôa, (2014).

social e que poderia levar à intensificação dos conflitos sociais relativos às classes, como sugerem os episódios dos “roles” que abrem este capítulo.

5. IMPACTOS AFETIVOS DA "DES-ORDEM"

5.1. Introdução

Em meio à manifestação pró-impeachment do dia 16 de agosto de 2015, na Avenida Paulista, um homem grita:

- Não tem democracia! Tem que foder com essa porra aí!

O homem que filmava a manifestação retruca:

- Por que não tem democracia?

- Porque aqui, este país, tem que ser protegido pelos militares... Porque os bostas que estão aí não valem merda nenhuma! Registrou? – pergunta ironicamente o homem para o que filmava - Posta!

Em meio de gritos de “fora PT” da grande maioria, uma senhora vestida de vermelho caminha pela multidão. O homem que tinha falado que o país deveria ser protegido pelos militares, grita – mostrando uma carteira do exército – para a senhora de vermelho e depois para a câmera:

- Fora PT! Vocês têm que se foder!- e novamente em tom de ironia diz - Postou? Manda!

Logo uma aglomeração de pessoas começa a gritar em volta da senhora de vermelho como forma de intimidação:

- Fora PT!

– Comunista!

– Corrupta!

– Marginais!

O grupo vociferava com força, expressando raiva. Alguns se exaltavam. A senhora que até então se mantinha com o lenço vermelho na mão apontado para cima, como num gesto de resistência, se irrita com uma placa que encosta nela e bate com o lenço na pessoa que a encostou. A situação fica tensa. As pessoas continuam a gritar:

– Vai para Cuba!

– Vai para Venezuela!

A senhora de vermelho continua a caminhar tentando não se intimidar com os gritos. Em alguns momentos busca responder às provocações, mas sua voz é abafada diante da multidão. A senhora para e um jovem ao lado dela grita tentando defendê-la:

– Aqui é liberdade de expressão! Ela pode usar vermelho, ela pode usar a cor que ela quiser!

A senhora complementa:

– Lógico, é uma democracia ou não?

Apesar de uma breve pausa, a confusão e os gritos raivosos continuam em meio à manifestação⁶¹.

Embora o exemplo acima esteja focado nas manifestações pró-impeachment, a raiva e a indignação também se expressaram entre os manifestantes contra o impeachment. Não à toa, muitas agressões ocorreram entre esses manifestantes politicamente opostos. No dia 30 de agosto de 2015, por exemplo, manifestantes pró e contra o governo Dilma entraram em conflito na Avenida Paulista, próximo de onde estava localizado o boneco inflado do ex-presidente Lula, apelidado de "Pixuleco". As agressões verbais eram mútuas. Do lado dos manifestantes contra o impeachment era comum apelidar os manifestantes favoráveis de “coxinhas” e de golpistas. Nesse dia, os manifestantes chegaram a se agredir fisicamente. A polícia precisou intervir para separá-los⁶². Em momento posterior, mais precisamente no dia 17 de março de 2016, durante a nomeação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva como ministro da Casa Civil do governo Dilma Rousseff repórteres também presenciaram, em Brasília, agressões físicas entre manifestantes pró e contra Dilma. Um homem chega a chutar um cadeirante⁶³.

Bringel e Pleyers (2015), ao analisarem as manifestações que ocorreram no Brasil entre 2013 e 2015, observam que elas fizeram parte de uma nova geopolítica da indignação global e que as manifestações de 2013 produziram uma abertura societária no Brasil. Os autores argumentam que as manifestações de junho de 2013 foram compostas por indivíduos e grupos sociais diversos que tinham um amplo espectro ideológico. Havia, segundo eles, nessas manifestações, uma indignação difusa, uma ambivalência nos discursos, certa heterogeneidade de demandas e ausência de mediação e de atores tradicionais. Esses aspectos também apareciam em diversas manifestações ao redor do

⁶¹ O vídeo foi acessado em 16 de março de 2020 em: <https://www.youtube.com/watch?v=cfk7aRM3je0>

⁶² O vídeo foi acessado em 20 de março de 2020 pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=NkUUGcULVns>

⁶³ O vídeo foi acessado em 20 de março de 2020 pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=aEE-2x9ssUA>

mundo e, por isso, os autores sugerem que o Brasil está inserido numa geopolítica da indignação global. Por outro lado, os autores argumentam, em relação a Junho de 2013, que essas manifestações abriram espaço para que outros atores sociais, não tradicionalmente atuantes em manifestações, começassem a fazer as suas próprias manifestações, sem necessariamente manter os laços com as manifestações e os repertórios originais.

Singer (2013) também analisou as manifestações de Junho de 2013 e pontuou que existiam duas perspectivas acerca da composição social dos atores envolvidos nessas manifestações: uma que observa a predominância da classe média e outra que observa uma forte presença do precariado, ou seja, de trabalhadores não-qualificados e semiqualificados, com grande rotatividade no mercado de trabalho. No entanto, ele defendeu uma terceira hipótese sobre as manifestações de junho: para Singer, as manifestações foram simultaneamente as duas coisas, tanto a expressão de um inconformismo da classe média tradicional quanto de trabalhadores, em geral jovens, que conseguiram emprego com carteira assinada, mas que possuíam baixa remuneração, alta rotatividade e más condições de trabalho. As manifestações, segundo Singer, foram socialmente heterogêneas e multifacetadas no plano das propostas⁶⁴.

Em relação às manifestações que se produziram a partir de 2013, Bringel e Palayers defendem que elas levaram a um aumento do questionamento dos códigos, sujeitos e ações tradicionais vigentes no país até então. Os partidos políticos, e o PT em particular, foram muito duramente criticados nessas manifestações. Além disso, elas permitiram o aumento da conflitualidade no espaço público e da polarização ideológica no pós 2013. Segundo os autores, as agressões a manifestantes contrários em 2013 se acirraram com o cenário pré-eleitoral de 2014 e abriram um novo momento de acirramento das polarizações que absorveu os atores sociais ao longo de 2015.

Nesse cenário de polarização, se constituiu, de um lado, um campo de manifestações progressistas e de radicalização da democracia, orientado por valores como igualdade, justiça, pluralidade, diferenças e bem viver. Do outro lado, se estabeleceu um campo reacionário marcado pelo autoritarismo, traços fascistas, antidemocráticos e pela

⁶⁴É importante destacar que diversos autores ressaltam o caráter ambivalente e heterogêneo presente nessas manifestações. Ver, por exemplo, Domingues, M. Las movilizaciones de junio de 2013: ¿ Explosión fugaz o novísima historia de Brasil? *OSAL Observatorio Social de América Latina*, v. 14, n. 34, p. 62-72, 2013; Braga, R. As jornadas de junho no Brasil: crônica de um mês inesquecível. *OSAL Observatorio Social de América Latina*, v. 8, p. 51-61, 2013 e Antunes, R. As rebeliões de junho de 2013. *OSAL Observatório Social de América Latina*, v. 14, n. 34, p. 37-48, 2013.

defesa dos privilégios de classe, da propriedade privada e da liberdade individual. Este último tendeu também a aceitar a alta desigualdade social como algo inevitável e/ou fruto da meritocracia. Em alguns casos, indivíduos inseridos nesse campo pregavam o retorno à ditadura. Eles também contaram com o apoio das elites econômicas e midiáticas.

Os autores pontuam que o surgimento dessas manifestações esteve associado a desenvolvimentos estruturais do país e à centralidade atribuída às políticas sociais ao longo da década de 2000. Essas políticas afetaram as classes sociais de diferentes maneiras. Uma parcela da população saiu da pobreza e passou a ter acesso a serviços, espaços e direitos que antes eram exercidos apenas por uma classe média alta. Esta viu seus privilégios e seu *estilo de vida* ameaçados. A ascensão dos mais pobres significava, em grande medida, uma frustração para uma grande parcela da classe média alta. Os autores pontuam que as clivagens de classe, mas também de raça, gênero e origem são absolutamente centrais para a compreensão dessas manifestações.

Os acontecimentos que abrem este capítulo, em conjunto com as considerações teóricas dos autores até aqui expostas, servem para demonstrar os momentos de tensão política e social pelos quais a sociedade brasileira passou entre 2013 e 2016 e que foram expressos em muitas das manifestações pró e contra o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Essas tensões extravasaram o cenário das manifestações. Muitos foram os embates verbais, virtuais e até mesmo físicos entre pessoas que se dividiam entre favoráveis ou desfavoráveis ao impeachment da presidenta. Foi comum, nesse período, pessoas da mesma família ou amigos se distanciarem em função de discordâncias políticas. A raiva havia tomado conta e os diálogos pareciam impossíveis. O país se viu mergulhado num contexto de violência política.

As pessoas inseridas nas classes médias foram protagonistas nesse processo. Muitas defendiam a saída da presidente Dilma Rousseff. Dentre elas, algumas defendiam a intervenção militar como solução para essa situação. Outras estiveram engajadas nas manifestações contra o impeachment e a favor do PT. A tensão e a agressividade permearam as relações entre essas pessoas. Então, como compreender o desenvolvimento da amplitude desses sentimentos de raiva nas pessoas das classes médias? Quando a raiva se dissemina e o diálogo cessa ou parece não fazer mais sentido a democracia parece apresentar sinais de desgaste.

Essa é a pergunta que mobiliza este último capítulo. Ele, contudo, não tem a pretensão de esgotar a discussão acerca dos fatores que contribuíram para o surgimento dos sentimentos de raiva nas classes médias, mas, apenas destacar os fatores que

pareceram mais decisivos. Este capítulo busca assim elencar elementos teóricos, a fim de desenvolver uma hipótese explicativa e uma interpretação para a intensificação dos sentimentos de raiva nas classes médias ao longo da década de 2000.

5.2. O problema da desigualdade e a percepção de justiça

Cardoso (2010) tece considerações teóricas que ajudam a fundamentar, ainda que indiretamente, a hipótese explicativa da raiva social. Ele destaca a importância de elementos relativos à percepção dos atores acerca das desigualdades e da ordem social nos sentimentos de injustiça no Brasil. Há uma correlação positiva entre a percepção das desigualdades, o sentido de justiça e a legitimação da ordem social. Em determinadas sociedades desiguais, a percepção da desigualdade pode não provocar em seus membros o sentimento de que tais desigualdades são injustas e, dessa forma, não ser um elemento relevante para a legitimação da ordem. Já em outras sociedades também desiguais, a percepção da desigualdade pode levar ao sentimento de injustiça, levando, conseqüentemente, à deslegitimação da ordem social desigual. A diferença entre essas duas situações estaria relacionada ao *timing* em que os mais pobres ultrapassariam a fronteira da necessidade, à sua expectativa de se distanciar, no futuro, dessa fronteira e aos padrões de mobilidade social vigentes.

A fronteira da necessidade - que muda de acordo com as sociedades e o tempo - se definiria, então, a partir da percepção em torno da disponibilidade dos “bens de civilização”, isto é, daquilo que constitui o bem-estar material acessível pela renda, autorrealização pessoal, autonomia para escolher o próprio destino, fruição estética, lazer, direito ao ócio etc. Essa fronteira seria, então, definida pelo “mínimo civilizatório”, isto é, “*o mínimo socialmente definido como necessário à sobrevivência material dos membros dessa sociedade e que, em geral, constitui a fronteira da necessidade daquela sociedade* (CARDOSO, 2010, p. 29)”.

Assim, o lugar e a distância que pobres e ricos se situariam em relação às fronteiras da necessidade num determinado tempo-espaço, isto é, ao acesso que teriam em relação aos “bens de civilização” disponíveis, as expectativas que possuiriam para alcançar esses bens no futuro, as suas noções de justiça e percepções em torno das desigualdades estariam relacionadas à forma da distribuição dos recursos sociais em uma determinada

sociedade. A partir disso, não seria “*irrelevante perguntar-se, a cada momento histórico, em que patamar os pobres delimitam a fronteira da necessidade, por oposição aos ricos, ou ao que estes, em posição dominante consideram aceitável tendo em vista sua própria concepção da boa sociedade*” (CARDOSO, 2010, p. 33) e, nesse sentido, como estão distribuídos os recursos sociais em uma determinada sociedade e as possíveis consequências disso sobre a ordem social vigente.

A extrema desigualdade econômica torna a competição pelas “oportunidades de vida” ou os recursos mais premente, mais intensa, gerando maior pressão sobre os atores sociais, principalmente dentre aqueles que já possuem algum recurso ou têm a expectativa real de alcançar algum. Isso porque forja um contexto de escassez de recursos. Estes são poucos e “para poucos”. Assim, o acesso a um patamar social mais elevado exige alcançar esses recursos pouco acessíveis e/ou raros que proporcionam tal condição de vida distante das “fronteiras das necessidades”. Quanto mais se ascende na escala social, menos acessíveis e/ou mais raros tornam-se os recursos que condicionam o *estilo de vida* naquele patamar e/ou uma vida mais distante das “fronteiras da necessidade”. Os que detêm algum recurso tendem a sobrevalorizá-lo, uma vez que os atores sabem que eles são de difícil acesso e, ao mesmo tempo, fundamentais para a manutenção do seu patamar de vida mais elevado e mais distante das “fronteiras das necessidades”. Aqueles que não conseguem acessá-los estão sujeitos a se aproximarem das fronteiras das necessidades, realidade para a maioria da população. Eles vivem então, dentro de um contexto de extrema desigualdade, o “perigo” e o “medo” constante da queda, já que têm consciência da sua escassez e do perigo que representa a “fronteira da necessidade” nesse contexto. Assim, a competição tende a se tornar mais acirrada e os custos da perda de recursos maiores para aqueles que possuem algum. Nesse sentido, a alteração da distribuição de recursos pode, por um lado, implicar na melhoria das desigualdades socioeconômica entre os atores, mas, por outro, provocar mudanças na dinâmica de competição e de solidariedade entre eles pelos recursos sociais.

5.3. O sentimento de privação relativa no Brasil

A elaboração teórica de Wanderley Guilherme dos Santos em *Horizonte do desejo* (2006) propicia também de forma indireta ainda mais substrato para a hipótese explicativa

acerca da raiva social e para as sublevações sociais. Nesse livro, Santos busca compreender o aparente conformismo social brasileiro diante das imensas iniquidades sociais, sugerindo que a inércia social diante do mundo desigual pode estar relacionada às elaboradas estratégias de sobrevivência dos atores sociais em um contexto de constitucionalidade precária.

Segundo o autor, o ponto nodal, para a compreensão da inércia social dos atores, é o horizonte de expectativas e o sentimento de privação relativa. Este último se constituiria como ponto de conexão entre a objetividade do mundo e a subjetividade individual. O sentimento de privação relativa se refere “*ao sentimento hospedado no hiato que se interpõe entre a condição de vida, tal como percebida pelo indivíduo, e aquela que ele considera deveria ter, por mérito ou compensação social* (SANTOS, 2006, p. 145). Com base nesse raciocínio, quanto maior fosse o hiato entre as expectativas materiais e a realidade dos atores, maiores seriam as chances de seu inconformismo diante da realidade social e, conseqüentemente, maiores as probabilidades de convulsões sociais.

No entanto, Santos verifica que, no Brasil, o hiato entre as expectativas de vida e a realidade material dos indivíduos não é muito grande. Ao contrário, há uma tendência dos horizontes de expectativas dos indivíduos de se adequar às realidades nas quais vivem. Sua expectativa, ou seja, o lócus social que os indivíduos pretendem alcançar, não estaria muito distante da sua situação material real, isto é, da posição social na qual se encontrariam na realidade. Essa conformação das expectativas à realidade social vivida está relacionada ao fato de que, dentro de um contexto de fortes desequilíbrios sociais, como o do Brasil, a alteração do *status quo* exigiria um alto custo. O que, por um lado, eleva ainda mais o custo da organização das ações coletivas e, por outro, aumenta o custo de eventuais fracassos. Estes fatores, portanto, contribuem decisivamente para a tendência inercial característica da sociedade brasileira diante da desigualdade extrema do Brasil.

Além disso, a combinação de um conjunto de eventos cruciais presentes no processo de formação da sociedade do trabalho no Brasil gerou uma sociedade muito fluida, mas, ao mesmo tempo, com profunda inércia, no que diz respeito aos elementos estruturantes primordiais, responsáveis pela reprodução da pobreza e das desigualdades (CARDOSO, 2010). No processo de formação da sociedade do trabalho, o padrão de incorporação dos trabalhadores na ordem capitalista brasileira ao longo do século XX e sua conseqüente herança sobre a sociabilidade capitalista posterior; a estrutural fragilidade do Estado brasileiro; a persistente violência estatal contra o trabalho

organizado; a diminuta participação do operariado industrial na estrutura social; a fragmentação das formas desorganizadas de obtenção dos meios de vida – expressas pelos trabalhos “informais” formaram um conjunto de elementos primordiais que contribuíram para a construção da sociedade persistentemente desigual e tendencialmente inercial brasileira.

A percepção da desigualdade é também um elemento decisivo do processo de legitimação da ordem social injusta e desigual no Brasil. Um dos fatores fundamentais para compreender essa legitimação - e que tangencia a questão das percepções em torno delas - é a promessa da cidadania regulada. As promessas amesquinhas do Estado brasileiro de inclusão dos mais pobres na ordem desigual - por meio da concessão da carteira de trabalho, do salário mínimo etc. - se constituiu como uma verdadeira utopia brasileira e teve forte impacto sobre a percepção dos cidadãos em torno das desigualdades. Ela estruturou as aspirações dos excluídos que, ao contrário de quererem transformar/suprimir a ordem desigual, desejavam se incluir nela. Isso fazia com que a ordem social, ainda que compreendida como desigual e injusta, fosse considerada aberta à mobilidade social pelos indivíduos. Por meio da comparação com aqueles que realmente conseguiam obter seu “status de cidadão”, os que não conseguiam, ficavam na expectativa de consegui-lo. Existia sempre a possibilidade de ascender socialmente, de se incluir na ordem desigual. E isso permitia a legitimação das posições sociais dos incluídos e dos excluídos, o que, portanto, possibilitava a legitimação da ordem social desigual.

Em função do baixo padrão de expectativas dos trabalhadores mais pobres brasileiros, seu sentimento de “privação relativa” não está relacionado à comparação com os mais ricos, mas sim, à comparação com eles próprios. Isso não se daria porque os mais pobres não “enxergariam” o mundo dos mais ricos como tal, mas, porque eles o compreenderiam como um ambiente inacessível, já que as distâncias entre ambos seriam enormes. Com isso, a aspiração dos mais pobres não seria a de se tornar rico - pelo menos em grande medida -, mas, a de se afastar minimamente da sua condição socioeconômica insegura. Nesse sentido, os mais pobres teriam um horizonte de expectativas muito baixo, um pequeno sentimento de “privação relativa” e, logo, apresentariam uma tendência maior à inércia social. Cabe ressaltar também, como demonstra Cardoso, que, comparativamente aos mais ricos, os mais pobres, inusitadamente, tendem mais a aceitar como justo um enorme hiato de renda e a conceder maior legitimidade à ordem desigual.

Os mais ricos, por outro lado, tendem a perceber com mais intensidade a desigualdade e a encarar a sociedade como mais injusta, sobretudo, no que diz respeito à

injustiça de sua própria posição. Por conseguinte, o sentimento de injustiça, relacionado à posição que ocupam, tende a ser mais insustentável, ou seja, menos tolerado pelos mais ricos. E isso estaria relacionado ao fato de que o sentimento de “privação relativa” teria maior força entre os mais ricos. Dessa forma, o sentimento de “privação relativa” seria muito mais importante para compreender as percepções e atitudes dessas pessoas.

Embora o trabalho de Santos (2006) e de Cardoso (2010) estejam voltados para a compreensão das razões da manutenção da ordem social desigual no Brasil, os autores abrem brechas para uma reflexão em torno dos momentos de frêmito social. De acordo com as ideias tocquevilleanas, Santos e Cardoso sugerem que o ritmo mais intenso de mudanças sociais poderia alargar o horizonte do desejo e que um contexto no qual a distribuição da riqueza é mais equitativamente distribuída levaria a um movimento no horizonte dos desejos:

Se, introduzida a acumulação total permanente por conta da divisão social do trabalho, os acréscimos de ganho se concentrarem no topo da pirâmide, enquanto a base permanece estagnada, não é de se esperar nenhum frêmito social e o horizonte de tempo da base permanecerá o mesmo, isto é, imediatista, contente com modesta pauta de consumo. Se, entretanto, os acréscimos de riqueza forem mais equitativamente distribuídos, aí, sim, paradoxalmente, haverá movimento no horizonte temporal dos desejos. (...) Quanto maior o ganho, após um período de estagnação, maiores as expectativas e, portanto, maior a taxa de privação relativa. Não se trata aqui, repita-se, de inveja, ambição por algo inalcançável, mas de cálculo sobre o que é possível obter, no *curto prazo futuro*, considerando o que já se obteve no *curto prazo passado*. Claro, ou se reduz o hiato da privação relativa à razoável magnitude de uma pauta de gratificação diferida ou o risco de convulsões sociais não seria, em tese, desprezível (SANTOS, 2006, p. 152-153)

Para que a privação relativa ganhasse dinamismo, alimentando as expectativas de melhoria de vida e o alargamento do “horizonte do desejo”, seria preciso um ritmo mais intenso de mudança social. Isto é, os mais pobres almejavam mais se percebessem que o processo de mudança social está levando parte deles a melhorar de vida (CARDOSO, 2010, p. 410).

As hipóteses de Santos e de Cardoso acerca do alargamento do “horizonte do desejo” e, logo, dos sentimentos de privação relativa para o caso brasileiro estão intimamente relacionadas com o ritmo mais intenso de distribuição de riquezas e de mudanças na sociedade. O que sugere indiretamente que o crescimento desses sentimentos pode se relacionar, em primeiro lugar, com um contexto no qual se estabeleçam os efeitos de políticas sociais distributivas e, em segundo lugar, com o papel do Estado na promoção dessas políticas. Nesse sentido, o Estado e a incidência de políticas sociais que geram um efeito distributivo das riquezas aparecem como elementos significativos para a compreensão do fortalecimento desses sentimentos coletivos.

5.4. Subjetividades coletivas e a raiva social

As elaborações teóricas de Domingues (1996b) também contribuem com elementos para o desenvolvimento da hipótese explicativa acerca da raiva coletiva expressa nas manifestações. O autor, procurando encontrar soluções para problemas teóricos dentro da Sociologia, tal como a ideia de sujeito auto-suficiente e bem delimitado, típico do iluminismo e da ideia de reificação atribuída às estruturas sociais, sugere que os sistemas sociais devem ser compreendidos como *subjetividades coletivas*.

Ele denomina a capacidade dos indivíduos de atuar no mundo e de levar a frente seus desejos e projetos como *causalidade ativa*. Ele a define como “*a faculdade de causar permanência ou mudança na vida social*” (DOMINGUES, 1996b, p. 6) Além disso, denomina a força da influência mais ou menos determinística das estruturas e instituições sociais sob o comportamento individual como *causalidade condicionante*. Domingues sugere que essa última corresponde à causalidade “formal” geralmente percebida como as condições sociais de reprodução dos sistemas sociais. Além disso, indica que a *causalidade ativa* é o equivalente da *causalidade teleológica* que presume um sentido intencional-reflexivo por parte dos atores sociais e dos fenômenos que ocorrem na História.

Ele pontua que, diferentemente da causalidade ativa e da causalidade condicionante, a *subjetividade coletiva* se constitui como uma *causalidade coletiva*. Os sistemas sociais não são o resultado de um conjunto de indivíduos e, logo, de um conjunto de *causalidades ativas*, nem podem ser entendidos como uma “coisa” ou uma *causalidade condicionante*, mas devem ser compreendidos como o efeito do conjunto de relações sociais que constituem os sistemas de interação social. É somente nas relações sociais que os sistemas sociais, ou seja, as *subjetividades coletivas* se forjam. E, por isso, constituem uma *causalidade coletiva*. Dessa premissa, desdobram-se então algumas características da *subjetividade coletiva*, tal como a propriedade relacional e o fato de que ela está sujeita às contingências da vida social.

Os indivíduos tecem coletividades, mais ou menos centradas, as quais, com sua causalidade específica, (...) tecem a teia que resulta na causalidade coletiva mais geral de um dado sistema social, o qual, por sua vez, é uma particularidade, com sua causalidade coletiva (...) (DOMINGUES, 1996B, P. 19).

Outro aspecto da *subjetividade coletiva* é o de que ela está sujeita a diferentes graus de centramento. Assim como o sujeito freudiano que não é totalmente transparente para ele mesmo e é, em parte, fruto das relações sociais nas quais está inserido, os sistemas sociais ou as *subjetividades coletivas* podem não ser transparentes para os seus membros e devem ser compreendidas a partir de sua estruturação interna e articuladas às diversificadas relações sociais às quais se acham imersos os seus agentes.

Aliás, as subjetividades coletivas não dependem do seu caráter consciente, podendo ser o seu impacto não intencional e até não reconhecido pelos agentes daquele sistema. É frequente que suas propriedades permaneçam desconhecidas ou parcialmente reconhecidas pelos seus membros, os quais permanecem numa relação com alguma coletividade. É possível, como sugere o autor, que os membros dessa coletividade estejam conscientes dela somente de forma prática. Nesse sentido, eles não conseguiriam expressar de forma discursiva a causalidade atribuída por esses sistemas sociais. Então, a subjetividade coletiva pode ou não ser totalmente clara para seus membros. Da mesma forma ela pode ou não ser bem delimitada. É por isso, que pode apresentar diferentes graus de centramento.

Esses diferentes graus de delimitação são influenciados por diferentes fatores, tais como, a existência de símbolos, normas e regras, direção de centros decisórios bem estabelecidos, relações de poder e força, interesses, disposições e emoções. Elementos como conflitos, fontes múltiplas de dispersão podem também contribuir para o nível de centramento do sistema. Esses fatores podem ser resumidos num esquema com duas variáveis: a organização e a identidade da coletividade. Quanto maiores os valores da identidade e da organização, maior tende ser o centramento da coletividade.

Um aspecto relevante para a construção da identidade da coletividade são as interações. Segundo Domingues, os vocativos “nós”, “vocês” e “eles” são as referências dos processos interativos e permitem visualizar as relações entre grupos com identidades mais ou menos definidas. Esses vocativos podem expressar interações entre coletividades de tipos distintos, como relações conflitivas, de solidariedade, de proximidade, indiferença etc. Da mesma forma que as interações, o autor ressalta que as emoções também têm um papel fundamental na solidariedade dos grupos.

Deve-se, em particular, atentar para o fato de que coletividades demonstram, de maneira mais ou menos homogênea ou mais ou menos heterogênea, *inclinações interativas*, que as levam a se relacionar de formas variadas, mais ou menos (des)centradamente, com outras coletividades. Definição de objetivos em face de outras coletividades e a forma como as relações se dão – sejam elas de colaboração, antagonismo, indiferença, ou o que seja - expressam

e contribuem, no curso mesmo da ação dos indivíduos e do *movimento* das coletividades, para forjar essas inclinações interativas (como autores como Piaget e os pragmatistas observaram para a ação individual, na medida em que o pensamento não precede a ação). Crucial para essas inclinações interativas é a dimensão hermenêutica, simbólica, em que as perspectivas da coletividade se delinham e os interesses e disposições dos indivíduos e da coletividade - que se forjam por influência da situação hermenêutica e material da coletividade, com peso variável para cada um daqueles aspectos de acordo com o caso concreto - se expressam e se constituem, também em interação com outras coletividades (DOMINGUES, 1996b, p. 23-24).

Quéré (2020) concede outros elementos para a construção da hipótese explicativa sobre a raiva social. Segundo a sua perspectiva a emoção, dentre elas a raiva, surgiria da diferença entre duas dinâmicas. A primeira delas é a que se faz presente nas atividades, orientações e preocupações habituais baseadas em nossas expectativas e experiências passadas. A segunda é a dinâmica das situações e eventos inesperados, dos momentos que surpreendem nossos hábitos e expectativas. Então, para Livet, é, justamente, na diferença entre a segunda e a primeira que surgiria a raiva, pois ela, assim como as demais emoções, aparecem apenas em situações inesperadas, que nos surpreendem, enfim, que escapam à cotidianidade.

(...) se uma atividade segue seu curso normal ou se a situação corresponde a nossas expectativas e orientações implícitas, não nos emocionamos porque nada contraria; ao contrário, se a atividade desvia de seu curso normal (...) ou se o que aparece na situação contradiz nossas crenças, expectativas e preferências 'em um sentido que importa para nossas atividades e disposições atuais', experimentamos alguma emoção (QUÉRÉ, 2020, p. 37).

O final dessa citação permite observar uma segunda contribuição da abordagem proposta por Quéré. Segundo ele, as emoções devem ser consideradas como índices da força dos nossos sentimentos (preferências, desejos, crenças, valores, entre outros) em relação às coisas, pessoas e ações. Desse modo, não se tem raiva ou qualquer outra emoção em relação àquilo que se é indiferente, uma vez que esses sentimentos estariam diretamente relacionados à importância que atribuímos às coisas. E é claro que essa importância atribuída é determinada por valores socialmente compartilhados.

Então, as situações inesperadas e/ou relativas a coisas às quais atribuímos importância que nos provocam emoções podem levar a revisões de “*crenças, expectativas, orientações, preferências e planos de ação*” (QUÉRÉ, 2020, p. 36). Esse processo pode acontecer de duas maneiras: ou a própria situação causa raiva que, por sua vez, permite uma revisão dos valores; ou a situação levaria a uma revisão que seria a própria causa da raiva. Assim, diante de situações que provocam revisões é possível agir de duas formas: (1) aceitar a mudança e rever as nossas atitudes e orientações ou até mesmo a realidade para fazê-la concordar com o que desejamos ou (2) tentar mudar a

realidade para que ela se adeque aos nossos valores. Nas palavras de Quéré: “*a emoção nos leva a ajustar nossas crenças, preferências e valores face à realidade, assim como – no sentido contrário – a emoção nos faz tentar ajustar o mundo aos nossos valores (...)*” (QUÉRÉ, 2020, p. 39).

A intensidade da raiva pode expressar o quão o mundo está contrário aos nossos valores e o quanto eles estão enraizados em nós. Então, esse sentimento pode nos levar a uma revisão dos nossos valores ou, por outro lado, nos levar à tentativa de ajuste do mundo em relação a eles.

É assim para emoções como a raiva, a revolta, a indignação e até o desgosto. Elas nos levam a revisar nossa ação, dando mais energia, mas sem revisar nossos objetivos finais nem nossas preferências. Ao mesmo tempo, elas nos revelam, por um lado, até que ponto prezamos por nossos objetivos e quanto as preferências estão enraizadas em nós. Por outro lado, elas mostram até que ponto a pressão do mundo é contrária à satisfação dos desejos ordenados segundo tais preferências (QUÉRÉ, 2020, p. 39).

Além disso, Quéré sugere que as emoções como a raiva são coletivas não apenas quando as pessoas as vivem juntas, mas quando elas aparecem em situações que requerem atividades coordenadas. É preciso, portanto, algo além de uma emoção compartilhada para se caracterizar uma raiva como coletiva. Isso ocorre quando há o “*compartilhamento de orientações, preferências e valores pelos participantes de atividades coletivas que são anônimos uns aos outros*” (QUÉRÉ, 2020, p. 46). Por isso, não basta uma identificação ou uma consciência de estar em grupo, é preciso que haja um “*objeto coletivo, um bem público, um valor fundamental*” que seja compartilhado (QUÉRÉ, 2020, p. 46).

Assim, as emoções coletivas como raiva, revolta e indignação podem ter consequências, como, por exemplo, a ojeriza dirigida a outros grupos e/ou elementos e mesmo ações de violência. Isso porque, muitas vezes quando um grupo se recusa a revisar suas preferências, crenças e valores diante de uma mudança na realidade, é possível que ele acabe por desenvolver alvos de ataques bem definidos que seriam identificados como a origem dos seus problemas. Assim, o grupo compartilha emoções coletivas negativas em relação a esse alvo, criando estereótipos negativos imaginários que são usados como elementos de fixação das emoções como a raiva e são justamente esses que habitualmente são partilhados pelos grupos.

Esta seção permitiu, então, para o exercício da hipótese explicativa acerca da raiva social estabelecer as seguintes considerações. Se, por um lado, as classes podem ser compreendidas como subjetividades coletivas, a redistribuição rápida na riqueza pode aumentar os sentimentos de privação relativa, ou seja, o hiato entre aquilo que se deseja

ter e o que se tem, fortalecendo, dessa maneira, os sentimentos comuns entre os indivíduos que compartilham dessa subjetividade e, logo, aumentando o grau de seu centramento. Por outro lado, quando, num curto espaço de tempo, os acréscimos de riqueza são mais equitativamente distribuídos, situações e eventos inesperados se impõem na realidade social de tal maneira, que estabelecem diferenças entre a dinâmica que se esperava encontrar, informada pelas expectativas e experiências do passado e o que se encontra na realidade modificada do presente e, logo, surpreendente para hábitos e anseios cotidianos. Essas transformações no âmbito da riqueza são capazes de gerar, portanto, emoções, como raiva, nos indivíduos.

Essas alterações inusitadas da realidade podem levar a revisões forçadas de seus valores. Diante disso, alguns indivíduos podem agir de forma a tentar mudar a realidade do presente que foi modificada a fim de que possam adequá-lo aos seus valores tradicionais. Como as emoções são índices de força dos sentimentos em relação às coisas, quanto maior elas são diante de situações inesperadas, maior é a força desses sentimentos, isto é, das preferências, desejos, valores dos indivíduos. Nesse sentido, a raiva de alguns indivíduos que se expressa diante de tais mudanças, pode funcionar, então, como um índice do enraizamento de suas preferências, desejos, crenças e valores e, ao mesmo tempo, como a expressão de sua tentativa de ajuste do mundo em relação a elas. Assim, a ojeriza e as ações de violência que podem direcionar a grupos politicamente opostos podem aparecer como forma de fixação de suas emoções como a raiva e, portanto, como consequência desse processo subjetivo provocado pelas alterações na distribuição das riquezas.

5.5. O Estado, as políticas redistributivas e as classes sociais

O Estado e as políticas redistributivas aparecem, para diversos autores das ciências sociais, como elementos decisivos na deflagração de conflitos sociais e, de forma, indireta, no surgimento de sentimentos de indignação e raiva social. No livro *Ensaio sobre a pobreza* (2003), Tocqueville desenvolve a ideia de que a divisão material desigual entre os homens deixa de ser, ao longo do tempo, uma questão de caridade e se torna um problema social de Estado. Se antes a pobreza era “solucionada” pela caridade individual, com o tempo, ela passa a ser “remediada” por meio de políticas públicas do Estado. Mas,

segundo Tocqueville, quando o Estado passa a exercer essa função redistributiva, a “caridade”, tratada anteriormente de forma individual, perde o seu caráter moral. A partir daí, os mais ricos sentem-se despossuídos pelo Estado, sem sua consulta, em prol dos mais pobres. E os mais pobres, de sua parte, passam a não mais sentir gratidão pelo que lhes foi dado por meio do Estado. Em sua visão, isso gera uma situação crescente de medo e de raiva entre ricos e pobres, na qual se potencializam os conflitos e a disposição para lutar. Em resumo, quando o Estado passa a exercer uma função de tutela sobre os mais despossuídos, se potencializam os conflitos, no âmbito da sociedade, entre ricos e pobres.

Jackson e Grusky (2002) também traçam algumas ideias relativas a grupos sociais conflitivos e o papel do Estado nesses conflitos. Eles estabelecem algumas críticas em relação à teoria liberal da estratificação social. Para eles, essa teoria se limita a observar as lógicas de perda e de ganho na sociedade com base apenas no ponto de vista individual. Eles argumentam que a lógica de perdas e ganhos na sociedade é vivenciada de forma coletiva porque gera solidariedade entre os grupos. Além disso, é o resultado de uma disputa de soma zero entre os grupos.

O principal argumento da teoria liberal é o de que as credenciais educacionais, as posições ocupacionais e a renda seriam alocadas com base, sobretudo, no mérito e nas conquistas pessoais do que em traços de origem atribuídos, como no caso da classe, raça ou gênero. Ao mesmo tempo, para os teóricos liberais, a difusão crescente da tecnologia levaria a uma demanda cada vez maior por trabalhadores qualificados e, como resultado, um retorno maior para aqueles com nível de escolarização mais elevado. Essa teoria normalmente também defende a ideia de que as reivindicações de raça, classe e etnia estão se tornando menos importantes e significativas para as identidades sociais.

No entanto, segundo os autores, a lógica individualista presumida pela teoria liberal não é capaz de explicar algumas lógicas de perdas coletivas que se estabelecem nas sociedades atuais. Ela não é capaz de compreender certas formas de privação relativa que se configuram no âmbito das desigualdades socioeconômicas. A lógica da crescente automação da realidade, por exemplo, tem como efeito a destruição de empregos e logo de uma lógica de perdas que atingem grupos inteiros no capitalismo tardio. Nesse sentido, essas teorias não são capazes de observar não só essas perdas coletivas, como as pessoas podem reagir e ou resistir diante delas.

Ainda que as perdas possam ser compreendidas em termos individuais, os indivíduos ao conviverem uns com os outros podem tomar consciência de que suas perdas não são apenas individuais e que nem sempre esses atores aceitam seu destino ou seguem

suas vidas ainda que com perdas sem lutar ou aceitando o destino da sua história de forma resiliente. Com isso, essas teorias não conseguem capturar as ações e reações coletivas que se desenvolvem a partir de um sentido de privação relativa que determinados grupos possam sentir em certas conjunturas econômicas e/ou políticas.

Eles sugerem ainda que as perdas coletivas podem ser sustentadas por projetos políticos populistas ou igualitários. Quando isso ocorre essas lógicas tendem a ser politizadas. Os projetos igualitaristas, segundo os autores, buscam solucionar as perdas de grupos desfavorecidos com base em políticas sociais. Os projetos populistas surgem então como uma reação diante de tais projetos, alegando que o benefício e a proteção de populações desfavorecidas são injustos. Isso se transforma numa disputa. As consequências dela são extremamente relevantes na medida em que se transformam numa disputa de soma zero na qual a perda de uns significa o ganho de outros e vice versa. Dessa forma, os grupos posicionados e ou defendidos por esses projetos políticos podem se ver num contexto histórico de fortes conflitos políticos e sociais no capitalismo tardio.

Wietzky e Sumner (2014) também tecem considerações acerca das correlações entre a distribuição de riquezas por meio de políticas estatais e o surgimento de conflitos entre classes sociais. Atentos ao recente fenômeno das “novas classes médias” dos países emergentes, os autores indicam que as classes médias afluentes são grupos que potencialmente podem entrar em conflito com as classes populares emergentes e, dessa forma, nem sempre atuar como grupos “amortecedores” das tensões sociais.

Para os autores, as classes populares emergentes que mais se beneficiaram do crescimento recente no interior das economias emergentes estão ainda relativamente perto das linhas internacionais de pobreza de US \$ 2 por dia e possuem, portanto, alta probabilidade de retornar à pobreza. Isso possibilita, nesses países, uma pressão constante por mais reforma no âmbito do Estado, uma vez que as populações de baixa renda que se encontram em ascensão têm fortes incentivos para demandar mais políticas de proteção social.

Contudo, as políticas redistributivas parecem produzir efeitos opostos entre as classes médias mais afluentes desses países. Os autores argumentam que as classes médias mais ricas, em função do rápido crescimento e da presença de grandes grupos de baixa renda que se elevam em termos econômicos, criam sentimentos de privação relativa. Segundo os autores, o estado subjetivo dessas classes se associa fortemente aos atributos materiais tipicamente ligados ao seu status social. Como consequência disso, Wietzky e Sumner sugerem que pode haver o aprofundamento das divisões entre as

classes médias e grupos vulneráveis de baixa renda, potencializando maior risco de conflitos sociais e políticos. A partir disso, os autores desenvolvem a previsão de que as economias emergentes em rápido crescimento devem seguir trajetórias de desenvolvimento não-lineares.

Singer no seu livro *Os sentidos do lulismo* (2012) estabelece uma análise acerca das relações do Estado e as classes sociais no Brasil contemporâneo. O foco do seu trabalho recai sobre os governos do PT, sobretudo de Luis Inácio Lula da Silva. Ele defende a tese de que o lulismo provocou um realinhamento eleitoral e um duplo deslocamento de classe, estabelecendo uma separação política entre ricos e pobres no país.

Segundo Singer, o lulismo estabeleceria o alinhamento de Lula com a fração de classe do subproletariado, por meio, sobretudo, de um programa de políticas públicas de combate à pobreza. Esse alinhamento de Lula com as classes subproletárias teria, por sua vez, levado a outro realinhamento: o afastamento da classe média de Lula e do PT em direção ao PSDB. Segundo Singer, a eleição de 2006 teria sido o momento crucial no qual esses realinhamentos apareceram de forma mais expressiva. É, nesse momento, que as frações de classe do subproletariado situadas em grande parte no Norte e Nordeste e que tradicionalmente estiveram atreladas às forças conservadoras passaram a votar em Lula e no PT. Ao mesmo tempo, a classe média, tradicionalmente associada ao PT, após o surgimento do “mensalão” e em função dos programas sociais voltados para os mais pobres, tende a se afastar e a se concentrar, sobretudo, no PSDB, invertendo, dessa maneira, o antigo alinhamento eleitoral.

Assim, segundo o autor, ao contrário dos intelectuais que indicavam que o PT teria despolarizado e despolitizado o país, o partido teria repolitizado e repolarizado o cenário político. Na realidade, o PT, por meio de um realinhamento ideológico, teria diluído os conflitos entre direita e esquerda e repolarizado o cenário político a partir do conflito entre ricos e pobres. Não à toa, haveria forte repercussão do PT em lugares que abrigavam a maior parte da população mais pobre do país, os chamados “grotões”, enquanto o PSDB teria se fortalecido nas regiões mais ricas, como Sul e Sudeste. Esse realinhamento teria provocado, então, um cenário de tensão social no país.

Isso teria ocorrido porque, além da ideologia do conflito entre ricos e pobres mobilizada pelo PT, as políticas sociais promovidas pelo partido ao longo da década de 2000 teriam tocado em contradições estruturais. O autor indica que a população brasileira historicamente possui uma massa de miseráveis ou subproletários. E justamente essa

miserabilidade de grande parte da população impedia o seu desenvolvimento econômico e social autônomo. Ao mesmo tempo, essa grande massa populacional, por ser a maioria da população, influenciava decisivamente na luta de classes. Nela residia o ponto central da especificidade setentrional. E, por isso, o processo político brasileiro não poderia ser estruturado sem levá-lo em consideração. Nesse sentido, o lulismo teria promovido políticas públicas que favoreceram essa massa populacional, alterando questões fundamentais. Ou, como Singer explica, “o lulismo mexe com a nossa “questão setentrional”: o estranho arranjo político em que os excluídos sustentavam a exclusão”(SINGER, 2012, p. 21).

É importante pontuar, contudo, que o lulismo, segundo o autor, estabeleceu uma política reformista fraca, ou seja, promoveu mudanças lentas e graduais no país e não rápidas e profundas, como se poderia esperar num reformismo forte. Ele buscou estabelecer políticas de redução da pobreza e da miséria, mas que não confrontassem com a ordem. E esse teria sido o motivo do sucesso do realinhamento eleitoral entre o subproletariado e Lula e o PT. Essa fração de classe ansiava justamente por esse tipo de política. Em função disso, Singer argumenta que o PT se tornou “mais Brasil” nesse momento, ou seja, realizou um deslocamento ideológico e de classe, deixando de ser “menos dos trabalhadores” e passando a ser, com o alinhamento ao subproletariado, “mais dos pobres”.

Embora as políticas do PT ao longo da década de 2000 se caracterizem por um reformismo fraco, elas tiveram a capacidade de tocar, em algum grau, questões estruturais e históricas do país. Não é à toa que o índice de Gini que mede a desigualdade de renda tenha diminuído, de acordo com Singer, de 0,5886 em 2002 para 0,5304 em 2010. O cientista político defende que, embora a diminuição na desigualdade de renda possa parecer pequena, é preciso levar em consideração que se partiu de um patamar de desigualdade muito elevado em 2002 e que o Brasil vinha de longos anos de estabilidade em relação à desigualdade elevada. E quando comparado a outros países como a Inglaterra que passaram por diminuições na desigualdade de renda, a velocidade de sua diminuição não foi tão lenta, como pode parecer.

As políticas de redução da pobreza fizeram com que se aumentasse o consumo dos mais pobres, incrementando o mercado consumidor interno. No entanto, como aponta Singer, essa inclusão dos mais pobres, por meio do consumo teria levado à classe média a se afastar do PT. Teria havido então um realinhamento eleitoral, não mais pautado entre

esquerda e direita, mas entre ricos e pobres. O que, por sua vez, teria gerado enorme tensão social no país.

Figueiredo et al., no livro *25 anos de eleições presidenciais* (2018), estabelecem críticas em relação à tese do realinhamento eleitoral na década de 2000. Com base na análise de dados eleitorais, os autores observam que já em 2002 o eleitorado pobre no Brasil, aproximadamente 64% dele, já se dispunha a votar no PT. Eles observam que a situação, de fato, se altera em 2006, no entanto, não está no aumento dos votos dos eleitores pobres, mas dos não pobres. Enquanto o eleitorado pobre aumenta em 1%, os não pobres caem 11% de uma eleição para a outra. Então, para eles, o que ocorreu nesse período foi a redução do apoio dos estratos não pobres em relação ao PT.

Cardoso (2020) também tece críticas à tese de Singer, no que diz respeito ao afastamento das classes médias em relação ao PT e ao realinhamento eleitoral entre ricos e pobres no país ao longo da década de 2000. Ao analisar as intenções de voto entre 1989 e 2014, Cardoso observa que das eleições de 1989 até as eleições de 2002 a porcentagem das pessoas com mais de dez salários mínimos que tinha a intenção de votar em Lula diminuiu de 52% para 42% aproximadamente, ou seja, diminuiu 10 pontos percentuais de uma eleição para a outra. E das eleições de 2002 para as eleições de 2006, saiu de 42% para 30%. Já nas eleições de 2010, 30% dessa parcela da população tinha a intenção de votar em Dilma Rousseff e em 2014 25%, ou seja, diminuindo em 5% a intenção de votos nessa parcela da população. A partir desses dados, ele sugere que, ao contrário da ideia do afastamento das classes médias em relação ao PT e do realinhamento eleitoral ocorrido em 2006, o realinhamento da “classe média” já teria se expressado em 2002 e se aprofundado em 2006. No entanto, não seria possível afirmar um total afastamento das classes médias em relação ao PT, uma vez que cerca de 30% permaneceu com o partido e Lula em 2006 e 2010.

Ele sugere, portanto, que a tese do realinhamento eleitoral e do afastamento da classe média deve ser matizada. E mais do que isso, ele defende que as classes médias se dividiram em relação ao apoio ao PT, dividindo-se entre aqueles que permaneceram atrelados ao partido, outros que se opuseram, tanto pela direita, como pela esquerda, e uma maioria que já em 2002 não apoiava o PT e nem Lula. Nesse sentido, o processo de radicalização política ocorrido entre 2013 e 2016 deve ser compreendido sob essas divisões internas das classes médias.

5.6. Classes médias e democracia

No livro *A Política* (2006), Aristóteles atribui uma qualidade moral particular à classe média: por ser definida como a mediana, a classe média seria o esteio do justo, do equilíbrio e da vida ideal. Na sua perspectiva, os ricos, possuindo arrogância doméstica não saberiam obedecer, enquanto os pobres, enfraquecidos pela miséria não saberiam comandar. O resto da sociedade, situada entre esses dois extremos, definida como classe média, seria aquela que se encontraria no ponto de equilíbrio entre a arrogância e a subserviência.

Segundo Aristóteles a classe média se caracteriza por “cidadãos que, com mais segurança, se mantêm; não desejam o que é dos outros, como os pobres, nem estimulam a inveja de ninguém, paixão comum dos pobres contra os ricos, e, não correndo risco de emboscadas, nem estando eles mesmos à espreita, vivem sem perigo (ARISTÓTELES, 2006, p. 189)”. Isso porque uma sociedade majoritariamente formada por pessoas de classe média seria uma sociedade menos sujeita a paixões.

Desse modo, Aristóteles estabelece uma correlação entre a proporção de pessoas de classe média de uma sociedade e a tendência à agitação social. Quanto maior a presença de pessoas de classe média menor a probabilidade de sedições. Essa qualidade atribuída à classe média se desdobraria também sobre a política na sociedade. A classe média expressaria uma equidade econômica fundamental para a democracia. Quanto maior fosse a desigualdade econômica, maior a tendência à tirania, à oligarquia e à democracia excessiva. Assim, Aristóteles não só defende que há uma forte correlação entre a dimensão socioeconômica e a política, como defende que a classe média é um elemento fundamental para a estabilidade democrática.

Nenhuma sociedade civil é melhor do que a que se compõe de tais pessoas, nem mais própria para ser bem governada do que quando, superior em número e em poder ao restante dos cidadãos, o ultrapassa em dois terços ou pelo menos um terço. A acessão deste terço faz com que a balança penda para o seu lado e previna os excessos do partido contrário. É portanto, uma grande felicidade para o Estado que nele se encontrem apenas fortunas medíocres e insuficientes. Em toda parte onde uns têm demais e outros nada, segue-se necessariamente que haja ou democracia exacerbada, ou violenta oligarquia, ou então tirania, pelo excesso de uma ou de outra. Pois a tirania surge de igual modo da insolente e desenfreada democracia e da oligarquia, desastre que [...], acontece muito menos entre tais pessoas de nível médio. A mediana é, pois, o melhor estado; é o único que não sofre sedições. Com efeito, não acontecem nem agitações, nem divisão onde muitos se encontram de posse de uma riqueza mediana (ARISTÓTELES, 2006, p. 189-190)”.

Essas premissas de Aristóteles em relação à classe média se perpetuaram nas ciências sociais. Nos modelos clássicos das teorias da modernização, tal como em Lipset (1959), a classe média é considerada uma das fontes de estabilidade democrática, já que tenderia a defender valores políticos progressistas. Além disso, dada sua condição estrutural intermediária na hierarquia social, funcionaria como “amortecedor” dos conflitos entre elites e classes populares.

Segundo Adamovsky (2013), a utilização corriqueira da categoria teria implicações normativas e ideológicas para a população. O caráter normativo estaria atrelado à noção de meio e de justo inerente ao termo. A classe média traria consigo uma imagem mental associada à doutrina moral do meio justo, no qual o lugar do intermediário apareceria como o lugar da moderação e da virtude, por oposição aos extremos que seriam lugares do excesso e do vício ameaçadores do equilíbrio social.

Há também uma análise sobre as relações entre as classes médias e a democracia nos trabalhos de Corey (1992[1935]) e Speier (1934). Estes autores, diferentemente da perspectiva aristotélica, pontuam que as classes médias poderiam apresentar comportamentos políticos diversos. Eles sugerem que as classes médias não necessariamente possuem uma conduta única e favorável à democracia e/ou ao capitalismo e, dessa maneira, desassocia delas o ideal progressista atribuído pelo pensamento aristotélico.

Corey no livro *The Crisis of the Middle Class*(1992[1935]) defende que a classe média luta, a todo instante, em meio a crises sistêmicas, para sobreviver. E esse ímpeto de sobrevivência, a leva a tomar caminhos políticos diversos, dependendo do contexto no qual se insere: seja em apoio ao capitalismo, aos valores democráticos, ao socialismo ou mesmo ao fascismo.

Corey defende que a classe média é inseparável do capitalismo, porque nasceu com ele. Segundo o autor, os pequenos comerciantes, artesãos que surgiram ainda no feudalismo eram de classe média e foram eles que promoveram o desenvolvimento inicial do sistema. Assim, as crises econômicas e políticas do sistema são também as crises da classe média. E nesses momentos, como na crise de 1929, a classe média sofreu forte impacto e teve que reinventar seus valores para sobreviver.

Mas ela não só está atrelada ao sistema capitalista, como estabeleceu uma luta ideológica e política ao longo de sua história. Assim como o capitalismo foi no início uma força revolucionária na sociedade, a classe média, segundo Corey, foi também um grupo

progressista e criativo no seu alvorecer. Foi a classe média que de forma mais estridente lutou contra o monopólio, em prol dos direitos da pequena propriedade, a favor do liberalismo e da democracia, projetando-se, desta forma, em termos culturais e humanos. Liberalismo esse que foi conveniente para a burguesia.

Conforme o capitalismo se desenvolve e a classe média europeia se torna mais numerosa, ela passa a empreender, “já na sua juventude”, uma luta pelo poder dentro do sistema capitalista. Como Corey explica, muitos dos grandes capitalistas estavam atrelados à nobreza. Então, em grande medida, foi a classe média que invocou os direitos de resistência contra a tirania. Foram os intelectuais dessa classe que mais fervorosamente expressaram ideais de liberdade e individualismo, de igualdade e de democracia. Sua luta, em conjunto com o povo despossuído, alargou os direitos democráticos na sociedade capitalista e, nesse sentido, tornou-a uma das protagonistas principais na defesa dos valores iluministas e do sistema capitalista.

A República de Cromwell, inspirada em ideais puritanos, é caracterizada pelo autor como uma ditadura de classe média, já que lutava contra a tirania da nobreza e contra o monopólio da grande burguesia. De forma semelhante, o Jacobinismo, durante a Revolução Francesa, é compreendido como uma democracia pequeno burguesa que estimulava a pequena propriedade e os direitos igualitários. No entanto, todos esses movimentos políticos foram derrotados. Corey observa que, embora a classe média tenha atuado politicamente em prol do republicanismo, da democracia e do capitalismo, ela não conseguiu se manter no poder.

Corey lembra que, ao longo dos séculos, a classe média foi se tornando internamente mais complexa. Em função disso, ela se dividiu em frações internas, o que levou a formas diversas de identificação e de caminhos políticos possíveis tomados pelas pessoas da classe média. A classe média, consciente de sua condição proprietária, tende a se antagonizar com a classe trabalhadora manual. No entanto, suas camadas mais baixas permaneceram mais próximas dessas últimas e passaram, ao longo dos anos, por um processo de “proletarização”. Logo, passaram a ter uma tendência maior a se identificar com as classes trabalhadoras manuais e, nesse sentido a ingressar em direções favoráveis a uma ordem socialista.

Por outro lado, suas frações mais altas estavam mais próximas das classes superiores e, portanto, tendiam mais fortemente a se vincular com essas últimas. Acrescente-se o fato de que essas camadas mais altas tenderam a melhorar sua posição social com o aumento de ganhos salariais. Isso fez com que ela tendesse mais fortemente

a estar identificada com o capitalismo e com a desigualdade de posições. Ela, diferentemente das suas frações mais baixas, é mais propensa a se antagonizar com as classes trabalhadoras manuais e com posições coletivistas.

Esses antagonismos foram, por vezes, mobilizados politicamente. Durante a crise de 1929, o capitalismo entrara em crise, e, assim como ele, as classes médias enfrentaram forte crise econômica e ideológica. Os valores sustentados pelo capitalismo, como o individualismo, bem como o status do *estilo de vida* da classe média não se sustentavam mais. Assim, com um sentimento de enorme frustração e de insegurança, suas frações de classe traçaram escolhas políticas como forma de sobrevivência. Uns traçaram um caminho em direção ao socialismo e outros tomaram o caminho do fascismo.

O Fascismo, então, explorou os sentimentos de frustração e de insegurança da classe média e os antagonismos existentes entre ela e os trabalhadores manuais. Os trabalhadores e a esquerda foram culpabilizados pela péssima condição de vida da classe média. E a ideia de distinção entre essas classes e de superioridade dessa última foi alimentada pelo fascismo como forma de arregimentá-la politicamente. Uma grande parte dela, então, numa luta desesperada pela sobrevivência, se associou a ele, mesmo que esse representasse a destruição de valores como liberdade, igualdade e democracia. Cabe lembrar, no entanto, que, embora o fascismo tenha explorado seus sentimentos de frustração, insegurança e desvalorização, ele não os solucionou. Ao contrário, o regime fascista intensificou o declínio econômico e social da classe média. Ainda assim é importante ressaltar que os sentimentos dessa última foram fundamentais para o desenvolvimento e sustentação do fascismo.

Speier (1934), tal como Corey, observa a divisão política da classe média na Alemanha durante o início do século XX. Ele aponta que o crescimento numérico dessa classe gerava, ao mesmo tempo, a sua perda de prestígio. Em função disso, ele destaca que duas teorias existentes no país competiam para explicar as consequências desse processo. A primeira era a teoria Marxista que observava o fenômeno como um processo de proletarização das classes médias. Em função disso, compreendia que essas classes, com base numa perspectiva coletivista, tenderiam a ingressar no Partido Comunista como forma de superar essa perda. No, entanto, segundo Speier, essa era uma realidade para uma minoria de profissionais assalariados.

A segunda teoria era a da DHV, organização que apresentava princípios antisemitas, antiparlamentares, antiliberais e antimarxistas. Ela foi também uma das entidades antisemitas mais importantes que influenciaram o Nacional Socialismo. Ela

defendia que havia uma diferença natural de status e prestígio entre as classes médias e as classes manuais. Logo, a perda de prestígio, de status social pelas quais a classe média alemã estava passando deveria ser solucionada com base na manutenção das distâncias sociais entre ela e a classe dos trabalhadores manuais. Segundo o autor, essa era a entidade política mais forte entre os assalariados alemães. Embora o autor, assim como Corey, defenda que o fascismo não possa ser reduzido às classes médias, ele observa que estas estão prontas para defendê-lo, em função dos seus interesses de classe, sobretudo, de seus anseios em relação à manutenção de seu prestígio e *estilo de vida*.

Outros trabalhos recentes, como, por exemplo, o dos cientistas políticos Wietzky e Sumner (2014), também permitem questionar o papel progressista e estabilizador da democracia atribuído às classes médias. Como pontuado anteriormente, os autores observam que, diante de uma forte transformação da realidade social e a distribuição de riquezas, as classes médias tradicionais podem entrar em conflito com as classes emergentes. Nesse sentido, os países emergentes poderiam trilhar uma rota de desenvolvimento não-linear.

No Brasil, as classes médias tiveram papel protagonista fundamental em momentos cruciais da democracia no país (CARDOSO, 2020). Esses momentos – e, dentre eles, se encontra o momento do impeachment de Dilma Rousseff - revelam a centralidade das classes médias e suas divisões internas nos limites e possibilidades da democracia brasileira. Elas construíram suas identidades pela mediação do Estado e da política institucional. Assim, seu ímpeto mobilizador só ganha significado no âmbito da luta política pelo controle do poder de Estado. Logo, o seu radicalismo se aflora na disputa pelos destinos da nação, sobretudo, quando o Estado está à frente como seu artífice.

Esta seção, em conjunto com a anterior, serviu então para considerar que as políticas redistributivas podem acarretar perdas e ganhos coletivos entre as classes sociais. Ao mesmo tempo, permitiu pontuar que as classes médias podem se comportar politicamente de diferentes maneiras dentro da democracia e que as suas relações com o Estado e com as políticas institucionais são fundamentais para a compreensão de suas identidades de classe. Assim, cabe saber se as classes médias, diante de um cenário de perdas e ganhos coletivos, implementados por políticas redistributivas, estarão mais dispostas, em função da sua diversidade interna, a defender as classes mais baixas ou as classes mais altas e, logo, qual será o impacto dessas alianças para o regime democrático.

5.7. Considerações finais

Se voltarmos para as situações descritas no início deste capítulo, parece-nos importante indagar como muitas pessoas das classes médias chegaram a desenvolver sentimentos de raiva tão intensos e opostos, como os que foram observados nas manifestações pró e contra o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Tamanha animosidade sugere que os sentimentos compartilhados por esses manifestantes eram de extrema intensidade. Como esses sentimentos se desenvolveram? O conjunto de ideias exposto neste capítulo permitiu conjecturar uma hipótese explicativa para o fenômeno, bem como uma interpretação sinóptica que vem a seguir.

A década de 2000 se apresentou como um período de mudanças sociais intensas no Brasil. Embora os governos do PT tenham estabelecido um *reformismo fraco*, as políticas sociais e econômicas implementadas pelo partido permitiram a diminuição das desigualdades econômicas. Isso - para um país que passara por longo período de estabilidade em relação a uma desigualdade extremamente elevada - significou um ritmo de transformações intensas, ainda que não possa parecer. Essas mudanças foram suficientes para atingir, pelo menos em parte, contradições fundamentais do país, como a miserabilidade de grande parte da população que impedia o próprio desenvolvimento econômico e social do país (SINGER, 2012). Não é à toa que, nesse período, vastas parcelas da população mais pobre passaram a aumentar o seu poder de consumo e, nesse sentido, a serem incluídas em realidades nas quais não estavam presentes.

Essas transformações sociais impactaram as classes médias tradicionais pela presença de grandes grupos de baixa renda que se elevaram em termos econômicos (WIETZKY e SUMNER, 2014). Mas isso não ocorreu de forma tão clara e simplória entre classes médias e classes populares somente. Essas diferenças se produziram também no interior mesmo das classes médias. As classes médias baixas tenderam a enriquecer e a aumentar seu poder de compra nesse momento, junto com as classes baixas, como esta pesquisa demonstrou no capítulo anterior. Já suas camadas superiores e médias não aumentaram seu poder de compra e de renda na mesma proporção que aquelas. Embora, em termos absolutos, sua renda e poder de compra possam ter permanecido acima daquelas, a diminuição delas se deu em termos relativos na comparação de umas frações com as outras.

É importante frisar que as camadas superiores das classes médias estão mais próximas das classes superiores e, logo, tendem a se identificar mais com essas últimas. Já as frações mais baixas, em função de sua localização dentro da hierarquia social, tendem a se identificar com as classes populares (COREY, 1992). Assim, as diferenças econômico-sociais que se produziram ao longo da década de 2000 ou dos anos dos governos do PT não opuseram necessariamente as classes médias às classes populares, mas dividiram o interior daquelas, antagonizando, então, as classes médias altas e médias, em conjunto com as classes superiores de um lado e as classes médias baixas e as classes populares de outro.

No Brasil, em tempos de estagnação, as expectativas de ganhos futuros dos mais pobres tendem a ser bem baixas (SANTOS, 2006). Já entre os mais ricos – e nisso estão inseridas as classes médias –, tende a haver uma expectativa mais elevada em termos de aquisições materiais futuras. Além disso, conforme exposto no capítulo 2, as classes médias estão, em grande medida, em busca de sucesso, ascensão social (BOURDIEU, 2007) ou, no mínimo, evitando o medo da queda ou da mobilidade descendente (PEUGNY, 2009; CHAUVEL, 2006). Sua própria condição social caminha lado a lado com a noção de meritocracia (OWENSBY, 1999) e de conquista das melhores posições sociais, com o acesso aos melhores empregos ou a entrada nas melhores universidades⁶⁵. O que em outros termos significa a obtenção de um *estilo de vida* afastado das fronteiras da necessidade e/ou de maior reconhecimento social.

Por outro lado, em momentos de redistribuição de riquezas, há uma elevação das expectativas de ganhos futuros dos mais pobres e, logo, do fortalecimento dos seus sentimentos de privação relativa. Já os mais ricos, em momentos como esses, permanecem com elevadas expectativas, embora tendam a ter ganhos proporcional e relativamente menores. O que significa que o hiato entre o cálculo do que esperam para o futuro e do que obtiveram no passado tende a ser maior nesses momentos. E, em outros termos, significa que o sentimento de privação relativa também tende a aumentar entre os mais ricos.

É importante destacar, no entanto, que dentre os mais ricos, o sentimento de privação relativa tende, normalmente, a ser maior do que entre os mais pobres. Isso porque eles têm, segundo Santos, uma propensão maior a perceber a sua própria posição material como mais injusta. Adiciona-se a isso o fato de que possuem uma expectativa

⁶⁵ Cf. Mills (1969); Prandi (1982); Bonelli (1989); Barbosa (1998); Ribeiro (2011).

mais elevada, mesmo em tempos de estagnação das desigualdades, em relação aos seus ganhos futuros e estão a todo instante, em meio às disputas por distinção, buscando melhores posições no espaço social (BOURDIEU, 2007).

Houve, então, ao longo da década de 2000, – sobretudo, a partir das políticas redistributivas do PT - tanto por parte das pessoas das classes médias altas e médias, como por parte daquelas das classes médias baixas e classes baixas um aumento no hiato entre a percepção de sua condição de vida daquele momento e aquela que esperavam ter por mérito ou compensação social, ainda que por motivos diferentes. As classes médias baixas, assim como as classes baixas, tenderam na década de 2000 a ansiar, cada vez mais, conforme a redistribuição de riqueza ocorria, por maiores conquistas e melhores posições econômico-sociais. O que significa que não só seus ganhos materiais, mas suas expectativas aumentaram nesse momento. Em contrapartida, as frações superiores que tradicionalmente já mantinham uma expectativa elevada em relação ao seu patamar de vida, mantiveram seu horizonte de desejos elevado, no entanto, tiveram sua renda e seu poder de consumo não acrescidos na mesma proporção que o das classes médias baixas e das classes populares e/ou como tiveram no passado. Portanto, a diminuição relativa dos seus ganhos em conjunto com uma elevada expectativa de ganhos futuros fez aumentar intensamente o seu sentimento de privação relativa nesse período.

Cabe ressaltar que os ganhos materiais para as frações mais altas das classes médias representavam também a manutenção simbólica de um *estilo de vida* superior e da distância social em relação às frações mais baixas. Assim, a diminuição proporcional de seus ganhos representou a diminuição de seu capital simbólico, do seu status social e a diminuição das distâncias sociais em relação às frações das classes mais baixas. Então, o aumento da renda e do consumo das frações mais baixas das classes médias e das classes populares diminuíram as expectativas de ascensão social das classes médias altas e médias e elevaram o seu medo em relação à mobilidade descendente.

Esses sentimentos foram gestados ao longo da década de 2000, não numa dimensão institucional, mas silenciosamente no ambiente íntimo de suas vidas diárias, ou seja, no âmbito de tudo aquilo que faz parte do drama de cada dia das classes médias (OWENSBY, 1999). Fazem parte desse mundo as preocupações, as expectativas, as frustrações, que se produzem nas relações cotidianas domiciliares, sobretudo em âmbito familiar e nos ambientes frequentados por esses indivíduos. Assim, indivíduos que, embora anônimos uns para os outros, pertenciam à mesma fração de classe - acabaram gerando sentimentos comuns ao longo desse espaço de tempo, sem necessariamente

tomarem consciência de tais sentimentos. Esses foram alguns dos efeitos sociológicos inesperados das políticas institucionais então estabelecidas pelos governos do PT.

Cabe lembrar ainda que essas emoções, como a ojeriza, indignação ou raiva podem ter surgido também das diferenças entre as dinâmicas das preocupações habituais do dia a dia e aquelas relacionadas a situações inesperadas (QUÉRÉ, 2020). As pessoas das classes médias baixas e/ou das classes populares passaram a frequentar espaços como shoppings e aeroportos que antes eram restritos à circulação das pessoas das classes médias altas e classes superiores, provocando, dessa maneira, uma micro dessegregação desses espaços. Essas mudanças surpreenderam as expectativas habituais das pessoas das frações altas das classes médias, levando-as a um embate constante entre o habitualmente esperado e o inesperado e a uma constante e “forçada” revisão de valores, preferências, desejos. O que contribuiu para o fortalecimento de seus sentimentos de indignação, revolta e de raiva social.

Ocorreram, então, ao longo desses anos, mudanças que alteraram a percepção dos atores sociais em relação às desigualdades, à ordem social e aos sentimentos de justiça. Há tradicionalmente no Brasil uma forte tendência de legitimação das desigualdades por parte da maioria dos atores sociais (CARDOSO, 2010). Assim, as políticas redistributivas dos governos do PT, ainda que por meio de promessas amesquinhas de inclusão social, produziram uma alteração em relação ao mínimo socialmente definido como necessário à sobrevivência material. E isso provocou uma alteração nas fronteiras da necessidade, isto é, na percepção sobre aquilo que constitui o bem-estar material acessível pela renda, autorrealização pessoal, autonomia para escolher o próprio destino, fruição estética, lazer e direito ao ócio dos mais pobres. O patamar dessa fronteira se elevou, ficou mais próximo daqueles que antes estavam distantes dela. O que se entendia pelo mínimo necessário para sobreviver não era mais tão mínimo assim. Isso elevou as expectativas dos mais pobres em relação a um afastamento maior ainda em relação a essas fronteiras. E esse processo ocorreu de forma rápida para o padrão tradicionalmente elevado e permanente da desigualdade brasileira, alterando, então, a distância em que ricos e pobres se situavam em relação às fronteiras da necessidade.

Os mais ricos – e nisso se inserem as camadas altas e médias das classes médias - que antes estavam distantes, passaram a estar mais perto dessa fronteira. Isso fez aumentar, dentro de um contexto de extrema desigualdade como o do Brasil, o “perigo” e o “medo” da queda desses últimos, já que tinham consciência dos custos elevados que a perda de acesso aos recursos que mantinham seu padrão de vida nesse ambiente poderia

gerar, bem como o perigo que representava a “fronteira da necessidade” nesse contexto. Então, a elevação do patamar das fronteiras da necessidade tornou a competição mais acirrada por esses recursos e os custos de perdê-los maiores para aqueles que possuíam algum. Nesse sentido, em meio à luta pela sobrevivência (COREY, 1992) as camadas altas e médias das classes médias começaram a considerar a perda de seus recursos ou a sua possibilidade – recursos esses geralmente compreendidos como fruto de seu esforço e mérito pessoal - como algo injusto e, portanto, inaceitável. Isso alterou sua própria concepção de boa sociedade. Vale lembrar que o processo de construção da sociedade brasileira propiciou uma sociedade profundamente desigual (CARDOSO, 2010), na qual a concepção de sociedade hierarquizada é amplamente legitimada (DA MATTA, 1980). Assim, a elevação das fronteiras da necessidade provocou alterações nas percepções dessas pessoas acerca das desigualdades e do seu sentimento de justiça. A “desordem” da ordem tradicionalmente desigual que impôs maior equidade entre os atores foi, ao longo desse período, sentida como ilegítima, injusta e, logo, inaceitável.

Nesse contexto, o risco de convulsões sociais deixou de ser desprezível ou, em outros termos, se acentuou (SANTOS, 2006). Segundo Santos, em períodos de estabilidade nos níveis extremos de desigualdade, não há de se esperar nenhum frêmito social, contudo, em períodos de mudanças intensas na desigualdade, nos quais os acréscimos de riqueza são mais equitativamente distribuídos, há paradoxalmente um movimento no horizonte dos desejos e o aumento da possibilidade de sublevações sociais. E foi isso o que ocorreu no Brasil ao longo da década de 2000. Após longo período de estagnação, imprimiu-se um ritmo de mudanças sociais intenso que elevou os riscos de convulsões sociais.

Não à toa, seguiram-se entre 2013 e 2015 inúmeras manifestações no país com amplitudes consideráveis. A manifestação de 2013 apresentou caráter heterogêneo no que diz respeito às características dos manifestantes e foi multifacetada em termos de propostas⁶⁶. Segundo Singer (2013), elas foram a expressão do inconformismo tanto da classe média tradicional quanto dos trabalhadores que conseguiram emprego com carteira assinada, mas que possuem baixa remuneração, alta rotatividade e más condições de trabalho.

Então, é possível interpretar essas manifestações de 2013, tendo em vista o que foi exposto até aqui, como expressões do encontro paradoxal dos dois sentimentos de

⁶⁶ Cf. Antunes (2013); Braga (2013); Domingues (2013); Singer (2013); Bringel e Pleyers, (2015).

privação relativa que se fortaleceram ao longo da década de 2000, ainda que por motivos distintos e para frações de classes opostas. De um lado, as frações altas e médias das classes médias que, ao longo desse período, aumentaram seus sentimentos de privação relativa e que viam nos governos petistas e nos seus defensores a culpa de suas insatisfações e frustrações. E de outro lado, as frações das classes médias baixas e das classes populares que haviam, nesse ínterim, se afastado do mínimo socialmente aceito, aumentando suas expectativas de ganhos futuros e exigindo do governo melhores condições de vida. Por isso o caráter tão heterogêneo e de difícil compreensão dessas manifestações num primeiro momento e por isso também a sua amplitude. Amplitude essa que, aliás, permitiu a alguns dizerem que o “gigante havia acordado”.

É interessante também ressaltar a importância do contexto no qual essas manifestações se produziram. Elas ocorreram num período de alta da inflação e num momento em que a intensidade do crescimento econômico produzido ao longo da década de 2000 já havia declinado. No entanto, as políticas redistributivas se mantinham institucionalmente. A matemática desses fatores produziu um esgotamento afetivo na população, já que os sentimentos de privação relativa de ambas frações de classe tenderam a aumentar ainda mais nesse momento. Por um lado, as frações mais baixas das classes médias e as classes populares exigiam melhores condições de vida porque já tinham alcançado um patamar melhor ao longo dos últimos anos e viam seus ganhos diminuir em função da alta da inflação e da diminuição do ritmo do crescimento econômico do país. Por outro lado, as frações médias e altas, já há muito tempo insatisfeitas com o declínio de seus ganhos futuros e de seu capital simbólico se via ainda mais tensa e pressionada diante de um cenário de alta inflacionária, diminuição do crescimento econômico e manutenção das políticas distributivas. Os custos de vida se elevaram. Então, paradoxalmente, elas, assim como as frações mais baixas – embora por razões diversas – tiveram sentimentos de privação relativa ainda mais intensos, nesse momento, e exigiam do governo melhores condições de vida. Os jogos olímpicos apareceram como “bode expiatório” de suas reivindicações.

Embora as manifestações de 2013 tenham se configurado, num primeiro momento, como uma canalização conjunta de sentimentos de privação relativa antagônicos, logo as diferenças no interior dos protestos apareceram e as agressões entre os manifestantes começaram a ocorrer. Assim, as manifestações que ocorreram no pós 2013 foram criando contornos mais claros até se separarem em dois grupos politicamente opostos. Essa divisão que tinha como objeto central o posicionamento em relação ao

impeachment da presidenta Dilma Rousseff expressava, na realidade, o antagonismo que já existia no interior das manifestações de 2013 e que estava relacionado aos sentimentos opostos de privação relativa das frações das classes. Seguiu-se, então, um ambiente de polarização política, como se observou não só pelos protestos pró e contra impeachment que ocorreram entre 2013 e 2016 no país, mas pelas relações sociais conflituosas entre amigos e familiares que se estabeleceram nesse período. As classes médias viram-se “entrecortadas” por essas polarizações e conflitos políticos ao longo desse período.

O governo Dilma Rousseff e as políticas do PT se configuraram, nesse sentido, como o objeto central a partir do qual os antagonismos se revelaram. Em meio à luta pela sobrevivência, grandes parcelas das classes médias baixas e das classes baixas permaneceram contrárias ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff e em apoio ao PT, buscando, dessa forma, assegurar os ganhos obtidos ao longo desses governos. Por outro lado, parcelas expressivas das classes médias alta e média se engajavam a favor do impeachment de Dilma, como forma de assegurar a sua sobrevivência e acabar com seus sentimentos de insegurança e frustração produzidos ao longo dos períodos do PT no governo. Para uns o partido e a presidenta Dilma deveriam ser defendidos, para outros, eram dignos de culpa e deveriam ser extirpados.

As polarizações entre os protestos pró e contra Dilma podem ser interpretadas, então, como, por um lado, uma tentativa de manutenção da ordem socioeconômica favorável que se produziu ao longo dos governos petistas para as classes médias baixas e baixas e, por outro, como uma tentativa de reversão da ordem desfavorável que se estabeleceu para as classes médias altas e médias ao longo da década de 2000. O que, em outras palavras, significava a tentativa de manutenção das melhorias conquistadas em termos de volume de capital econômico, cultural e simbólico das classes médias baixas e classes baixas, de um lado, e, de outro, a tentativa de alteração das perdas relativas desses mesmos capitais por parte das classes média e média alta no espaço social. Elas simbolizavam e expressavam, portanto, a tensão e as lutas diárias de distinção que se estabeleciam no espaço social.

Isso não significa dizer que a aversão à corrupção expressa, sobretudo, nas manifestações pró-impeachment tenha sido um subterfúgio. De fato, as classes médias, sobretudo suas frações mais altas, estão acostumadas a traçar suas estratégias de vida dentro de um sistema educacional e profissional que pendula contraditoriamente entre a meritocracia e a princípio da hierarquia (OWENSBY, 1999), o que se traduz pela sua formação educacional e profissional meritocrática nas universidades (BARBOSA, 1998)

e, ao mesmo tempo, pela monopolização das oportunidades de renda (LARSON, *apud* BARBOSA, 1998) ou fechamento dos nichos de mercado produzido por certos grupos profissionais (COELHO, 1999). O discurso em prol da ética e contra a corrupção ecoa, nesse sentido, facilmente entre as frações dessas classes, na medida em que estão imersos e habituados a lidar com as contradições desse sistema. Ele funciona, então, de fato, como um marcador de suas angústias diante das injustiças que podem sofrer nesse sistema educacional e profissional, sobretudo a partir dos mecanismos hierárquicos que corroboram as desigualdades de posições e que conferem maiores vantagens para uns e menos para outros. Desse ponto de vista, é um discurso que possui ampla legitimidade social.

No entanto, esse discurso em prol da ética e da meritocracia, em geral, só é acionado politicamente quando esse sistema não se mostra vantajoso. E esse é ponto central. Embora os sistemas, oscilantes entre os princípios da meritocracia e da hierarquia, estejam a todo instante incorrendo em contradições e injustiças, a defesa da ética só é tomada como bandeira quando esse sistema não se mostra mais vantajoso. E o mesmo ocorre com a corrupção. Ainda que as denúncias de corrupção sejam constantes no país, o discurso contra ela só é mobilizado politicamente quando a ordem se torna desfavorável, como ocorreu ao longo da década de 2000 para as frações superiores das classes médias. Ele denuncia a realidade como injusta e, em função da sua ampla legitimidade, abre brechas para a inversão dessa ordem, sejam quais forem as formas e caminhos para isso. Dessa ótica, o discurso contra a corrupção abre espaço tanto para atitudes progressistas e democráticas, quanto para ações amparadas no princípio da hierarquia e/ou consideradas antiéticas. Em relação a essas últimas, pode funcionar como um discurso altamente contraditório.

Aliás, a prisão de Lula, assim como o impeachment de Dilma Rousseff, de fato, contemplaram o sentimento de aversão à corrupção das parcelas mais altas das classes médias. Mas, fundamentalmente, representaram o afastamento da ordem desfavorável que se impôs sobre eles ao longo dos seus governos e cujo acionamento do discurso de aversão à corrupção enquanto bandeira política, nesse momento, denunciava. Então, não importava se o processo jurídico sobre o qual se amparavam o impeachment e a prisão de Lula tinham provas suficientes para sua legitimidade ou se tinham sido orquestrados politicamente. O que de fato importava, para tais parcelas da população, era o que isso significava afetivamente e simbolicamente. Por isso tamanha comoção e mobilização diante das denúncias de corrupção atribuídas ao PT que se expressaram nessas

manifestações pró-impeachment. E por isso também o relativo silenciamento e apatia dessas mesmas frações diante de denúncias de corrupção de outros políticos como Aécio Neves do PSDB. Era necessário inverter a ordem desfavorável, ou seja, reverter a “desordem” que a equidade insuportável estabelecera no Brasil ao logo dos governos do PT e reestabelecer a ordem hierárquica “natural” das coisas, nem que para isso fosse preciso mobilizar um recurso violento (DA MATTA, 1980). A figura do “Pixuleco”, ou seja, de Lula preso que foi mobilizado pelas manifestações pró-impeachment aparece, então, como a expressão máxima da ânsia pela reversão da ordem desfavorável.

Mas, ao mesmo tempo, o “pixuleco” era também a expressão do antipetismo que essas mesmas frações emanavam. Esse último pode então ser compreendido como a continuidade do *habitus* de classe altamente segregativo compartilhado por essas frações. As camadas superiores das classes médias, sobretudo estas, estão amparadas num *habitus* de classe propensamente segregativo que prevê o compartilhamento de seus espaços entre seus “iguais”. As classes baixas tendem, nesse sentido, a ocupar o lugar dos “diferentes”, dos “repugnantes” e/ou dos “perigosos”. Como ao longo da década de 2000, o PT passou a ser identificado, cada vez mais, como o partido do “povo” do que propriamente “dos trabalhadores” (SINGER, 2012), o antipetismo que apareceu nas manifestações pró-impeachment pode ser interpretado como uma expressão desse *habitus* segregativo de classe que informa que, assim como seus espaços devem ser estar isentos dos elementos “diferentes”, “repugnantes” e/ou “perigosos” é preciso que o governo e a política estejam livres do “PT”, “dos comunistas” ou seja, de tudo aquilo que causa aversão e medo. O antipetismo pode ser então compreendido como uma extensão desse *habitus* de classe excludente, o qual sugere que a política também deve estar isenta de elementos indesejáveis.

Os antagonismos entre as manifestações pró e contra o impeachment repercutiram, a partir de 2016, sobre a dimensão político-institucional e o regime democrático do país. As convulsões sociais que se produziram nesse contexto permitiram que o golpe parlamentar (SANTOS, 2017) sobre a presidenta Dilma Rousseff tivesse amplo apoio e legitimidade nas parcelas da sociedade favoráveis ao impeachment. Além disso, abriram brechas também para a legitimação das políticas institucionais conservadoras que se estabeleceram ao longo do governo do então presidente Michel Temer. É importante pontuar que, embora a polarização política e os retrocessos recentes no regime democrático do país não possam ser compreendidos somente com base nos antagonismos que perpassaram as classes médias e outras frações de classe ao longo da

década de 2000, eles contribuíram para a deflagração de um contexto político fortemente antagônico, tenso e conflituoso, no qual os sentimentos de frustração, de revolta e de raiva funcionaram como componentes fundamentais para o seu desenvolvimento.

Sentimentos esses que foram muito bem capturados e explorados pela extrema-direita e contribuíram para a eleição do presidente Jair Bolsonaro. A extrema-direita soube explorar esses sentimentos e aproveitar esse contexto para se lançar. Além disso, soube explorar a aversão à corrupção e o antipetismo que emergia nesses segmentos da população, utilizando-os como elementos centrais de sua plataforma política. Então, não é à toa que parcelas significativas das classes médias, sobretudo suas frações mais altas, ainda lutando por sua própria sobrevivência, tenham apoiado, não só o golpe parlamentar de 2016 como a eleição do atual presidente de extrema-direita Jair Bolsonaro, ainda que estes representassem retrocessos para a democracia do país. Eles representavam, na prática, a sua sobrevivência no seu sentido mais sociológico.

O que estava, então, em jogo nessa eleição, eram antes os sentimentos de frustração, de medo e de indignação dos eleitores, ou seja, tudo aquilo relacionado aos seus horizontes de desejos do que propriamente o julgamento racional das propostas político-partidárias. Dentro desse contexto, importava menos se as notícias compartilhadas eram *fake news* ou se o candidato não comparecia a um debate eleitoral, mas o que ele, assim como as notícias, representavam afetivamente para seus eleitores. Era o jogo afetivo que comandava, em grande medida, o tom das escolhas político-partidárias nesse momento. Talvez por isso candidatos que se apresentaram como também de direita não tiveram grande apelo entre a população mais conservadora.

Num momento anterior, as manifestações pró e contra Dilma apareciam então como episódios catárticos dos jogos afetivos que estavam em pauta no país e que acabaram influenciando seus caminhos políticos institucionais seguintes. Por isso, a relevância da compreensão dos fenômenos sociológicos que ocorreram ao longo da década de 2000 e que se produziram como consequências inesperadas das políticas redistributivas dos governos do PT.

Os protestos pró e contra Dilma se constituíram, então, como fenômenos que não só expressavam, mas reforçavam o centramento das *subjetividades coletivas* (DOMINGUES, 1996b) das classes médias. Ao se presumir que as classes médias são *subjetividades coletivas* heterogêneas é possível compreender que essas coletividades estão no dia a dia em interação, em meio a uma disputa – através de seus agentes - por distinção e melhores posições sociais (BOURDIEU, 2007) e que o impacto dessas

subjetividades pode não ser intencional e/ou transparente para os indivíduos inseridos nesse sistema, já que agem, em grande medida, sob o efeito do *habitus* de classe. Assim, as emoções compartilhadas pelos agentes no interior dessas subjetividades no cotidiano de suas vidas, dentro da lógica do espaço social e que foram canalizadas nas manifestações pró e contra Dilma, contribuíram para o maior centramento de suas próprias subjetividades de classe e/ou para o reforço do sentimento de classe nesse momento (CARDOSO, 2020) .

Logo, os sentimentos de indignação e raiva social expostos pelos manifestantes pró e contra impeachment foram de tal ordem justamente porque estavam relacionados à questão visceral de luta pela sobrevivência, sob a qual a configuração de classe se estabelece. Nesse sentido, sua intensidade canaliza e expressa a magnitude dos sentimentos que se produzem, em meio a essa dinâmica cotidiana da vida. E os impactos dessas lutas - justamente porque são vitais – são capazes de reverberar sobre a ordem democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve a intenção de investigar em que medida as mobilizações pró e contra o impeachment da presidenta Dilma Rousseff estiveram relacionadas às mudanças estruturais relativas às classes sociais que ocorreram ao longo da década de 2000. Com o intuito de fundamentar essa hipótese, procurou demonstrar as alterações que ocorreram no âmbito do consumo e, nesse sentido, transformações que ocorreram em certos elementos estruturantes das classes ao longo da década de 2000. Uma parte da tese esteve voltada, então, para a análise de dados da POF entre 2002 e 2008, a fim de verificar as mudanças que se processaram nesse ambiente e em certos elementos estruturais das classes. A outra foi dirigida para a elaboração de uma interpretação sinóptica, ainda que parcial, dos fenômenos políticos, a partir dos resultados empíricos encontrados.

No capítulo um, se desenvolveu uma discussão teórica acerca do conceito de classe, a fim de avaliar, com base nas propostas teóricas de autores contemporâneos, a centralidade do conceito, bem como, de considerar em que medida as contribuições dos intelectuais reafirmam sua pertinência heurística. Pode-se concluir que assim como os autores expostos defendem, o conceito de classe é central para a compreensão das diferentes realidades sociais contemporâneas. No entanto, diferentemente de alguns autores, ponderou-se que certas características atribuídas ao conceito, tais como a centralidade do trabalho, à noção de exploração, de antagonismos e de conflitos, não devem ser eclipsados quando o conceito é operacionalizado. Da mesma forma, a mobilização da noção deve ser acompanhada de sua contextualização histórico-geográfica, a fim de que as características próprias de cada localidade, como realidade de trabalho latino-americana, possam ser levados em consideração. Com base nessas ponderações teóricas, optou-se pela conceituação bourdieusiana de classe, uma vez que ela, em função da sua flexibilidade teórica e do seu modelo multidimensional de classes, permite compreender o consumo como uma dimensão importante para a diferenciação das classes e, ao mesmo tempo, abranger essas premissas analíticas, ampliando, assim, a pertinência heurística do conceito.

A partir desses postulados teóricos, buscou-se no capítulo dois, por meio da junção das literaturas sociológica e historiográfica, realizar uma caracterização das classes médias brasileiras, com base nas características específicas da realidade brasileira contemporânea que levasse em consideração a influência que a extrema desigualdade

exerce ainda hoje sobre os elementos estruturantes dessas classes. Nesse sentido, esse capítulo se constituiu como um exercício inicial de aproximação em relação à caracterização dos *estilos de vida* das classes médias brasileiras. Assim, foi possível elencar, dentre os elementos típicos das classes médias: o trabalho profissionalizado e/ou com maior qualificação, geralmente inserido na realidade formal de trabalho; o acesso a um ensino básico e médio “de qualidade”, em geral, privado, bem como às universidades públicas e/ou privadas; rendimentos superiores aos das classes baixas que as permitem o usufruto, com maior frequência, de serviços privados de saúde, de educação e de transporte; a utilização mais frequente de empregados domésticos que permitem um maior afastamento em relação às tarefas manuais degradantes; o apreço pela meritocracia ainda que esta caminhe paradoxalmente ao lado de princípios hierárquicos em seu imaginário; perfil psicológico de luta constante por prestígio e, ao mesmo tempo, de medo pela mobilidade descendente; maior estilização da vida e dedicação mais frequente às atividades que concedam maior capital cultural e simbólico em comparação com as classes baixas. A partir desse exercício analítico, foi possível observar como o consumo aparece como uma ferramenta de acesso a certos elementos estruturantes da sua condição de classes e, ao mesmo tempo, como expressão de suas distinções no espaço social.

O capítulo três teve como objetivo central expor os desafios teórico-metodológicos da pesquisa empírica realizada acerca do consumo na década de 2000. Nele, se exibiu o amplo trabalho operacional realizado com os dados da POF, a fim de torná-los comparáveis. Da mesma forma, se demonstrou como a Análise de Correspondência Múltipla, uma metodologia estatística espacial que utiliza a matemática de forma criativa, foi condizente, ao mesmo tempo, com o banco de dados da POF que possui inúmeras variáveis e com o modelo teórico bourdieusiano de classes multidimensionais. Esse método possibilitou, por meio de uma representação sintética, exibir as relações entre variáveis de diferentes dimensões da vida social, revelando, dessa maneira, as estruturas não reveladas e as relações impensadas existentes e através das quais as classes se expressam.

No capítulo quatro, foram expostos os resultados das análises dos dados da POF da década de 2000. Por meio dele, foi possível demonstrar que, embora a lógica sócio econômica tenha permanecido regendo, de forma majoritária, as diferenças nos perfis de consumo entre os brasileiros ao longo da década de 2000, ela tendeu a perder força nesse período. A descristalização dessa ordem sobre a organização dos indivíduos se expressou pela mobilidade ascendente realizada por diferentes segmentos no espaço social nesse

período, bem como, pela popularização de diversos itens de consumo presentes, sobretudo, nos *estilos de vida* das classes média alta e superiores. Essas mudanças produziram melhorias nos padrões de consumo das classes que não ocupavam o espaço mais elevado da hierarquia social e foram possíveis, em grande medida, pelos acréscimos de renda superiores que elas auferiram em comparação com as classes altas, como foi possível demonstrar nesse capítulo.

Em relação às classes médias, a diminuição do peso da lógica socioeconômica, se revelou pela diminuição das diferenças entre seus *estilos de vida*. Em 2002, a classe média alta tinha maior semelhança com as classes superiores, no que diz respeito a esse aspecto, enquanto a classe média, com a classe média baixa. Havia, portanto, nesse momento, uma distância maior entre as primeiras e as últimas. No entanto, esse cenário se modificou em 2008. As diferenças, em termos de *estilos de vida*, tenderam a diminuir nesse período. Isso se revelou pela mobilidade que a classe média baixa realizou dentro do espaço social, migrando do espaço intermediário para o ambiente dos *estilos de vida* das classes superiores e da média alta. Esse deslocamento, no entanto, não foi acompanhado na mesma proporção pela mobilidade da classe média. Esta última, permaneceu no espaço dos *estilos de vida* intermediários. O que significa que a classe média baixa, sobretudo esta, passou a apresentar um padrão de consumo mais elevado nesse momento, próximo ao das classes superiores e média alta, aumentando, assim, o volume de seus capitais simbólicos, econômicos e culturais.

Essas melhorias nos perfis de consumo das classes intermediárias e baixas produziram efeitos inesperados, principalmente, entre os *estilos de vida* das classes média alta e superiores. Com a democratização do acesso a diversos elementos típicos de seu padrão de consumo, essas classes tenderam a perder o monopólio de acesso a eles e, com isso a exclusividade do capital simbólico, cultural, econômico que o acesso restrito lhes concedia. Ao mesmo tempo, a popularização desses itens permitiu às classes intermediárias e baixas circular, com maior frequência, em espaços que até então estavam, em grande medida, restritos às classes altas. Essas últimas passaram então a ter que compartilhar seus microespaços com pessoas que tinham níveis educacionais, de renda, cores e/ou raças e gêneros mais diversificados. O que, em outros termos, significou que houve uma tendência de diminuição da segregação nos microespaços de circulação diárias dessas classes.

As classes médias estiveram no cerne desse cenário de transformação. Foi justamente na relação entre os seus segmentos que se verificaram as mudanças mais

intensas. A alteração no âmbito do consumo modificou as dinâmicas de disputas entre elas no campo das classes. A diminuição das distâncias físicas e estatísticas, em termos de *estilos de vida*, propiciou lugares de indistinção social entre essas camadas, provocando incertezas em relação à posição de dominância e ao lugar de destaque de suas frações mais altas. A ascensão da classe média baixa, principalmente esta, foi, então, sentida como uma ameaça. Isso quer dizer, em outros termos, que houve, por um lado, o fortalecimento do medo da mobilidade descendente entre as frações superiores das classes médias e, por outro, a fortificação do sonho da mobilidade descendente nas frações inferiores. Em resumo, a popularização do consumo alterou, sobretudo, as microdinâmicas sociais de distinção e de poderes entre essas classes.

Os resultados obtidos ao longo do capítulo quatro permitiram revelar a pertinência da abordagem bourdieusiana dos *estilos de vida* para o caso brasileiro da década de 2000, assim como a complementariedade existente entre esse modelo de classes e aqueles centrados nas ocupações. Além disso, as mudanças no consumo demonstraram que embora seja preciso relativizar a premissa acerca da mobilidade de classe sugerida pela tese da nova classe média, é necessário destacar sua relevância na medida em que ela atentou para o fato de que mudanças significativas em termos de consumo e de classes estavam ocorrendo na década de 2000 no Brasil. Em relação a esse aspecto, os resultados obtidos nesse capítulo ajudaram a corroborar a ideia de que melhorias em termos de consumo se produziram nesse momento no Brasil, sobretudo, para as classes menos privilegiadas. Nesse sentido, eles permitem considerar que é necessário ter cautelas diante de análises que consideram que se não houve mobilidade de classes, não houve melhorias para a população nesse momento.

Por outro lado, esses mesmos resultados permitiram relativizar a premissa, sugerida pela tese da nova classe média, de que o aumento do consumo entre as classes mais baixas soaria como uma melhora para toda a população, ou seja, significaria um “jogo de soma positiva”. Na realidade, o que se observou a partir das melhorias nos padrões de consumo das classes não localizadas no espaço mais alto da hierarquia social foi um “jogo de soma zero” entre as classes superiores, média alta e média, de um lado, e as classes baixas e média baixa de outro. Quanto maior era a inclusão dos setores sociais inferiores nos dispositivos que conferiam distinção para as classes mais altas, menor o poder e o status dessas últimas. Quanto maior era a popularização desses dispositivos, antes controlados e/ou ocupados apenas por esses setores superiores, maior era a divisão desses dispositivos e menor era o prestígio que o acesso a eles concedia e, por

consequência, maior era a perda das classes que detinham a exclusividade do seu controle. Nesse jogo, quanto mais as classes populares “ganhavam”, mais as classes médias “perdiam”.

Os achados estatísticos obtidos no capítulo quatro serviram, então, de lastro empírico para o desenvolvimento da hipótese explicativa exposta no capítulo cinco. Nesse capítulo, a raiva dos manifestantes pró e contra o impeachment da presidenta Dilma Rousseff foi o objeto central a partir do qual a proposta interpretativa se desdobrou. Assim, a explicação sintética elaborada foi a de que a inclusão dos setores populares – e nisso estava a classe média baixa - provocadas, em grande parte, pelas políticas de *Reformismo Fraco* do PT ao longo da década de 2000, alterou as microdinâmicas de distinção entre as classes, fortalecendo o medo da mobilidade descendente entre, de um lado, as classes média alta e média e, por outro, entre a classe média baixa e classes baixas. Essas transformações na lógica do espaço social intensificaram os sentimentos de privação relativa antagônicos entre essas frações de classe. Ao mesmo tempo, a popularização do consumo provocou a dessegragação dos microespaços de circulação diários das classes altas e, dessa forma, produziu diferenças entre as dinâmicas das suas preocupações habituais e aquelas relacionadas às situações inesperadas e que se forjavam diante da nova realidade encontrada. O que, por sua vez, impunha uma revisão forçada de seus valores e a configuração de um contexto propício para o surgimento de emoções como a ojeriza e a raiva. A intensificação de todos esses sentimentos provocou, por sua vez, o aumento da pressão sobre as frações mais altas das classes médias, deflagrando assim uma conjuntura de tensão social entre essas classes, vivenciada cotidianamente, sobretudo, no âmbito privado, ou seja, no ambiente dos dilemas diários dessas classes. Esses foram alguns dos efeitos sociológicos inesperados das políticas institucionais então estabelecidas pelos governos do PT.

Ocorreram, então, ao longo desses anos, mudanças que alteraram a percepção dos atores sociais em relação às desigualdades, à ordem social e aos sentimentos de justiça. As políticas redistributivas dos governos do PT, ainda que por meio de promessas amesquinhas de inclusão social, elevaram o mínimo socialmente definido como necessário para a sobrevivência material dos mais pobres, provocando uma alteração nas fronteiras da necessidade, o que aumentou a equidade entre os atores sociais e fortaleceu os sentimentos de injustiça, sobretudo, por parte dos mais ricos, diante da “desordem” que se estabeleceu sobre a ordem social. Nesse contexto, o risco de convulsões sociais se

acentuou. Não à toa, inúmeras manifestações com amplitudes consideráveis ocorreram no país entre 2013 e 2015.

As manifestações de 2013 foram, então, a expressão do encontro paradoxal dos dois sentimentos de privação relativa antagônicos que se fortaleceram ao longo da década de 2000 ainda que por motivos distintos e para frações de classes opostas. Esses protestos serviram como momento catártico dos sentimentos de raiva, ojeriza e indignação que se gestaram cotidianamente no âmbito privado, em meio à lógica das disputas no espaço social entre as classes nesse período. No entanto, as diferenças entre os manifestantes que já estavam presentes no interior dos protestos de 2013 foram se tornando mais claras e levaram os manifestantes a se dividirem em dois grupos politicamente opostos: um pró e outro contra o impeachment da presidenta Dilma Rousseff.

Os protestos contra e pró impeachment expressaram, então, as tentativas, de um lado, de manutenção da ordem socioeconômica favorável ou, em outros termos, das melhorias de capital econômico, cultural e simbólico que se produziram ao longo dos governos petistas por parte das classes média baixa e baixas e, de outro, de reversão da ordem desfavorável ou das perdas relativas desses mesmos capitais por parte das classes médias altas e médias ao longo da década de 2000. O governo Dilma Rousseff e as políticas do PT estiveram, por isso, no centro dos antagonismos que permearam os grupos, já que eles eram considerados responsáveis pelas perdas ou ganhos coletivos que obtiveram ao longo dos seus governos.

O discurso contra a corrupção, embora tenha respaldo na realidade paradoxalmente meritocrática e hierárquica na qual estão imersas as classes médias, seu acionamento como bandeira política nesse momento - sobretudo entre os manifestantes pró impeachment - expressou justamente o quão desfavorável a ordem social parecia para essas classes durante os governos do PT. O antipetismo surgiu, então, como uma expressão do *habitus* segregativo dessas classes que previa a exclusão dos indesejáveis de seus espaços e, ao mesmo tempo, como um recurso violento diante de um contexto de insuportável igualdade que se estabaleceu ao longo desse período e que punha em “desordem” a ordem hierárquica “natural” das coisas. Os protestos em torno do impeachment da presidenta Dilma simbolizavam e expressavam, assim, não só as lutas diárias de sobrevivência e de distinção que se estabeleciam no espaço social entre as classes e sua conseqüente tensão, como serviam para reforçar o centramento de suas subjetividades coletivas.

Os antagonismos entre essas manifestações reverberaram sobre a dimensão político-institucional e o regime democrático do país. O contexto de medo, frustração e raiva, no qual a aversão ao PT e à corrupção estavam em pauta, foram explorados pelos partidos conservadores. Não à toa, o golpe parlamentar sobre a presidenta Dilma ganhou ampla legitimidade entre as parcelas favoráveis ao impeachment e o candidato de extrema-direita Jair Bolsonaro teve amplo apoio nessas parcelas da população. A extrema-direita soube muito bem capturar e explorar os jogos afetivos que estavam na ordem do dia e, dessa maneira, conseguiram eleger o seu candidato. Não é coincidência, portanto, que o discurso de ódio utilizado por Bolsonaro na sua candidatura política tenha mobilizado centralmente elementos como a aversão ao PT e à corrupção. Eram esses jogos afetivos o que comandavam, em grande medida, o tom das escolhas político-partidárias naquele momento. Assim, embora não seja possível interpretar os eventos políticos que ocorreram nesse contexto com base apenas nesses jogos afetivos que se estabeleceram entre as classes a partir da década de 2000, é importante frisar que eles funcionaram como uma alavanca para a deflagração de um contexto de tensões e conflitos sociais propício para o seu desenrolar. E tiveram essa potência justamente porque diziam respeito à questão visceral que é a luta entre as classes.

Por fim, é importante destacar que as descrições que abrem a introdução e grande parte dos capítulos deste livro, ainda que aparentemente desconexas, funcionaram, em conjunto com os achados empíricos obtidos nesta pesquisa, como retratos sociológicos do passado que possibilitaram o embasamento da hipótese interpretativa desenvolvida. Com base neles, se julgou ter havido, ao longo da década de 2000, uma tendência de diminuição das distâncias entre as classes sociais ou de maior equidade entre elas que propiciou certa des-ordem, no sentido de uma propensão à desorganização ou à negação da rígida ordem desigual, - como sugerem os episódios dos rolezinhos que inauguram o capítulo 4 - mas que acabaram soando como uma desordem, no sentido moral do termo, sobretudo, para as classes mais bem situadas no espaço social - como expressa a fala do atual Ministro Paulo Guedes acerca das viagens à Disneylândia das empregadas domésticas no início do capítulo 3. Embora reflexo de políticas que visavam estabelecer certa justiça social no país, a diminuição das distâncias e os lugares de indistinção por ela forjados foram sentidos como algo injusto pelas classes mais privilegiadas de tal maneira que se deflagraram conflitos entre as classes e impactos sobre a ordem democrática - como sugerem os episódios violentos nas manifestações pró e contra o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff que abrem o capítulo 5. Os retratos que compuseram este livro

contribuíram, portanto, para a interpretação de que as mobilizações pró e contra o impeachment da presidenta Dilma Rousseff estiveram relacionadas às mudanças estruturais relativas às classes sociais que ocorreram ao longo da década de 2000 no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ADAMOVSKY, E. «Clase media»: reflexiones sobre los (malos) usos académicos de una categoría. *Nueva Sociedad*, nº 247, p. 38 – 49, set-out, 2013.
- ALBUQUERQUE, J. A. G. *Classes médias e política no Brasil*. Paz e Terra, 1977.
- ALENCASTRO, L. F. de. *O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALGRANTI, L. M. Famílias e vida doméstica. *História da vida privada no Brasil*, v. 1, p. 83-155, 1997.
- ANGELIN, P.; TRUZZI, O. Patroas e adolescentes trabalhadoras domésticas: relações de trabalho, gênero e classes sociais. *RBCS*, v. 30, n.89, p. 63-76, out, 2015.
- ANTUNES, R. As rebeliões de junho de 2013. *OSAL Observatório Social de América Latina*, v. 14, n. 34, p. 37-48, 2013.
- ARISTÓTELES. *A política*. Tradução Roberto Leal Ferreira, 3. Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ARON, R. *As Etapas do Pensamento Sociológico*, 7 ed., Editora Martins, 1999.
- ARRETCHE, M. Apresentação. In: _____. (Org.), *Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos*. São Paulo: Editora Unesp; CEM, 2015.
- BALANÇO GERAL DA RECORD. Manifestantes pró e contra Dilma se enfrentam em Brasília e PM age com truculência, Brasília, 18/03/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aEE-2x9ssUA>>. Acesso em: 20 de março de 2020.
- BAUMAN, Z. *Memories of Class: the pre-history and after-life of class*. London: Routledge, 1982.
- BARBOSA, L. Feijão com arroz e arroz com feijão: o Brasil no prato dos brasileiros. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 87-116, dec., 2007.
- BARBOSA, M. L. Para onde vai a classe média: um novo profissionalismo no Brasil? *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 10, n. 1, p. 129-142, 1998.
- BARBOSA-PEREIRA, A. Os “rolezinhos” nos centros comerciais de São Paulo: juventude, medo e preconceito. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*. Niriez y Juventud, 14 (1), p. 545-557.
- BARROS, R. P. de; DE CARVALHO, M.; FRANCO, S. O papel das transferências públicas na queda recente da desigualdade de renda brasileira. In: BARROS, R. P.;

FOGUEL, M. N.; ULYSSEA, G. (Eds.). *Desigualdade de renda no Brasil: uma análise da queda recente*. Brasília: Ipea, 2007. v. 2.

BECK, U. *Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

BERTONCELO, E. R. E. *Classes sociais e estilos de vida na sociedade brasileira*. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BOURDIEU, P. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.

_____. Les trois états du capital culturel. *Actes de la recherche en sciences sociales*. v. 30, p. 3-6, nov., 1979.

_____. SAINT-MARTIN, M. Gostos de classe e estilos de vida. *Actes de Ia Recherche en Sciences Sociales*, n. 5, p. 18-43, 1976 Excerto do artigo "Anatomie du goftt".

BONELLI, M. da G. *A classe média do "milagre" à recessão*. IDESP- Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo, 1989.

BRAGA, R. As jornadas de junho no Brasil: crônica de um mês inesquecível. *OSAL Observatorio Social de América Latina*, v. 8, p. 51-61, 2013.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Classes e estratos sociais no capitalismo contemporâneo. Ensaio não publicado, mas escrito em 1981.

BRINGEL, B.; PLEYERS, G. Junho de 2013... Dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil. *Nova Sociedade*, v. 2015, p. 4, 2015.

BRITO, F. As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Texto para discussão n. 366. *CEDEPLAR*, 2009.

BUSSOLO, M.; MALISZEWSKA, M.; MURARD, E. The long-awaited rise of the middle class in Latin America is finally happening. *World Bank*, 2014.

CACCIAMALI, M. C. *Um estudo sobre o setor informal urbano e formas de participação na produção*. 1982. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

_____. Padrão de acumulação e processo de informalidade na América Latina contemporânea: Brasil e México. *Pesquisa & Debate. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política*, v. 12, n. 1 (19), 2001.

_____. (Pré-)Conceito sobre o setor informal, reflexões parciais embora instigantes. *Revista Econômica*, v. 9, n. 1, 2007.

CALDEIRA, T. P. do R. *A cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.

_____. Qual a novidade dos rolezinhos? Espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. *Novos estudos CEBRAP*, n. 98, p. 13-20, 2014.

CARDOSO, A. M. Economia X Sociologia: eficiência ou democracia nas relações de trabalho? *Dados*, Rio de Janeiro, v. 43, n.1, 2000.

_____. *A construção da sociedade do trabalho no Brasil: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades*, Ed. FGV, 2010.

_____. Informality and public policies to overcome it. The case of Brazil. *Sociologia & Antropologia*, v. 6, n. 2, p. 321-349, 2016.

_____. *Classes médias e política no Brasil: 1922-2016*. Editora FGV, 2020. E-book.

_____; PRÉTECEILLE, E. Classes médias no Brasil: Do que se trata? Qual seu tamanho? Como vem mudando? *Dados*, v. 60, n. 4, p. 977-1023, 2017.

CARDOSO, C. F. História e paradigmas rivais. In: _____; VAIFAS, R. (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, p. 1-23, 1997.

_____. O trabalho na colônia: do esquematismo excessivo à relativa complexidade. In: LINHARES, M. Y. et al. (Org.). *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, v. 5, p. 69-88, 1990.

CARVALHAES, F. A. de O. A tipologia ocupacional Erikson-Goldthorpe-Portocarero (EGP): uma avaliação analítica e empírica. *Sociedade e Estado*, v. 30, n. 3, p. 673-703, 2015.

_____; SOUZA, Pedro. Análise de Classe e a Queda da Desigualdade de Renda do Trabalho no Brasil. *Plural*, v. 21, n. 2, p. 77-107, 2014.

CECCONELLO, C. et al. Em ato contra o governo, manifestantes explicam por que foram às ruas. *TV Folha*, São Paulo, 17/03/2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JBrkxiBpCVQ>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2020

CHAUÍ, M. Uma nova classe trabalhadora. In: SADER, E. (Org.), *10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma*, São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2013, pp. 123-134.

CHAUVEL, L. *Les classes moyennes a la derive*. Editions du Seuil et La Republique des Idees, 2006.

CIRCLE 10 MEDIA. Sra é quase linchada por usar vermelho no protesto da Paulista 16-08-15, São Paulo, 16/08/2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cfk7aRM3je0>>. Acesso em: 16 de março de 2020.

COELHO, E. C. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CONFUSÃO NA MANIFESTAÇÃO PELO IMPEACHMENT. DAFLO, F.; PACHÁ, J. E. (produtores). Rio de Janeiro: Analfabeto Político, 14/10/2015. 4min e 22seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zvQuzgO1m6Q>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2020.

COREY, L. *The Crisis of the Middle Class*. New York: Colvici Friede Publishers, 1992[1935].

COROSSACZ, V. R. Cor, classe, gênero: aprendizado sexual e relações de domínio. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(2), 304, maio-ago., 2014.

COSTA, B. *O drama da classe média*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.

COSTA, L. C. Classes médias e as desigualdades sociais no Brasil. In: D. D. BARTELT (Org.). *A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político*, Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, p. 43-55, 2013.

COULANGEON, P. *Sociologie des pratiques culturelles*, La Découverte, Coll, 2010.

DAHRENDORF, R. *Class and class conflict in industrial society*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1959.

DE CASTRO, P. R. A nova classe média mundial. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 13 de agosto de 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1308200802.htm>>. Acessado em: 20/01/2015.

DINIZ, M. Pesquisas revelam retrato social e racial de manifestantes. *Agência Brasil*, Brasília, 18/08/2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.abc.com.br/geral/noticia/2015-08/pesquisas-revelam-retrato-social-e-racial-de-manifestantes>>. Acesso em: 11 de novembro de 2019.

DÓLAR COMERCIAL OFICIAL Informações sobre os índices mensais do dólar comercial entre 1970 e 2020. Disponível em: <<http://www.yahii.com.br/dolar.html>>. Acesso em: 07 de março de 2020.

DOMINGUES, J. M. Desenvolvimento, modernidade e subjetividade. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 14, n. 40, p. 83-91, 1999.

_____. A subjetividade coletiva e a coordenação da economia. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 38, p. 175-197, 1996a.

_____. Sistemas sociais e subjetividade coletiva. *Dados*, v. 39, n. 1, p. 5-31, 1996b.

_____. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. *Tempo social*, v. 14, n. 1, p. 67-89, 2002.

_____. Las movilizaciones de junio de 2013: ¿ Explosión fugaz o novísima historia de Brasil? *OSAL Observatorio Social de América Latina*, v. 14, n. 34, p. 62-72, 2013.

DURHAM, E. *A caminho da cidade*. Ed. Perspectiva, 1973

DUVAL, J. L'analyse des correspondances et la construction des champs. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 5, p. 110-123, 2013.

EDER, K. A classe social tem importância no estudo dos movimentos sociais? Uma teoria do radicalismo da classe média. *RBCS*, v. 16, n. 46, p. 5-27, 2001.

EHRENREICH, B. *O medo da queda*. São Paulo: Scritta, 1994.

_____; EHRENREICH, J. The Professional-Managerial Class. In: WALKER, P. (Org.). *Between labor and capital*, Ed. South End Press, 1979.

FACINA, A.; PALOMBINI, C. O patrão e a padroeira: momentos de perigo na Penha, Rio de Janeiro, *MANA*, 23(2), p. 341-370, 2017.

FIGUEIREDO, A. C. *at al.* O voto do eleitor pobre nas eleições presidenciais (1989-2014). In: _____.; BORBA, F. (Orgs.). *25 anos de eleições presidenciais no Brasil*. Editora Appris, 2018. E-book.

FREYRE, G. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global. 2003

FLEURY, S. A fabricação da classe média: projeto político para nova sociabilidade. In: D. D. BARTELT (Org.). *A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, p. 69-80, 2013.

G1. Brasil tem o maior número de domésticas do mundo, diz OIT. São Paulo, 09/01/2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2013/01/brasil-tem-o-maior-numero-de-domesticas-do-mundo-diz-oit.html>>. Acesso em 19 de setembro de 2016.

GIDDENS, A. *A estrutura de classes das sociedades avançadas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1975.

GOLDTHORPE, J. H. *On sociology: numbers, narratives, and the integration of research and theory*. Oxford University Press on Demand, 2000.

GRUSKY, D.; WEEDEN, K. Class Analysis and the Heavy Weight of Convention. *Acta Sociologica*, p.229-236, 2002

_____. Decomposition without death: A research agenda for a new class analysis. *Acta Sociologica*, v. 44, n. 3, p. 203-218, 2001.

GUIMARÃES, N. O desafio da inclusão. Reflexões a partir do caso brasileiro. In: I CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DO PENSAMENTO ECONÔMICO LATINO-AMERICANO, set., 2015, Buenos Aires. Intervenção no painel “Emprego e desigualdade na América Latina”.

_____. Casa e mercado, amor e trabalho, natureza e profissão: controvérsias sobre o processo de mercantilização do trabalho de cuidado. *Cadernos pagu*, 46, p. 59-77, jan-abr, 2016,.

HASENBALG, C. A.; DO VALLE SILVA, N. *Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Iuperj/Ucam, 2003.

HIRATA, H. O trabalho de cuidado. *Sur: revista internacional de direitos humanos*, São Paulo, v. 13, p. 53-64, 2016.

_____; MOLINIER, Pascale. Les ambiguïtés du care. *Travailler*, n. 2, p. 9-13, 2012.

HOPENHAYN, M. Clases medias en America Latina: sujeto difuso en busca de definición. In: BÁRCENA IBARRA, A.; SERRA, N.; (Org.) *Clases medias y desarrollo en América Latina*. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), 2010; Barcelona: Fundación CIDOB, 2010.

HUSSON, F.; LE, S.; PAGES, J. *Exploratory Multivariate Analysis by Example Using R.*, USA, CRC Press: Boca Raton, FL, 2011.

HOFFMAN, R. Transferências de Renda e Redução da Desigualdade no Brasil e em Cinco Regiões entre, 1997 e 2005. In: BARROS, R. P.; FOGUEL, M. N.; ULYSSEA, G. (Eds.). *Desigualdade de renda no Brasil: uma análise da queda recente*. Brasília: Ipea, v. 2, 2007.

INSTITUTO DATAFOLHA. Perfil e opinião do protesto de 13.03 na Avenida Paulista. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/03/14/manifestacao_13_03_2016.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2019.

JACKSON, M.; GRUSKY, D. B. A post-liberal theory of stratification. *The British journal of sociology*, v. 69, n. 4, p. 1096-1133, 2018.

KHARAS, H. The emerging middle class in developing countries. *OECD Development Centre*, Working Paper, n. 285, 2010.

KERSTENETZKY, C. L.; UCHÔA, C. Moradia inadequada, escolaridade insuficiente, crédito limitado: em busca da nova classe média. In: D. D. BARTELT (Org.) *A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político*, Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, p. 16-31, 2013.

_____; _____; SILVA, Nelson do Valle. Padrões de consumo e estilos de vida da “nova classe média”. In: 37º ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS, Texto para Discussão, n. 80, 2013, Águas de Lindóia. Paper apresentado no ST 33: As classes sociais no Brasil Contemporâneo.

_____; _____; _____. The elusive new middle class in Brazil. *Brazilian Political Science Review*, v. 9, n. 3, p. 21-41, 2015.

KINGSLEY, D.; MOORE, W. E. Some Principles of Stratification, *American Sociological Review*, p. 242-249, abr., 1945.

LAHIRE, B.. *Homem plural: os determinantes da ação*, 2002.

LE ROUX, B.; ROUANET, H. Overview of Geometric Data Analysis ('Overview'). *Geometric Data Analysis: From Correspondence Analysis to Structured Data Analysis*, p. 1-22, 2005.

_____. *Multiple correspondence analysis*. Sage, 2010.

_____. *Analyse des Données Multidimensionnelles*. Paris, Dunod, 1993.

LÊ, S. *et al.* FactoMineR: an R package for multivariate analysis. *Journal of statistical software*, v. 25, n. 1, p. 1-18, 2008.

LEAL, J. M. *Nova Classe Média: um debate científico ou ideológico?* 2015. Dissertação de Mestrado, IESP/UERJ, Rio de Janeiro.

_____. Classes médias e classes baixas: uma correlação entre a dinâmica da desigualdade de renda e das classes entre a base e o meio da pirâmide. In: 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, jul., 2017, Brasília. Paper apresentado no GT 27 Desigualdades e Estratificação: analisando sociedades em mudança.

LIMA, M.; PRATES, I. Desigualdades raciais no Brasil: um desafio persistente. In: ARRETCHE, M. (Org.), *Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos*. São Paulo: Editora Unesp; CEM, 2015.

LIMA, R. *Os sentidos do diploma: percepções sobre mobilidade social através do ensino superior*. 2016. Tese de doutorado, IESP/UERJ, Rio de Janeiro.

LIPSET, S. M. Some social requisites of democracy: Economic development and political legitimacy. *The American political science review*, v. 53, n. 1, p. 69-105, 1959.

LUKÁCS, G. A consciência de classe. In: VELHO, O, G. PALMEIRA, M. G. S. e BERTELLI, A, R. (Orgs.). *Estrutura de Classes e Estratificação Social*. Rio de Janeiro, RJ. Zahar Editores. p. 11 – 60, 1977.

MACHADO DA SILVA, L. A. Da informalidade à empregabilidade: reorganizando a dominação no mundo do trabalho. *Caderno CRH*, v. 37, p. 81-109, 2002.

_____. O significado do botequim. *América Latina*, Ano 12, número 3, jul-set, p.160-182, 1969.

MARX, K. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. Trad. N. Schneider, São Paulo: Boitempo, 2011 [1852].

_____. *O capital: crítica da economia política*. Trad. de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe, v. 3, São Paulo: Nova Cultural, 1985-1986.

_____; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Trad. L. C. C. Costa, São Paulo: Martins Fontes, 1998 [1933].

_____; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. Trad. M. A. Nogueira, L. Konder, Petrópolis: Ed. Vozes, 1996 [1848].

MATTA, R. da. Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil. *Carnavais, Malandros e Heróis. Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980, pp. 139-193.

MEDEIROS, M., SOUZA, P. H., & CASTRO, F. A. D. O topo da distribuição de renda no Brasil: primeiras estimativas com dados tributários e comparação com pesquisas domiciliares, 2006-2012 *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 58(1), 2015.

MEIRELLES, R. & ATHAYDE, C. *Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira*, São Paulo: Editora Gente, 2014.

MILANOVIC, B., YITZHAKI, S. Decomposing world income distribution: Does the world have a middle class? *Review of Income and Wealth*, 48(2), p.155-178, 2002.

MILLS, C. W. *White collar: The American middle classes*. Oxford University Press, 1969.

NEMER, S; REZNIK, L. *Feira de São Cristóvão: contando histórias, tecendo memórias*. 2012. Rio de Janeiro. Tese de Doutorado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

NERI, M. C. *A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide*, Rio de Janeiro: Editora Saraiva, 2011.

_____. *A Nova Classe Média: o lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

_____. *A nova classe média*, mimeo, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2008a. Disponível em <http://www.cps.fgv.br/cps/classe_media/>, [consultado em 20-11-2014].

_____. *Miséria e a nova classe média na década da desigualdade*, mimeo, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2008b. Disponível em: <<http://www.cps.fgv.br/cps/desigualdade/>>, [consultado em 20-11-2014].

NIELSEN, D. A.; HANS H.; GERTH, C. Wright Mills, and the Legacy of Max Weber. *International Journal of Politics, Culture and Society*, v.. 13, n. 4, 2000, p. 649-661.

OBERTI, M. *L'école dans la ville. Ségrégation - mixité - carte scolaire*, Paris : Presses de Sciences Po, 2007.

OLIVEIRA, F. *O elo perdido*. Classe e identidade de classe. São Paulo: Brasiliense, 1987.

OLIVEIRA, D. Manifestantes pró e contra governo entram em conflito na Av. Paulista. *Jovem Pan News*, São Paulo, 30/08/2015. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=NkUUGeULVns>>. Acesso em 20 de março de 2020.

OWENSBY, B. P. *Intimate ironies: Modernity and the making of middle-class lives in Brazil*. Stanford, California: Stanford University Press, 1999.

PASTORE, J.; VALLE SILVA, N. do; CARDOSO, F. H. *Mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Makron books, 2000.

PAUGAM, S.; COUSIN, B.; GIORGETTI, C.; NAUDET, J. *Ce que les riches pensent des pauvres*. Paris: Le Seuil, 2017.

PESQUISA DE ORÇAMENTOS FAMILIARES - POF. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9050-pesquisa-de-orcamentos-familiares.html?=&t=microdados>>. Acesso em: 20 de outubro de 2017.

PERFIL DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS: 2017 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro : IBGE, 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/protecao-social/10586-pesquisa-de-informacoes-basicas-municipais.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em: 3 de março de 2020.

PEUGNY, C. *Le déclassement*. Grasset, 2009.

PINHO, C. E. S. *Planejamento Estratégico Governamental no Brasil: Autoritarismo e Democracia (1930-2016)*. Editora Appris, 2020.

POCHMANN, M. *O mito da grande classe média: capitalismo e estrutura social*. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. *Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*, São Paulo: Boitempo, 2012.

POULANTZAS, N. *Classes in contemporary capitalism*. London: NLB, 1975.

PRANDI, J. R. *Os favoritos degradados: ensino superior e profissões de nível universitário no Brasil hoje*. Edições Loyola, 1982.

PRETECEILLE, E. La ségrégation sociale a-t-elle augmenté ? La métropole parisienne entre polarisation et mixité, *Sociétés Contemporaines*, n. 62, p. 69-93, 2006.

_____. Segregation, social mix and public policies in Paris. In: MALOUTAS T. & FUJITA K. (Org.), *Residential Segregation in Comparative Perspective. Making Sense of Contextual Diversity Cities and Society*, Ashgate Publishing, 2012.

_____; CARDOSO, A. Rio de Janeiro y São Paulo: ciudades duales? Comparación con Paris. *Ciudad y Territorio*, Estudios Territoriales, v. XL, p.617 – 640, 2008.

PRZEWORSKI, A. Proletariat into a Class: The Process of Class Formation from Karl Kautsky's The Class Struggle to Recent Controversies, *Politics and Society*, 7: 343, 1977.

QUERÉ, L. O trabalho das emoções na experiência pública: marés verdes na Bretanha. *O público e o privado*, v. 17, n. 34, 2020.

QUADROS, W. *A nova classe média brasileira: 1950-1980*. 1985. Diss. de mestrado, IE/UNICAMP, Campinas.

_____. *O “Milagre Brasileiro” e a expansão da nova classe média*. 1991. Tese de Doutorado, IE/UNICAMP, Campinas.

_____; MAIA, Alexandre Gori. Estrutura sócio-ocupacional no Brasil. *Revista de Economia contemporânea*, v. 14, n. 3, p. 443-468, 2010.

_____; GIIMENEZ, D. M., ANTUNES, D. J. N. Afinal, somos um país de classe média? Mercado de trabalho, renda e transformações sociais no Brasil dos anos 2000. In: BARTELT, D. D. (Org.), *A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político*. Rio, de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, pp. 32-42, 2013.

RAVALLION, M. The developing world’s bulging (but vulnerable) middle class. *World Development*, 38.4, p. 445-454, 2010.

REPÓRTER BRASIL. Acompanhe as manifestações de 13 de março pelo Brasil. *Empresa Brasil De Comunicação*. Brasília, 13/03/2016. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2016/03/confira-manifestacoes-de-13-de-marco-pelo-brasil>>. Acesso em: 12 de novembro de 2019.

RIBEIRO, C. A. C. *Estrutura de classe e mobilidade social no Brasil*. Bauru: Edusc, 2007.

_____. Desigualdade de oportunidades e resultados educacionais no Brasil. *Dados-Revista de Ciências Sociais*, v. 54, n. 1, p. 41-87, 2011.

_____; CENEVIVA, R.; BRITO, M. M. A. Estratificação educacional entre jovens no Brasil: 1960 a 2010. In: ARRETCHE, Marta (Org.), *Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos*, São Paulo: Editora Unesp; CEM, 2015.

ROSSI, M. et al. Maior manifestação da democracia brasileira joga Dilma contra as cordas. *El País Brasil*, São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, 14/03/2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/13/politica/1457906776_440577.html>. Acesso em: 12 de novembro de 2019.

SALATA, A. Notas sobre a tese da nova classe média brasileira. *Observatório das Metrôpoles*. Rio de Janeiro, maio, p. 1- 20, 2012.

_____. Quem é Classe Média no Brasil? Um Estudo sobre Identidades de Classe, *Dados*, v. 58, n. 1, p. 111-150, 2015.

SAES, D. *Classe média e política na Primeira República brasileira (1889-1930)*. Vozes, 1975.

SANTOS, J. A. F. *Estrutura de posições de classe no Brasil: mapeamento, mudanças e efeitos na renda*. Belo horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2002.

SANTOS, W. G. *Horizonte do desejo: instabilidade, fracasso coletivo e inércia social*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____. *Cidadania e Justiça*. A política social na ordem brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1987 [1979].

_____. *Paradoxos do liberalismo: teoria e história*. São Paulo: Vértice, 1988.

_____. *A democracia impedida: o Brasil no século XXI*. Editora FGV, 2017.

SAVAGE, Michael et al. *Property Bureaucracy & Culture*. Routledge, 2014.

SCALON, M. C. Mapeando estratos: critérios para escolha de uma classificação. *Dados*, v. 41, n. 2, 1998.

_____; SALATA, A. Uma Nova Classe Média no Brasil da Última Década? O debate a partir da perspectiva sociológica, *Revista Sociedade e Estado*, v. 27, n. 2, maio/ago, 2012.

SCHWARTZ, S. B. *Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Deide Fátima da; DE LORETO, Maria das Dores Saraiva; BIFANO, Amélia Carla Sobrinho. Ensaio da história do trabalho doméstico no Brasil: um trabalho invisível. *Cadernos de Direito*, v. 17, n. 32, p. 409-438, 2017.

SIMÕES, S. de D. *Deus, pátria e família: as mulheres no golpe de 1964*. Vozes, 1985.

SINGER, A. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo, Cia. das Letras, 2012.

_____. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. *Novos estudos CEBRAP*, n. 97, p. 23-40, 2013.

SOROKIN, P. A. O que é uma classe social? In: VELHO, O, G. PALMEIRA, M. G. S. e BERTELLI, A, R. (Orgs.). *Estrutura de Classes e Estratificação Social*. Rio de Janeiro, RJ. Zahar Editores, p. 84-93, 1977.

SOBRINHO, G. G. de F. X. 'Classe C' e sua alardeada ascensão: nova? Classe? Média? *Índice Econômico*. FEE, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 67-80, 2011.

SOUZA, A. & LAMOUNIER, B. *A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*, Rio de Janeiro: Elsevier; Brasília, DF: CNI, 2010.

SOUZA, J. *A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. Sextante, 2018.

_____. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. A invisibilidade da luta de classes ou a cegueira do economicismo. In: *A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político*, Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, p. 56-68, 2013.

SOUZA, P. H. G. F. Uma história da desigualdade: a concentração de renda entre os ricos no Brasil, 1926-2013. São Paulo: Huitec, Anpocs, 2018.

_____; CARVALHAES, F. A. O. Estrutura de Classes, Educação e Queda da Desigualdade de Renda (2002-2011). *Dados*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 101 a 128, 2014.

SPEIER, H. The salaried employee in modern society. *Social research*, p. 111-133, 1934.

STAVENHAGEN, R. Estratificação Social e Estrutura de classes. In: VELHO, O, G. PALMEIRA, M. G. S. e BERTELLI, A, R. (Orgs.). *Estrutura de Classes e Estratificação Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 133-170, 1977.

SVAMPA, M. *Los que ganaron*. La vida en los countries y barrios privados. Buenos Aires: Biblos, 2001.

SZWACO, J. O fascismo contemporâneo brasileiro ou o mundo segundo o conservadorismo. *Escuta. Revista de política e cultura*, 2016.

THUROW, L. A Surge in Inequality. *Scientific American*, 256, p. 30-37, 1987.

TOCQUEVILLE, A. O Antigo regime e a Revolução. *Universidade de Brasília*, 1997.

_____. *A democracia na América*. São Paulo: Edusp, 1987.

_____. *Ensaio sobre a pobreza*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2003.

UCHÔA, C. B. E. *Introduzindo a perspectiva do estilo de vida no debate sobre a assim chamada nova classe média*. 2014. Tese de Doutorado. UFF, Niterói.

WEBER, M. *The theory of the leisure class*. New York: Oxford University Press, 2007.

VENTURA, M. Guedes diz que dólar alto é bom: ‘empregada doméstica estava indo para Disney, uma festa danada’. O Globo, Rio de Janeiro, 12/02/2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/guedes-diz-que-dolar-alto-bom-empregada-domestica-estava-indo-para-disney-uma-festa-danada-24245365>>. Acesso em: 08 de março de 2020.

WEBER, M. *Ensaio sobre a teoria das ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 1974 [1917].

_____. Classe, “status”, partido In: VELHO, O, G. PALMEIRA, M. G. S. e BERTELLI, A, R. (Orgs.). *Estrutura de Classes e Estratificação Social*. Rio de Janeiro, RJ. Zahar Editores. 1977, p. 61-83.

WIETZKE, B., SUMNER, A. The Political and Social Implications of the 'New Middle Classes. In: *Developing Countries: A Literature Review and Avenues for Future Research*. 2014.

WRIGHT, E. O. *Classes*. London: Verso, 1985.

YACCOUB, H. A chamada "nova classe média": cultura material, inclusão e distinção social. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 197-231, jul./dez. 2011.

0,82	0,814	0,812	0,81	0,809	0,803	0,802	0,799	0,797	0,794
48,36	49,17 4	49,98 6	50,79 5	51,60 4	52,407	53,209	54,00 8	54,80 5	55,59 9
Dim.50	Dim.5 1	Dim.5 2	Dim.5 3	Dim.5 4	Dim.55	Dim.56	Dim.5 7	Dim.5 8	Dim.5 9
0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008
0,791	0,788	0,784	0,781	0,78	0,775	0,771	0,767	0,761	0,759
56,39	57,17 9	57,96 3	58,74 4	59,52 3	60,298	61,069	61,83 6	62,59 7	63,35 6
Dim.60	Dim.6 1	Dim.6 2	Dim.6 3	Dim.6 4	Dim.65	Dim.66	Dim.6 7	Dim.6 8	Dim.6 9
0,008	0,008	0,008	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007
0,757	0,752	0,751	0,748	0,741	0,738	0,737	0,73	0,722	0,717
64,113	64,86 5	65,61 6	66,36 4	67,10 5	67,843	68,581	69,31 1	70,03 4	70,75 1
Dim.70	Dim.7 1	Dim.7 2	Dim.7 3	Dim.7 4	Dim.75	Dim.76	Dim.7 7	Dim.7 8	Dim.7 9
0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007
0,709	0,706	0,703	0,696	0,693	0,689	0,683	0,679	0,672	0,667
71,459	72,16 6	72,86 9	73,56 5	74,25 8	74,947	75,63	76,30 9	76,98 1	77,64 8
Dim.80	Dim.8 1	Dim.8 2	Dim.8 3	Dim.8 4	Dim.85	Dim.86	Dim.8 7	Dim.8 8	Dim.8 9
0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,006	0,006	0,006	0,006	0,006
0,665	0,662	0,661	0,653	0,652	0,648	0,644	0,632	0,623	0,62
78,314	78,97 6	79,63 7	80,29	80,94 2	81,589	82,233	82,86 5	83,48 8	84,10 8
Dim.90	Dim.9 1	Dim.9 2	Dim.9 3	Dim.9 4	Dim.95	Dim.96	Dim.9 7	Dim.9 8	Dim.9 9
0,006	0,006	0,006	0,006	0,006	0,006	0,006	0,006	0,006	0,005
0,61	0,607	0,605	0,599	0,589	0,584	0,575	0,568	0,552	0,549
84,718	85,32 5	85,93	86,52 9	87,11 8	87,702	88,277	88,84 5	89,39 6	89,94 6
Dim.100	Dim.1 01	Dim.1 02	Dim.1 03	Dim.1 04	Dim.105	Dim.106	Dim.1 07	Dim.1 08	Dim.1 09
0,005	0,005	0,005	0,005	0,005	0,005	0,005	0,005	0,005	0,005
0,54	0,53	0,528	0,515	0,507	0,495	0,494	0,49	0,482	0,472
90,485	91,01 5	91,54 3	92,05 8	92,56 5	93,06	93,554	94,04 4	94,52 6	94,99 8
Dim.110	Dim.1 11	Dim.1 12	Dim.1 13	Dim.1 14	Dim.115	Dim.116	Dim.1 17	Dim.1 18	Dim.1 19

0,005	0,004	0,004	0,004	0,004	0,004	0,004	0,004	0,004	0,004
0,46	0,447	0,439	0,426	0,422	0,396	0,387	0,377	0,363	0,353
95,457	95,90 4	96,34 3	96,76 9	97,19 1	97,587	97,974	98,35 1	98,71 4	99,06 7
Dim.120	Dim.1 21	Dim.1 22							
0,003	0,003	0,003							
0,344	0,335	0,253							
99,411	99,74 7	100							
Categories									
	Dim.1	ctr	cos2	v.test	Dim.2	ctr	cos2	v.test	
agua_esg_	-0,285	0,319	0,059	- 47,72 9	0,532	3,131	0,206	89,221	
agua_esg_	0,208	0,233	0,059	47,72 9	-0,388	2,284	0,206	-89,221	
eletri_	-0,782	0,947	0,121	- 68,41 9	1,073	4,996	0,228	93,8	
eletri_	0,155	0,188	0,121	68,41 9	-0,213	0,99	0,228	-93,8	
gasbuj_	-0,573	0,387	0,047	- 42,73 6	1,497	7,416	0,323	111,686	
gasbuj_	0,083	0,056	0,047	42,73 6	-0,216	1,071	0,323	-111,686	
gasenc_	-0,009	0,001	0,022	- 28,80 7	-0,009	0,002	0,021	-28,457	
gasenc_	2,317	0,2	0,022	28,80 7	2,289	0,549	0,021	28,457	
lenha_	0,148	0,171	0,112	65,81 7	-0,166	0,605	0,141	-73,793	
lenha_	-0,759	0,878	0,112	- 65,81 7	0,85	3,1	0,141	73,793	
diesel_	0,023	0,005	0,029	33,17 9	-0,042	0,044	0,095	-60,556	
diesel_	-1,255	0,262	0,029	- 33,17 9	2,29	2,45	0,095	60,556	
queros_	0,036	0,012	0,038	38,24 2	-0,064	0,102	0,116	-66,897	
queros_	-1,043	0,342	0,038	- 38,24 2	1,825	2,942	0,116	66,897	

condomi_	-0,091	0,074	0,168	- 80,41 9	-0,059	0,086	0,07	-51,836
condomi_	1,837	1,493	0,168	80,41 9	1,184	1,742	0,07	51,836
vigeletronic_	0	0	0,001	- 7,283	0	0	0,001	-7,43
vigeletronic_	3,642	0,013	0,001	7,283	3,715	0,038	0,001	7,43
antenparab_	-0,08	0,046	0,022	- 29,40 5	0,085	0,147	0,025	31,324
antenparab_	0,282	0,163	0,022	29,40 5	-0,3	0,521	0,025	-31,324
arcond_	-0,142	0,172	0,231	- 94,46 4	-0,045	0,049	0,023	-30,079
arcond_	1,635	1,99	0,231	94,46 4	0,52	0,567	0,023	30,079
aspirpo_	-0,126	0,139	0,243	- 96,90 9	-0,053	0,069	0,043	-40,77
aspirpo_	1,932	2,136	0,243	96,90 9	0,813	1,062	0,043	40,77
batedeira_	-0,347	0,813	0,314	- 110,1 14	0,054	0,055	0,008	17,025
batedeira_	0,906	2,125	0,314	110,1 14	-0,14	0,143	0,008	-17,025
equipsom_	-0,388	0,703	0,151	- 76,20 7	0,228	0,684	0,052	44,876
equipsom_	0,388	0,704	0,151	76,20 7	-0,229	0,686	0,052	-44,876
ferroelet_	-0,855	1,628	0,229	- 93,91 8	0,91	5,186	0,259	100,039
ferroelet_	0,268	0,51	0,229	93,91 8	-0,285	1,623	0,259	-100,039
filtroagua_	-0,001	0	0	- 0,294	0,074	0,095	0,01	20,035
filtroagua_	0,002	0	0	0,294	-0,14	0,178	0,01	-20,035
fogao_	-1,209	0,567	0,063	- 49,41 1	2,222	5,379	0,214	90,825
fogao_	0,052	0,025	0,063	49,41 1	-0,096	0,233	0,214	-90,825
microond_	-0,214	0,379	0,364	- 118,5 71	-0,072	0,12	0,041	-39,784

microond_	1,707	3,028	0,364	118,5 71	0,573	0,957	0,041	39,784
freezer_	-0,192	0,288	0,191	- 85,76 4	-0,029	0,019	0,004	-13,082
freezer_	0,994	1,494	0,191	85,76 4	0,152	0,098	0,004	13,082
geladeira_	-0,932	1,595	0,212	- 90,49	1,144	6,748	0,32	111,096
geladeira_	0,228	0,39	0,212	90,49	-0,28	1,649	0,32	-111,096
liquid_	-0,733	1,45	0,218	- 91,74	0,725	3,988	0,214	90,8
liquid_	0,298	0,589	0,218	91,74	-0,295	1,621	0,214	-90,8
maqcostura_	-0,092	0,062	0,031	- 34,61 4	0,046	0,044	0,008	17,398
maqcostura_	0,337	0,228	0,031	34,61 4	-0,169	0,162	0,008	-17,398
lavalouca_	-0,056	0,028	0,138	- 72,88 1	-0,036	0,033	0,057	-47,081
lavalouca_	2,477	1,259	0,138	72,88 1	1,6	1,475	0,057	47,081
lavaroupa_	-0,378	0,902	0,298	- 107,1 96	0,053	0,05	0,006	15,005
lavaroupa_	0,789	1,883	0,298	107,1 96	-0,11	0,104	0,006	-15,005
secaroupa_	-0,061	0,034	0,103	- 63,06 2	-0,022	0,012	0,013	-22,744
secaroupa_	1,681	0,93	0,103	63,06 2	0,606	0,34	0,013	22,744
microcomput_	-0,205	0,357	0,399	- 123,9 85	-0,089	0,188	0,075	-53,688
microcomput_	1,939	3,368	0,399	123,9 85	0,84	1,773	0,075	53,688
purifagua_	-0,073	0,047	0,097	- 61,28 2	-0,011	0,003	0,002	-8,966
purifagua_	1,331	0,863	0,097	61,28 2	0,195	0,052	0,002	8,966
radio_	-0,073	0,036	0,014	- 23,31 9	-0,097	0,18	0,025	-31,14
radio_	0,194	0,096	0,014	23,31 9	0,259	0,48	0,025	31,14

seccabelo_	-0,24	0,451	0,305	- 108,4 94	-0,036	0,028	0,007	-16,152
seccabelo_	1,274	2,401	0,305	108,4 94	0,19	0,149	0,007	16,152
tvcor_	-0,883	1,53	0,207	- 89,41 4	1,003	5,546	0,268	101,59
tvcor_	0,235	0,407	0,207	89,41 4	-0,267	1,475	0,268	-101,59
ventil_	-0,492	0,912	0,164	- 79,43 8	0,452	2,165	0,138	73,041
ventil_	0,333	0,617	0,164	79,43 8	-0,306	1,465	0,138	-73,041
dvd_	-0,056	0,028	0,129	- 70,53 6	-0,034	0,03	0,049	-43,693
dvd_	2,321	1,177	0,129	70,53 6	1,438	1,268	0,049	43,693
moto_INV_	-0,034	0,01	0,01	- 19,28	0,029	0,019	0,007	16,197
moto_INV_	0,283	0,08	0,01	19,28	-0,237	0,159	0,007	-16,197
carro_INV_	-0,378	0,987	0,406	- 125,0 73	-0,04	0,03	0,004	-13,117
carro_INV_	1,073	2,804	0,406	125,0 73	0,113	0,087	0,004	13,117
bicicleta_INV_	-0,032	0,004	0,001	- 5,816	0,099	0,117	0,008	17,767
bicicleta_INV_	0,027	0,004	0,001	5,816	-0,083	0,098	0,008	-17,767
trabdomest_	-0,25	0,481	0,29	- 105,7 3	-0,06	0,077	0,017	-25,277
trabdomest_	1,158	2,228	0,29	105,7 3	0,277	0,357	0,017	25,277
telfixo_	-0,472	1,314	0,381	- 121,1 68	0,125	0,257	0,026	31,955
telfixo_	0,806	2,244	0,381	121,1 68	-0,213	0,438	0,026	-31,955
internet_dom _	-0,066	0,039	0,178	- 82,95 2	-0,043	0,048	0,077	-54,445
internet_dom _	2,717	1,628	0,178	82,95 2	1,783	1,969	0,077	54,445
tv_assinat_	-0,074	0,049	0,191	- 85,83 9	-0,049	0,061	0,084	-56,852

tv_assinat_	2,598	1,736	0,191	85,83 9	1,72	2,138	0,084	56,852
internet_ind_	-0,001	0	0,001	- 7,009	0	0	0	-2,154
internet_ind_	1,567	0,012	0,001	7,009	0,482	0,003	0	2,154
plano_odont_	-0,02	0,004	0,026	- 31,78	-0,004	0	0,001	-5,736
plano_odont_	1,334	0,241	0,026	31,78	0,241	0,022	0,001	5,736
consult_medic _	-0,077	0,031	0,007	- 16,64 1	0,058	0,047	0,004	12,374
consult_medic _	0,093	0,037	0,007	16,64 1	-0,069	0,057	0,004	-12,374
aul_art_espor t_	-0,093	0,076	0,13	- 70,85 7	-0,029	0,021	0,013	-22,418
aul_art_espor t_	1,403	1,141	0,13	70,85 7	0,444	0,321	0,013	22,418
curs_idiom_in form_	-0,084	0,061	0,089	- 58,74 4	-0,011	0,003	0,002	-7,808
curs_idiom_in form_	1,064	0,775	0,089	58,74 4	0,141	0,038	0,002	7,808
educ_infant_p reesc_	-0,039	0,013	0,032	- 35,24 2	0,007	0,001	0,001	5,997
educ_infant_p reesc_	0,829	0,288	0,032	35,24 2	-0,141	0,023	0,001	-5,997
ens_fundam_	-0,083	0,06	0,107	- 64,28 9	-0,013	0,004	0,003	-10,009
ens_fundam_	1,294	0,941	0,107	64,28 9	0,201	0,064	0,003	10,009
ens_medio_	-0,046	0,019	0,078	- 54,95 3	-0,016	0,006	0,009	-18,687
ens_medio_	1,692	0,712	0,078	54,95 3	0,575	0,231	0,009	18,687
prevest_cur_p repar_	-0,033	0,01	0,04	- 39,21 4	-0,003	0	0	-3,427
prevest_cur_p repar_	1,215	0,363	0,04	39,21 4	0,106	0,008	0	3,427
ens_superior_	-0,078	0,055	0,131	- 70,97 3	-0,027	0,018	0,015	-24,364
ens_superior_	1,671	1,166	0,131	70,97 3	0,574	0,386	0,015	24,364

assina_jorn_r ev_	-0,062	0,034	0,127	- 70,12 8	-0,03	0,022	0,029	-33,716
assina_jorn_r ev_	2,069	1,157	0,127	70,12 8	0,995	0,751	0,029	33,716
revista_fasc_	-0,059	0,032	0,075	- 53,62 3	-0,016	0,006	0,005	-14,409
revista_fasc_	1,253	0,665	0,075	53,62 3	0,337	0,135	0,005	14,409
jornal_	-0,066	0,039	0,089	- 58,46 6	-0,018	0,008	0,007	-15,952
jornal_	1,339	0,789	0,089	58,46 6	0,365	0,165	0,007	15,952
livr_naodidati c_	-0,058	0,03	0,085	- 57,19 4	-0,026	0,017	0,017	-25,49
livr_naodidati c_	1,473	0,763	0,085	57,19 4	0,656	0,425	0,017	25,49
barca_	0,001	0	0	1,782	-0,006	0,001	0,007	-16,631
barca_	-0,136	0,001	0	- 1,782	1,273	0,187	0,007	16,631
barco_	0,001	0	0,001	5,489	-0,002	0	0,004	-11,763
barco_	-0,809	0,007	0,001	- 5,489	1,733	0,094	0,004	11,763
canoa_	0	0	0	1,561	0	0	0	0,431
canoa_	-0,52	0,001	0	- 1,561	-0,144	0	0	-0,431
catraia_	0	0	0	0,521	0	0	0	1,293
catraia_	-0,139	0	0	- 0,521	-0,345	0,001	0	-1,293
caminhao_	0,001	0	0,002	7,777	-0,002	0	0,003	-11,097
caminhao_	-1,058	0,015	0,002	- 7,777	1,509	0,084	0,003	11,097
bicicleta_	0	0	0	0,205	0	0	0	0,944
bicicleta_	-0,205	0	0	- 0,205	-0,944	0,001	0	-0,944
trem_	-0,002	0	0,001	- 5,866	0	0	0	1,471
trem_	0,472	0,008	0,001	5,866	-0,118	0,001	0	-1,471
metro_	-0,01	0,001	0,015	- 23,97 8	-0,005	0,001	0,003	-11,613
metro_	1,491	0,138	0,015	23,97 8	0,722	0,091	0,003	11,613
carropartic_	-0,31	0,67	0,281	- 104,0 61	-0,045	0,04	0,006	-15,26

carropartic_	0,905	1,955	0,281	104,0 61	0,133	0,118	0,006	15,26
onibus_	-0,118	0,096	0,039	- 38,79 9	0,097	0,181	0,026	31,888
onibus_	0,331	0,269	0,039	38,79 9	-0,272	0,51	0,026	-31,888
transp_altern_	0,034	0,01	0,013	22,74 6	-0,031	0,023	0,011	-20,35
transp_altern_	-0,391	0,115	0,013	- 22,74 6	0,35	0,259	0,011	20,35
mototaxi_	0,005	0	0,001	6,423	0,004	0	0,001	5,264
mototaxi_	-0,201	0,01	0,001	- 6,423	-0,165	0,018	0,001	-5,264
taxi_	-0,018	0,003	0,012	- 21,58 8	-0,007	0,001	0,002	-8,326
taxi_	0,663	0,11	0,012	21,58 8	0,256	0,046	0,002	8,326
carro_import_COMP_	-0,007	0	0,016	- 24,72 1	-0,004	0	0,006	-15,556
carro_import_COMP_	2,376	0,148	0,016	24,72 1	1,495	0,164	0,006	15,556
carro_nacion_COMP_	-0,127	0,137	0,152	- 76,49 6	-0,024	0,013	0,005	-14,158
carro_nacion_COMP_	1,19	1,281	0,152	76,49 6	0,22	0,123	0,005	14,158
moto_COMP_	-0,02	0,004	0,007	- 16,33	0,017	0,007	0,005	13,352
moto_COMP_	0,339	0,061	0,007	16,33	-0,277	0,114	0,005	-13,352
ref_alacarte_	-0,065	0,037	0,05	- 43,74 1	-0,035	0,029	0,014	-23,165
ref_alacarte_	0,761	0,427	0,05	43,74 1	0,403	0,336	0,014	23,165
ref_apeso_	-0,111	0,103	0,108	- 64,48 2	-0,035	0,03	0,011	-20,636
ref_apeso_	0,975	0,905	0,108	64,48 2	0,312	0,26	0,011	20,636
ref_fastfood_	-0,029	0,007	0,02	- 28,02 8	-0,009	0,002	0,002	-8,883
ref_fastfood_	0,712	0,183	0,02	28,02 8	0,226	0,052	0,002	8,883
ref_pratfeito_	0,001	0	0	2,673	-0,001	0	0	-2,075

ref_pratfeito_	-0,22	0,002	0	- 2,673	0,171	0,003	0	2,075
ref_escolar_	0,001	0	0	3,246	0,001	0	0	2,264
ref_escolar_	-0,252	0,003	0	- 3,246	-0,176	0,003	0	-2,264
passeio_	0	0	0,001	- 5,243	0	0	0	-2,582
passeio_	1,454	0,007	0,001	5,243	0,716	0,005	0	2,582
assoc_club_	-0,061	0,034	0,106	- 64,053	-0,024	0,015	0,016	-25,177
assoc_club_	1,732	0,96	0,106	64,053	0,681	0,416	0,016	25,177
bar_	-0,001	0	0,002	- 8,055	-0,001	0	0,001	-5,924
bar_	2,234	0,016	0,002	8,055	1,643	0,024	0,001	5,924
boit_danc_dis c_	-0,053	0,025	0,036	- 37,149	-0,015	0,006	0,003	-10,569
boit_danc_dis c_	0,673	0,31	0,036	37,149	0,191	0,07	0,003	10,569
club_baile_fes t_	-0,003	0	0,001	- 6,284	-0,001	0	0	-1,765
club_baile_fes t_	0,402	0,01	0,001	6,284	0,113	0,002	0	1,765
forro_	0	0	0	1,836	0	0	0	-0,168
forro_	-0,315	0,001	0	- 1,836	0,029	0	0	0,168
jogoeletronic_	-0,002	0	0,001	- 6,002	0,001	0	0	3,054
jogoeletronic_	0,463	0,009	0,001	6,002	-0,236	0,006	0	-3,054
parquediverso es_	-0,004	0	0,003	- 9,851	0,002	0	0	4,027
parquediverso es_	0,635	0,023	0,003	9,851	-0,26	0,011	0	-4,027
taxapesca_	0	0	0	- 1,051	0	0	0	2,556
taxapesca_	0,429	0	0	1,051	-1,043	0,004	0	-2,556
taxapicnic_	0	0	0	- 0,025	0	0	0	1,099
taxapicnic_	0,008	0	0	0,025	-0,347	0,001	0	-1,099
jardimzoo_	0	0	0	-1,83	0	0	0	2,335
jardimzoo_	0,444	0,001	0	1,83	-0,566	0,004	0	-2,335
cinema_	-0,115	0,115	0,204	- 88,778	-0,055	0,075	0,047	-42,681
cinema_	1,783	1,795	0,204	88,778	0,857	1,165	0,047	42,681

circo_	-0,001	0	0	-	0	0	0	-0,047
				3,794				
circo_	0,414	0,003	0	3,794	0,005	0	0	0,047
museu_	0	0	0,001	-	0	0	0	-2,817
				4,518				
museu_	2,02	0,005	0,001	4,518	1,26	0,005	0	2,817
teatro_	-0,016	0,002	0,035	-	-0,011	0,003	0,016	-25,187
				36,61				
				5				
teatro_	2,242	0,323	0,035	36,61	1,542	0,429	0,016	25,187
				5				
expos_feirainf or_	-0,001	0	0,002	-	0	0	0	-1,007
				7,702				
expos_feirainf or_	1,147	0,014	0,002	7,702	0,15	0,001	0	1,007
futebol_	-0,018	0,003	0,011	-	-0,002	0	0	-2,669
				20,17				
				5				
futebol_	0,574	0,096	0,011	20,17	0,076	0,005	0	2,669
				5				
karaoke_	0	0	0	-	0	0	0	-0,124
				2,064				
karaoke_	2,064	0,001	0	2,064	0,124	0	0	0,124
rodeio_	0	0	0	-	0	0	0	-0,418
				1,828				
rodeio_	0,318	0,001	0	1,828	0,073	0	0	0,418
seresta_	0	0	0	2,279	0	0	0	-0,787
seresta_	-0,475	0,001	0	-	0,164	0	0	0,787
				2,279				
show_	-0,007	0	0,007	-	0	0	0	0,518
				16,40				
				8				
show_	0,984	0,065	0,007	16,40	-0,031	0	0	-0,518
				8				
sinuc_toto_bo liche_	0	0	0	-	-0,001	0	0,001	-4,601
				0,294				
sinuc_toto_bo liche_	0,031	0	0	0,294	0,49	0,014	0,001	4,601
volei_basq_	-0,001	0	0,001	-	0	0	0	-0,438
				4,998				
volei_basq_	0,98	0,006	0,001	4,998	0,086	0	0	0,438
corri_automo b_	0	0	0,001	-	0	0	0	-4,163
				6,102				
corri_automo b_	2,034	0,009	0,001	6,102	1,387	0,012	0	4,163
aviao_VG_	-0,02	0,004	0,049	-	-0,015	0,006	0,026	-31,634
				43,56				
				5				
aviao_VG_	2,449	0,456	0,049	43,56	1,778	0,675	0,026	31,634
				5				

barco_VG_	0,002	0	0,001	5,04	-0,011	0,003	0,012	-21,65
barco_VG_	-0,266	0,006	0,001	-5,04	1,141	0,316	0,012	21,65
alug_veic_VG_	-0,005	0	0,003	-	-0,004	0	0,002	-7,909
-				10,309				
alug_veic_VG_	0,58	0,026	0,003	10,309	0,445	0,042	0,002	7,909
-								
caminhao_VG_	0,003	0	0,004	11,887	-0,005	0,001	0,009	-18,161
-								
caminhao_VG_	-1,07	0,034	0,004	-	1,635	0,224	0,009	18,161
-				11,887				
comb_veic_VG_	-0,138	0,16	0,159	-	-0,036	0,031	0,011	-20,583
-				78,409				
comb_veic_VG_	1,153	1,33	0,159	78,409	0,303	0,257	0,011	20,583
-								
navio_VG_	0	0	0	-	0	0	0	0,556
-				1,718				
navio_VG_	0,314	0,001	0	1,718	-0,102	0	0	-0,556
-								
onibus_VG_	0,026	0,005	0,003	11,033	0,005	0,001	0	2,131
-								
onibus_VG_	-0,119	0,024	0,003	-	-0,023	0,003	0	-2,131
-				11,033				
paudearara_VG_	0,002	0	0,002	8,378	-0,003	0	0,004	-12,04
-								
paudearara_VG_	-1,023	0,017	0,002	-	1,47	0,098	0,004	12,04
-				8,378				
trem_VG_	-0,001	0	0,001	-	0	0	0	-0,193
-				4,931				
trem_VG_	0,493	0,006	0,001	4,931	0,019	0	0	0,193
-								
serv_belez_es tet_	-0,551	0,643	0,089	-	0,294	0,515	0,025	31,299
-				58,554				
serv_belez_es tet_	0,161	0,188	0,089	58,554	-0,086	0,151	0,025	-31,299
-								
joiias_relog_	-0,1	0,072	0,032	-	-0,015	0,005	0,001	-5,264
-				35,048				
joiias_relog_	0,317	0,226	0,032	35,048	0,048	0,014	0,001	5,264
-								
titulo clube_	-0,003	0	0,003	-	-0,001	0	0	-3,095
-				11,077				
titulo clube_	1,069	0,03	0,003	11,077	0,299	0,007	0	3,095
-								
acoes_	-0,008	0,001	0,021	-	-0,006	0,001	0,009	-18,86
-				28,714				

acoes_	2,524	0,199	0,021	28,71 4	1,658	0,241	0,009	18,86
aplicfinanc_	-0,034	0,011	0,074	- 53,30 4	-0,021	0,011	0,028	-32,937
aplicfinanc_	2,168	0,678	0,074	53,30 4	1,34	0,727	0,028	32,937
poupanca_	-0,134	0,143	0,105	- 63,75 9	0,007	0,001	0	3,406
poupanca_	0,789	0,842	0,105	63,75 9	-0,042	0,007	0	-3,406
contacorrent_	-0,189	0,287	0,218	- 91,76 4	-0,023	0,012	0,003	-11,345
contacorrent_	1,155	1,754	0,218	91,76 4	0,143	0,075	0,003	11,345
ctr_prevpub_ priv_	-0,08	0,057	0,101	- 62,43	-0,029	0,021	0,013	-22,568
ctr_prevpub_ priv_	1,259	0,888	0,101	62,43	0,455	0,326	0,013	22,568
aparelho_cel_	-0,127	0,134	0,132	- 71,31 5	-0,015	0,005	0,002	-8,197
aparelho_cel_	1,038	1,098	0,132	71,31 5	0,119	0,041	0,002	8,197
cartao_cel_	-0,003	0	0,002	- 8,959	0	0	0	1,215
cartao_cel_	0,776	0,019	0,002	8,959	-0,105	0,001	0	-1,215
conta_cel_	-0,232	0,421	0,274	- 102,8 45	-0,046	0,047	0,011	-20,402
conta_cel_	1,181	2,142	0,274	102,8 45	0,234	0,237	0,011	20,402
ctr_prevpub_	-0,244	0,369	0,117	- 67,13 1	0,106	0,196	0,022	29,199
ctr_prevpub_	0,479	0,723	0,117	67,13 1	-0,208	0,384	0,022	-29,199
cartaocred_	1,063	2,193	0,296	106,8 66	0,123	0,083	0,004	12,411
cartaocred_	-0,278	0,574	0,296	- 106,8 66	-0,032	0,022	0,004	-12,411
chequesp_	1,484	3,088	0,389	122,4 29	0,4	0,631	0,028	33,019
chequesp_	-0,262	0,545	0,389	- 122,4 29	-0,071	0,111	0,028	-33,019

planosaude_	1,269	2,366	0,3	107,6 47	0,254	0,266	0,012	21,541
planosaude_	-0,237	0,442	0,3	- 107,6 47	-0,047	0,05	0,012	-21,541
Categorical variables (eta2)						Dim.1	Dim.2	
	Dim.1	Dim.2	Dim.3		microcompu t	0,399	0,075	
agua_esp	0,059	0,206	0,021		purifagua	0,097	0,002	
eletri	0,121	0,228	0,01		radio	0,014	0,025	
gasbuj	0,047	0,323	0		seccabelo	0,305	0,007	
gasenc	0,022	0,021	0,029		tvcor	0,207	0,268	
lenha	0,112	0,141	0,09		ventil	0,164	0,138	
diesel	0,029	0,095	0,012		dvd	0,129	0,049	
queros	0,038	0,116	0,01		moto_INV	0,01	0,007	
condomi	0,168	0,07	0,06		carro_INV	0,406	0,004	
vigeletronic	0,001	0,001	0,001		bicicleta_INV	0,001	0,008	
antenparab	0,022	0,025	0,243		trabdomest	0,29	0,017	
arcond	0,231	0,023	0,002		telfixo	0,381	0,026	
aspirpo	0,243	0,043	0,001		internet_do m	0,178	0,077	
batedeira	0,314	0,008	0,026		tv_assinat	0,191	0,084	
equipsom	0,151	0,052	0		internet_ind	0,001	0	
ferroelet	0,229	0,259	0		plano_odont	0,026	0,001	
filtroagua	0	0,01	0,01		consult_med ic	0,007	0,004	
fogao	0,063	0,214	0,002		aul_art_esp ort	0,13	0,013	
microond	0,364	0,041	0,001		curs_idiom_i nform	0,089	0,002	
freezer	0,191	0,004	0,062		educ_infant_ preesc	0,032	0,001	
geladeira	0,212	0,32	0,002		ens_fundam	0,107	0,003	
liquid	0,218	0,214	0,002		ens_medio	0,078	0,009	
maqcostura	0,031	0,008	0,081		prevest_cur_ prepar	0,04	0	

lavalouca	0,138	0,057	0,002		ens_superior	0,131	0,015
lavaroupa	0,298	0,006	0,003		assina_jorn_ rev	0,127	0,029
secaroupa	0,103	0,013	0		revista_fasc	0,075	0,005
	Dim.1	Dim.2	Dim.3			Dim.1	Dim.2
jornal	0,089	0,007	0,015		alug_veic_V G	0,003	0,002
livr_naodidatic	0,085	0,017	0,006		caminhao_V G	0,004	0,009
barca	0	0,007	0		comb_veic_ VG	0,159	0,011
barco	0,001	0,004	0		navio_VG	0	0
canoa	0	0	0		onibus_VG	0,003	0
catraia	0	0	0		paudearara_ VG	0,002	0,004
caminhao	0,002	0,003	0,003		trem_VG	0,001	0
bicicleta	0	0	0		serv_belez_e stet	0,089	0,025
trem	0,001	0	0,007		joias_relog	0,032	0,001
metro	0,015	0,003	0,034		titulo clube	0,003	0
carropartic	0,281	0,006	0,184		acoes	0,021	0,009
onibus	0,039	0,026	0,154		aplicfinanc	0,074	0,028
transp_altern	0,013	0,011	0,002		poupanca	0,105	0
mototaxi	0,001	0,001	0,001		contacorrent	0,218	0,003
taxi	0,012	0,002	0,018		ctr_prevpub _priv	0,101	0,013
carro_import_CO MP	0,016	0,006	0		aparelho_cel	0,132	0,002
carro_nacion_CO MP	0,152	0,005	0,045		cartao_cel	0,002	0
moto_COMP	0,007	0,005	0,248		conta_cel	0,274	0,011
ref_alacarte	0,05	0,014	0		ctr_prevpub	0,117	0,022
ref_apeso	0,108	0,011	0,012		cartao cred	0,296	0,004
ref_fastfood	0,02	0,002	0,001		chequesp	0,389	0,028
ref_pratfeito	0	0	0		planosaude	0,3	0,012
ref_escolar	0	0	0				
passeio	0,001	0	0				
assoc_club	0,106	0,016	0				

bar	0,002	0,001	0						
boit_danc_disc	0,036	0,003	0						
club_baile_fest	0,001	0	0,007						
forro	0	0	0						
jogoeletronic	0,001	0	0,001						
parquediversoes	0,003	0	0						
taxapesca	0	0	0						
taxapicnic	0	0	0						
jardimzoo	0	0	0						
cinema	0,204	0,047	0,039						
circo	0	0	0						
museu	0,001	0	0						
teatro	0,035	0,016	0,014						
expos_feirainfor	0,002	0	0						
futebol	0,011	0	0						
karaoke	0	0	0						
rodeio	0	0	0,001						
seresta	0	0	0						
show	0,007	0	0,002						
sinuc_toto_bolich e	0	0,001	0						
volei_basq	0,001	0	0						
corri_automob	0,001	0	0						
aviao_VG	0,049	0,026	0,007						
barco_VG	0,001	0,012	0						
Supplementary categories									
	Dim.1	cos2	v.test	Dim.2	cos2	v.test	Dim.3	cos2	v.test
Classes superiores urbanas	1,709	0,078	55,02 1	0,72	0,014	23,18 1	- 0,079	0	- 2,54 8
Classe média alta	1,288	0,077	54,34 7	0,479	0,011	20,21 1	- 0,189	0,002	- 7,96 7
Classe média	0,636	0,05	43,81 3	-0,08	0,001	- 5,507	- 0,129	0,002	- 8,87 9
Classe média baixa	0,533	0,013	21,98 1	- 0,277	0,003	- 11,41 5	- 0,392	0,007	- 16,1 76
Pequena burguesia urbana	0,065	0,001	6,049	- 0,265	0,016	- 24,57 9	0,093	0,002	8,65 1

Classes populares urbanas	-0,088	0,001	- 7,167	- 0,303	0,016	- 24,579	- 0,344	0,02	- 27,864
Classe operária	-0,164	0,007	- 16,445	- 0,323	0,027	- 32,381	- 0,213	0,012	- 21,353
Proprietários rurais	-0,531	0,035	- 36,869	0,571	0,041	39,633	0,778	0,076	54,03
Trabalhadores rurais	-0,758	0,087	- 57,997	0,579	0,051	44,303	0,24	0,009	18,374
Branca	0,332	0,084	57,017	-0,03	0,001	- 5,222	0,104	0,008	17,78
Preta	-0,231	0,004	- 11,672	0,049	0	2,495	- 0,238	0,004	- 12,041
Amarela	0,603	0,002	7,685	0,183	0	2,34	- 0,091	0	- 1,156
Parda	-0,263	0,068	- 51,141	0,015	0	2,903	- 0,057	0,003	- 11,15
Indígena	-0,503	0,001	- 6,296	0,539	0,001	6,745	- 0,266	0	- 3,324
Sem informação	0,16	0	1,196	- 0,163	0	- 1,224	- 0,131	0	- 0,985
feminino	0,044	0	4,192	- 0,134	0,004	- 12,813	- 0,384	0,035	- 36,761
masculino	-0,01	0	- 4,192	0,032	0,004	12,813	0,091	0,035	36,761
alfabetização não completa	-0,738	0,082	- 56,077	0,483	0,035	36,685	0,117	0,002	8,857
alfabetização completa	-0,672	0,013	- 22,07	0,438	0,005	14,368	0,121	0	3,968
fundamental (1º ciclo) completo	-0,242	0,071	- 52,307	- 0,156	0,03	- 33,776	0,064	0,005	13,764
ensino médio completo	0,457	0,049	43,551	-0,27	0,017	- 25,779	- 0,117	0,003	- 11,154
tecnologia	0,864	0,002	9,034	- 0,004	0	- 0,046	- 0,144	0	- 1,505
superior incompleto	1,289	0,046	41,948	0,356	0,003	11,575	- 0,251	0,002	- 8,18

superior completo	1,933	0,216	91,37 9	0,897	0,047	42,38 7	- 0,369	0,008	- 17,4 55
sem informação	0,894	0,016	24,47 5	0,2	0,001	5,47	- 0,193	0,001	- 5,28 8
p1	-1,009	0,01	- 19,93 1	1,043	0,011	20,59 9	- 0,071	0	- 1,39 6
p5	-0,947	0,037	- 37,97 9	0,838	0,029	33,58 3	- 0,068	0	- 2,74 1
p10	-0,827	0,036	- 37,29 2	0,491	0,013	22,13 8	- 0,088	0	- 3,95 2
p25	-0,656	0,076	- 54,14 1	0,146	0,004	12,03 1	- 0,102	0,002	- 8,42 6
p50	-0,371	0,046	- 42,03 2	- 0,242	0,019	- 27,42	- 0,048	0,001	- 5,39 3
p75	0,038	0	4,263	- 0,337	0,038	- 38,20 8	0,074	0,002	8,38 4
p90	0,698	0,086	57,60 7	- 0,148	0,004	- 12,23	0,15	0,004	12,3 61
p95	1,31	0,09	59,04 4	0,379	0,008	17,09 1	0,064	0	2,90 1
p99	1,934	0,156	77,54 7	1,03	0,044	41,27 9	- 0,134	0,001	- 5,38
p100	2,349	0,056	46,32 4	1,642	0,027	32,37 1	- 0,378	0,001	- 7,45 5
Supplementary categorical variables (eta2)									
	Dim.1	Dim.2	Dim.3						
CLASSES	0,32	0,156	0,113						
cor	0,088	0,002	0,01						
sexo	0	0,004	0,035						
nivel_educ	0,421	0,111	0,017						
perc_rend_dom_p _cap	0,543	0,177	0,01						

ACM3 - 2008									
Call:									
MCA(X = BD_MASTER_2008_3_selvar4.2_ACM3.df, ncp = 5, ind.sup = NULL,									

0,822	0,82	0,817	0,816	0,815	0,812	0,809	0,806	0,804	0,802
47	47,82	48,637	49,453	50,268	51,08	51,889	52,695	53,499	54,3
Dim.50	Dim.51	Dim.52	Dim.53	Dim.54	Dim.55	Dim.56	Dim.57	Dim.58	Dim.59
0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008
0,799	0,796	0,794	0,792	0,786	0,782	0,776	0,774	0,771	0,769
55,099	55,895	56,689	57,481	58,267	59,049	59,825	60,6	61,371	62,14
Dim.60	Dim.61	Dim.62	Dim.63	Dim.64	Dim.65	Dim.66	Dim.67	Dim.68	Dim.69
0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007
0,764	0,759	0,758	0,753	0,751	0,745	0,742	0,74	0,735	0,73
62,904	63,663	64,421	65,174	65,925	66,67	67,412	68,152	68,887	69,617
Dim.70	Dim.71	Dim.72	Dim.73	Dim.74	Dim.75	Dim.76	Dim.77	Dim.78	Dim.79
0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007
0,727	0,726	0,724	0,714	0,709	0,706	0,703	0,701	0,693	0,689
70,344	71,07	71,794	72,508	73,217	73,923	74,626	75,327	76,019	76,709
Dim.80	Dim.81	Dim.82	Dim.83	Dim.84	Dim.85	Dim.86	Dim.87	Dim.88	Dim.89
0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,006	0,006
0,687	0,681	0,677	0,667	0,665	0,659	0,658	0,653	0,647	0,641
77,396	78,077	78,754	79,422	80,087	80,746	81,404	82,057	82,703	83,345
Dim.90	Dim.91	Dim.92	Dim.93	Dim.94	Dim.95	Dim.96	Dim.97	Dim.98	Dim.99
0,006	0,006	0,006	0,006	0,006	0,006	0,006	0,006	0,006	0,006
0,635	0,626	0,622	0,619	0,615	0,609	0,599	0,595	0,589	0,582
83,98	84,606	85,228	85,847	86,462	87,071	87,669	88,265	88,854	89,435

Dim.100	Dim.1 01	Dim.1 02	Dim.1 03	Dim.104	Dim.1 05	Dim.1 06	Dim.1 07	Dim.10 8	Dim. 109
0,006	0,006	0,005	0,005	0,005	0,005	0,005	0,005	0,005	0,005
0,565	0,556	0,543	0,538	0,53	0,525	0,522	0,508	0,498	0,492
90,001	90,556	91,1	91,638	92,168	92,693	93,215	93,723	94,221	94,713
Dim.110	Dim.1 11	Dim.1 12	Dim.1 13	Dim.114	Dim.1 15	Dim.1 16	Dim.1 17	Dim.11 8	Dim. 119
0,005	0,005	0,005	0,005	0,004	0,004	0,004	0,004	0,004	0,004
0,48	0,477	0,466	0,461	0,448	0,429	0,41	0,396	0,385	0,376
95,193	95,67	96,137	96,597	97,046	97,475	97,885	98,281	98,666	99,042
Dim.120	Dim.1 21	Dim.1 22							
0,004	0,003	0,003							
0,366	0,332	0,261							
99,408	99,739	100							
Categories									
	Dim.1	ctr	cos2	v.test	Dim.2	ctr	cos2	v.test	
agua_esg_	-0,32	0,434	0,065	-52,313	0,468	2,499	0,139	76,631	
agua_esg_	0,202	0,274	0,065	52,313	-0,296	1,577	0,139	-76,631	
eletri_	-0,755	0,835	0,088	-61,053	0,959	3,617	0,142	77,549	
eletri_	0,116	0,129	0,088	61,053	-0,148	0,558	0,142	-77,549	
gasbuj_	-0,284	0,101	0,01	-21,039	1,615	8,767	0,336	119,414	
gasbuj_	0,037	0,013	0,01	21,039	-0,208	1,131	0,336	-119,414	
gasenc_	-0,02	0,004	0,045	-43,646	-0,023	0,016	0,061	-50,996	
gasenc_	2,247	0,488	0,045	43,646	2,625	1,789	0,061	50,996	
lenha_	0,001	0	0	4,575	-0,001	0	0	-3,458	

lenha_	- 0,732	0,005	0	-4,575	0,553	0,008	0	3,45 8
diesel_	0,018	0,003	0,025	32,779	- 0,038	0,041	0,112	- 68,9 82
diesel_	- 1,419	0,274	0,025	-32,779	2,986	3,262	0,112	68,9 82
queros_	0,009	0,001	0,01	20,346	- 0,015	0,007	0,029	- 35,2 79
queros_	- 1,114	0,106	0,01	-20,346	1,932	0,857	0,029	35,2 79
condomi_	-0,08	0,067	0,141	-77,412	- 0,067	0,128	0,101	- 65,5 87
condomi_	1,775	1,483	0,141	77,412	1,504	2,858	0,101	65,5 87
vigeletronic_	0	0	0,001	-6,952	0	0	0	- 3,16 8
vigeletronic_	2,627	0,012	0,001	6,952	1,197	0,007	0	3,16 8
antenparab_	- 0,031	0,007	0,002	-9,369	0,138	0,383	0,042	42,0 17
antenparab_	0,067	0,016	0,002	9,369	- 0,303	0,842	0,042	- 42,0 17
arcond_	- 0,138	0,19	0,207	-93,593	- 0,049	0,064	0,026	- 33,1 75
arcond_	1,5	2,074	0,207	93,593	0,532	0,7	0,026	33,1 75
aspirpo_	- 0,131	0,176	0,231	-98,909	- 0,051	0,072	0,035	- 38,7 27
aspirpo_	1,758	2,353	0,231	98,909	0,688	0,969	0,035	38,7 27
batedeira_	- 0,322	0,807	0,253	-103,58	0,073	0,111	0,013	23,4 46
batedeira_	0,785	1,966	0,253	103,58	- 0,178	0,271	0,013	- 23,4 46
equipsom_	- 0,295	0,477	0,087	-60,801	0,22	0,715	0,049	45,4 47
equipsom_	0,296	0,479	0,087	60,801	- 0,221	0,719	0,049	- 45,4 47
ferroelet_	-0,78	1,783	0,222	-97,025	0,695	3,797	0,176	86,4 04

ferroelet_	0,285	0,65	0,222	97,025	- 0,253	1,385	0,176	- 86,4 04
filtroagua_	- 0,077	0,044	0,013	-23,297	0,065	0,085	0,009	19,6 58
filtroagua_	0,167	0,096	0,013	23,297	- 0,141	0,184	0,009	- 19,6 58
fogao_	- 1,271	0,641	0,061	-50,709	2,544	6,891	0,243	101, 487
fogao_	0,048	0,024	0,061	50,709	- 0,096	0,259	0,243	- 101, 487
microond_	- 0,292	0,754	0,358	-123,275	-0,05	0,06	0,011	- 21,2 43
microond_	1,229	3,175	0,358	123,275	0,212	0,253	0,011	21,2 43
freezer_	-0,12	0,135	0,085	-60,179	- 0,016	0,007	0,002	- 8,11 1
freezer_	0,713	0,802	0,085	60,179	0,096	0,039	0,002	8,11 1
geladeira_	- 1,065	1,429	0,147	-79,043	1,523	7,847	0,301	113, 022
geladeira_	0,138	0,186	0,147	79,043	- 0,198	1,02	0,301	- 113, 022
liquid_	- 0,726	1,408	0,17	-84,856	0,784	4,407	0,198	91,6 1
liquid_	0,234	0,453	0,17	84,856	- 0,252	1,419	0,198	- 91,6 1
maqcostura_	- 0,074	0,05	0,028	-34,568	0,042	0,043	0,009	19,6 05
maqcostura_	0,383	0,259	0,028	34,568	- 0,217	0,224	0,009	- 19,6 05
lavalouca_	- 0,028	0,008	0,065	-52,378	-0,02	0,012	0,034	- 38,0 9
lavalouca_	2,319	0,701	0,065	52,378	1,687	0,995	0,034	38,0 9
lavaroupa_	- 0,422	1,222	0,299	-112,638	0,032	0,019	0,002	8,58 7
lavaroupa_	0,71	2,058	0,299	112,638	- 0,054	0,032	0,002	- 8,58 7

secaroupa_	-0,04	0,017	0,058	-49,788	-0,014	0,005	0,007	-16,931
secaroupa_	1,471	0,624	0,058	49,788	0,5	0,194	0,007	16,931
microcomput_	-0,37	1,15	0,451	-138,193	-0,053	0,063	0,009	-19,72
microcomput_	1,218	3,787	0,451	138,193	0,174	0,207	0,009	19,72
purifagua_	-0,044	0,021	0,063	-51,509	-0,013	0,005	0,005	-15,071
purifagua_	1,42	0,665	0,063	51,509	0,415	0,153	0,005	15,071
radio_	-0,03	0,007	0,002	-8,831	-0,075	0,112	0,011	-22,048
radio_	0,061	0,013	0,002	8,831	0,152	0,226	0,011	22,048
seccabelo_	-0,281	0,685	0,296	-112,064	-0,014	0,004	0,001	-5,508
seccabelo_	1,052	2,561	0,296	112,064	0,052	0,017	0,001	5,508
tvcor_	-1,028	0,959	0,095	-63,58	1,718	7,19	0,266	106,269
tvcor_	0,093	0,087	0,095	63,58	-0,155	0,649	0,266	-106,269
ventil_	-0,471	0,899	0,13	-74,301	0,428	1,993	0,107	67,492
ventil_	0,276	0,528	0,13	74,301	-0,251	1,17	0,107	-67,492
dvd_	-0,554	1,188	0,168	-84,297	0,457	2,167	0,114	69,466
dvd_	0,303	0,649	0,168	84,297	-0,249	1,183	0,114	-69,466
moto_INV_	-0,051	0,024	0,012	-22,17	0,069	0,114	0,021	29,756
moto_INV_	0,226	0,103	0,012	22,17	-0,303	0,501	0,021	-29,756
carro_INV_	-0,406	1,267	0,389	-128,44	-0,043	0,039	0,004	-13,702
carro_INV_	0,96	2,998	0,389	128,44	0,102	0,092	0,004	13,702

bicicleta_INV_	- 0,033	0,006	0,001	-7,172	0,147	0,333	0,024	31,7 43
bicicleta_INV_	0,037	0,007	0,001	7,172	- 0,162	0,367	0,024	- 31,7 43
trabdomest_	- 0,237	0,51	0,269	-106,737	- 0,068	0,112	0,022	- 30,5 02
trabdomest_	1,133	2,436	0,269	106,737	0,324	0,534	0,022	30,5 02
telfixo_	- 0,359	1,031	0,35	-121,871	- 0,026	0,015	0,002	- 8,93 7
telfixo_	0,977	2,809	0,35	121,871	0,072	0,041	0,002	8,93 7
internet_dom_	- 0,202	0,396	0,323	-116,985	- 0,067	0,118	0,036	- 38,9 5
internet_dom_	1,601	3,142	0,323	116,985	0,533	0,935	0,036	38,9 5
tv_assinat_	- 0,077	0,063	0,165	-83,658	-0,05	0,07	0,069	- 54,0 74
tv_assinat_	2,145	1,747	0,165	83,658	1,387	1,959	0,069	54,0 74
internet_ind_	- 0,011	0,001	0,002	-9,225	0,028	0,022	0,014	24,0 24
internet_ind_	0,186	0,021	0,002	9,225	- 0,484	0,379	0,014	- 24,0 24
plano_odont_	- 0,022	0,005	0,027	-33,607	- 0,005	0,001	0,001	- 7,73 8
plano_odont_	1,187	0,287	0,027	33,607	0,273	0,041	0,001	7,73 8
consult_medic_	- 0,085	0,07	0,05	-45,823	0,018	0,008	0,002	9,58 5
consult_medic_	0,58	0,473	0,05	45,823	- 0,121	0,056	0,002	- 9,58 5
aul_art_esport_	- 0,072	0,055	0,1	-65,173	- 0,024	0,017	0,011	- 21,8 7
aul_art_esport_	1,382	1,043	0,1	65,173	0,464	0,315	0,011	21,8 7
curs_idiom_inform_	- 0,055	0,031	0,044	-43,309	0,001	0	0	0,79 8

curs_idiom_inform_	0,804	0,454	0,044	43,309	-0,015	0	0	-0,798
educ_infant_preesc_	-0,026	0,007	0,024	-31,788	0	0	0	-0,294
educ_infant_preesc_	0,917	0,254	0,024	31,788	0,008	0	0	0,294
ens_fundam_	-0,059	0,037	0,077	-57,016	-0,011	0,004	0,003	-10,732
ens_fundam_	1,29	0,803	0,077	57,016	0,243	0,076	0,003	10,732
ens_medio_	-0,026	0,007	0,045	-43,784	-0,009	0,003	0,006	-15,981
ens_medio_	1,767	0,489	0,045	43,784	0,645	0,175	0,006	15,981
prevest_cur_prepar_	-0,02	0,004	0,019	-28,482	0,002	0	0	2,882
prevest_cur_prepar_	0,946	0,205	0,019	28,482	-0,096	0,006	0	-2,882
ens_superior_	-0,068	0,048	0,09	-61,686	-0,012	0,004	0,003	-11,338
ens_superior_	1,328	0,936	0,09	61,686	0,244	0,085	0,003	11,338
assina_jorn_rev_	-0,043	0,02	0,092	-62,392	-0,026	0,019	0,034	-37,743
assina_jorn_rev_	2,144	0,987	0,092	62,392	1,297	0,97	0,034	37,743
revista_fasc_	-0,041	0,018	0,05	-46,183	-0,017	0,008	0,008	-18,646
revista_fasc_	1,217	0,533	0,05	46,183	0,491	0,233	0,008	18,646
jornal_	-0,066	0,045	0,057	-49,087	-0,014	0,005	0,002	-10,092
jornal_	0,856	0,578	0,057	49,087	0,176	0,066	0,002	10,092
livr_naodidatic_	-0,061	0,039	0,089	-61,378	-0,029	0,025	0,021	-29,506

livr_naodidatic	1,45	0,934	0,089	61,378	0,697	0,58	0,021	29,506
barca_	0,002	0	0,001	6,927	-0,004	0	0,005	-14,186
barca_	-0,576	0,012	0,001	-6,927	1,18	0,139	0,005	14,186
barco_	0,002	0	0,003	11,124	-0,005	0,001	0,011	-21,258
barco_	-1,205	0,032	0,003	-11,124	2,303	0,313	0,011	21,258
canoa_	0,001	0	0,002	8,12	-0,002	0	0,005	-13,857
canoa_	-1,184	0,017	0,002	-8,12	2,02	0,133	0,005	13,857
catraia_	0	0	0	0,157	0	0	0	-0,896
catraia_	-0,091	0	0	-0,157	0,517	0,001	0	0,896
caminhao_	0,002	0	0,002	8,975	-0,002	0	0,002	-9,877
caminhao_	-1,035	0,021	0,002	-8,975	1,14	0,068	0,002	9,877
bicicleta_	0	0	0	-0,494	0	0	0	1,428
bicicleta_	0,123	0	0	0,494	-0,357	0,001	0	-1,428
trem_	-0,001	0	0,001	-5,06	0	0	0	0,082
trem_	0,417	0,007	0,001	5,06	-0,007	0	0	-0,082
metro_	-0,006	0	0,006	-15,734	-0,004	0,001	0,004	-12,401
metro_	1,056	0,064	0,006	15,734	0,832	0,106	0,004	12,401
carropartic_	-0,346	0,872	0,238	-100,473	-0,032	0,02	0,002	-9,342
carropartic_	0,689	1,737	0,238	100,473	0,064	0,04	0,002	9,342
onibus_	-0,081	0,052	0,017	-26,448	0,077	0,123	0,015	24,87

onibus_	0,203	0,129	0,017	26,448	-0,19	0,306	0,015	- 24,8 7
transp_altern_	0,026	0,007	0,011	21,189	- 0,003	0	0	- 2,65 2
transp_altern_	- 0,411	0,109	0,011	-21,189	0,051	0,005	0	2,65 2
mototaxi_	0,005	0	0,001	6,127	0,008	0,002	0,002	9,51 9
mototaxi_	- 0,169	0,009	0,001	-6,127	- 0,263	0,061	0,002	- 9,51 9
taxi_	- 0,021	0,005	0,014	-24,237	- 0,008	0,002	0,002	- 9,39 5
taxi_	0,649	0,147	0,014	24,237	0,251	0,059	0,002	9,39 5
carro_import_C OMP_	- 0,006	0	0,013	-23,077	- 0,004	0	0,005	- 14,6 4
carro_import_C OMP_	2,086	0,137	0,013	23,077	1,324	0,148	0,005	14,6 4
carro_nacion_C OMP_	- 0,128	0,16	0,14	-76,905	-0,02	0,01	0,003	- 11,9 63
carro_nacion_C OMP_	1,094	1,369	0,14	76,905	0,17	0,089	0,003	11,9 63
moto_COMP_	- 0,022	0,005	0,006	-15,348	0,029	0,023	0,01	20,6 16
moto_COMP_	0,255	0,056	0,006	15,348	- 0,343	0,272	0,01	- 20,6 16
ref_alacarte_	- 0,054	0,031	0,049	-45,796	- 0,033	0,029	0,018	- 27,4 12
ref_alacarte_	0,909	0,512	0,049	45,796	0,544	0,492	0,018	27,4 12
ref_apeso_	-0,14	0,183	0,117	-70,379	- 0,047	0,055	0,013	- 23,5 43
ref_apeso_	0,836	1,097	0,117	70,379	0,28	0,33	0,013	23,5 43
ref_fastfood_	- 0,018	0,004	0,019	-28,696	-0,01	0,003	0,006	- 16,2 14

ref_fastfood_	1,055	0,209	0,019	28,696	0,596	0,179	0,006	16,2 14
ref_pratfeito_	0,009	0,001	0,002	9,378	- 0,004	0	0	- 4,20 2
ref_pratfeito_	- 0,236	0,022	0,002	-9,378	0,106	0,012	0	4,20 2
ref_escolar_	0,001	0	0	3,319	0,002	0	0	4,01 6
ref_escolar_	- 0,202	0,003	0	-3,319	- 0,244	0,011	0	- 4,01 6
passeio_	0	0	0	-1,49	0	0	0	0,54 3
passeio_	0,471	0,001	0	1,49	- 0,172	0	0	- 0,54 3
assoc_club_	-0,04	0,017	0,073	-55,577	- 0,017	0,008	0,013	- 23,3 49
assoc_club_	1,815	0,781	0,073	55,577	0,763	0,37	0,013	23,3 49
bar_	- 0,001	0	0,001	-5,654	0	0	0	- 1,53 5
bar_	0,984	0,008	0,001	5,654	0,267	0,002	0	1,53 5
boit_danc_disc _	- 0,042	0,018	0,032	-36,611	- 0,013	0,005	0,003	- 11,5 48
boit_danc_disc _	0,758	0,328	0,032	36,611	0,239	0,088	0,003	11,5 48
club_baile_fest _	- 0,004	0	0,001	-7,042	0,003	0	0,001	4,73 4
club_baile_fest _	0,292	0,013	0,001	7,042	- 0,196	0,015	0,001	- 4,73 4
forro_	0	0	0	0,557	0	0	0	- 0,98 7
forro_	- 0,073	0	0	-0,557	0,13	0,001	0	0,98 7
jogoeletronic_	0	0	0	-1,986	0	0	0	1,85 3
jogoeletronic_	0,223	0,001	0	1,986	- 0,208	0,002	0	- 1,85 3
parquediversoes_	- 0,004	0	0,003	-11,134	0,001	0	0	2,78 7

parquediversoes_	0,673	0,032	0,003	11,134	-0,168	0,005	0	-2,787
taxapesca_	0	0	0	-0,12	0	0	0	0,785
taxapesca_	0,12	0	0	0,12	-0,785	0	0	-0,785
taxapicnic_	0	0	0	-0,622	0	0	0	0,921
taxapicnic_	0,622	0	0	0,622	-0,921	0,001	0	-0,921
jardimzoo_	0	0	0	-0,244	0	0	0	1,4
jardimzoo_	0,077	0	0	0,244	-0,443	0,001	0	-1,4
cinema_	-0,089	0,082	0,129	-74,079	-0,041	0,047	0,028	-34,223
cinema_	1,452	1,337	0,129	74,079	0,671	0,766	0,028	34,223
circo_	-0,001	0	0	-4,481	0,001	0	0	3,452
circo_	0,389	0,005	0	4,481	-0,3	0,008	0	-3,452
museu_	0	0	0	-4,343	0	0	0	-1,168
museu_	1,535	0,005	0	4,343	0,413	0,001	0	1,168
teatro_	-0,013	0,002	0,027	-33,742	-0,009	0,003	0,013	-23,874
teatro_	2,021	0,292	0,027	33,742	1,43	0,393	0,013	23,874
expos_feirainfor_	-0,002	0	0,001	-7,499	0,001	0	0	2,404
expos_feirainfor_	0,647	0,014	0,001	7,499	-0,207	0,004	0	-2,404
futebol_	-0,017	0,003	0,017	-26,905	-0,007	0,002	0,003	-11,462
futebol_	0,976	0,184	0,017	26,905	0,416	0,09	0,003	11,462
karaoke_	0	0	0	-1,624	0	0	0	-0,223

karaoke_	1,624	0,001	0	1,624	0,223	0	0	0,223
rodeio_	0	0	0	-0,914	0,001	0	0	3,334
rodeio_	0,133	0	0	0,914	-0,486	0,008	0	-3,334
seresta_	0	0	0	1,834	0	0	0	-1,992
seresta_	-0,648	0,001	0	-1,834	0,704	0,003	0	1,992
show_	-0,01	0,001	0,008	-18,468	-0,001	0	0	-1,412
show_	0,779	0,087	0,008	18,468	0,06	0,001	0	1,412
sinuc_toto_boliches_	0	0	0	-0,379	0	0	0	-1,989
sinuc_toto_boliches_	0,052	0	0	0,379	0,27	0,003	0	1,989
volei_basq_	0	0	0	-2,364	0	0	0	0,159
volei_basq_	1,365	0,001	0	2,364	-0,092	0	0	-0,159
corri_automob_	0	0	0,001	-5,006	0	0	0,001	-6,064
corri_automob_	3,54	0,006	0,001	5,006	4,288	0,026	0,001	6,064
aviao_VG_	-0,022	0,005	0,045	-43,586	-0,017	0,008	0,025	-32,481
aviao_VG_	2,01	0,486	0,045	43,586	1,498	0,724	0,025	32,481
barco_VG_	0,001	0	0	2,734	-0,008	0,002	0,007	-17,601
barco_VG_	-0,147	0,002	0	-2,734	0,948	0,213	0,007	17,601
alug_veic_VG_	-0,005	0	0,007	-17,091	-0,004	0	0,004	-13,318
alug_veic_VG_	1,474	0,075	0,007	17,091	1,149	0,123	0,004	13,318

acoes_	2,672	0,382	0,035	38,535	2,325	0,777	0,027	33,5 37
aplicfinanc_	- 0,031	0,011	0,071	-54,74	- 0,022	0,014	0,035	- 38,7 32
aplicfinanc_	2,25	0,764	0,071	54,74	1,592	1,027	0,035	38,7 32
poupanca_	- 0,145	0,189	0,094	-63,281	0,013	0,004	0,001	5,64 6
poupanca_	0,651	0,846	0,094	63,281	- 0,058	0,018	0,001	- 5,64 6
contacorrent_	-0,21	0,401	0,214	-95,137	- 0,031	0,024	0,005	- 14,1 58
contacorrent_	1,016	1,939	0,214	95,137	0,151	0,115	0,005	14,1 58
ctr_prevpub_pr iv_	- 0,067	0,046	0,084	-59,763	- 0,023	0,015	0,01	- 20,8 12
ctr_prevpub_pr iv_	1,262	0,877	0,084	59,763	0,44	0,286	0,01	20,8 12
aparelho_cel_	-0,16	0,196	0,059	-49,807	0,094	0,181	0,02	29,2 04
aparelho_cel_	0,365	0,446	0,059	49,807	- 0,214	0,411	0,02	- 29,2 04
cartao_cel_	- 0,228	0,306	0,06	-50,523	0,271	1,156	0,085	59,9 7
cartao_cel_	0,264	0,354	0,06	50,523	- 0,314	1,34	0,085	- 59,9 7
conta_cel_	- 0,136	0,185	0,195	-90,912	- 0,055	0,081	0,032	- 36,8 21
conta_cel_	1,436	1,952	0,195	90,912	0,582	0,86	0,032	36,8 21
ctr_prevpub_	- 0,236	0,383	0,094	-63,041	0,084	0,131	0,012	22,5 04
ctr_prevpub_	0,397	0,644	0,094	63,041	- 0,142	0,22	0,012	- 22,5 04
cartaocred_	- 0,331	0,847	0,261	-105,27	- 0,023	0,011	0,001	- 7,15 8
cartaocred_	0,789	2,018	0,261	105,27	0,054	0,025	0,001	7,15 8

chequeesp_	1,33	3,069	0,333	118,769	0,447	0,932	0,038	39,9 41
chequeesp_	-0,25	0,578	0,333	-118,769	- 0,084	0,175	0,038	- 39,9 41
planosaude_	-0,23	0,481	0,257	-104,421	- 0,062	0,093	0,018	- 27,9 68
planosaude_	1,118	2,338	0,257	104,421	0,299	0,45	0,018	27,9 68
Categorical variables (eta2)								
					Dim.1	Dim.2		
agua_esg	0,065	0,139	0,048	secaroupa	0,058	0,007		
eletri	0,088	0,142	0,024	microcomput	0,451	0,009		
gasbuj	0,01	0,336	0	purifagua	0,063	0,005		
gasenc	0,045	0,061	0,019	radio	0,002	0,011		
lenha	0	0	0,002	seccabelo	0,296	0,001		
diesel	0,025	0,112	0,02	tvcor	0,095	0,266		
queros	0,01	0,029	0,005	ventil	0,13	0,107		
condomi	0,141	0,101	0,056	dvd	0,168	0,114		
vigeletronic	0,001	0	0	moto_INV	0,012	0,021		
antenparab	0,002	0,042	0,29	carro_INV	0,389	0,004		
arcond	0,207	0,026	0	bicicleta_INV	0,001	0,024		
aspirpo	0,231	0,035	0,002	trabdomest	0,269	0,022		
batedeira	0,253	0,013	0,045	telfixo	0,35	0,002		
equipsom	0,087	0,049	0	internet_do m	0,323	0,036		
ferroelet	0,222	0,176	0	tv_assinat	0,165	0,069		
filtroagua	0,013	0,009	0,007	internet_ind	0,002	0,014		
fogao	0,061	0,243	0,004	plano_odont	0,027	0,001		
microond	0,358	0,011	0	consult_medi c	0,05	0,002		
freezer	0,085	0,002	0,118	aul_art_esp ort	0,1	0,011		

geladeira	0,147	0,301	0,012	curs_idiom_inform	0,044	0
liquid	0,17	0,198	0,001	educ_infant_preesc	0,024	0
maqcostura	0,028	0,009	0,083	ens_fundam	0,077	0,003
lavalouca	0,065	0,034	0	ens_medio	0,045	0,006
lavaroupa	0,299	0,002	0	prevest_cur_prepar	0,019	0
	Dim.1	Dim.2	Dim.3		Dim.1	Dim.2
ens_superior	0,09	0,003	0	corri_automob	0,001	0,001
assina_jorn_rev	0,092	0,034	0	aviao_VG	0,045	0,025
revista_fasc	0,05	0,008	0,008	barco_VG	0	0,007
jornal	0,057	0,002	0,061	alug_veic_VG	0,007	0,004
livr_naodidatic	0,089	0,021	0,003	caminhao_VG	0,001	0,002
barca	0,001	0,005	0	comb_veic_VG	0,139	0,004
barco	0,003	0,011	0,001	navio_VG	0,001	0
canoa	0,002	0,005	0,001	onibus_VG	0,001	0,005
catraia	0	0	0	paudearara_VG	0,001	0,003
caminhao	0,002	0,002	0,001	trem_VG	0,001	0
bicicleta	0	0	0	serv_belez_estet	0,063	0,022
trem	0,001	0	0,008	joias_relog	0,023	0,001
metro	0,006	0,004	0,018	titulo clube	0,002	0
carropartic	0,238	0,002	0,166	acoes	0,035	0,027
onibus	0,017	0,015	0,266	aplicfinanc	0,071	0,035
transp_altern	0,011	0	0	poupanca	0,094	0,001
mototaxi	0,001	0,002	0	contacorrent	0,214	0,005

taxi	0,014	0,002	0,023	ctr_prevpub_ priv	0,084	0,01
carro_import_C OMP	0,013	0,005	0	aparelho_cel	0,059	0,02
carro_nacion_C OMP	0,14	0,003	0,048	cartao_cel	0,06	0,085
moto_COMP	0,006	0,01	0,152	conta_cel	0,195	0,032
ref_alacarte	0,049	0,018	0,002	ctr_prevpub	0,094	0,012
ref_apeso	0,117	0,013	0,043	cartaocred	0,261	0,001
ref_fastfood	0,019	0,006	0,005	chequesp	0,333	0,038
ref_pratfeito	0,002	0	0	planosaude	0,257	0,018
ref_escolar	0	0	0			
passeio	0	0	0			
assoc_club	0,073	0,013	0,003			
bar	0,001	0	0			
boit_danc_disc	0,032	0,003	0			
club_baile_fest	0,001	0,001	0,014			
forro	0	0	0,001			
jogoeletronic	0	0	0			
parquediversoes	0,003	0	0			
taxapesca	0	0	0			
taxapicnic	0	0	0			
jardimzoo	0	0	0			
cinema	0,129	0,028	0,048			
circo	0	0	0,002			
museu	0	0	0			
teatro	0,027	0,013	0,007			
expos_feirainfor	0,001	0	0,002			
futebol	0,017	0,003	0,003			
karaoke	0	0	0			

rodeio	0	0	0,002						
seresta	0	0	0						
show	0,008	0	0,001						
sinuc_toto_bolich	0	0	0						
volei_basq	0	0	0						
Supplementary categories									
	Dim.1	cos2	v.test	Dim.2	cos2	v.test	Dim.3	cos2	v.test
Classes superiores urbanas	1,507	0,087	60,679	0,646	0,016	26,009	0,098	0	3,952
Classe média alta	1,158	0,064	51,902	0,501	0,012	22,451	-0,22	0,002	-9,846
Classe média	0,572	0,04	41,015	-0,022	0	-1,549	-0,15	0,003	-10,787
Classe média baixa	0,465	0,011	21,762	-0,126	0,001	-5,919	-0,539	0,015	-25,228
Pequena burguesia urbana	-0,057	0,001	-5,195	-0,225	0,01	-20,509	0,037	0	3,361
Classes populares urbanas	-0,134	0,004	-12,195	-0,225	0,01	-20,465	-0,376	0,027	-34,137
Classe operária	-0,117	0,004	-12,231	-0,262	0,018	-27,444	-0,2	0,01	-20,915
Proprietários rurais	-0,432	0,022	-30,45	0,362	0,015	25,493	0,893	0,093	62,947
Trabalhadores rurais	-0,744	0,078	-57,577	0,416	0,024	32,224	0,417	0,025	32,254
alfabetização não completa	-0,762	0,007	-17,782	0,271	0,001	6,318	0,306	0,001	7,142
alfabetização completa	-0,435	0,108	-67,507	-0,029	0	-4,453	0,155	0,014	23,965

fundamental completo	- 0,006	0	- 0,668	-0,24	0,015	- 25,611	0,043	0	4,539
ensino médio completo	0,354	0,03	35,955	-0,218	0,011	- 22,076	-0,21	0,011	- 21,284
superior incompleto	1,175	0,02	29,197	0,368	0,002	9,149	- 0,243	0,001	- 6,049
superior completo	1,517	0,192	90,176	0,744	0,046	44,233	- 0,314	0,008	- 18,654
sem informação	- 0,271	0,011	- 21,231	0,298	0,013	23,368	- 0,001	0	- 0,117
masculino	- 0,002	0	- 0,647	0,023	0,002	8,826	0,106	0,039	40,458
feminino	0,006	0	0,647	-0,08	0,002	- 8,826	- 0,365	0,039	- 40,458
Branca	0,378	0,096	63,817	0,02	0	3,348	0,107	0,008	18,109
Preta	- 0,266	0,007	- 17,105	0,017	0	1,075	- 0,266	0,007	- 17,072
Amarela	0,623	0,002	8,904	0,29	0	4,135	- 0,068	0	- 0,965
Parda	- 0,256	0,064	- 52,134	-0,036	0,001	- 7,232	- 0,039	0,001	- 7,957
Indígena	- 0,682	0,003	- 12,036	0,902	0,006	15,911	0,032	0	0,561
Não sabe	0,062	0	0,741	0,042	0	0,506	- 0,043	0	- 0,514
p1	- 1,017	0,01	- 21,042	0,869	0,008	17,976	0,118	0	2,449
p5	- 0,948	0,037	- 39,843	0,618	0,016	25,983	0,04	0	1,695
p10	- 0,821	0,035	- 38,775	0,332	0,006	15,699	0,003	0	0,157
p25	- 0,614	0,066	- 53,073	-0,034	0	- 2,909	- 0,064	0,001	- 5,563

p50	- 0,327	0,036	- 38,82 6	-0,252	0,021	- 29,97	- 0,072	0,00 2	- 8,51 5
p75	0,06	0,001	7,085	-0,222	0,016	- 26,37 4	0,034	0	4,03 8
p90	0,621	0,068	53,71 4	-0,037	0	- 3,237	0,101	0,00 2	8,73 5
p95	1,24	0,081	58,55 8	0,395	0,008	18,67	0,115	0,00 1	5,42 8
p99	1,754	0,128	73,70 6	1,007	0,042	42,34 6	- 0,065	0	- 2,72 6
p100	2,268	0,052	46,87 7	1,909	0,037	39,45 5	- 0,221	0	-4,56
Supplementary categorical variables (eta2)									
	Dim.1	Dim.2	Dim.3						
CLASSES	0,285	0,093	0,156						
nivel_educ	0,307	0,078	0,027						
sexo	0	0,002	0,039						
cor	0,101	0,007	0,012						
perc_rend_do m_p_cap	0,473	0,142	0,005						

ACM5 - 2002									
Call:									
MCA(X = BD_MASTER_2002_5_selvar4.2_ACM5.df, ncp = 5, ind.sup = NULL,									
quanti.sup = NULL, quali.sup = c(123:127), excl = NULL, graph = FALSE,									
level.ventil = 0, axes = c(1, 2), row.w = NULL, method = "Indicator",									
na.method = "NA", tab.disj = NULL)									
Eigenvalues									
	Dim.1	Dim.2	Dim.3	Dim.4	Dim.5	Dim.6	Dim.7	Dim.8	Dim.9
Variance	0,079	0,024	0,016	0,016	0,013	0,012	0,011	0,011	0,011
% of var.	7,872	2,356	1,641	1,57	1,331	1,179	1,147	1,105	1,067

Cumulative % of var.	7,872	10,228	11,87	13,44	14,772	15,95	17,097	18,202	19,269
Dim.10	Dim.11	Dim.12	Dim.13	Dim.14	Dim.15	Dim.16	Dim.17	Dim.18	Dim.19
0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,009	0,009	0,009	0,009	0,009
1,046	1,024	1,022	0,988	0,974	0,949	0,935	0,916	0,908	0,895
20,316	21,34	22,362	23,35	24,324	25,274	26,208	27,124	28,033	28,928
Dim.20	Dim.21	Dim.22	Dim.23	Dim.24	Dim.25	Dim.26	Dim.27	Dim.28	Dim.29
0,009	0,009	0,009	0,009	0,009	0,009	0,009	0,009	0,009	0,009
0,894	0,889	0,885	0,877	0,873	0,867	0,863	0,86	0,856	0,851
29,822	30,711	31,596	32,472	33,346	34,213	35,076	35,936	36,792	37,643
Dim.30	Dim.31	Dim.32	Dim.33	Dim.34	Dim.35	Dim.36	Dim.37	Dim.38	Dim.39
0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008
0,849	0,846	0,845	0,838	0,835	0,834	0,831	0,828	0,825	0,824
38,492	39,338	40,183	41,021	41,856	42,69	43,521	44,349	45,175	45,999
Dim.40	Dim.41	Dim.42	Dim.43	Dim.44	Dim.45	Dim.46	Dim.47	Dim.48	Dim.49
0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008
0,824	0,823	0,821	0,82	0,817	0,815	0,813	0,811	0,806	0,801
46,823	47,645	48,467	49,287	50,104	50,919	51,733	52,544	53,35	54,151
Dim.50	Dim.51	Dim.52	Dim.53	Dim.54	Dim.55	Dim.56	Dim.57	Dim.58	Dim.59
0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008
0,796	0,794	0,793	0,789	0,785	0,783	0,778	0,775	0,772	0,764
54,948	55,742	56,534	57,323	58,109	58,891	59,669	60,444	61,216	61,98
Dim.60	Dim.61	Dim.62	Dim.63	Dim.64	Dim.65	Dim.66	Dim.67	Dim.68	Dim.69
0,008	0,008	0,008	0,008	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007
0,762	0,758	0,753	0,753	0,748	0,747	0,743	0,743	0,737	0,731
62,742	63,5	64,253	65,007	65,755	66,502	67,245	67,988	68,725	69,456
Dim.70	Dim.71	Dim.72	Dim.73	Dim.74	Dim.75	Dim.76	Dim.77	Dim.78	Dim.79

0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007
0,725	0,723	0,718	0,712	0,706	0,705	0,697	0,694	0,692	0,685
70,182	70,90 5	71,62 2	72,33 5	73,04 1	73,745	74,44 2	75,13 6	75,82 7	76,51 3
Dim.80	Dim.8 1	Dim.8 2	Dim.8 3	Dim.8 4	Dim.85	Dim.8 6	Dim.8 7	Dim.8 8	Dim.8 9
0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,006	0,006
0,681	0,676	0,668	0,666	0,664	0,659	0,655	0,651	0,647	0,642
77,194	77,87	78,53 9	79,20 4	79,86 8	80,527	81,18 2	81,83 4	82,48	83,12 3
Dim.90	Dim.9 1	Dim.9 2	Dim.9 3	Dim.9 4	Dim.95	Dim.9 6	Dim.9 7	Dim.9 8	Dim.9 9
0,006	0,006	0,006	0,006	0,006	0,006	0,006	0,006	0,006	0,006
0,634	0,626	0,619	0,613	0,608	0,604	0,603	0,592	0,582	0,579
83,757	84,38 2	85,00 2	85,61 5	86,22 3	86,826	87,42 9	88,02 2	88,60 4	89,18 3
Dim.100	Dim.1 01	Dim.1 02	Dim.1 03	Dim.1 04	Dim.105	Dim.1 06	Dim.1 07	Dim.1 08	Dim.1 09
0,006	0,006	0,006	0,005	0,005	0,005	0,005	0,005	0,005	0,005
0,569	0,559	0,55	0,542	0,534	0,53	0,525	0,518	0,509	0,497
89,752	90,31 1	90,86 1	91,40 3	91,93 7	92,467	92,99 2	93,51 1	94,01 9	94,51 6
Dim.110	Dim.1 11	Dim.1 12	Dim.1 13	Dim.1 14	Dim.115	Dim.1 16	Dim.1 17	Dim.1 18	Dim.1 19
0,005	0,005	0,005	0,005	0,005	0,005	0,005	0,004	0,004	0,004
0,492	0,49	0,479	0,477	0,473	0,458	0,451	0,445	0,391	0,372
95,008	95,49 8	95,97 7	96,45 4	96,92 7	97,386	97,83 6	98,28 1	98,67 2	99,04 4
Dim.120	Dim.1 21	Dim.1 22							
0,004	0,003	0,003							
0,358	0,348	0,25							
99,402	99,75	100							
Categories									
	Dim.1	ctr	cos2	v.test	Dim.2	ctr	cos2	v.test	
agua_esg_	-0,05	0,007	0,001	-5,07	0,699	4,745	0,189	70,55 9	
agua_esg_	0,019	0,003	0,001	5,07	-0,271	1,836	0,189	- 70,55 9	

eletri_	-0,64	0,369	0,039	- 31,95 9	1,179	4,18	0,132	58,83 2
eletri_	0,061	0,035	0,039	31,95 9	-0,112	0,396	0,132	- 58,83 2
gasbuj_	0,129	0,012	0,001	5,752	1,887	8,74	0,27	84,33 8
gasbuj_	-0,01	0,001	0,001	- 5,752	-0,143	0,663	0,27	- 84,33 8
gasenc_	- 0,013	0,002	0,027	- 26,80 8	-0,017	0,01	0,048	- 35,47 5
gasenc_	2,161	0,283	0,027	26,80 8	2,86	1,654	0,048	35,47 5
lenha_	0,029	0,008	0,019	22,06 7	-0,031	0,033	0,021	- 23,68 7
lenha_	- 0,634	0,184	0,019	- 22,06 7	0,681	0,709	0,021	23,68 7
diesel_	0,001	0	0,001	5,809	-0,003	0	0,007	- 13,58 8
diesel_	- 1,139	0,013	0,001	- 5,809	2,664	0,244	0,007	13,58 8
queros_	0,001	0	0	2,635	-0,005	0,001	0,004	- 9,735
queros_	- 0,199	0,003	0	- 2,635	0,733	0,124	0,004	9,735
condomi_	- 0,113	0,123	0,181	- 68,96	-0,087	0,247	0,108	- 53,36 7
condomi_	1,606	1,758	0,181	68,96	1,243	3,518	0,108	53,36 7
vigeletronic_	- 0,001	0	0,002	- 6,957	-0,001	0	0,002	- 7,125
vigeletronic_	3,478	0,019	0,002	6,957	3,562	0,067	0,002	7,125
antenparab_	- 0,085	0,061	0,032	- 29,08 9	0,135	0,518	0,082	46,45
antenparab_	0,38	0,274	0,032	29,08 9	-0,608	2,334	0,082	- 46,45
arcond_	- 0,172	0,276	0,246	- 80,50 2	-0,029	0,027	0,007	- 13,67 5
arcond_	1,428	2,288	0,246	80,50 2	0,243	0,221	0,007	13,67 5

aspirpo_	- 0,148	0,21	0,253	- 81,63 1	-0,04	0,05	0,018	- 21,79 9
aspirpo_	1,711	2,427	0,253	81,63 1	0,457	0,578	0,018	21,79 9
batedeira_	- 0,368	0,947	0,277	- 85,40 2	0,143	0,478	0,042	33,19 5
batedeira_	0,753	1,938	0,277	85,40 2	-0,293	0,978	0,042	- 33,19 5
equipsom_	- 0,373	0,627	0,106	- 52,80 5	0,252	0,955	0,048	35,67 2
equipsom_	0,284	0,477	0,106	52,80 5	-0,192	0,727	0,048	- 35,67 2
ferroet_	- 0,816	1,028	0,116	- 55,21 9	1,114	6,389	0,216	75,32 1
ferroet_	0,142	0,179	0,116	55,21 9	-0,194	1,111	0,216	- 75,32 1
filtroagua_	0,01	0,001	0	2,345	0,126	0,367	0,031	28,61 7
filtroagua_	-0,02	0,001	0	- 2,345	-0,246	0,715	0,031	- 28,61 7
fogao_	- 0,956	0,124	0,012	- 17,84 7	3,159	4,539	0,132	58,98 4
fogao_	0,013	0,002	0,012	17,84 7	-0,042	0,06	0,132	- 58,98 4
microond_	- 0,254	0,573	0,379	- 99,87 9	-0,049	0,072	0,014	- 19,42 8
microond_	1,494	3,374	0,379	99,87 9	0,291	0,427	0,014	19,42 8
freezer_	- 0,206	0,37	0,215	- 75,19 3	0,004	0	0	1,497
freezer_	1,041	1,867	0,215	75,19 3	-0,021	0,002	0	- 1,497
geladeira_	- 0,868	0,816	0,087	- 47,98 2	1,397	7,065	0,227	77,23 2
geladeira_	0,101	0,095	0,087	47,98 2	-0,162	0,82	0,227	- 77,23 2

liquid_	- 0,674	0,977	0,118	- 55,78 9	0,852	5,225	0,189	70,58 7
liquid_	0,176	0,255	0,118	55,78 9	-0,222	1,361	0,189	- 70,58 7
maqcostura_	- 0,094	0,074	0,035	- 30,38 9	0,111	0,339	0,048	35,68 3
maqcostura_	0,373	0,292	0,035	30,38 9	-0,438	1,344	0,048	- 35,68 3
lavalouca_	- 0,065	0,043	0,148	- 62,33 8	-0,034	0,039	0,04	- 32,55 2
lavalouca_	2,269	1,495	0,148	62,33 8	1,185	1,362	0,04	32,55 2
lavaroupa_	- 0,402	1,026	0,252	- 81,50 4	0,097	0,199	0,015	19,61 2
lavaroupa_	0,628	1,602	0,252	81,50 4	-0,151	0,31	0,015	- 19,61 2
secaroupa_	- 0,068	0,045	0,098	- 50,66 5	-0,012	0,005	0,003	- 8,978
secaroupa_	1,445	0,97	0,098	50,66 5	0,256	0,102	0,003	8,978
microcomput_	-0,25	0,568	0,427	- 106,0 02	-0,072	0,158	0,036	- 30,61 8
microcomput_	1,707	3,877	0,427	106,0 02	0,493	1,081	0,036	30,61 8
purifagua_	- 0,082	0,066	0,094	- 49,76 1	0,003	0	0	2,106
purifagua_	1,146	0,914	0,094	49,76 1	-0,049	0,005	0	- 2,106
radio_	- 0,118	0,109	0,041	- 32,81 5	-0,013	0,004	0,001	- 3,632
radio_	0,346	0,317	0,041	32,81 5	0,038	0,013	0,001	3,632
seccabelo_	-0,27	0,606	0,29	- 87,34 3	0,003	0	0	0,874
seccabelo_	1,074	2,412	0,29	87,34 3	-0,011	0,001	0	- 0,874

tvcor_	- 0,829	0,857	0,093	- 49,59 2	1,158	5,58	0,182	69,24 3
tvcor_	0,113	0,116	0,093	49,59 2	-0,157	0,758	0,182	- 69,24 3
ventil_	- 0,384	0,456	0,062	- 40,50 2	0,444	2,043	0,084	46,90 4
ventil_	0,163	0,193	0,062	40,50 2	-0,188	0,866	0,084	- 46,90 4
dvd_	- 0,067	0,045	0,137	- 60,15 5	-0,036	0,044	0,04	- 32,58 9
dvd_	2,065	1,387	0,137	60,15 5	1,119	1,36	0,04	32,58 9
moto_INV_	- 0,037	0,013	0,012	- 17,91 3	0,079	0,193	0,056	38,34 7
moto_INV_	0,332	0,114	0,012	17,91 3	-0,711	1,75	0,056	- 38,34 7
carro_INV_	- 0,429	1,34	0,427	- 105,9 72	0,042	0,043	0,004	10,40 3
carro_INV_	0,994	3,103	0,427	105,9 72	-0,098	0,1	0,004	- 10,40 3
bicicleta_INV_	- 0,025	0,003	0,001	- 3,732	0,2	0,638	0,034	29,85 4
bicicleta_INV_	0,021	0,003	0,001	3,732	-0,169	0,54	0,034	- 29,85 4
trabdomest_	- 0,288	0,675	0,294	-88	-0,023	0,014	0,002	- 7,019
trabdomest_	1,02	2,389	0,294	88	0,081	0,051	0,002	7,019
telfixo_	- 0,532	1,513	0,299	- 88,73	0,256	1,174	0,069	42,75 6
telfixo_	0,563	1,602	0,299	88,73	-0,271	1,243	0,069	- 42,75 6
internet_dom_	-0,08	0,064	0,197	- 71,96 7	-0,042	0,058	0,054	-37,6
internet_dom_	2,472	1,985	0,197	71,96 7	1,292	1,811	0,054	37,6

tv_assinat_	- 0,088	0,077	0,206	- 73,62 3	-0,05	0,083	0,067	- 41,93 4
tv_assinat_	2,353	2,068	0,206	73,62 3	1,34	2,241	0,067	41,93 4
internet_ind_	- 0,001	0	0,001	-6,13	0	0	0	- 0,564
internet_ind_	1,406	0,015	0,001	6,13	0,129	0	0	0,564
plano_odont_	- 0,022	0,005	0,025	- 25,61 6	-0,002	0	0	-2,26
plano_odont_	1,111	0,254	0,025	25,61 6	0,098	0,007	0	2,26
consult_medic_	- 0,071	0,029	0,006	- 12,60 2	0,098	0,18	0,011	17,25 5
consult_medic_	0,085	0,034	0,006	12,60 2	-0,116	0,214	0,011	- 17,25 5
aul_art_esport_	- 0,104	0,103	0,123	- 56,88 4	-0,018	0,01	0,004	- 9,838
aul_art_esport_	1,187	1,177	0,123	56,88 4	0,205	0,118	0,004	9,838
curs_idiom_inform_	-0,09	0,077	0,081	- 46,25 6	0,003	0	0	1,659
curs_idiom_inform_	0,902	0,77	0,081	46,25 6	-0,032	0,003	0	- 1,659
educ_infant_preesc_	- 0,036	0,013	0,02	- 22,89 2	0,011	0,004	0,002	6,912
educ_infant_preesc_	0,557	0,195	0,02	22,89 2	-0,168	0,059	0,002	- 6,912
ens_fundam_	-0,09	0,078	0,093	- 49,56 5	0,005	0,001	0	2,484
ens_fundam_	1,036	0,894	0,093	49,56 5	-0,052	0,008	0	- 2,484
ens_medio_	- 0,054	0,029	0,082	- 46,33 8	-0,007	0,002	0,001	- 6,241
ens_medio_	1,51	0,82	0,082	46,33 8	0,203	0,05	0,001	6,241

prevest_cur_pre par_	- 0,035	0,012	0,035	- 30,26 6	0,004	0,001	0,001	3,675
prevest_cur_pre par_	0,991	0,35	0,035	30,26 6	-0,12	0,017	0,001	- 3,675
ens_superior_	- 0,091	0,082	0,137	- 59,94 7	-0,016	0,008	0,004	- 10,42 2
ens_superior_	1,493	1,34	0,137	59,94 7	0,26	0,135	0,004	10,42 2
assina_jorn_rev _	- 0,073	0,054	0,134	- 59,37 4	-0,022	0,017	0,012	- 18,10 7
assina_jorn_rev _	1,83	1,341	0,134	59,37 4	0,558	0,417	0,012	18,10 7
revista_fasc_	- 0,066	0,043	0,071	- 43,20 7	-0,014	0,006	0,003	- 8,949
revista_fasc_	1,067	0,695	0,071	43,20 7	0,221	0,1	0,003	8,949
jornal_	- 0,075	0,055	0,082	- 46,35 9	-0,019	0,012	0,005	- 11,78 4
jornal_	1,09	0,796	0,082	46,35 9	0,277	0,172	0,005	11,78 4
livr_naodidatic_	- 0,064	0,04	0,082	- 46,52 4	-0,023	0,017	0,011	- 16,76 7
livr_naodidatic_	1,292	0,816	0,082	46,52 4	0,466	0,354	0,011	16,76 7
barca_	- 0,002	0	0,001	-4,83	-0,002	0	0,002	-6,56
barca_	0,568	0,009	0,001	4,83	0,772	0,057	0,002	6,56
barco_	0	0	0	- 1,897	0	0	0	- 0,778
barco_	0,717	0,001	0	1,897	0,294	0,001	0	0,778
canoa_	0	0	0	0,656	0	0	0	1,762
canoa_	- 0,379	0	0	- 0,656	-1,017	0,004	0	- 1,762
catraia_	0	0	0	0,81	0	0	0	0,626
catraia_	- 0,256	0	0	-0,81	-0,198	0,001	0	- 0,626
caminhao_	0	0	0	1,325	0	0	0	- 0,394
caminhao_	- 0,937	0,001	0	- 1,325	0,278	0	0	0,394
bicicleta_	0	0	0	0,509	0	0	0	0,619

bicicleta_	- 0,509	0	0	- 0,509	-0,619	0,001	0	- 0,619
trem_	- 0,001	0	0	- 3,415	-0,001	0	0	-2,73
trem_	0,307	0,005	0	3,415	0,246	0,01	0	2,73
metro_	- 0,012	0,001	0,016	- 20,34 5	-0,01	0,003	0,01	- 16,52 7
metro_	1,307	0,162	0,016	20,34 5	1,062	0,358	0,01	16,52 7
carropartic_	- 0,356	0,951	0,327	- 92,79 3	0,048	0,059	0,006	12,6
carropartic_	0,919	2,455	0,327	92,79 3	-0,125	0,151	0,006	-12,6
onibus_	- 0,065	0,03	0,009	- 14,97 8	0,034	0,027	0,002	7,83
onibus_	0,13	0,059	0,009	14,97 8	-0,068	0,054	0,002	-7,83
transp_altern_	0,006	0	0,001	4,253	0,004	0,001	0	2,734
transp_altern_	- 0,111	0,007	0,001	- 4,253	-0,071	0,009	0	- 2,734
mototaxi_	0,006	0	0,002	6,36	0,008	0,002	0,003	8,173
mototaxi_	-0,24	0,016	0,002	-6,36	-0,309	0,086	0,003	- 8,173
taxi_	-0,02	0,004	0,013	- 18,15 6	-0,012	0,005	0,004	- 10,48 1
taxi_	0,621	0,126	0,013	18,15 6	0,358	0,141	0,004	10,48 1
carro_import_C OMP_	- 0,008	0,001	0,018	- 21,50 9	-0,004	0	0,004	- 9,696
carro_import_C OMP_	2,215	0,182	0,018	21,50 9	0,998	0,124	0,004	9,696
carro_nacion_C OMP_	- 0,144	0,19	0,159	- 64,73 7	0,006	0,001	0	2,618
carro_nacion_C OMP_	1,108	1,468	0,159	64,73 7	-0,045	0,008	0	- 2,618
moto_COMP_	- 0,021	0,004	0,007	- 13,97 9	0,048	0,076	0,039	32,13

moto_COMP_	0,356	0,073	0,007	13,97 9	-0,818	1,289	0,039	- 32,13
ref_alacarte_	- 0,077	0,055	0,059	- 39,25 8	-0,038	0,046	0,015	- 19,65 6
ref_alacarte_	0,765	0,554	0,059	39,25 8	0,383	0,464	0,015	19,65 6
ref_apeso_	- 0,124	0,141	0,108	- 53,22 2	-0,041	0,052	0,012	- 17,70 8
ref_apeso_	0,866	0,98	0,108	53,22 2	0,288	0,362	0,012	17,70 8
ref_fastfood_	- 0,033	0,011	0,023	- 24,36 9	-0,009	0,003	0,002	- 6,531
ref_fastfood_	0,681	0,224	0,023	24,36 9	0,183	0,054	0,002	6,531
ref_pratfeito_	0	0	0	0,852	0	0	0	1,046
ref_pratfeito_	- 0,091	0	0	- 0,852	-0,111	0,001	0	- 1,046
ref_escolar_	0,001	0	0	3,457	0,001	0	0	1,939
ref_escolar_	-0,34	0,005	0	- 3,457	-0,191	0,005	0	- 1,939
passeio_	- 0,001	0	0,001	- 4,732	0	0	0	- 1,584
passeio_	1,366	0,009	0,001	4,732	0,457	0,003	0	1,584
assoc_club_	- 0,068	0,046	0,104	- 52,24 9	-0,012	0,005	0,003	- 9,333
assoc_club_	1,519	1,034	0,104	52,24 9	0,271	0,11	0,003	9,333
bar_	- 0,001	0	0,001	- 4,342	0	0	0	- 2,618
bar_	1,373	0,007	0,001	4,342	0,828	0,009	0	2,618
boit_danc_disc_	- 0,058	0,033	0,037	- 31,36 5	-0,01	0,003	0,001	- 5,111
boit_danc_disc_	0,64	0,357	0,037	31,36 5	0,104	0,032	0,001	5,111
club_baile_fest_	- 0,003	0	0,001	- 5,965	0,002	0	0,001	4,321
club_baile_fest_	0,486	0,014	0,001	5,965	-0,352	0,025	0,001	- 4,321
forro_	0	0	0	2,051	0	0	0	1,894
forro_	- 0,447	0,002	0	- 2,051	-0,413	0,005	0	- 1,894

jogoeletronic_	-	0	0	-	0,001	0	0	2,384
	0,001			2,693				
jogoeletronic_	0,22	0,003	0	2,693	-0,195	0,007	0	-
								2,384
parquediversoes	-	0	0,001	-	0,002	0	0	3,396
_	0,003			6,213				
parquediversoes	0,424	0,015	0,001	6,213	-0,232	0,015	0	-
_								3,396
taxapesca_	0	0	0	-	0	0	0	3,204
				0,347				
taxapesca_	0,142	0	0	0,347	-1,308	0,014	0	-
								3,204
taxapicnic_	0	0	0	0,421	0	0	0	0,66
taxapicnic_	-0,14	0	0	-	-0,22	0,001	0	-0,66
				0,421				
jardimzoo_	0	0	0	-	0	0	0	1,99
				0,618				
jardimzoo_	0,171	0	0	0,618	-0,552	0,005	0	-1,99
cinema_	-	0,181	0,212	-	-0,062	0,123	0,043	-
	0,138			74,64				33,65
				7				8
cinema_	1,537	2,023	0,212	74,64	0,693	1,374	0,043	33,65
				7				8
circo_	-	0	0,001	-	0	0	0	0,365
	0,001			3,771				
circo_	0,471	0,006	0,001	3,771	-0,046	0	0	-
								0,365
museu_	0	0	0,001	-	0	0	0	-
				3,996				2,419
museu_	1,787	0,006	0,001	3,996	1,082	0,008	0	2,419
teatro_	-	0,004	0,039	-	-0,013	0,006	0,02	-
	0,019			32,22				22,66
				2				9
teatro_	2,07	0,407	0,039	32,22	1,457	0,673	0,02	22,66
				2				9
expos_feirainfor	-	0	0,001	-	0,001	0	0	2,496
_	0,001			5,181				
expos_feirainfor	0,863	0,011	0,001	5,181	-0,416	0,008	0	-
_								2,496
futebol_	-	0,005	0,014	-	0,003	0	0	2,458
	0,022			18,93				8
				8				
futebol_	0,62	0,137	0,014	18,93	-0,08	0,008	0	-
				8				2,458
karaoke_	0	0	0	-	0	0	0	0,652
				1,758				

karaoke_	1,758	0,001	0	1,758	-0,652	0,001	0	-0,652
rodeio_	0	0	0	-2,575	0,001	0	0	3,54
rodeio_	0,624	0,003	0	2,575	-0,858	0,017	0	-3,54
seresta_	0	0	0	2,054	0	0	0	-1,337
seresta_	-0,593	0,002	0	-2,054	0,386	0,002	0	1,337
show_	-0,007	0,001	0,005	-11,859	0,001	0	0	2,161
show_	0,754	0,055	0,005	11,859	-0,137	0,006	0	-2,161
sinuc_toto_boliche_	0	0	0	-1,458	-0,001	0	0,001	-4,507
sinuc_toto_boliche_	0,204	0,001	0	1,458	0,631	0,027	0,001	4,507
volei_basq_	-0,001	0	0,001	-3,932	0	0	0	-0,343
volei_basq_	0,786	0,006	0,001	3,932	0,068	0	0	0,343
corri_automob_	-0,001	0	0,002	-6,407	0	0	0	-2,536
corri_automob_	2,421	0,016	0,002	6,407	0,959	0,009	0	2,536
aviao_VG_	-0,025	0,006	0,057	-38,662	-0,017	0,01	0,027	-26,581
aviao_VG_	2,286	0,585	0,057	38,662	1,572	0,924	0,027	26,581
barco_VG_	-0,002	0	0,001	-3,847	-0,002	0	0	-3,404
barco_VG_	0,306	0,006	0,001	3,847	0,271	0,015	0	3,404
alug_veic_VG_	-0,007	0	0,006	-12,986	-0,001	0	0	-2,606
alug_veic_VG_	0,946	0,066	0,006	12,986	0,19	0,009	0	2,606
caminhao_VG_	0,001	0	0,001	3,673	0	0	0	-2,371
caminhao_VG_	-0,842	0,005	0,001	-3,673	0,544	0,007	0	2,371

comb_veic_VG_	- 0,156	0,224	0,184	- 69,52 6	0,004	0,001	0	1,963
comb_veic_VG_	1,176	1,688	0,184	69,52 6	-0,033	0,004	0	- 1,963
navio_VG_	0	0	0	- 0,491	0	0	0	- 1,195
navio_VG_	0,096	0	0	0,491	0,234	0,002	0	1,195
onibus_VG_	0,014	0,002	0,001	5,236	0,029	0,025	0,004	10,85 7
onibus_VG_	- 0,073	0,009	0,001	- 5,236	-0,152	0,131	0,004	- 10,85 7
paudearara_VG_	0	0	0	2,947	-0,001	0	0,001	- 5,795
paudearara_VG_	- 0,817	0,003	0	- 2,947	1,607	0,044	0,001	5,795
trem_VG_	- 0,001	0	0,001	- 3,631	0	0	0	0,678
trem_VG_	0,408	0,005	0,001	3,631	-0,076	0,001	0	- 0,678
serv_belez_este t_	- 0,541	0,577	0,068	- 42,42 5	0,339	0,756	0,027	26,56 3
serv_belez_este t_	0,126	0,135	0,068	42,42 5	-0,079	0,176	0,027	- 26,56 3
joias_relog_	- 0,116	0,104	0,04	- 32,26	0,024	0,015	0,002	6,755
joias_relog_	0,342	0,307	0,04	32,26	-0,072	0,045	0,002	- 6,755
titulo clube_	- 0,003	0	0,003	- 9,539	0	0	0	0,035
titulo clube_	1,033	0,036	0,003	9,539	-0,004	0	0	- 0,035
acoes_	-0,01	0,001	0,023	- 24,41 2	-0,006	0,001	0,009	- 15,01 8
acoes_	2,323	0,235	0,023	24,41 2	1,429	0,297	0,009	15,01 8
aplicfinanc_	- 0,038	0,015	0,076	- 44,79 4	-0,02	0,014	0,021	- 23,70 3
aplicfinanc_	1,994	0,779	0,076	44,79 4	1,055	0,729	0,021	23,70 3
poupanca_	- 0,137	0,161	0,091	- 48,90 8	0,031	0,028	0,005	11,23 2

poupanca_	0,665	0,785	0,091	48,90 8	-0,153	0,138	0,005	- 11,23 2
contacorrent_	- 0,204	0,358	0,201	- 72,69 3	0,014	0,005	0,001	4,925
contacorrent_	0,986	1,733	0,201	72,69 3	-0,067	0,027	0,001	- 4,925
ctr_prevpub_pri v_	- 0,091	0,08	0,106	- 52,75 5	-0,019	0,011	0,004	- 10,81 4
ctr_prevpub_pri v_	1,16	1,021	0,106	52,75 5	0,238	0,143	0,004	10,81 4
aparelho_cel_	- 0,136	0,167	0,115	- 54,91 3	-0,003	0	0	- 1,156
aparelho_cel_	0,84	1,026	0,115	54,91 3	0,018	0,002	0	1,156
cartao_cel_	- 0,003	0	0,002	- 7,392	0,001	0	0	2,527
cartao_cel_	0,742	0,022	0,002	7,392	-0,253	0,008	0	- 2,527
conta_cel_	- 0,265	0,575	0,261	- 82,88 1	-0,034	0,031	0,004	- 10,51
conta_cel_	0,986	2,142	0,261	82,88 1	0,125	0,115	0,004	10,51
ctr_prevpub_	- 0,213	0,274	0,062	- 40,50 3	0,088	0,156	0,011	16,71 7
ctr_prevpub_	0,292	0,375	0,062	40,50 3	-0,121	0,214	0,011	- 16,71 7
cartaocred_	0,852	2,013	0,263	83,27 3	0,039	0,014	0,001	3,847
cartaocred_	- 0,309	0,731	0,263	- 83,27 3	-0,014	0,005	0,001	- 3,847
chequeesp_	1,327	3,397	0,4	102,6 66	0,15	0,145	0,005	11,59 8
chequeesp_	- 0,302	0,773	0,4	- 102,6 66	-0,034	0,033	0,005	- 11,59 8
planosaude_	1,051	2,34	0,282	86,17 2	0,115	0,093	0,003	9,406
planosaude_	- 0,268	0,598	0,282	- 86,17 2	-0,029	0,024	0,003	- 9,406

Categorical variables (eta2)									
	Dim.1	Dim.2	Dim.3			Dim.1	Dim.2	Dim.3	
agua_esg	0,001	0,189	0,002		secaroupa	0,098	0,003	0,06	
eletri	0,039	0,132	0		microcomput	0,427	0,036	0,005	
gasbuj	0,001	0,27	0		purifagua	0,094	0	0,009	
gasenc	0,027	0,048	0,001		radio	0,041	0,001	0	
lenha	0,019	0,021	0,004		seccabelo	0,29	0	0,011	
diesel	0,001	0,007	0		tvcor	0,093	0,182	0,002	
queros	0	0,004	0,002		ventil	0,062	0,084	0	
condomi	0,181	0,108	0,002		dvd	0,137	0,04	0,004	
vigeletronic	0,002	0,002	0		moto_INV	0,012	0,056	0,004	
antenparab	0,032	0,082	0,035		carro_INV	0,427	0,004	0,072	
arcond	0,246	0,007	0,031		bicicleta_INV	0,001	0,034	0	
aspirpo	0,253	0,018	0,059		trabdomest	0,294	0,002	0	
batedeira	0,277	0,042	0,033		telfixo	0,299	0,069	0,001	
equipsom	0,106	0,048	0,003		internet_dom	0,197	0,054	0,002	
ferroelet	0,116	0,216	0,002		tv_assinat	0,206	0,067	0,001	
filtroagua	0	0,031	0,037		internet_ind	0,001	0	0,002	
fogao	0,012	0,132	0,001		plano_odont	0,025	0	0,029	
microond	0,379	0,014	0,039		consult_medi c	0,006	0,011	0,06	
freezer	0,215	0	0,051		aul_art_espor t	0,123	0,004	0,05	
geladeira	0,087	0,227	0,002		curs_idiom_in form	0,081	0	0,059	
liquid	0,118	0,189	0,001		educ_infant_ presc	0,02	0,002	0,003	
maqcostura	0,035	0,048	0,001		ens_fundam	0,093	0	0	
lavalouca	0,148	0,04	0,035		ens_medio	0,082	0,001	0,006	

lavaroupa	0,252	0,015	0,056		prevest_cur_prepar	0,035	0,001	0,053	
	Dim.1	Dim.2	Dim.3			Dim.1	Dim.2	Dim.3	
ens_superior	0,137	0,004	0,006		corri_automob	0,002	0	0	
assina_jorn_rev	0,134	0,012	0,009		aviao_VG	0,057	0,027	0,004	
revista_fasc	0,071	0,003	0,008		barco_VG	0,001	0	0,009	
jornal	0,082	0,005	0,006		alug_veic_VG	0,006	0	0,009	
livr_naodidatic	0,082	0,011	0,044		caminhao_VG	0,001	0	0,001	
barca	0,001	0,002	0,007		comb_veic_VG	0,184	0	0,001	
barco	0	0	0		navio_VG	0	0	0,003	
canoa	0	0	0		onibus_VG	0,001	0,004	0,079	
catraia	0	0	0		paudearara_VG	0	0,001	0	
caminhao	0	0	0		trem_VG	0,001	0	0,006	
bicicleta	0	0	0		serv_belez_estet	0,068	0,027	0,02	
trem	0	0	0,002		joias_relog	0,04	0,002	0,126	
metro	0,016	0,01	0,018		titulo clube	0,003	0	0,008	
carropartic	0,327	0,006	0,035		acoes	0,023	0,009	0,001	
onibus	0,009	0,002	0,148		aplicfinanc	0,076	0,021	0,002	
transp_altern	0,001	0	0,046		poupanca	0,091	0,005	0,025	
mototaxi	0,002	0,003	0,025		contacorrent	0,201	0,001	0,017	
taxi	0,013	0,004	0,05		ctr_prevpub_priv	0,106	0,004	0,004	
carro_import_COMP	0,018	0,004	0		aparelho_cel	0,115	0	0,081	
carro_nacion_COMP	0,159	0	0,013		cartao_cel	0,002	0	0,003	
moto_COMP	0,007	0,039	0		conta_cel	0,261	0,004	0,04	

ref_alacarte	0,059	0,015	0,014		ctr_prevpub	0,062	0,011	0,005	
ref_apeso	0,108	0,012	0,016		cartaocred	0,263	0,001	0,005	
ref_fastfood	0,023	0,002	0,002		chequeesp	0,4	0,005	0,006	
ref_pratfeito	0	0	0,005		planosaude	0,282	0,003	0	
ref_escolar	0	0	0						
passeio	0,001	0	0,001						
assoc_club	0,104	0,003	0,007						
bar	0,001	0	0						
boit_danc_disc	0,037	0,001	0,079						
club_baile_fest	0,001	0,001	0,001						
forro	0	0	0,002						
jogoeletronic	0	0	0,014						
parquediversoes	0,001	0	0,004						
taxapesca	0	0	0						
taxapicnic	0	0	0,001						
jardimzoo	0	0	0						
cinema	0,212	0,043	0,046						
circo	0,001	0	0						
museu	0,001	0	0,001						
teatro	0,039	0,02	0,017						
expos_feirainfor	0,001	0	0,001						
futebol	0,014	0	0,043						
karaoke	0	0	0,001						
rodeio	0	0	0						
seresta	0	0	0,002						
show	0,005	0	0,035						
sinuc_toto_bolic he	0	0,001	0,003						
volei_basq	0,001	0	0						

Supplementary categories									
	Dim.1	cos2	v.test	Dim.2	cos2	v.test	Dim.3	cos2	v.test
Classes superiores urbanas	1,507	0,084	47,09	0,418	0,006	13,047	-0,167	0,001	-5,231
Classe média alta	1,143	0,08	45,941	0,374	0,009	15,012	-0,06	0	-2,405
Classe média	0,453	0,035	30,19	-0,076	0,001	-5,059	0,062	0,001	4,103
Classe média baixa	0,275	0,005	11,075	-0,169	0,002	-6,827	0,187	0,002	7,545
Pequena burguesia urbana	-0,133	0,006	-12,248	-0,106	0,004	-9,752	-0,069	0,002	-6,339
Classes populares urbanas	-0,339	0,027	-26,888	0,046	0,001	3,679	0,076	0,001	6,062
Classe operária	-0,387	0,055	-37,969	0,004	0	0,412	-0,031	0	-3,051
Branca	0,315	0,083	46,711	-0,041	0,001	-6,123	-0,152	0,019	-22,518
Preta	-0,253	0,004	-10,63	0,124	0,001	5,225	0,17	0,002	7,157
Amarela	0,563	0,001	6,233	0,111	0	1,229	-0,141	0	-1,56
Parda	-0,273	0,067	-41,988	0,02	0	3,019	0,123	0,014	18,859
Indígena	-0,294	0	-2,718	0,31	0	2,867	0,083	0	0,767
Sem informação	0,061	0	0,388	0,108	0	0,69	0,481	0	3,083
feminino	-0,108	0,004	-9,773	0,082	0,002	7,452	0,141	0,006	12,756
masculino	0,034	0,004	9,773	-0,026	0,002	-7,452	-0,044	0,006	-12,756
alfabetização não completa	-0,722	0,038	-31,431	0,374	0,01	16,302	-0,068	0	-2,958
alfabetização completa	-0,624	0,006	-12,62	0,374	0,002	7,572	0,049	0	0,986
fundamental (1º ciclo) completo	-0,342	0,131	-58,683	-0,079	0,007	-13,554	-0,021	0	-3,572

ensino médio completo	0,217	0,016	20,347	- 0,191	0,012	- 17,903	0,07	0,002	6,517
tecnologia	0,577	0,001	5,811	- 0,057	0	- 0,571	0,207	0	2,081
superior incompleto	1,055	0,042	33,374	0,252	0,002	7,98	0,069	0	2,177
superior completo	1,673	0,225	76,951	0,606	0,029	27,862	- 0,036	0	- 1,666
sem informação	0,776	0,015	19,944	0,184	0,001	4,735	- 0,131	0	- 3,362
p1	- 0,982	0,005	- 11,27	1,134	0,006	13,006	- 0,332	0,001	- 3,806
p5	- 0,965	0,02	- 23,203	0,99	0,022	23,802	- 0,214	0,001	- 5,135
p10	- 0,893	0,026	- 26,306	0,67	0,015	19,735	- 0,137	0,001	- 4,021
p25	- 0,745	0,078	- 45,178	0,289	0,012	17,55	- 0,057	0	- 3,47
p50	- 0,502	0,08	- 45,875	- 0,11	0,004	- 10,083	0,069	0,002	6,344
p75	- 0,097	0,003	- 9,539	- 0,317	0,037	- 31,25	0,077	0,002	7,614
p90	0,555	0,069	42,609	- 0,242	0,013	- 18,56	- 0,029	0	- 2,212
p95	1,157	0,09	48,706	0,221	0,003	9,302	- 0,108	0,001	- 4,537
p99	1,813	0,174	67,687	0,823	0,036	30,713	- 0,127	0,001	- 4,754
p100	2,251	0,061	40,004	1,453	0,025	25,814	- 0,123	0	- 2,183
Supplementary categorical variables (eta2)									
	Dim.1	Dim.2	Dim.3						
CLASSES	0,257	0,02	0,006						
cor	0,086	0,002	0,02						

sexo	0,004	0,002	0,006						
nivel_educ	0,38	0,054	0,003						
perc_rend_dom _p_cap	0,548	0,155	0,007						

ACM5 - 2008									
Call:									
MCA(X = BD_MASTER_2008_5_selvar4.2_ACM5.df, ncp = 5, ind.sup = NULL, quanti.sup = NULL, quali.sup = c(123:127), excl = NULL, graph = FALSE, level.ventil = 0, axes = c(1, 2), row.w = NULL, method = "Indicator", na.method = "NA", tab.disj = NULL)									
Eigenvalues									
	Dim.1	Dim.2	Dim.3	Dim.4	Dim.5	Dim.6	Dim.7	Dim.8	Dim.9
Variance	0,069	0,024	0,017	0,016	0,013	0,012	0,011	0,011	0,011
% of var.	6,983	2,374	1,697	1,652	1,355	1,256	1,147	1,116	1,08
Cumulative % of var.	6,983	9,357	11,05 4	12,70 6	14,061	15,31 7	16,46 4	17,58	18,66 1
Dim.10	Dim.1 1	Dim.1 2	Dim.1 3	Dim.1 4	Dim.15	Dim.1 6	Dim.1 7	Dim.1 8	Dim.1 9
	0,01	0,01	0,01	0,01	0,009	0,009	0,009	0,009	0,009
	1,046	1,028	1,008	0,994	0,982	0,956	0,945	0,933	0,926
	19,707	20,73 5	21,74 3	22,73 8	23,71 9	24,675	25,61 9	26,55 3	27,47 9
Dim.20	Dim.2 1	Dim.2 2	Dim.2 3	Dim.2 4	Dim.25	Dim.2 6	Dim.2 7	Dim.2 8	Dim.2 9
	0,009	0,009	0,009	0,009	0,009	0,009	0,009	0,009	0,009
	0,912	0,905	0,897	0,89	0,885	0,878	0,874	0,874	0,87
	29,31	30,21 5	31,11 1	32,00 1	32,88 6	33,764	34,63 8	35,51 1	36,38 1
Dim.30	Dim.3 1	Dim.3 2	Dim.3 3	Dim.3 4	Dim.35	Dim.3 6	Dim.3 7	Dim.3 8	Dim.3 9
	0,009	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008	0,008
	0,862	0,857	0,854	0,849	0,845	0,842	0,838	0,837	0,836
	38,106	38,96 2	39,81 7	40,66 5	41,51	42,352	43,19	44,02 7	44,86 3
Dim.40	Dim.4 1	Dim.4 2	Dim.4 3	Dim.4 4	Dim.45	Dim.4 6	Dim.4 7	Dim.4 8	Dim.4 9

Dim.110	Dim.1 11	Dim.1 12	Dim.1 13	Dim.1 14	Dim.115	Dim.1 16	Dim.1 17	Dim.1 18	Dim.1 19
0,005	0,005	0,005	0,005	0,005	0,004	0,004	0,004	0,004	0,004
0,514	0,504	0,491	0,475	0,467	0,452	0,437	0,407	0,394	0,376
95,403	95,90 7	96,39 8	96,87 3	97,34	97,792	98,22 9	98,63 5	99,02 9	99,40 5
Dim.120	Dim.1 21								
0,003	0,003								
0,342	0,252								
99,748	100								
Categories									
	Dim.1	ctr	cos2	v.test	Dim.2	ctr	cos2	v.test	
agua_esg_	-0,112	0,036	0,004	- 10,71 2	0,747	4,645	0,175	71,11 9	
agua_esg_	0,035	0,011	0,004	10,71 2	-0,235	1,46	0,175	- 71,11 9	
eletri_	-0,705	0,423	0,038	- 33,31 1	1,026	2,634	0,082	48,48 7	
eletri_	0,055	0,033	0,038	33,31 1	-0,079	0,204	0,082	- 48,48 7	
gasbuj_	0,414	0,171	0,016	21,34 3	1,765	9,172	0,288	91,10 3	
gasbuj_	-0,038	0,016	0,016	- 21,34 3	-0,163	0,847	0,288	- 91,10 3	
gasenc_	-0,028	0,009	0,059	- 41,26 9	-0,037	0,047	0,105	- 55,12 5	
gasenc_	2,143	0,69	0,059	41,26 9	2,863	3,622	0,105	55,12 5	
lenha_	0	0	0	0,716	0	0	0	-0,373	
lenha_	-0,507	0	0	-0,716	0,263	0	0	0,373	
diesel_	0	0	0	2,78	-0,002	0	0,008	- 15,34 9	
diesel_	-0,638	0,003	0	-2,78	3,52	0,284	0,008	15,34 9	
queros_	0,001	0	0	3,528	-0,001	0	0,002	-6,737	
queros_	-0,564	0,005	0	-3,528	1,078	0,055	0,002	6,737	
condomi_	-0,101	0,113	0,159	- 67,66 2	-0,104	0,352	0,169	- 69,71 1	
condomi_	1,577	1,766	0,159	67,66 2	1,625	5,514	0,169	69,71 1	
vigeletronic_	0	0	0,001	-5,545	0	0	0	-0,56	
vigeletronic_	2,264	0,013	0,001	5,545	0,229	0	0	0,56	

antenparab_	-0,057	0,029	0,011	- 17,66 5	0,195	1,023	0,128	60,73 4	
antenparab_	0,19	0,099	0,011	17,66 5	-0,655	3,429	0,128	- 60,73 4	
arcond_	-0,161	0,273	0,209	- 77,54 7	-0,034	0,036	0,009	- 16,39 2	
arcond_	1,295	2,195	0,209	77,54 7	0,274	0,288	0,009	16,39 2	
aspirpo_	-0,154	0,255	0,247	- 84,36 2	-0,036	0,041	0,013	- 19,68 5	
aspirpo_	1,608	2,666	0,247	84,36 2	0,375	0,427	0,013	19,68 5	
batedeira_	-0,329	0,868	0,226	- 80,80 6	0,152	0,547	0,049	37,41 1	
batedeira_	0,687	1,812	0,226	80,80 6	-0,318	1,142	0,049	- 37,41 1	
equipsom_	-0,282	0,44	0,07	- 44,78 9	0,238	0,917	0,049	37,71 3	
equipsom_	0,246	0,383	0,07	44,78 9	-0,207	0,8	0,049	- 37,71 3	
ferroelet_	-0,729	1,215	0,127	- 60,57 4	0,757	3,85	0,137	62,87 4	
ferroelet_	0,175	0,291	0,127	60,57 4	-0,181	0,922	0,137	- 62,87 4	
filtroagua_	-0,079	0,05	0,013	- 19,51 3	0,102	0,249	0,022	25,41 6	
filtroagua_	0,168	0,106	0,013	19,51 3	-0,219	0,531	0,022	- 25,41 6	
fogao_	-0,973	0,173	0,015	- 20,71 7	3,09	5,139	0,15	65,76	
fogao_	0,015	0,003	0,015	20,71 7	-0,049	0,081	0,15	-65,76	
microond_	-0,337	1,018	0,352	- 100,7 81	-0,015	0,006	0,001	-4,435	
microond_	1,044	3,151	0,352	100,7 81	0,046	0,018	0,001	4,435	
freezer_	-0,126	0,167	0,12	- 58,94 3	0,007	0,002	0	3,485	
freezer_	0,954	1,259	0,12	58,94 3	-0,056	0,013	0	-3,485	

geladeira_	-0,915	0,611	0,055	- 39,83 1	1,533	5,047	0,155	66,75	
geladeira_	0,06	0,04	0,055	39,83 1	-0,101	0,332	0,155	-66,75	
liquid_	-0,645	0,945	0,099	- 53,39 3	0,823	4,524	0,161	68,10 8	
liquid_	0,153	0,225	0,099	53,39 3	-0,196	1,075	0,161	- 68,10 8	
maqcostura_	-0,072	0,052	0,03	- 29,58 3	0,07	0,147	0,029	28,88 4	
maqcostura_	0,422	0,307	0,03	29,58 3	-0,412	0,861	0,029	- 28,88 4	
lavalouca_	-0,034	0,014	0,075	- 46,37 2	-0,021	0,015	0,028	- 28,45 8	
lavalouca_	2,179	0,869	0,075	46,37 2	1,337	0,962	0,028	28,45 8	
lavaroupa_	-0,455	1,389	0,271	-88,36	0,063	0,078	0,005	12,23 5	
lavaroupa_	0,595	1,816	0,271	88,36	-0,082	0,102	0,005	- 12,23 5	
secaroupa_	-0,044	0,022	0,063	- 42,79 2	-0,008	0,002	0,002	-7,404	
secaroupa_	1,448	0,729	0,063	42,79 2	0,25	0,064	0,002	7,404	
microcomput_	-0,44	1,59	0,44	- 112,6 84	0,009	0,002	0	2,185	
microcomput_	1,002	3,622	0,44	112,6 84	-0,019	0,004	0	-2,185	
purifagua_	-0,05	0,028	0,062	- 42,26 5	-0,006	0,001	0,001	-5,486	
purifagua_	1,24	0,705	0,062	42,26 5	0,161	0,035	0,001	5,486	
radio_	-0,072	0,043	0,012	-18,69	0,004	0	0	0,995	
radio_	0,168	0,1	0,012	18,69	-0,009	0,001	0	-0,995	
seccabelo_	-0,31	0,839	0,272	- 88,61 9	0,034	0,03	0,003	9,833	
seccabelo_	0,879	2,384	0,272	88,61 9	-0,098	0,086	0,003	-9,833	
tvcor_	-0,732	0,281	0,025	- 26,77 5	1,511	3,52	0,106	55,23 8	
tvcor_	0,034	0,013	0,025	26,77 5	-0,07	0,163	0,106	- 55,23 8	

ventil_	-0,362	0,446	0,053	- 39,05 3	0,421	1,771	0,071	45,36 1	
ventil_	0,146	0,18	0,053	39,05 3	-0,17	0,713	0,071	- 45,36 1	
dvd_	-0,523	0,866	0,1	- 53,70 3	0,507	2,397	0,094	52,08 6	
dvd_	0,191	0,317	0,1	53,70 3	-0,186	0,878	0,094	- 52,08 6	
moto_INV_	-0,056	0,031	0,016	- 21,31 4	0,136	0,533	0,092	51,46 8	
moto_INV_	0,281	0,155	0,016	21,31 4	-0,678	2,665	0,092	- 51,46 8	
carro_INV_	-0,453	1,644	0,43	- 111,3 74	0,034	0,027	0,002	8,369	
carro_INV_	0,95	3,447	0,43	111,3 74	-0,071	0,057	0,002	-8,369	
bicicleta_INV_	-0,022	0,003	0,001	-3,944	0,206	0,781	0,047	36,98	
bicicleta_INV_	0,024	0,003	0,001	3,944	-0,23	0,869	0,047	-36,98	
trabdomest_	-0,277	0,714	0,282	- 90,22 3	-0,035	0,033	0,004	- 11,28 8	
trabdomest_	1,02	2,627	0,282	90,22 3	0,128	0,121	0,004	11,28 8	
telfixo_	-0,41	1,298	0,315	- 95,28 3	0,012	0,003	0	2,682	
telfixo_	0,767	2,428	0,315	95,28 3	-0,022	0,006	0	-2,682	
internet_dom_	-0,245	0,606	0,341	- 99,09 9	-0,042	0,052	0,01	- 16,92 4	
internet_dom_	1,387	3,425	0,341	99,09 9	0,237	0,294	0,01	16,92 4	
tv_assinat_	-0,094	0,1	0,179	- 71,83 2	-0,055	0,1	0,061	- 41,97 9	
tv_assinat_	1,904	2,018	0,179	71,83 2	1,113	2,027	0,061	41,97 9	
internet_ind_	0,004	0	0	2,594	0,023	0,016	0,007	13,93 4	
internet_ind_	-0,056	0,003	0	-2,594	-0,299	0,218	0,007	- 13,93 4	
plano_odont_	-0,024	0,007	0,023	- 26,02 8	-0,005	0,001	0,001	-5,717	
plano_odont_	0,974	0,271	0,023	26,02 8	0,214	0,039	0,001	5,717	

consult_medic_	-0,086	0,076	0,048	- 37,06 4	0,051	0,079	0,017	21,93 5	
consult_medic_	0,552	0,488	0,048	37,06 4	-0,327	0,502	0,017	- 21,93 5	
aul_art_esport_	-0,083	0,076	0,099	- 53,44 3	-0,014	0,006	0,003	-8,742	
aul_art_esport_	1,195	1,096	0,099	53,44 3	0,196	0,086	0,003	8,742	
curs_idiom_infor m_	-0,057	0,035	0,039	- 33,72 7	0,014	0,006	0,002	8,087	
curs_idiom_infor m_	0,694	0,432	0,039	33,72 7	-0,166	0,073	0,002	-8,087	
educ_infant_pree sc_	-0,026	0,008	0,017	- 22,40 2	0,003	0	0	2,662	
educ_infant_pree sc_	0,666	0,198	0,017	22,40 2	-0,079	0,008	0	-2,662	
ens_fundam_	-0,066	0,048	0,068	- 44,41 3	0,002	0	0	1,269	
ens_fundam_	1,044	0,762	0,068	44,41 3	-0,03	0,002	0	-1,269	
ens_medio_	-0,031	0,011	0,048	- 37,33 7	-0,004	0	0,001	-4,575	
ens_medio_	1,577	0,561	0,048	37,33 7	0,193	0,025	0,001	4,575	
prevest_cur_prep ar_	-0,021	0,005	0,016	- 21,18 7	0,008	0,002	0,002	7,75	
prevest_cur_prep ar_	0,745	0,179	0,016	21,18 7	-0,273	0,071	0,002	-7,75	
ens_superior_	-0,076	0,064	0,088	- 50,36 7	0,003	0	0	1,998	
ens_superior_	1,158	0,977	0,088	50,36 7	-0,046	0,005	0	-1,998	
assina_jorn_rev_	-0,052	0,031	0,104	- 54,83 5	-0,023	0,017	0,02	- 23,89 7	
assina_jorn_rev_	2,012	1,203	0,104	54,83 5	0,877	0,672	0,02	23,89 7	
revista_fasc_	-0,045	0,023	0,048	- 37,23 2	-0,017	0,009	0,007	- 13,78 7	
revista_fasc_	1,058	0,546	0,048	37,23 2	0,392	0,22	0,007	13,78 7	
jornal_	-0,066	0,047	0,041	- 34,33 6	-0,033	0,034	0,01	- 17,00 3	

jornal_	0,618	0,437	0,041	34,33 6	0,306	0,315	0,01	17,00 3	
livr_naodidatic_	-0,071	0,057	0,094	-52,11	-0,025	0,021	0,012	-18,36	
livr_naodidatic_	1,325	1,058	0,094	52,11	0,467	0,386	0,012	18,36	
barca_	0	0	0	-2,092	0	0	0	-1,708	
barca_	0,335	0,002	0	2,092	0,273	0,004	0	1,708	
barco_	0	0	0	0,741	0	0	0	3,409	
barco_	-0,214	0	0	-0,741	-0,984	0,014	0	-3,409	
canoa_	0	0	0	0,681	0	0	0	0,328	
canoa_	-0,393	0	0	-0,681	-0,189	0	0	-0,328	
catraia_	0	0	0	0,51	0	0	0	-1,317	
catraia_	-0,295	0	0	-0,51	0,76	0,002	0	1,317	
caminhao_	0	0	0	2,663	0	0	0	0,026	
caminhao_	-0,803	0,003	0	-2,663	-0,008	0	0	-0,026	
bicicleta_	0	0	0	-0,323	0	0	0	0,098	
bicicleta_	0,122	0	0	0,323	-0,037	0	0	-0,098	
trem_	-0,001	0	0	-1,729	-0,002	0	0,001	-5,195	
trem_	0,144	0,001	0	1,729	0,432	0,032	0,001	5,195	
metro_	-0,006	0	0,005	- 12,15 9	-0,009	0,003	0,012	-18,98	
metro_	0,868	0,06	0,005	12,15 9	1,355	0,432	0,012	18,98	
carropartic_	-0,398	1,23	0,301	- 93,21 3	0,084	0,161	0,013	19,64 3	
carropartic_	0,757	2,337	0,301	93,21 3	-0,159	0,305	0,013	- 19,64 3	
onibus_	-0,005	0	0	-1,189	-0,046	0,047	0,004	- 10,35 4	
onibus_	0,009	0	0	1,189	0,081	0,083	0,004	10,35 4	
transp_altern_	0,011	0,001	0,003	9,171	0,005	0,001	0,001	4,211	
transp_altern_	-0,254	0,033	0,003	-9,171	-0,117	0,02	0,001	-4,211	
mototaxi_	0,007	0,001	0,001	6,5	0,014	0,006	0,006	12,90 3	
mototaxi_	-0,212	0,017	0,001	-6,5	-0,421	0,195	0,006	- 12,90 3	
taxi_	-0,023	0,006	0,014	- 19,95 3	-0,016	0,008	0,006	- 13,28 7	
taxi_	0,589	0,157	0,014	19,95 3	0,392	0,205	0,006	13,28 7	
carro_import_CO MP_	-0,008	0,001	0,015	- 20,92 5	-0,003	0	0,002	-8,449	
carro_import_CO MP_	2,01	0,179	0,015	20,92 5	0,811	0,086	0,002	8,449	

carro_nacion_CO MP_	-0,141	0,208	0,15	- 65,76 6	0,015	0,007	0,002	6,834	
carro_nacion_CO MP_	1,062	1,567	0,15	65,76 6	-0,11	0,05	0,002	-6,834	
moto_COMP_	-0,023	0,006	0,006	- 13,67 4	0,065	0,138	0,054	39,40 1	
moto_COMP_	0,286	0,071	0,006	13,67 4	-0,824	1,736	0,054	- 39,40 1	
ref_alacarte_	-0,064	0,045	0,059	- 41,09 7	-0,034	0,039	0,017	- 22,16 3	
ref_alacarte_	0,918	0,648	0,059	41,09 7	0,495	0,554	0,017	22,16 3	
ref_apeso_	-0,152	0,223	0,105	- 54,99 3	-0,082	0,192	0,031	- 29,77 4	
ref_apeso_	0,692	1,018	0,105	54,99 3	0,374	0,878	0,031	29,77 4	
ref_fastfood_	-0,022	0,005	0,021	- 24,70 6	-0,013	0,006	0,008	- 15,18 7	
ref_fastfood_	0,984	0,245	0,021	24,70 6	0,605	0,272	0,008	15,18 7	
ref_pratfeito_	0,007	0,001	0,001	5,95	0,005	0,001	0,001	4,005	
ref_pratfeito_	-0,183	0,014	0,001	-5,95	-0,123	0,019	0,001	-4,005	
ref_escolar_	0,002	0	0,001	4,097	0,001	0	0	2,006	
ref_escolar_	-0,304	0,007	0,001	-4,097	-0,149	0,005	0	-2,006	
passeio_	0	0	0	-0,594	0	0	0	0,307	
passeio_	0,188	0	0	0,594	-0,097	0	0	-0,307	
assoc_club_	-0,046	0,024	0,075	- 46,60 9	-0,007	0,002	0,002	-6,98	
assoc_club_	1,647	0,868	0,075	46,60 9	0,247	0,057	0,002	6,98	
bar_	-0,001	0	0,001	-4,904	0	0	0	-0,291	
bar_	0,91	0,01	0,001	4,904	0,054	0	0	0,291	
boit_danc_disc_	-0,046	0,024	0,033	- 30,75 7	-0,01	0,003	0,001	-6,455	
boit_danc_disc_	0,71	0,365	0,033	30,75 7	0,149	0,047	0,001	6,455	
club_baile_fest_	-0,004	0	0,001	-5,926	0,007	0,002	0,004	10,34 7	
club_baile_fest_	0,316	0,014	0,001	5,926	-0,551	0,128	0,004	- 10,34 7	
forro_	0	0	0	-1,415	0	0	0	1,433	
forro_	0,283	0,001	0	1,415	-0,286	0,002	0	-1,433	
jogoeletronic_	0	0	0	-0,192	0	0	0	0,648	
jogoeletronic_	0,024	0	0	0,192	-0,082	0,001	0	-0,648	

parquediversoes_	-0,004	0	0,002	-7,41	0,002	0	0,001	4,202	
parquediversoes_	0,487	0,022	0,002	7,41	-0,276	0,021	0,001	-4,202	
taxapesca_	0	0	0	Inf	0	0	0	Inf	
taxapicnic_	0	0	0	-0,339	0	0	0	1,045	
taxapicnic_	0,339	0	0	0,339	-1,045	0,001	0	-1,045	
jardimzoo_	0	0	0	0,419	0	0	0	1,039	
jardimzoo_	-0,158	0	0	-0,419	-0,392	0,001	0	-1,039	
cinema_	-0,105	0,121	0,129	-60,92	-0,052	0,088	0,032	-30,292	
cinema_	1,224	1,403	0,129	60,92	0,609	1,02	0,032	30,292	
circo_	-0,001	0	0,001	-3,902	0,003	0	0,002	7,533	
circo_	0,4	0,006	0,001	3,902	-0,772	0,068	0,002	-7,533	
museu_	0	0	0	-3,683	0	0	0	-0,491	
museu_	1,392	0,006	0	3,683	0,186	0	0	0,491	
teatro_	-0,016	0,003	0,029	-29,036	-0,012	0,005	0,015	-20,703	
teatro_	1,803	0,343	0,029	29,036	1,286	0,513	0,015	20,703	
expos_feirainfor_	-0,002	0	0,001	-5,414	0,002	0	0,001	4,454	
expos_feirainfor_	0,527	0,012	0,001	5,414	-0,434	0,024	0,001	-4,454	
futebol_	-0,021	0,005	0,02	-23,806	-0,007	0,002	0,002	-7,835	
futebol_	0,941	0,228	0,02	23,806	0,31	0,072	0,002	7,835	
karaoke_	0	0	0	-1,449	0	0	0	0,866	
karaoke_	1,449	0,001	0	1,449	-0,866	0,001	0	-0,866	
rodeio_	0	0	0	0,403	0,001	0	0,001	5,252	
rodeio_	-0,079	0	0	-0,403	-1,03	0,033	0,001	-5,252	
seresta_	0	0	0	0,327	0	0	0	2,285	
seresta_	-0,189	0	0	-0,327	-1,319	0,006	0	-2,285	
show_	-0,011	0,001	0,007	-13,962	0,002	0	0	2,003	
show_	0,629	0,079	0,007	13,962	-0,09	0,005	0	-2,003	
sinuc_toto_bolich e_	0	0	0	-1,718	0	0	0	-0,403	
sinuc_toto_bolich e_	0,304	0,001	0	1,718	0,071	0	0	0,403	
volei_basq_	0	0	0	-1,806	0	0	0	0,631	
volei_basq_	1,043	0,001	0	1,806	-0,364	0	0	-0,631	
corri_automob_	0	0	0,001	-4,804	0	0	0,001	-5,288	
corri_automob_	3,397	0,009	0,001	4,804	3,739	0,034	0,001	5,288	
aviao_VG_	-0,027	0,009	0,052	-38,551	-0,019	0,013	0,025	-26,869	

aviao_VG_	1,876	0,601	0,052	38,55 1	1,308	0,859	0,025	26,86 9	
barco_VG_	-0,001	0	0	-3,128	-0,001	0	0	-1,068	
barco_VG_	0,229	0,004	0	3,128	0,078	0,001	0	1,068	
alug_veic_VG_	-0,006	0	0,008	- 15,36 5	-0,003	0	0,003	-9,55	
alug_veic_VG_	1,456	0,097	0,008	15,36 5	0,905	0,11	0,003	9,55	
caminhao_VG_	0	0	0	2,229	0	0	0	0,102	
caminhao_VG_	-0,788	0,002	0	-2,229	-0,036	0	0	-0,102	
comb_veic_VG_	-0,162	0,267	0,165	- 68,94 3	0,031	0,029	0,006	13,34 4	
comb_veic_VG_	1,02	1,684	0,165	68,94 3	-0,197	0,186	0,006	- 13,34 4	
navio_VG_	-0,001	0	0,001	-3,895	0	0	0	-0,084	
navio_VG_	0,723	0,006	0,001	3,895	0,016	0	0	0,084	
onibus_VG_	0,009	0,001	0,001	3,881	0,042	0,053	0,012	18,76 6	
onibus_VG_	-0,06	0,005	0,001	-3,881	-0,292	0,372	0,012	- 18,76 6	
paudearara_VG_	0	0	0	1,479	0	0	0	-2,114	
paudearara_VG_	-0,739	0,001	0	-1,479	1,057	0,005	0	2,114	
trem_VG_	-0,001	0	0,001	-4,16	-0,001	0	0,001	-5,168	
trem_VG_	0,62	0,007	0,001	4,16	0,77	0,032	0,001	5,168	
serv_belez_estet_	-0,563	0,502	0,049	- 37,57 8	0,364	0,616	0,02	24,26 4	
serv_belez_estet_	0,087	0,078	0,049	37,57 8	-0,056	0,095	0,02	- 24,26 4	
joiar_relog_	-0,092	0,082	0,036	- 32,26 1	0,03	0,026	0,004	10,57 4	
joiar_relog_	0,391	0,346	0,036	32,26 1	-0,128	0,109	0,004	- 10,57 4	
titulo clube_	-0,001	0	0,002	-6,735	0	0	0	-0,827	
titulo clube_	1,683	0,019	0,002	6,735	0,207	0,001	0	0,827	
acoes_	-0,016	0,003	0,04	- 33,97 2	-0,013	0,006	0,026	- 27,17 3	
acoes_	2,437	0,471	0,04	33,97 2	1,949	0,885	0,026	27,17 3	
aplicfinanc_	-0,037	0,016	0,082	- 48,50 4	-0,023	0,018	0,031	- 30,03 2	
aplicfinanc_	2,193	0,949	0,082	48,50 4	1,358	1,071	0,031	30,03 2	

poupanca_	-0,147	0,205	0,084	- 49,24 8	0,041	0,047	0,007	13,71 6	
poupanca_	0,57	0,791	0,084	49,24 8	-0,159	0,18	0,007	- 13,71 6	
contacorrent_	-0,229	0,497	0,209	- 77,60 7	0,001	0	0	0,331	
contacorrent_	0,912	1,975	0,209	77,60 7	-0,004	0	0	-0,331	
ctr_prevpub_priv -	-0,076	0,064	0,088	- 50,24 3	-0,012	0,005	0,002	-8,053	
ctr_prevpub_priv -	1,149	0,972	0,088	50,24 3	0,184	0,073	0,002	8,053	
aparelho_cel_	-0,134	0,138	0,034	- 31,12 3	0,119	0,32	0,026	27,62	
aparelho_cel_	0,251	0,259	0,034	31,12 3	-0,223	0,601	0,026	-27,62	
cartao_cel_	-0,138	0,108	0,018	- 22,50 6	0,31	1,607	0,089	50,54 9	
cartao_cel_	0,127	0,1	0,018	22,50 6	-0,285	1,478	0,089	- 50,54 9	
conta_cel_	-0,159	0,268	0,208	-77,5	-0,048	0,072	0,019	- 23,44 7	
conta_cel_	1,307	2,197	0,208	77,5	0,396	0,592	0,019	23,44 7	
ctr_prevpub_	-0,212	0,288	0,053	- 39,27 3	0,055	0,058	0,004	10,23	
ctr_prevpub_	0,253	0,345	0,053	39,27 3	-0,066	0,069	0,004	-10,23	
cartaocred_	-0,359	0,953	0,215	- 78,71 1	-0,033	0,024	0,002	-7,237	
cartaocred_	0,599	1,59	0,215	78,71 1	0,055	0,04	0,002	7,237	
chequeesp_	1,228	3,368	0,351	100,5 75	0,291	0,557	0,02	23,84 5	
chequeesp_	-0,286	0,783	0,351	- 100,5 75	-0,068	0,129	0,02	- 23,84 5	
planosaude_	-0,263	0,642	0,249	- 84,67 2	-0,065	0,116	0,015	- 21,01 5	
planosaude_	0,944	2,301	0,249	84,67 2	0,234	0,417	0,015	21,01 5	
Categorical variables (eta2)									
	Dim.1	Dim.2	Dim.3			Dim.1	Dim.2	Dim.3	

agua_esg	0,004	0,175	0,009		microcomput	0,44	0	0,01	
eletri	0,038	0,082	0,02		purifagua	0,062	0,001	0	
gasbuj	0,016	0,288	0,01		radio	0,012	0	0,007	
gasenc	0,059	0,105	0,004		seccabelo	0,272	0,003	0,011	
lenha	0	0	0		tvcor	0,025	0,106	0,034	
diesel	0	0,008	0,01		ventil	0,053	0,071	0,001	
queros	0	0,002	0,004		dvd	0,1	0,094	0,003	
condomi	0,159	0,169	0,01		moto_INV	0,016	0,092	0,145	
vigeletronic	0,001	0	0		carro_INV	0,43	0,002	0,003	
antenparab	0,011	0,128	0,049		bicicleta_INV	0,001	0,047	0,007	
arcond	0,209	0,009	0		trabdomest	0,282	0,004	0,019	
aspirpo	0,247	0,013	0,017		telfixo	0,315	0	0,063	
batedeira	0,226	0,049	0,014		internet_dom	0,341	0,01	0,007	
equipsom	0,07	0,049	0		tv_assinat	0,179	0,061	0,003	
ferroelet	0,127	0,137	0,041		internet_ind	0	0,007	0,011	
filtroagua	0,013	0,022	0		plano_odont	0,023	0,001	0,006	
fogao	0,015	0,15	0,066		consult_medic	0,048	0,017	0,031	
microond	0,352	0,001	0,037		aul_art_esport	0,099	0,003	0,029	
freezer	0,12	0	0		curs_idiom_inf orm	0,039	0,002	0,027	
geladeira	0,055	0,155	0,083		educ_infant_pr eesc	0,017	0	0,001	
liquid	0,099	0,161	0,032		ens_fundam	0,068	0	0,006	
maqcostura	0,03	0,029	0,002		ens_medio	0,048	0,001	0,002	
lavalouca	0,075	0,028	0,001		prevest_cur_pr epar	0,016	0,002	0,014	
lavaroupa	0,271	0,005	0,054		ens_superior	0,088	0	0,007	
secaroupa	0,063	0,002	0		assina_jorn_re v	0,104	0,02	0,012	
revista_fasc	0,048	0,007	0,003		alug_veic_VG	0,008	0,003	0,007	
jornal	0,041	0,01	0,024		caminhao_VG	0	0	0,001	
livr_naodidatic	0,094	0,012	0,032		comb_veic_VG	0,165	0,006	0,052	
barca	0	0	0,001		navio_VG	0,001	0	0,001	
barco	0	0	0,002		onibus_VG	0,001	0,012	0,077	
canoa	0	0	0		paudearara_V G	0	0	0	
catraia	0	0	0,001		trem_VG	0,001	0,001	0,001	
caminhao	0	0	0,001		serv_belez_est et	0,049	0,02	0,016	
bicicleta	0	0	0		joias_relog	0,036	0,004	0,117	
trem	0	0,001	0,004		titulo clube	0,002	0	0,001	
metro	0,005	0,012	0,003		acoes	0,04	0,026	0,004	
carro partic	0,301	0,013	0,03		aplicfinanc	0,082	0,031	0,005	
onibus	0	0,004	0,068		poupanca	0,084	0,007	0,038	
transp_altern	0,003	0,001	0,007		contacorrent	0,209	0	0,02	
mototaxi	0,001	0,006	0,043		ctr_prevpub_p riv	0,088	0,002	0,032	
taxi	0,014	0,006	0,004		aparelho_cel	0,034	0,026	0,126	

carro_import_CO MP	0,015	0,002	0,001		cartao_cel	0,018	0,089	0,048	
carro_nacion_CO MP	0,15	0,002	0,007		conta_cel	0,208	0,019	0,002	
moto_COMP	0,006	0,054	0,155		ctr_prevpub	0,053	0,004	0,001	
ref_alacarte	0,059	0,017	0,007		cartaocred	0,215	0,002	0,002	
ref_apeso	0,105	0,031	0,007		chequeesp	0,351	0,02	0	
ref_fastfood	0,021	0,008	0,002		planosaude	0,249	0,015	0,013	
ref_pratfeito	0,001	0,001	0,024						
ref_escolar	0,001	0	0						
passeio	0	0	0						
assoc_club	0,075	0,002	0,023						
bar	0,001	0	0						
boit_danc_disc	0,033	0,001	0,045						
club_baile_fest	0,001	0,004	0,01						
forro	0	0	0,002						
jogoeletronic	0	0	0,001						
parquediversoes	0,002	0,001	0,002						
taxapesca	0	0	0						
taxapicnic	0	0	0						
jardimzoo	0	0	0						
cinema	0,129	0,032	0						
circo	0,001	0,002	0,004						
museu	0	0	0						
teatro	0,029	0,015	0,003						
expos_feirainfor	0,001	0,001	0,003						
futebol	0,02	0,002	0,009						
karaoke	0	0	0						
rodeio	0	0,001	0,001						
seresta	0	0	0,001						
show	0,007	0	0,013						
sinuc_toto_bolich e	0	0	0						
volei_basq	0	0	0						
corri_automob	0,001	0,001	0,001						
aviao_VG	0,052	0,025	0,008						
barco_VG	0	0	0,012						
Supplementary categories									
	Dim.1	cos2	v.test	Dim.2	cos2	v.test	Dim.3	cos2	v.test
Classes superiores urbanas	1,343	0,096	52,51	0,376	0,007	14,70 2	0,141	0,001	5,525
Classe média alta	1,039	0,067	44,00 2	0,439	0,012	18,59	0,012	0	0,504
Classe média	0,417	0,029	28,81 1	-0,046	0	-3,144	0,016	0	1,115
Classe média baixa	0,236	0,004	10,77 5	0,004	0	0,167	-0,204	0,003	-9,337

Pequena burguesia urbana	-0,237	0,015	- 20,914	-0,112	0,003	-9,856	0,055	0,001	4,84
Classes populares urbanas	-0,348	0,033	- 30,626	0,027	0	2,421	-0,046	0,001	-4,032
Classe operária	-0,309	0,033	- 30,894	-0,08	0,002	-7,97	0,007	0	0,679
alfabetização não completa	-0,744	0,003	-9,294	0,15	0	1,875	0,559	0,002	6,974
alfabetização completa	-0,493	0,099	- 53,512	-0,04	0,001	-4,331	0,089	0,003	9,708
fundamental completo	-0,163	0,008	- 14,865	-0,158	0,007	- 14,392	-0,103	0,003	-9,385
ensino médio completo	0,139	0,006	13,672	-0,149	0,007	- 14,675	-0,057	0,001	-5,643
superior incompleto	0,939	0,017	22,338	0,273	0,001	6,494	-0,023	0	-0,538
superior completo	1,32	0,203	76,498	0,579	0,039	33,534	-0,047	0	-2,736
sem informação	-0,07	0,001	-4,07	0,17	0,003	9,911	0,131	0,002	7,651
masculino	0,051	0,007	13,979	-0,035	0,003	-9,479	0,047	0,006	12,823
feminino	-0,132	0,007	- 13,979	0,089	0,003	9,479	-0,121	0,006	- 12,823
Branca	0,366	0,096	52,695	0,024	0	3,412	-0,103	0,008	- 14,832
Preta	-0,318	0,01	- 17,172	0,125	0,002	6,777	-0,013	0	-0,713
Amarela	0,556	0,002	6,737	0,294	0	3,559	-0,044	0	-0,53
Parda	-0,264	0,063	- 42,765	-0,05	0,002	-8,081	0,09	0,007	14,64
Indígena	-0,248	0	-2,922	0,155	0	1,831	0,122	0	1,441
Não sabe	0,077	0	0,807	0,023	0	0,238	0,234	0	2,446
p1	-0,982	0,004	- 11,092	0,797	0,003	8,999	0,19	0	2,144
p5	-0,973	0,023	- 25,591	0,638	0,01	16,782	0,177	0,001	4,652
p10	-0,857	0,026	- 27,569	0,313	0,004	10,051	0,092	0	2,946
p25	-0,715	0,074	- 46,039	0,082	0,001	5,3	0,025	0	1,637

p50	-0,45	0,066	-43,559	-0,151	0,007	-14,653	-0,029	0	-2,842
p75	-0,048	0,001	-4,894	-0,216	0,017	-22,074	-0,038	0,001	-3,935
p90	0,506	0,055	39,692	-0,124	0,003	-9,714	-0,04	0	-3,166
p95	1,14	0,085	49,569	0,212	0,003	9,211	0,117	0,001	5,107
p99	1,64	0,144	64,376	0,814	0,035	31,94	0,068	0	2,685
p100	2,233	0,062	42,276	1,827	0,041	34,594	0,203	0,001	3,851
Supplementary categorical variables (eta2)									
	Dim.1	Dim.2	Dim.3						
CLASSES	0,245	0,023	0,005						
nivel_educ	0,284	0,051	0,009						
sexo	0,007	0,003	0,006						
cor	0,1	0,003	0,009						
perc_rend_dom_p_cap	0,489	0,115	0,004						